Estudos bíblicos expositivos em

RC Sproul

1 e 2Pedro

CONFIRMANDO A VOCAÇÃO E ELEIÇÃO

Aos membros do Conselho da Ligonier Ministry,
fiéis testemunhas do reino de Cristo e apoio piedoso para mim.

Sumário

Prefácio

Imagine como seria receber uma carta de alguém que foi amigo pessoal de Jesus durante o ministério dele aqui na terra. Além disso, imagine receber duas cartas dessa pessoa. É exatamente isso que temos em mãos com a correspondência do Novo Testamento conhecida como 1 e 2Pedro. Pedro é conhecido como um paradoxo retumbante de um homem. De um lado, ele é conhecido pela sua impetuosidade, por ter vacilado entre a fé e a dúvida, pela sua traição na negação pública de Jesus, no momento de maior perigo da vida de Jesus. De outro, ele é conhecido pela sua magnífica confissão de fé em Cesareia de Filipe, em que declarou sem hesitação sua confiança de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Ele é também conhecido pelos seus atos heroicos de sacrifício e de sofrimento em nome da fé depois da ascensão de Jesus, tendo chegado ao ponto de sofrer o martírio em Roma. Quando Pedro escreve à igreja sobre fé e confiança na previdência de Deus em meio ao sofrimento, ele não fala em termos abstratos, mas do ponto de vista de uma pessoa que foi chamada a suportar pessoalmente esse tipo de sofrimento. É um homem que testifica sem especulação, como alguém que foi testemunha ocular, que dá testemunho não de mitos e fábulas engenhosamente elaborados, mas do que ele viu com seus próprios olhos e ouviu com seus próprios ouvidos. Esse é o testemunho de um homem que não só fez parte do grupo que acompanhava Jesus durante seu ministério na terra, mas que foi também testemunha ocular da ressurreição e membro do círculo mais íntimo de discípulos na grande tríade composta por Pedro, Tiago e João. Esses três estavam presentes no monte da Transfiguração e puderam ver com seus próprios olhos a glória do Cristo transfigurado.

Uma carta de um homem assim é um tesouro para a igreja. Sua carta, além do valor do seu próprio testemunho ocular e da sua estreita amizade com Jesus, possui também o peso da inspiração divina de Deus, o Espírito Santo. O que Pedro diz à igreja é apenas uma extensão do que seu Senhor e Mestre, Cristo, diz à igreja, de modo que devemos receber seu

testemunho apostólico como que vindo do próprio Senhor. É um enorme privilégio e bênção tomarmos o tempo para refletir, linha após linha e percepção após percepção, sobre o ensinamento apresentado nestas duas epístolas majestosas: 1 e 2Pedro. Recomendo ao leitor uma leitura cuidadosa e dedicada dessas cartas.

RC Sproul
Orlando, 2010

1 Pedro

1

SAUDAÇÕES AOS FORASTEIROS ELEITOS

1Pedro 1.1-2

Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas.

Quando estudamos um livro da Bíblia, começamos com perguntas básicas introdutórias: Quem escreveu o livro? A que público ele se dirigia na sua composição original? Em que momento da História o livro foi escrito? Quais eram as circunstâncias ou a ocasião que deram origem a esse tipo de livro? Fazer tais perguntas é o procedimento normal, não importa se estejamos estudando um dos Evangelhos, uma carta ou um livro do Antigo Testamento. Conhecer o autor do livro, o público para o qual foi escrito, o tempo em que foi escrito e as circunstâncias que o ocasionaram ajuda-nos a compreender o livro.

O autor de 1Pedro

O autor é identificado imediatamente como **Pedro, apóstolo de Jesus Cristo** (v. 1). A primeira epístola de Pedro afirma ter sido escrita pelo apóstolo Pedro, um dos dois pilares apostólicos mais importantes da igreja primitiva. A distinção básica feita na igreja primitiva era entre Paulo como apóstolo aos gentios e Pedro como apóstolo aos circuncisos, os

judeus. Os críticos têm travado uma guerra contra esse livro, como também contra virtualmente todos os livros da Bíblia, e questionado a autoria de Pedro por várias razões.

A primeira razão pela qual a autoria de Pedro é questionada deve-se ao fato de que, no final da carta, quando são transmitidas as saudações finais, há uma saudação de Silvano às pessoas, o que indica seu envolvimento na escrita da carta. Por isso, há pessoas que dizem que a carta foi escrita não por Pedro, mas por Silvano.

O segundo problema encontrado é que o grego dessa carta em particular é altamente elegante. Imaginamos Pedro como um pescador sem muita instrução escolar, que, muito provavelmente, não tinha o domínio da língua grega demonstrado nessa carta em particular.

Em terceiro lugar, a carta é endereçada **aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia** (v. 1). Normalmente, *forasteiros* ou *viajantes* era o termo usado pelos judeus para descrever os gentios. Em sua maioria, as igrejas fundadas na Ásia Menor durante a era apostólica foram estabelecidas entre os gentios, e já que Pedro era o apóstolo aos circuncisos, e não aos gentios, parece improvável que esse apóstolo teria escrito suas cartas a uma comunidade gentia.

Além disso, as circunstâncias que provocaram a escrita dessa carta envolviam, provavelmente, sofrimento em decorrência de perseguição. A História nos ensina que a perseguição dos cristãos pelo Império Romano se estendeu para além de Roma apenas muito mais tarde, no final do século 1º. e no século 2º., com as perseguições iniciadas por Diocleciano e Domiciano. Uma vez que o propósito da carta era consolar o povo em tempos de perseguição, os críticos alegam que ela não pode ter sido escrita durante a vida de Pedro, já que Pedro sofreu o martírio em Roma em 64 d.C. Segundo a tradição, Pedro e Paulo foram mortos durante a cruel perseguição de Nero. O imperador Nero acusou a comunidade cristã pelo incêndio que destruiu a cidade de Roma, e muitos acreditam que o incêndio foi causado pelo próprio Nero. A tradição alega que ele tocava seu violino enquanto a cidade ardia em chamas. Sua fúria contra os cristãos, porém, se limitava basicamente à cidade de Roma e não se estendia às províncias, muito menos às distantes regiões norte e oeste da Ásia Menor.

Grande parte do conteúdo de 1Pedro é quase idêntico aos ensinamentos do apóstolo Paulo. Pelo livro de Atos sabemos que Paulo e Pedro nem sempre concordavam; no entanto, essa epístola parece ser uma cópia exata das epístolas de Paulo. Isso também tem gerado dúvidas em relação à autoria de Pedro. Alguns acreditam que a carta foi escrita por alguém associado ao apóstolo Paulo. Isso reforça também a teoria segundo a qual a carta teria

sido escrita por Silvano. Este nome, Silvano, é apenas uma versão mais extensa do nome Silas, e o único Silvano ou Silas que encontramos no Novo Testamento é o companheiro de Paulo em suas viagens missionárias. Portanto, há várias razões pelas quais tem havido questionamento em relação à autenticidade da autoria de Pedro.

Aqueles que concluem que 1Pedro não foi escrita por Pedro, e então não até o final do século 1º. ou início do século 2º., supõem também que a epístola não é de origem apostólica, mas que teve como base a literatura gnóstica dos séculos 2º. e 3º.

Quando tentamos compreender a autoria de um livro da Bíblia, e especialmente do Novo Testamento, devemos contemplar duas coisas. Devemos analisar as evidências internas e, depois, as evidências externas, históricas. A análise interna inclui uma análise do estilo literário, do nível da língua grega usado. No entanto, nesse caso, a carta alega ter sido escrita pelo apóstolo Pedro.

É aí que a sua visão das Escrituras praticamente determina sua interpretação da Escritura. Se você acredita que a Bíblia foi aleatoriamente produzida por autores sem a supervisão e superintendência do Espírito Santo e que, portanto, reflete teologias diversas e até mesmo contraditórias, isso lhe dá algum espaço para fazer concessões às reivindicações internas da Escritura. No entanto, se você aborda o texto já convencido de que se trata da Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo, então Deus precisa dizer apenas uma única vez que essa carta foi escrita pelo apóstolo Pedro. A discussão termina aí. Assim, a evidência interna mais importante é a referência específica a Pedro como autor da epístola.

No que diz respeito ao testemunho externo, o da igreja cristã primitiva é universal e unânime. Essa epístola foi recebida logo no início da história cristã, em meados do século 1º., como tendo sido escrita por Pedro. Esse testemunho é confirmado pelas mentes mais importantes dos primeiros séculos. A autoria de Pedro foi afirmada por Irineu na sua disputa contra as heresias, por Tertuliano, por Clemente de Alexandria, por Orígenes e pelo historiador Eusébio. Essas são as autoridades mais respeitadas fora da Bíblia nos primeiros séculos do cristianismo. Não foi até o século 19, quando surgiu a alta crítica, que alguém sugeriu seriamente que a epístola não foi escrita pelo apóstolo Pedro. Tanto as evidências internas quanto as externas concordam que o apóstolo Pedro foi seu autor.

E quanto ao problema da língua grega e das referências a Silvano no final da carta? Na Palestina antiga, os nativos da Galileia eram bilíngues. Eles falavam as línguas aramaica e grega. Portanto, o grego era uma língua mater-

sob Gamaliel, Hilel ou qualquer outro rabino em Jerusalém, certamente não lhe faltava inteligência, e ele era eloquente, como demonstram os registros dos seus discursos, particularmente o feito no dia de Pentecostes. O papel de Silvano na produção dessa carta foi, muito provavelmente, o de um amanuense ou secretário. O apóstolo Paulo costumava ter um secretário, ao qual ele ditava a substância da sua mensagem. Não sabemos qual língua ele usava para seus ditados, mas seu amanuense os registrou em grego. Se Silvano e Silas foram a mesma pessoa, ele teria sido capaz de escrever em alto nível na língua grega, e, se ele escreveu a epístola sob a supervisão e até mesmo o ditado do apóstolo Pedro, isso explicaria a eloquência do grego sem negar a autoria de Pedro.

As saudações finais em 1Pedro 5 foram escritas na Babilônia, que era o código bíblico naquele tempo para Roma ou Jerusalém, nesse caso quase que certamente Roma, e a pessoa que envia saudações juntamente com Silvano é Marcos. Marcos não era apóstolo. Ele fazia parte do grupo de apóstolos. Ele havia acompanhado Paulo numa viagem missionária, mas teve de voltar para casa depois de uma disputa entre Paulo e Barnabé. Sabemos pela história da igreja que João Marcos se tornou o porta-voz de Pedro, e a autoridade apostólica por trás do evangelho de Marcos é a autoridade do apóstolo Pedro. Assim, o fato de Marcos enviar suas saudações nessa epístola é mais um indício de que o livro foi escrito pelo principal mentor de Marcos, o apóstolo Pedro.

Pelo que sabemos, as perseguições imperiais contra o cristianismo não alcançaram as regiões remotas do Império Romano antes do final do século 1º. e do início do século 2º., muitos anos depois de Pedro ter sofrido martírio ao ser crucificado de cabeça para baixo em Roma. No entanto, perseguições regionais eram constantes em cada década e em cada lugar, como as que Paulo sofreu em suas viagens missionárias na Ásia Menor. As pessoas convertidas ao cristianismo enfrentavam constantemente hostilidade e perseguições locais com consequências severas, embora não impostas pela espada romana.

Como observamos acima, essa epístola concorda maravilhosamente com o conteúdo de algumas das epístolas de Paulo, a despeito do fato de que, em algum momento, Paulo se viu obrigado a confrontar Pedro em relação a uma questão referente aos judaizantes. Esse debate foi tão significativo que o Concílio de Jerusalém foi convocado para resolver o problema. O apóstolo Paulo havia repreendido Pedro publicamente por se afastar da pureza do evangelho ao ter-se deixado seduzir pelos hereges judaizantes, mas essa questão havia sido resolvida muito antes de meados da década de 60. Não há motivo para acreditarmos que continuasse a haver qualquer disputa entre

Pedro e Paulo. Apesar de Pedro e Paulo terem sido homens distintos e terem tido ênfases diferentes em seus ministérios, ambos escreveram sob a inspiração do Espírito Santo, e a mensagem que transmitiam era o mesmo evangelho, a mesma ética, a mesma verdade. Portanto, encontrar semelhanças surpreendentes no conteúdo dos ensinamentos deles é exatamente o que esperaríamos de homens que escreviam sob a inspiração do Espírito Santo.

Os destinatários de 1Pedro

No que diz respeito à questão de a epístola ter sido escrita para um público gentio, podemos supor que Pedro estava escrevendo não aos gentios, mas a judeus convertidos na Diáspora. Tratava-se de judeus que haviam fugido de Jerusalém, expulsos pelo imperador Cláudio, e que haviam se estabelecido em pequenas comunidades na Ásia Menor. Em suas viagens missionárias, Paulo visitou a sinagoga de lugares como a cidade de Éfeso e dos territórios gálatas. Muitas vezes, os primeiros convertidos pertenciam à comunidade judaica. Esses cristãos judeus, membros da Diáspora, são chamados aqui de forasteiros ou peregrinos, um rótulo comumente dado aos judeus expulsos de Israel, da cidade santa, e que viviam num ambiente pagão diferente do de sua herança sagrada. Cristãos judeus que viviam numa comunidade pagã eram peregrinos e forasteiros numa terra estrangeira. Portanto, o fato de essa carta se dirigir aos "forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" não significa que ela se dirigia a gentios convertidos na Ásia Menor.

Logo depois do fim da União Soviética, eu e minha esposa Vesta estávamos viajando da Hungria para a Romênia. Havíamos sido advertidos sobre os grandes riscos de atravessar a fronteira, pois os guardas da fronteira tendiam a tratar os norte-americanos com hostilidade. Estávamos viajando num velho trem de Budapeste para Cluj-Napoca na Romênia quando alcançamos a fronteira entre a Hungria e a Romênia. Dois policiais robustos entraram no trem. Éramos quatro pessoas: Vesta, eu e outro casal. Num inglês rudimentar e ríspido, os guardas ordenaram que esvaziássemos nossas malas. Estávamos prestes a cumprir a ordem quando o líder dos guardas olhou para nossa amiga, cuja Bíblia se encontrava numa sacola de papel no seu colo. Ele tirou a Bíblia da sacola e disse no seu inglês falho: "Vocês não norte-americanos". Tínhamos nossos passaportes, que nos identificavam como norte-americanos, mas ele nos interrogou sobre nossa cidadania. Ele apontou para o texto da Bíblia e disse: "Vejam o que ele diz." *Somos peregrinos e cidadãos do céu.* Ele era cristão. Ele se voltou para os outros policiais

fronteira, mas vivenciamos o que significa ser peregrinos, forasteiros numa terra estrangeira, mas membros do reino de Deus e cidadãos do céu.

A heresia gnóstica

Por fim, há o argumento segundo o qual 1Pedro teria sido escrita no século 2º. sob o ímpeto da heresia gnóstica. Apesar de não encontrarmos nenhum conceito do gnosticismo na epístola, o fato de ter sido escrita no século 2º. e atribuída a Pedro, como autor, bastava para levar em consideração a possibilidade de ela ter sido redigida originalmente por um dos hereges gnósticos. Temos visto produtos do gnosticismo antigo em anos recentes, como *O código Da Vinci*, livro em que aparece um ossuário que, supostamente, contém os ossos de Jesus. Os estudiosos apelam ao *Evangelho de Pedro*, ao *Evangelho de Tomé* e ao *Evangelho de Judas*, reivindicando-os como prova extrabíblica de ensinamentos gnósticos.

Os gnósticos recorriam a uma variedade de religiões e filosofias e procuravam fundi-las para produzir uma nova religião ou filosofia. Havia o dualismo oriental, o platonismo e elementos do neoplatonismo, e eles tentaram introduzir também elementos do cristianismo. Em seu zelo para conquistar adeptos, eles voltaram sua atenção para a comunidade cristã primitiva. A palavra *gnóstico* provém da palavra grega *gnosis*, que, em grego, significa "conhecimento". Quando você adoece e vai ao médico, espera receber um *diagnóstico*. Quando o médico lhe explica que você se recuperará da doença, ele está lhe dando um *prognóstico*. *Prognosticadores* são pessoas que acreditam ter conhecimento sobre acontecimentos futuros. O termo *gnosticismo* tem sua raiz na palavra grega para conhecimento. Os gnósticos acreditavam que a verdade não era descoberta por meio da razão, por meio da percepção sensual ou por meio da investigação científica, mas apenas por meio de uma apreensão mística direta – e também apenas por uma pequena elite.

A única maneira que os gnósticos tinham para seduzir os cristãos a acreditar nas suas heresias era minar a autoridade dos apóstolos, por isso davam a entender que aos apóstolos faltava o conhecimento superior alcançado apenas pelos praticantes do gnosticismo. Nos últimos anos, foram escritos muitos livros sobre o neognosticismo ou sobre o pensamento da Nova Era, mas não há nada de novo aqui.

A estratégia deles de minar a autoridade apostólica era um tanto irônica. Escreviam sua literatura fantasiosa e tentavam vendê-la como apostólica ao dar aos seus livros títulos como *Evangelho de Tomé*, *Evangelho de Pedro* ou *Evangelho de Judas*, mas essa literatura negava a essência do cristia-

escrita mais tarde, o nome de Pedro foi ligado ao texto como maquinação gnóstica para minar o verdadeiro cânon do Novo Testamento.

Não tenho dúvida de que essa carta foi escrita pelo apóstolo Pedro, um dos personagens mais fascinantes do Novo Testamento. Pedro, o impetuoso; Pedro, o ousado; aquele que fez a grande confissão em Cesareia de Filipe: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16); o grande pescador que deu sua vida sendo pescador de homens; aquele que, paradoxalmente, recusou-se a consentir com o ensino de Jesus imediatamente depois da sua confissão em Cesareia de Filipe, dizendo: "Isso de modo algum te acontecerá" (v. 22). Em questão de minutos, Pedro deixou de ser uma pedra e passou a ser o porta-voz de Satanás; poucos minutos depois de receber a bênção de Jesus, que disse: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus" (v. 17), ele foi duramente repreendido pelos lábios de Jesus (v. 23). Trata-se do mesmo Pedro que afirmou seguir Jesus até a morte e que, ao ouvir de Jesus que ele o negaria três vezes, protestou em alta voz, apenas para cumprir a profecia de Jesus. Esse foi o homem que vacilou, mas que, mesmo assim, ao longo da história da igreja primitiva, transformou-se em rocha e que permaneceu fiel a Jesus até a morte.

É irônico que Pedro escreva àqueles que estão sofrendo perseguições e lhes diz que, como veremos, eles não deveriam estranhar o fato de terem de sofrer. Houve um tempo em que ele havia considerado impossível que esse seria o curso do cristianismo, mas ao longo dos anos veio a entender o que Jesus havia dito sobre o custo do discipulado. A experiência íntima de Pedro com a perseguição por causa do evangelho transparece nessa epístola com o coração de um pastor.

Aspersão do sangue

Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo (v. 2). Não precisamos esperar para chegarmos à doutrina da eleição; ela se encontra no início da epístola. Pedro lembra seus leitores de que, apesar de serem forasteiros e estarem expostos a sofrimento, dor e perseguição, eles não devem se esquecer de quem são. Eles são os eleitos pela providência e pela designação eterna de Deus.

Quando falamos sobre a obra da redenção, falamos dela como uma atividade trina. Temos a obra do Pai na eleição e seu soberano plano para salvar seu povo. Essa redenção é realizada por Cristo e aplicada à vida das

essa obra é levada até a vida das pessoas por meio da intervenção e do poder do Espírito Santo. Quando o Espírito Santo nos leva à fé em Cristo, ele não para na obra inicial da regeneração ou do novo nascimento; ele é também o arquiteto responsável pela nossa santificação, por conformar-nos à imagem de Cristo. Tudo isso está contido nesse versículo introdutório.

No versículo 2, Pedro usa uma imagem interessante para falar da obra que Cristo realiza por nós: a aspersão do seu sangue. No Novo Testamento vemos que fomos comprados pelo sangue de Cristo e que o sangue de Cristo foi derramado, mas a *aspersão* do sangue de Cristo é uma referência clara ao Antigo Testamento. No Dia da Expiação, quando o povo buscava sua reconciliação com Deus, o sumo sacerdote levara o sangue de animais abatidos até o Santo dos Santos e o aspergia sobre o propiciatório. Essa aspersão do sangue dos sacrifícios servia como cobertura de sangue no trono de Deus. Era um símbolo para a cobertura dos nossos pecados pelo sangue do sacrifício. Todo o simbolismo do Dia da Expiação apontava para além do Antigo Testamento, para o sacrifício feito uma vez por todas na morte expiatória de Jesus Cristo, que efetuou nossa reconciliação ao derramar o seu sangue. Quando Jesus estava na cruz, seu sangue não foi aspergido, mas derramado, mas o que está em vista aqui é o mesmo princípio. O que acontecia no Dia da Expiação no Antigo Testamento aponta para a conquista da nossa redenção por Jesus, quando ele derramou seu sangue na cruz.

Graça e paz vos sejam multiplicadas (v. 2). "Graça e paz" era a saudação comum, e aqui Pedro está pedindo que essa graça e paz sejam multiplicadas na vida dos seus leitores eleitos, santificados e reconciliados pela graça de Deus e que, por isso, estão em paz com Deus em decorrência dessa reconciliação que Jesus Cristo conquistou para eles. Pedro está pedindo que essa graça e paz sejam multiplicadas – não multiplicadas apenas no número de pessoas, mas neles – como diz o apóstolo Paulo em Romanos, de vida em vida, de fé em fé e de graça em graça. Não acreditamos que a graça da justificação possa ser aumentada ou diminuída, mas a graça da santificação sim; por isso, a oração desse apóstolo com coração de pastor é que a graça de Deus aumente e se multiplique na vida deles.

Antes de prosseguirmos para o texto principal da carta, é importante conhecermos o desejo do coração do autor, o apóstolo Pedro, aquele escolhido por Cristo como apóstolo, que nessa epístola dá testemunho do ministério de Jesus.

2

A HERANÇA CELESTIAL, PARTE 1

1Pedro 1.3-5

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.

Durante a primeira palestra que ouvi na Free University, em Amsterdã, o professor G. C. Berkouwer fez uma observação da qual nunca me esqueci: "Senhores, toda teologia bem fundada deve começar e terminar com doxologia". Quando a teologia não começa e termina com doxologia, ela transforma-se em mero exercício intelectual abstrato, no qual o coração não é envolvido e a alma não é corretamente tocada. No meio do seu ensino sobre as mais sérias questões teológicas, o apóstolo Paulo irrompe espontaneamente em doxologia: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Rm 11.33).

Doxologia

Pedro começa sua epístola com uma doxologia: **Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos**

regenerou para uma viva esperança (v. 3). Uma doxologia é um hino de louvor. A palavra vem do termo grego *doxa*, que se refere à glória que é atribuída a Deus, porque ela pertence eterna e intrinsecamente a ele. Na Bíblia, o conceito da glória refere-se ao poder de Deus, à profundeza do seu caráter.

Na St. Andrews, entoamos a doxologia no fim do recolhimento dos nossos dízimos e ofertas, enquanto essas ofertas são levadas até ao altar e dedicadas a Deus. Cantar louvores a Deus é um dos significados centrais da adoração; a dimensão primária da nossa adoração sagrada não é a oferta do nosso dinheiro, tempo ou corpo, mas o sacrifício do louvor. A doxologia ocupa o centro da adoração verdadeira, e é assim que Pedro começa.

Embora essa expressão de doxologia introduza o corpo principal do conteúdo da epístola, ela está relacionada também às saudações com as quais Pedro inicia a epístola. Pedro escreveu essa carta aos peregrinos da Dispersão em "Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (v. 1), e ele identifica os destinatários da carta como os "eleitos, segundo a presciência de Deus Pai" (v. 2).

Predestinados

Na sua carta aos romanos, Paulo menciona a predestinação em estreita proximidade com a presciência de Deus: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29). Os cristãos que procuram ser bíblicos em seu pensamento devem ter uma doutrina da eleição e predestinação. Esses conceitos não foram inventados por Agostinho no seu debate com Pelágio, ou por Lutero no seu debate com Erasmo, nem por Calvino no seu debate com Pigius, nem por Edwards no seu debate com Chubb. Esses conceitos de eleição e predestinação são encontrados no texto da Escritura. Se você realmente quiser ser bíblico como cristão, cabe a você a responsabilidade de se ater à doutrina bíblica da predestinação e da eleição – e a nenhuma outra construção.

Ao longo da história da igreja um dos pontos de vista mais populares referentes à eleição ou predestinação tem sido a visão presciente. *Presciência* significa "pré-ciência" ou "conhecimento do que acontecerá". Segundo essa visão, já que Paulo fala em Romanos primeiro de saber de antemão [presciência] e depois da predestinação, é evidente que o ato divino da eleição ou predestinação deve, de algum modo, apoiar-se na sua presciência. A visão presciente afirma que Deus contempla a linha do tempo e sabe que algumas pessoas aceitarão a oferta do evangelho e outras não; em outras palavras: alguns cooperarão com a graça que Deus disponibiliza, enquanto outros a rejeitarão.

aqueles que, segundo seu conhecimento prévio, aceitarão o evangelho. Essa visão não pode ser harmonizada com Romanos 8, muito menos com Romanos 9, tampouco consegue explicar a doutrina da eleição. Ela simplesmente a nega ou tenta contorná-la. A doutrina da eleição soberana nos é odiosa por natureza.

Em Romanos 8, a expressão "de antemão conheceu" precede as palavras "eleição" e "predestinação" porque Deus nunca elege números sem nome e sem rosto – ele elege pessoas. Portanto, Deus conhece aqueles que ele elege. A predestinação deve estar relacionada a essa presciência divina como a base sobre a qual Deus sabe o que ele pretende fazer.

Como Deus, até mesmo na sua transcendente majestade, tem a capacidade de conhecer o fim a partir do início? Como é possível que Deus tenha conhecimento de coisas futuras? Deus não tem uma bola de cristal que lhe informa de antemão as decisões que tomaremos; em vez disso, Deus conhece o futuro porque é ele quem o ordena. Ele conhece seu plano de antemão, e ele o conhece com certeza, pois foi ele quem o decretou. Esses decretos não se baseiam em nenhuma condição humana que Deus prevê. Na verdade, se Deus olhasse para o futuro para examinar as reações futuras das pessoas, a única reação dos seres humanos caídos à sua graça seria a descrença. As pessoas não são eleitas por causa de sua fé, mas são eleitas para ter fé. A fé em si é resultado da graça eletiva de Deus.

Estamos começando a analisar a doxologia de Pedro, que não deve ser isolada da sua saudação anterior. Sempre que o apóstolo Paulo fala da doutrina da eleição, ele não o faz com ira ou hostilidade, antes se regozija nela e dá glória àquele que sempre deve ser glorificado – a Deus apenas. Portanto, não é por acaso que Pedro inicia sua epístola com essa declaração de doxologia: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Ele começa descrevendo Deus como sendo o Deus e Pai do Senhor Jesus Cristo.

O monogenēs

O conceito do Novo Testamento de Cristo sendo o Filho de Deus é central à teologia bíblica. Jesus não é só o Filho de Deus, mas é também o que o apóstolo Paulo descreveu como *monogenēs*, o único Filho de Deus. Hoje, tendemos a ignorar a importância disso, pois ouvimos repetidamente que todos nós somos filhos de Deus. Hoje, as pessoas acreditam na paternidade universal de Deus e na fraternidade universal dos seres humanos. Segundo as categorias bíblicas, Deus é o Pai de Um. Ele é o Pai do Filho, do Filho unigênito.

Cristo é o Filho de Deus por natureza. A Escritura nos diz que, por natureza, nós somos filhos da ira, filhos de Satanás, de modo que nunca de-

caso, ele é Pai apenas de Cristo e, por extensão, é também o nosso Pai apenas quando somos adotados e incluídos na sua família. Por natureza, não somos filhos de Deus. Jesus é filho de Deus por natureza; nós somos filhos de Deus por supernatureza.

O objeto da ação de graças e da doxologia é a primeira pessoa da Trindade, que é chamada "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Há uma ironia suprema no fato de Pedro afirmar que Deus é "o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo". O título "Senhor", *kyrios* em grego, é a tradução do título veterotestamentário *Adonai*, que era reservado exclusivamente para Deus. É o título supremo de Deus que chama atenção para sua soberania.

Em outro lugar, Paulo escreve:

> Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome (Fp 2.5-9).

O nome acima de todos os nomes nessa passagem não é "Jesus". As pessoas muitas vezes chegam a essa conclusão porque o próximo nome mencionado é o de Jesus, mas, quando o Pai dá a Jesus o nome que está acima de todos os outros, o nome que ele dá é "Senhor". Ele dá a Jesus esse título para que todo joelho se dobre diante do nome de Jesus.

Para o judeu, dobrar os joelhos não significa apenas submissão a um rei terreno, mas um ato de adoração. No Novo Testamento, as pessoas são repreendidas por dobrarem seus joelhos diante de anjos e por lhes oferecerem adoração, pois, por mais elevados que possam ser, eles não são divinos ou dignos de adoração. Diante do nome de Jesus, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que ele é *Adonai*, Senhor. Isso não diminui em nada a glória de Deus, antes serve, como diz o apóstolo, para a glória do Pai. A primeira confissão de fé nos dias bíblicos era um credo curto e simples, que simplesmente declarava: "*Jesus ho Kyrios*, Jesus é Senhor", o que significa que Jesus é soberano – nosso soberano. Ele compartilha com o Pai a plenitude da divindade e soberania, e é o próprio Pai que se agrada em conceder o título de *Kyrios* ao seu Filho unigênito.

Regeneração

Nas afirmações iniciais dessa epístola encontramos não apenas uma refe-

renascimento. A nossa cultura costuma distorcer isso afirmando que precisamos ter fé a fim de vivenciarmos o renascimento ou a eleição, mas o Deus soberano, desde toda a eternidade, decreta aqueles aos quais ele dará o dom da fé, que é fruto, e não causa, da regeneração. A igreja da Reforma declarou que a regeneração precede a fé, um artigo distintivo da teologia reformada. Tendemos a inverter isso e a crer que é a nossa fé que causa o nosso renascimento. Como Jesus disse a Nicodemos: a não ser que nasçamos do Espírito, não podemos ver o reino de Deus, muito menos entrar nele. A regeneração é o que provoca e semeia a fé na nossa alma. A própria condição que Jesus exige para a justificação é soberanamente fornecida pela sua graça.

Se tentarmos colocar a fé antes da regeneração, esperamos o impossível: que o natural se eleve até o sobrenatural. Esperamos que aqueles que estão mortos no pecado e na transgressão exercitem uma vida espiritual. O apóstolo Paulo escreveu aos efésios que Deus, "estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos" (Ef 2.5). Cada mulher grávida conhece a experiência humana no momento em que, pela primeira vez, ela sente a presença de vida no seu ventre. Essa é a metáfora que Paulo dá aos efésios para descrever o que o Espírito Santo faz com as pessoas quando elas estão mortas. Somos tão passivos no nosso renascimento quanto fomos passivos no nosso nascimento natural. Nada contribuímos para causar a concepção no ventre da nossa mãe.

Até mesmo Jesus foi concebido sobrenaturalmente em sua humanidade. Quando o anjo Gabriel apareceu à virgem Maria e anunciou que ela teria um bebê que salvaria o povo dos seus pecados, ela disse ao anjo: "Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?" (Lc 1.34). Ela entendia a biologia básica segundo a qual virgens não têm bebês, por isso questionou a proclamação do anjo, e o anjo lhe explicou: o Espírito Santo desceria sobre ela e a envolveria, para que o bebê gerado no seu ventre fosse santo e de Deus.

A linguagem desse anúncio é a mesma que encontramos em Gênesis 1: "No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo" (v. 1-2). O abismo não tinha o poder de vencer as trevas até o Espírito de Deus pairar sobre as águas. "Disse Deus: Haja luz; e houve luz" (v. 3). Nenhuma vida se originou a partir de algum acidente cósmico; a vida veio por meio do poder criativo de Deus, o único que tem o poder de criar. Foi esse mesmo poder que Gabriel descreveu a Maria em relação à concepção dela. O filho no seu ventre não foi gerado pela natureza, mas pela supernatureza.

Do mesmo modo, o seu nascimento espiritual ocorre por meio do mesmo

Apenas Deus em seu poder sobrenatural pode fazer com que você nasça de novo. Você não gerou isso nem buscou Deus. Foi ele que buscou você. Em sua graça e misericórdia, o Espírito de Deus invadiu sua alma e transformou seu coração de pedra em coração de carne. Ele lhe deu o desejo por Cristo e o levou a Cristo como um presente para Cristo. Você foi um daqueles que o Pai se agradou em dar ao Filho, não porque havia algo de agradável em você, mas para que o Filho visse a obra de sua alma e se agradasse. Como isso pode provocar qualquer coisa em nós além de doxologia?

Nas categorias bíblicas, a palavra *esperança* significa algo diferente do seu uso comum na nossa cultura secular. Na nossa cultura, esperança reflete nosso desejo subjetivo. Espero que algo aconteça no futuro, mas não tenho certeza se isso realmente ocorrerá. Nas categorias bíblicas, essa esperança é a certeza e a plenitude da garantia de que Deus fará no futuro tudo que ele diz que fará. Nascemos de novo para uma esperança, para uma esperança viva e duradoura. Essa esperança está inseparavelmente vinculada à ressurreição, pois ela se fundamenta na realidade de que, quando Deus ressuscitou seu Filho dentre os mortos, ele o ressuscitou como o primogênito de muitos irmãos, e de que todos que nele estão compartilharão dessa vida ressurreta. Nascemos de novo não apenas para termos uma melhor qualidade de vida neste mundo, não simplesmente para termos uma segunda oportunidade, mas para vivermos uma vida que durará para sempre, sustentada pelo poder do Cristo ressurreto.

Herança

Toda essa linguagem está ligada à terminologia de família – filhos, pais, nascimento, renascimento –, e então Pedro introduz o conceito da herança: **[...] para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros** (v. 4). Às vezes, sonhamos em receber um telegrama de um advogado que diz: "Parabéns. Acabamos de ler o testamento do seu falecido tio, e ele deixou para você todo o seu legado de 5 milhões de dólares". Recentemente, meus dois netos estavam tendo uma discussão, e numa tentativa de resolvê-la, um deles me perguntou em tom de brincadeira: "Posso ter a parte dele na sua herança?" Eu respondi: "Tarde demais. Eu já excluí você do meu testamento". Essa foi a vara que usei para fazer com que eles se comportassem. Imaginamos a herança como um tipo inesperado, acontecimento feliz.

Nesse caso, porém, Pedro está falando sobre outro tipo de herança, uma herança que não recebemos neste mundo. Não podemos trocar nossa herança por dinheiro, como fez o filho pródigo (Lc 15.12). A herança que Pedro

A reserva dessa herança não se limita aos cristãos na Ásia Menor que receberam essa epístola. É também para mim e para você. Quando renascemos no poder do Espírito, renascemos para uma esperança viva e uma herança reservada para nós. É a herança que a princípio pertencia apenas ao Filho de Deus. Mas, quando fomos adotados e renascemos na família de Deus, nós nos tornamos herdeiros de Deus, coerdeiros com Cristo. A herança que Deus, o Pai, reservou para seu Filho, ele agora compartilha com todos aqueles que foram adotados no Filho.

Nesse ponto, Pedro não nos revela o conteúdo exato dessa herança, mas ele a descreve, e o faz em termos negativos, revelando-nos três coisas que essa herança não é. Em primeiro lugar, é "uma herança incorruptível". A herança não pode ser destruída – esse é o significado de "incorruptível" nesse caso. Quando fazemos um investimento para o futuro em algum tipo de ações, estamos assumindo um risco, pois o nosso investimento pode ser perdido. A herança reservada para nós no céu não está sujeita às oscilações do mercado de ações. Essa herança é incorruptível, o que significa não só que ela não será corrompida, mas também que não pode ser corrompida.

Essa herança é também "sem mácula". Não se trata de dinheiro sujo. Ela não foi acumulada e guardada como resultado de empreendimentos criminosos, mas foi conquistada por meio de uma pureza perfeita e está sendo tão protegida por Deus que nada pode contaminá-la ou manchá-la. Ela é sem mácula porque não pode ser manchada.

Além disso, essa herança é "imarcescível". Um comercial de televisão mostrava um homem recebendo uma chamada de sua esposa no celular. Ela está nervosa porque ele não fez o que deveria ter feito. Quando desliga, ele liga para encomendar um buquê de flores para sua esposa. Ele sabe que é melhor não voltar para casa sem alguma oferta de flores. Por que as mulheres amam tanto as flores? Elas são lindas e vibrantes no início, mas as cores começam a desaparecer e as flores murcham em questão de poucos dias. Elas perdem seu brilho e acabam sendo jogadas na lata de lixo. As flores murcham, a grama seca, mas a Palavra do Senhor e a herança dos santos nunca esmaecem (Is 40.8).

Quando eu estava no ensino fundamental, o general Douglas MacArthur foi chamado da Coreia pelo presidente Truman e removido do seu cargo. Quando ele falou ao congresso por ocasião da sua aposentadoria, as aulas regulares foram suspensas, e os alunos se reuniram no auditório da escola para ouvi-lo. Durante seu discurso, ele disse: "Soldados velhos jamais morrem; eles simplesmente desvanecem". No entanto, Douglas MacArthur desvaneceu e morreu. A herança garantida e reservada para nós no céu é

Essa herança está reservada nos céus para **vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo** (v. 5). Aqui, Pedro fala da salvação no futuro. No jargão cristão falamos sobre "sendo salvos". Recebi uma carta de uma pessoa que me dizia: "Fui salva cinco anos atrás". O que ela queria dizer é que havia encontrado a fé, que havia sido justificada e entrado na salvação. Num certo sentido, ela foi salva, pois a Bíblia usa o verbo *salvar* em todos os tempos da língua grega. Há um sentido em que formos salvos desde a fundação do mundo. *Estávamos sendo* salvos, *somos* salvos e *estamos sendo* salvos, mas no fim das contas *seremos* salvos quando entrarmos na plenitude da herança que nos foi reservada.

Enquanto ela está sendo guardada para a eternidade, o mesmo poder que mantém a herança reservada para nós é o poder que nos reserva para a herança. É o poder de Deus que nos preserva para recebermos a medida completa e final da salvação. Você entende agora o porquê da doxologia de Pedro? Pedro poderia ter dado a sua bênção depois dessa afirmação inicial, porque, nessas poucas linhas, ele comunica a esses cristãos da Diáspora o coração e a alma da fé cristã.

3

A HERANÇA CELESTIAL, PARTE 2

1Pedro 1.6-12

Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma. Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.

Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações (v. 6). A primeira pergunta que surge diz respeito ao qual é o antecedente de "nisso". Em outras palavras, a que a palavra "nisso" se refere? Creio não haver dúvidas de que o referente seja a obra de Deus em sua graça pela

ressurreição de Cristo para aquela herança que Pedro descreveu como incorruptível, sem mácula e imarcescível e que foi reservada para nós no céu. Devemos exultar pelo fato de que essa herança prometida será nossa em glória.

Pedro diz aos seus leitores que a herança e a notícia de eles terem sido gerados para uma recompensa eterna deveria provocar neles nesse mesmo momento uma alegria exultante. A vida cristã deve, em todas as circunstâncias, manifestar este fruto do Espírito, a alegria. A alegria que nos foi dada pelo Espírito Santo não é apenas um senso passageiro de felicidade; é algo que provoca dentro de nós uma abundância de exultação. Nessa promessa, exultamos muitíssimo, diz o apóstolo, "embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações".

Observe que no versículo 6 Pedro diz: "Exultais" e "se necessário, sejais contristados por várias provações". No versículo 3, Pedro usava ainda o "nós" e não o "vós": "que, segundo a sua muita misericórdia, *nos* regenerou para uma viva esperança". No início, Pedro ainda se incluiu, mas agora ele fala aos seus leitores na segunda pessoa do plural. Isso se tornará importante quando fizermos a distinção entre aqueles que amam e confiam em Cristo apesar de nunca o terem visto e aqueles que o viram. Pedro está escrevendo a epístola como alguém que o viu e conheceu, que é a diferença principal entre o autor da carta e seus destinatários. Embora todos vivenciem a promessa da herança no futuro, estão incluídos aqui aqueles que foram testemunhas oculares da ressurreição e aqueles que não a testemunharam.

Provações purificadoras

Pedro escreve que "no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações". Um motivo central dessa carta é o sofrimento e a aflição que os cristãos da Diáspora estavam tendo de suportar na época. A epístola é uma carta de consolo e conforto, lembrando seus leitores da esperança futura que os aguarda. Pedro menciona que as provações deles são passageiras e que elas têm um propósito: **que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo** (v. 7). As provações e aflições deles não são sem razão. Há uma cláusula de propósito aqui, ou seja, que a genuinidade da fé que eles sentem seja testada. Num nível terreno, as aflições sofridas pelos destinatários da carta foram causadas por aqueles na Ásia Menor que eram hostis ao evangelho, hostis a Cristo e, portanto, hostis aos cristãos.

Num sentido real, os sofrimentos e aflições deles eram injustos – eles

humana, a causa mais imediata do sofrimento, e olhar para a causa mais remota ou última. Essas aflições foram impostas aos cristãos por Deus. Deus usa as aflições iníquas causadas pela hostilidade humana para o bem-estar último dos seus filhos. Nessa passagem encontramos uma reafirmação maravilhosa da doutrina da providência de Deus.

O clássico ensino sobre a providência divina é encontrado no final do livro de Gênesis. José, que havia sido traído maldosamente pelos seus irmãos e vendido para a escravidão, passou muitos anos numa prisão e separado de sua família e pátria. Ele sofreu muito às mãos dos seus irmãos. Quando José foi reunido com seus irmãos anos mais tarde, eles ficaram aterrorizados, temendo que ele se vingasse deles. Em vez disso, José disse: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (Gn 50.20). As intenções deles foram más, e eles eram responsáveis pelo que fizeram, mas, além e acima das ações deles, Deus pretendia o bem. "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito", escreveu Paulo (Rm 8.28). A mão de Deus age nas provações terrenas que nos são impostas injustamente por pessoas más. A mão de Deus supera as más intenções daqueles que nos ferem, e na sua graciosa providência, ele usa essas variadas experiências de dor e aflição para a sua glória e a nossa edificação.

Isso é algo difícil, e os cristãos lutam com isso. Lembro-me de assistir a um episódio do *The 700 Club,* no qual o apresentador estava entrevistando uma jovem mulher que havia perdido dois filhos em acidentes trágicos. Ela estava esmagada pelo pesar por causa disso e perguntou ao apresentador: "Como Deus pôde permitir que isso acontecesse?" Quantas vezes você mesmo fez ou ouviu essa pergunta? Como Deus pode permitir todo o sofrimento, toda a dor, toda a aflição que ocorre? O apresentador respondeu à mulher: "Você precisa entender que Deus nada tinha a ver com tudo isso. Isso foi obra de Satanás, não de Deus". Entendo por que ele disse isso. Certamente estava tentando não só consolar a mulher, mas também isentar Deus de qualquer culpa que pudesse ser atribuída a ele, que poderia levar a mulher a vacilar na fé. No entanto, se Deus nada tem a ver com a morte ou com nossas aflições, nós somos as pessoas que mais precisam ser lastimadas. O consolo que recebemos da Palavra de Deus é que Deus está envolvido nos nossos sofrimentos a ponto até mesmo de ordená-los, mas o propósito dessa ordenação é sempre bom e justo.

As pessoas tentam evitar essa verdade dizendo que Deus não ordena esse tipo de coisas, mas apenas as permite. No entanto, se Deus permitir algo,

o ordena. Isso não deveria nos desencorajar, mas encorajar-nos, para que, quando formos acusados falsamente, difamados ou tivermos nossa reputação manchada, possamos nos ajoelhar e dizer: "Deus, por favor, demonstre a minha inocência contra essas pessoas ímpias". Podemos pedir que ele nos defenda. Ao mesmo tempo, porém, devemos perguntar a ele: "Deus, o que o senhor pretende com estas dificuldades?" Embora possamos sofrer injustamente às mãos dos homens, jamais sofremos injustamente às mãos de Deus.

Assim, Pedro diz que somos contristados por várias provações, mas em meio a elas podemos exultar grandemente, não só por causa da herança que está reservada para nós, mas também porque podemos ter certeza de que, por meio dessas provações, a genuinidade da nossa fé, que é muito mais preciosa do que o ouro que perece, mesmo tendo sido testada pelo fogo, redunde em louvor, glória e honra à revelação de Jesus Cristo.

O valor da fé

Observo que, quando Pedro fornece uma comparação ou um contraste entre o valor da fé e o valor de alguma substância material, ele costuma usar o ouro como padrão para essa comparação. Para nós pode ser algo natural, pois em toda a Bíblia lemos que o ouro é precioso, mas que, em comparação com ele, a nossa fé é muito mais preciosa. É interessante que, em toda a história da civilização, os seres humanos sempre encontraram algum meio para usar como moeda nas transações comerciais, desde a troca até a compra e a venda. Todo tipo de coisas tem sido usadas, como feijões ou conchas, até mesmo fumo, mas o material primário de troca em toda a História tem sido o ouro. Falamos da "era de ouro" ou do "padrão ouro" de determinado empreendimento, porque o ouro tem existido num ambiente mais estável do que qualquer outro meio de troca em toda a história humana. A Bíblia não menospreza o valor do ouro.

Uma das questões políticas mais voláteis do século 20 era o padrão-ouro. Nossa nação discutiu se deveria apoiar nossa moeda com um produto de valor ou substituir o produto por papel, que tem muito pouco valor. Inicialmente, o papel foi usado como recibo para o valor real de metais como prata e ouro, mas as pessoas se acostumaram tanto a simplesmente trocar papel que o governo decidiu transformá-lo em moeda legal sem se preocupar se algo garantia seu valor além do poder ou da integridade do governo. Isso provocou uma crise importante no nosso país na década de 1930.

Na época, alguém escreveu uma sátira penetrante na tentativa de expor a loucura de desligar nossa moeda de um padrão objetivo, que, segundo um

Em 1939, Hollywood produziu um filme baseado nessa sátira, *O mágico de Oz*. "Oz" é a abreviação para uma quantidade-padrão de ouro – o ouro é comercializado em onças [*ounce*, em inglês]. Os *munchkins,* a Estrada de tijolos amarelos e a Bruxa malvada do Leste faziam parte da sátira, mas o ponto alto da história é que, quando os peregrinos finalmente alcançam o mágico, eles descobriram que o poder dele era apenas fumaça e espelhos por trás de uma tela. O filme realmente era sobre ouro e o padrão-ouro.

Há uma teoria econômica amplamente difundida chamada "teoria subjetiva do valor", que afirma que nada possui um valor objetivo. Valor é algo que definimos individualmente ou que atribuímos a algo. Falamos do "valor de mercado" de algo, mas isso descreve apenas o valor que pessoas atribuíram àquilo. Água, gasolina ou ouro não possuem um valor objetivo.

Vários anos atrás quando fui trocar meu carro, não concordei com o preço que o vendedor queria me pagar por ele. Ele pegou seu manual com todas as estatísticas do mercado de carros usados e disse: "Este é o valor objetivo do seu carro". Respondi: "Não, esse é o valor que meu carro tem para você. Não é o valor que o carro tem para mim". Não fechamos o negócio, e eu procurei outra loja e descobri que o valor objetivo do meu carro estava mil dólares acima da primeira oferta.

Valores são subjetivos. Falamos publicamente sobre valores quando, na verdade, estamos falando de ética. Ética é algo objetivo, estabelecida de acordo com normas objetivas. Valores são subjetivos. Deus é o avaliador supremo de tudo e, como cristãos, tentamos conformar nossos valores aos valores de Deus. O problema é que existem determinadas coisas às quais Deus atribui um valor alto, mas nós não, e existem coisas às quais nós atribuímos um valor alto, mas que Deus considera lixo.

Tomei tempo para discutir valor e ouro para chegar à essência da passagem. Deus diz que nossa fé possui um valor muito mais alto do que o ouro. Essa é a economia de Deus, e essa era a economia de Jesus, quando ele disse: "Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?" (Mt 16.26). Em outras palavras, quanto ouro vale a sua alma? Nossa fé é preciosa não só para nós mesmos, mas também para Deus, que quer refiná-la. E, assim como o ouro é refinado pelo fogo, por um cadinho que queima as impurezas, o cadinho do sofrimento e da aflição também refina a nossa fé, que é muito mais preciosa do que o ouro.

O propósito do teste

Nossa fé é testada pelo fogo com um propósito – para que redunde em

visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória (v. 8). A fé é refinada para que, no último dia, na consumação final do reino de Cristo, ela seja motivo de louvor, honra e glória. Para Deus, nossa fé é mais preciosa do que seu ouro ou seu conforto atual. Pedro se mostra comovido pelo fato de que os leitores da sua epístola amam Cristo, a despeito de nunca o terem visto. Nosso Senhor disse: "Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram" (Jo 20.29). Depois da ressurreição, quando Jesus apareceu aos onze, na sala superior, ele os repreendeu pela incredulidade, pela dureza do coração deles. Eles não haviam crido no testemunho do anjo e das mulheres que estiveram no túmulo. Deus preza a fé, que é a substância das coisas não vistas, como indica o autor de Hebreus (Hb 11.1).

A alegria inexprimível é uma realidade que as palavras humanas jamais conseguirão descrever adequadamente. Essa alegria, que é fruto do Espírito Santo, é inefável. Ela desafia qualquer descrição. Um comentarista dessa passagem a comparou à glória do Filho. Disse: "Um homem cego desde seu nascimento não compreende o sol do meio-dia. Não importa quantas vezes você tente explicá-lo a ele, ele não tem nenhum ponto de referência para entender sua magnitude". O autor prossegue dizendo que alguém que enxerga pode não ser capaz de expressar adequadamente a realidade do brilho do sol a uma pessoa cega, mas a pessoa que enxerga reconhece o sol no mesmo instante em que seus raios o tocam. Percebemos a luz. Não precisamos raciocinar sobre ela; nós a vemos pelo que ela é. O mesmo vale para a Palavra de Deus. Muitas pessoas são cegas à verdade de Deus, mas, quando as escamas caem de seus olhos e o Espírito de Deus lhes abre os olhos para a sua Palavra, elas reconhecem sua verdade imediatamente. Certamente temos razões bem fundamentadas e objetivas para crer na Palavra de Deus, mas essas razões são tão desnecessárias como argumentos em defesa da luz para pessoas que conseguem enxergar o sol. Nossa alegria é inexprimível. Trata-se de uma alegria gloriosa, uma alegria profunda, não uma alegria superficial.

Futuro glorioso

[...] obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma (v. 9). O "fim da vossa fé" não significa o término da fé. Nesse caso a palavra "fim" não significa o ponto final de uma jornada, um destino; significa um objetivo, uma meta ou um propósito, e Pedro diz que o propósito último da nossa fé é a salvação da nossa alma. Isso pode ser entendido de dois modos. Pode significar a salvação da nossa pessoa ou, mais especificamente, a salva-

prometem que a consumação final da nossa salvação incluirá a redenção do corpo, mas a primeira experiência ao entrarmos no céu ocorre quando nossa alma é elevada à presença de Cristo.

Pedro está dizendo que o presente que suportamos deve ser entendido à luz do futuro glorioso que Deus preparou para nós. Cínicos seculares veem isso como uma teologia de promessas vazias. O termo *secularismo* significa que o *hic et nunc*, o "aqui e agora" é tudo o que há. Não há dimensão eterna, e o sagrado é absorvido pelo secular. Ouvimos tanto ceticismo em relação à nossa esperança futura de glória que quase não sentimos mais o seu gosto.

Um dos maiores testemunhos da história norte-americana sobre a alegria cristã em meio ao sofrimento foi expresso por escravos no passado. A existência dos escravos era miserável. Eles eram vendidos em lotes, os maridos separados das esposas, as mães separadas dos seus filhos. Eles eram comprados e vendidos, eram acorrentados e viviam em condições subumanas. Havia cristãos entre eles, e eles cantavam sobre sua fé. O escravo olhava para o céu, para além de suas circunstâncias imediatas, e cantava:

> Balance devagar, doce carruagem,
> Que vem para me levar para casa.
>
> Olhei sobre o Jordão, e o que foi que eu vi?
> Vindo para me levar para casa,
> Um grupo de anjos que vem após mim,
> Vindo para me levar para casa.

Esse é o sentimento sobre o qual Pedro fala às pessoas em meio ao sofrimento e provação delas.

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam (v. 10-11). Pedro está dizendo que essa não é uma ideia nova. Ele não a inventou, tampouco apareceu na cena *de nova*, como Atena da cabeça de Zeus. Era esse o ensino de Jesus sobre o qual os profetas do passado haviam falado. Quando Deus colocou na boca deles a promessa da redenção futura, eles indagaram a respeito dela. Eles a investigaram cuidadosamente. Eles sabiam que essas coisas aconteceriam, mas não sabiam quando. Sabiam que Cristo sofreria e que desse sofrimento surgiriam glórias.

A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros,

que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar (v. 12). Os profetas nem sempre entendiam as coisas que ensinavam. Eles eram os porta-vozes do Espírito Santo. Foi apenas quando veio a plenitude do tempo e quando a palavra profética de Deus se cumpriu, que as pessoas conseguiram entender o que Joel, Isaías e Jeremias haviam dito. Os próprios profetas, que foram fiéis a essas promessas, inquiriram e procuraram seu sentido, mas nem sempre o encontraram: precisavam esperar para ver. Quando Pedro escreve sobre as coisas "que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu", ele está se referindo ao ministério dos apóstolos, que levaram o evangelho para a Ásia Menor pelo Espírito Santo enviado do céu.

Não foram só os profetas que inquiriram as maravilhas dessas coisas, mas também os anjos no céu desejaram investigar as profundezas e as riquezas do evangelho. A Bíblia nos diz que, quando uma pessoa se arrepende, há alegria no céu entre os anjos (Lc 15.10). Os anjos se alegram em ver como o ministério de Cristo se desdobra na História. Eles se alegram em observar a prova da nossa fé no progresso da nossa santificação. Nossa fé, que é mais preciosa do que o ouro, é valiosa para Deus, de modo que ele nos faz passar pelo fogo para purificá-la.

4

VIVENDO NA PRESENÇA DE DEUS, NOSSO PAI

1Pedro 1.13-19

Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo. Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo. Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação, sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo.

Como já ressaltei muitas vezes, a palavra *ora* ou, como neste caso, a expressão *por isso* sinaliza uma conclusão prestes a ser alcançada, baseada numa premissa ou num argumento anterior. O "por isso" que inicia essa passagem nos apresenta à conclusão que Pedro desdobra na sua explicação da nossa salvação, que inclui uma herança preciosa reservada no céu para nós, como filhos adotivos de Deus. À luz da salvação maravilhosa que foi preparada para nós, chegamos à con-

Fé ponderada

Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo (v. 13). Para as pessoas do século 1º., um chamado para cingir-se não costumava envolver uma atividade ou um processo mental. A metáfora é baseada nas roupas que as pessoas do século 1º. costumavam usar. Tanto homens como mulheres tendiam a vestir longas túnicas esvoaçantes. Até mesmo os soldados costumavam usar esse tipo de vestimenta. Mas, quando chegava a hora de ir à batalha, as longas túnicas impediam os soldados de se movimentarem com agilidade, de modo que cingiam suas roupas no quadril. Eles as levantavam sobre os joelhos e as prendiam com um cinto, o que liberava suas pernas para correrem para a batalha. Pedro usa essa metáfora simples para desafiar seus leitores a prepararem a mente para reflexões profundas.

Estamos vivendo num período da história da igreja que pode ser classificado como irracional. Estamos num período anti-intelectual da história cristã – não anticientífica ou antitecnológica, nem mesmo antieducacional, mas antirracional. Quando dava aulas no seminário, eu costumava perguntar a um aluno o que ele pensava sobre determinada proposição. Às vezes, o estudante respondia: "Sinto que essa afirmação é incorreta". Eu o interrompia e dizia: "Eu não perguntei como você se sente. Não estou perguntando pela sua reação emocional. Quero saber o que você pensa a respeito disso".

Pensar é uma atividade da mente e, repetidas vezes, as Escrituras instruem os cristãos a não deixar a mente no estacionamento quando entrarem na igreja, mas a despertar a mente para que possam pensar clara e profundamente sobre as coisas de Deus. Algumas pessoas afirmam que Deus não se importa com a mente, mas apenas com o coração, e que uma ênfase na mente leva apenas ao racionalismo, e daí ao modernismo, ao pós-modernismo e a todo o restante que se opõe ao cristianismo bíblico. É verdade que o que você pensa jamais o levará ao reino de Deus se isso não alcançar seu coração, mas fomos criados por Deus de tal modo que o caminho para o coração passa pela mente. Não podemos amar com paixão aquilo sobre o que nada sabemos. O livro que contém a revelação sagrada do Deus Todo-poderoso, a sua Palavra, dirige-se em primeiro lugar à nossa mente. Portanto, quanto mais compreendermos da verdade de Deus, mais seremos dominados por ela no nosso coração, bem como transformados por ela.

Descansar na esperança

Cinjam seu entendimento, diz Pedro, e sejam sóbrios; em outras pala-

mente funcione com clareza, ela precisa operar num estado de sobriedade, por isso somos chamados para sermos sóbrios e descansarmos nossa esperança totalmente na graça que nos será entregue na revelação de Jesus Cristo. A palavra bíblica para *esperança* é diferente da do seu uso normal na nossa língua. Quando dizemos que esperamos que algo aconteça, estamos expressando nosso desejo quanto a um resultado específico a respeito do qual não temos certeza. Mas no uso bíblico esperança não expressa uma incerteza, mas uma certeza, razão pela qual ela é chamada de "âncora da alma" (Hb 6.19). Ela é o que nos traz estabilidade. É a fé olhando para o futuro com a certeza plena de que Deus fará o que prometeu.

Pedro nos lembra disso, e ele nos diz também onde devemos depositar nossa esperança – totalmente na graça de Deus –, pois é nela que nossa esperança encontra sua âncora. O navio é ancorado pela graça, na graça e para a graça. Podemos ser confiantes quanto ao nosso futuro com Deus, porque nosso futuro, tanto quanto nosso presente descansa completamente não na nossa justiça ou na justiça de Deus, mas na graça de Deus, que, por definição, é algo que não podemos fazer nem merecer. Precisamos refletir sobre essas coisas com sobriedade, para que nossa mente possa entrar em ação e compreender que nosso lugar de descanso é nessa graça. Essa é a maneira de Pedro de direcionar nossos pensamentos para o que a igreja chama de sua "esperança bendita", a manifestação final de Jesus por ocasião da sua volta no fim dos tempos, quando ele voltará em glória e manifestará sua majestade para que cada olho o veja. Que a atividade da sua mente descanse na confiança dessa promessa futura.

Você deve descansar sua mente na esperança e, **como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância** (v. 14). Já nesses primeiros versículos da primeira carta de Pedro, encontramos passagens que apresentam semelhanças com os temas expostos por Paulo nas suas epístolas. Aqui, Pedro fala sobre não se conformar, e Paulo fez o mesmo na conclusão da sua exposição das doutrinas da graça em Romanos: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente" (Rm 12.1-2). Para Paulo, nossa santificação ocorria como resultado de uma postura mental que se distingue da postura mental do mundo. Paulo estava escrevendo sobre a postura da não conformidade, e Pedro está dizendo o mesmo aqui no primeiro capítulo da sua epístola. Na carta aos efésios, Paulo escreve:

> Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos

da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais (Ef 2.1-3).

Não conformistas

O tema comum em Romanos 12, Efésios 2 e 1Pedro é o da não conformidade aos padrões e hábitos da humanidade caída. Devemos ser não conformistas.

Essa não conformidade pode ser alcançada de uma maneira superficial. Há seitas religiosas que fazem de tudo para evitar qualquer sinal de mundanismo. Fui à faculdade numa pequena cidade do noroeste da Pensilvânia, onde se encontrava também o assentamento principal dos *amish* do oeste desse estado. À noite, precisávamos dirigir com cuidado pelas ruas por causa das onipresentes charretes, puxadas por cavalos e iluminadas apenas por uma vela numa lanterna de vidro. Os *amish* vestiam roupas idênticas que não tinham zíper nem botões, apenas ganchos. As fazendas dos amish não tinham eletricidade; eles trabalhavam com cavalos e arados puxados à mão. Seus lares eram decorados com lençóis no lugar de cortinas. Tudo isso é não conformidade. Eles haviam assumido um compromisso de se separar do mundo. Eletricidade e carros eram considerados maus porque todos os outros os usavam. Por mais nobre que possa ser esse empreendimento, ele não capta a essência da não conformidade.

A não conformidade que nós somos chamados a praticar é uma não conformidade ética. Devemos praticar a ética de Deus em vez da ética deste mundo. No seminário eu lecionava ética, e uma das aulas que eu dava tratava da moralidade estatística. Nos nossos dias, a distinção entre ética e moral tem sido obscurecida, de modo que as pessoas passaram a usar os termos *moral* e ética como sinônimos. No passado, porém, esses termos não eram compreendidos como sinônimos; seus significados apresentavam uma grande diferença. O termo *moral* provém do conceito de *mores*. Sociólogos e historiadores analisam os padrões comportamentais de determinada cultura e descrevem como as pessoas agem, quais são os costumes e hábitos de determinada sociedade. O estudo da ética, porém, é o estudo dos princípios normativos de comportamento que nos dizem como devemos agir. No entanto, todos nós sabemos – e a Bíblia também afirma isso – que há um grande abismo entre como deveríamos nos comportar e como nós, de fato, nos comportamos.

Os psicólogos observam o comportamento humano e descobrem que 90

uma percentagem tão alta pratica isso, chamamos isso de comportamento humano normal, o que está a apenas um passo de dizer que é normativo. As pessoas dizem que é bom ser normal, e desviar-se do normal significa cair na vala da anormalidade. De um lado, temos sociólogos e psicólogos dizendo que é perfeitamente normal que adolescentes sob a pressão da propaganda erótica caiam em padrões de comportamento correspondentes; de outro, temos a Bíblia que diz que a fornicação não deve sequer ser nomeada no nosso meio, como convém a santos (Ef 5.3). O argumento mais antigo do mundo para justificar determinado tipo de comportamento é alegar que todos fazem, mas Deus não se importa com o que todos os outros fazem. Deus sabe o que todos os outros estão fazendo. Ele se importa com o que nós fazemos, e ele nos diz que não devemos nos conformar a esse tipo de padrões. Antes de Deus nos ressuscitar de entre os espiritualmente mortos, andávamos de acordo com o caminho deste mundo, de acordo com o príncipe do poder do ar, do espírito que trabalha agora mesmo nos filhos da desobediência (Ef 2.2). Aqui, na sua epístola, Pedro está fazendo um nítido contraste entre os filhos da desobediência e os filhos de Deus.

Uma pesquisa recente que estudou o comportamento sexual dos norte-americanos indicou que o sexo antes do casamento é mais presente entre pessoas jovens que alegam ter nascido de novo do que entre os outros jovens. Como isso é possível? É possível porque os cristãos confundem ética com moralidade. Eles acreditam que o que o grupo está fazendo (*mores*) é o que eles devem fazer (ética). Chamo isso de "moralidade estatística", seguir os costumes de uma cultura. Se quisermos cingir a nossa mente, precisamos ser capazes de reconhecer a diferença entre os padrões deste mundo e os padrões aos quais somos chamados como cristãos.

O único modo de estar em Cristo é se o Espírito Santo o regenerou. A expressão "cristão renascido" é uma redundância. Você não pode ser cristão sem renascer, e, se você renasceu pelo Espírito Santo, não pode ser outra coisa a não ser cristão. Se você é cristão, nasceu de novo pelo poder do Espírito Santo, o que significa que sua natureza que o constitui como ser humano foi transformada por Deus. E, uma vez que fomos transformados, Deus espera que essa transformação se manifeste no nosso comportamento. Não devemos mais nos conformar a este mundo. Em vez disso, a partir do dia do nosso renascimento até o fim da nossa peregrinação neste mundo, somos chamados para passar pelo processo da santificação contínua pelo qual obtemos a mente de Cristo e demonstramos nosso amor por ele guardando os seus mandamentos.

É terrível que o magistrado civil, o governo, sancione o aborto a pedido,

magistrado civil permite nada tem a ver com o que Deus permite. Somos chamados para obedecer a Deus, não a tabus, costumes ou ao que nossos colegas fazem ou esperam que nós façamos neste mundo. A coisa mais difícil na vida de um cristão é lembrar-se de a quem ele pertence e o que significa dizer *Jesus ho Kyrios*, "Jesus é Senhor". Se ele é nosso Senhor e Mestre, então devemos obedecer a ele e não aos impulsos da carne ou aos padrões do mundo pagão ao nosso redor.

Quando Justino Mártir dedicou sua *apologia*, sua defesa do cristianismo, ao imperador Antonino Pio, ele procurou defender a reivindicação de verdade do cristianismo. Ele não só apresentou os argumentos normais a favor da reivindicação de verdade do cristianismo, mas também desafiou o imperador a examinar a vida dos cristãos e a observar a pureza dela. Nenhum apologista usaria isso como argumento em defesa do cristianismo na nossa cultura atual. Seria impossível.

Sede santos

Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo (v. 15-16). O caráter de Deus é santo. O conceito de santidade refere-se à pureza. A santidade de Deus inclui sua pureza, mas a dimensão da pureza é o sentido secundário do termo *santo*. O sentido primário e principal do termo *santo* refere-se à majestade transcendente de Deus, à sua alteridade, ao sentido em que Deus é diferente de qualquer coisa criada. No Antigo Testamento, o termo *santo* era usado quando Deus consagrava um povo ou um lugar ou um momento e o separava porque era diferente. A ideia aqui na epístola de Pedro é que a base do chamado para a não conformidade é que devemos ser imitadores de Deus em sua diferença. Assim como Deus é diferente do mundo, nós, como seus filhos e herdeiros da herança reservada para nós no céu, devemos ser diferentes do mundo.

De todas as coisas que tenho feito, a atividade que mais me deu alegria foi meu ministério na igreja de St. Andrew's. Sinto muita satisfação quando faço pregações expositivas às mesmas pessoas semana após semana, sem ter de viajar para cá e para lá e nunca saber qual é o impacto do meu trabalho. Ter uma congregação é maravilhoso, mas é também uma séria responsabilidade. Às vezes, penso: *O que aconteceria se Deus eliminasse a igreja de St. Andrew's do mapa de Sanford, Flórida, e a levasse para a não existência? Que diferença isso faria?* Sou calvinista demais para acreditar que não faria diferença alguma; preciso ser otimista e dizer que a igreja de Cristo

que diferença isso teria feito no mundo? Provavelmente não estaríamos nas nossas igrejas hoje. Aquelas pessoas ouviram a Palavra de Deus e decidiram que não se comportariam como o restante do mundo, mas como filhos e herdeiros de Deus, como coerdeiros com Cristo. Esse é o nosso destino.

Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação (v. 17). Somos justificados pela fé, mas recompensados de acordo com nossas obras. O Pai, que recompensa seus filhos de acordo com a obediência deles, o faz de modo imparcial, por isso devemos portar-nos com temor durante o tempo da nossa peregrinação – não com o temor servil que o prisioneiro sente diante do seu torturador, mas com o temor filial que uma criança sente pelos pais, que ela respeita. Trata-se do medo de ofender, decepcionar ou representar indevidamente, um temor que nasce da reverência num espírito de adoração.

Quando o apóstolo Paulo nos admoestou de maneira semelhante e nos conclamou a não nos conformarmos a este mundo, ele disse que devemos oferecer nosso corpo como sacrifício vivo, santo, aceitável a Deus, que é o culto racional, ou, em outra tradução, nossa adoração espiritual (Rm 12.2). Adoração não é algo que fazemos apenas no domingo de manhã; adoramos a Deus quando obedecemos a ele. Ninguém disse isso com palavras mais simples do que o próprio Jesus: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15). É disso que Pedro está falando aqui.

Por isso, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação, **sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram** (v. 18). Você foi comprado – esse é o significado de "resgatados" aqui. Nos Estados Unidos, os supermercados costumavam distribuir selos de desconto, e a maioria das comunidades possuía um centro de resgate, onde os selos podiam ser trocados por um aparelho de televisão, uma churrasqueira ou algum outro item. Esse é, provavelmente, o entendimento mais profundo que temos de resgate na cultura norte-americana, mas, em termos bíblicos, resgatar algo significa recuperar algo pagando seu preço, resgatar algo da escravidão.

Cordeiro sem defeito

Pedro diz que nosso resgate foi pago por um preço. Não fomos remidos por meio de coisas corruptíveis como prata ou ouro (observe mais uma vez a referência ao ouro), **mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo** (v. 19). Há um adjetivo no ver-

não só pelo sangue de Cristo, mas pelo *precioso* sangue de Cristo. Falamos sobre joias como sendo pedras preciosas; ou seja, atribuímos a elas o valor mais alto possível. Algo que você considera precioso é algo pelo qual você tem no mais alto apreço, e o apóstolo está dizendo aqui que coisas preciosas transcendem a prata e o ouro. A coisa mais preciosa que jamais esteve nesta terra é o sangue de Cristo. Quando seu sangue foi derramado, seu sangue era humano, mas era sangue santo – o sangue mais valioso que jamais foi derramado.

Ao falar de Cristo como cordeiro sem defeito, Pedro remete seus leitores de volta às celebrações do Antigo Testamento da Páscoa e do Yom Kippur, o Dia da Expiação. O que é comemorado na Páscoa é a ocasião em que o anjo da morte passou pelas casas cujos umbrais haviam sido marcados com o sangue do cordeiro. Quando Deus via a marca de sangue num umbral, seu juízo não caía sobre aquela casa. Deus disse aos israelitas que jamais se esquecessem do que ele havia feito. Essa celebração alcançou seu cumprimento na celebração da Ceia do Senhor, quando lembramos o derramamento do sangue de Cristo pela nossa salvação. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote levava o sangue de um animal até o Santo dos Santos e o borrifava sobre o propiciatório, sobre o trono de Deus, como pagamento pelos pecados do povo. Isso apontava para aquele cujo sangue era precioso, não por causa de um ritual divinamente ordenado, mas porque o sangue tinha um valor inerente.

Portanto, cinjamos a nossa mente e reflitamos sobre o chamado de Deus aos seus filhos, os quais ele remiu por meio do sangue precioso de Cristo, para que andemos não como anda o mundo, mas como filhos remidos de Deus.

5

A PALAVRA PERMANENTE

1Pedro 1.22-25

Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente, pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente.

> Pois toda carne é como a erva,
> e toda a sua glória, como a flor da erva;
> seca-se a erva,
> e cai a sua flor;
> a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente.

Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada.

Coram Deo era um dos gritos de guerra da Reforma protestante do século 16. A expressão de duas palavras significa literalmente "perante a face de Deus". A ideia é que, mesmo que a face de Deus seja invisível, vivemos cada segundo da nossa vida perante a sua face. Não podemos vê-lo, mas ele pode nos ver. Precisamos cultivar um tipo de consciência de Deus em que percebemos que tudo o que fazemos é feito perante a face de Deus.

Quando tive de pregar pela primeira vez na presença do meu mentor John Gerstner, fiquei muito intimidado. Eu estava excessivamente nervoso por causa da sua presença na congregação. Confessei isso a ele, e, quando

gafe teológica ou algum erro exegético e envergonhar não só a mim mesmo, mas também a igreja". Ele respondeu: "Por que você deveria ter tanto medo de pregar na presença de homens, se Deus ouve cada palavra que você diz?"

Pedro vem nos chamando para termos consciência de estarmos vivendo a nossa vida perante a face de Deus. *Coram Deo* inclui não só a noção de viver perante a face de Deus, mas também de viver sob a soberania de Deus e para a glória de Deus – perante sua face, sob sua autoridade e para a sua glória. Isso capta a essência da vida cristã.

Obediência à verdade

Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente (v. 22). Essa passagem nos fornece muito material para reflexão. Pedro dá a entender que nossa alma é purificada por meio da obediência, e a razão pela qual falhamos em obedecer devidamente a Deus é que nossa alma ainda não foi purificada. Normalmente pensamos que a purificação da alma acontece para que obedeçamos a Deus, mas aqui, surpreendentemente, o apóstolo nos diz que a purificação não ocorre apenas *para* a obediência, mas também *por meio* dela. Quanto mais nossa alma se empenhar na obediência, maior será a purificação que ocorre, e, quanto mais nossa alma é purificada, maior é também a nossa obediência. Não se trata de um círculo vicioso, mas um círculo glorioso no qual a obediência alimenta a purificação e, simbioticamente, a purificação alimenta a obediência.

O conceito de obediência é de suma importância à mensagem do Novo Testamento. Na St. Andrew's, depois de fazer a leitura das Escrituras, costumo citar as palavras frequentemente usadas por Jesus: "Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça". Em outra passagem, o Novo Testamento nos diz que devemos ser praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes (Tg 1.22). No grego, há um jogo de palavras entre os verbos *ouvir* e *obedecer*. Em grego, o verbo *ouvir* é *akouō*, do qual deriva nossa palavra *acústica*. O verbo que significa "obedecer" é a palavra grega *hupoakouō*. Essas palavras gregas possuem raízes semelhantes. A segunda palavra, *obedecer*, simplesmente repete o verbo *ouvir* e acrescenta a ele o prefixo *hupo*, que, na nossa língua, veio a assumir a forma de *hiper*. Crianças podem ser hiperativas, o que significa que elas são mais ativas do que outras. Então, no grego, a palavra *obedecer* significa simplesmente "hiperouvir", ou seja, ouvir além da simples experiência sensorial de um som que alcança nossos nervos au-

algo. A audição que Deus espera do seu povo significa ouvir não só com os tímpanos, mas com os ouvidos da alma. Esse tipo de audição provoca transformação na nossa vida, que se manifesta em obediência.

A obediência da qual Pedro fala é a obediência à verdade. Nossa cultura se opõe à noção de uma verdade objetiva, e essa antipatia está arraigada e fundamentada na hostilidade fundamental à própria verdade da humanidade caída. As pessoas não querem que a verdade seja objetiva. Não queremos que a verdade se imponha à consciência porque a verdade é, por natureza, nossa inimiga e não queremos nos submeter a ela, ou, como diz Pedro, não queremos obedecer a ela. A tragédia da humanidade caída é que tendemos a obedecer à mentira, ao que é falso, mas a purificação da nossa alma vem por meio da obediência à verdade.

Não basta simplesmente ouvir a verdade. Não basta nem mesmo recitar a verdade dos credos. Não basta afirmar que concordamos com as proposições da verdade. Pedro diz que há um passo além, que consiste em obedecer à verdade. Essa obediência ocorre por meio do Espírito. Pedro está falando aqui daquele processo de crescimento e desenvolvimento na vida cristã que nós chamamos de "santificação", que depende da atividade e da influência energizante do Espírito Santo. Jamais obedeceremos à verdade de Deus sem o poder, a graça e a assistência do Espírito.

Estamos vivendo em tempos estranhos no que diz respeito ao modo como a igreja funciona. Nós nos emaranhamos num desejo ardente de encontrar um modo para nos relacionar com uma cultura que foi imunizada contra o cristianismo. Tentamos encontrar novos métodos para alcançar os perdidos. A motivação é justa, pois devemos ter compaixão dos perdidos. O perigo surge quando perguntamos aos perdidos como eles querem ir para o reino de Deus, como eles querem adorar a Deus e como querem ouvir a Palavra de Deus, para então inventar um método que satisfaça seus gostos e suas preferências. Isso é fatal. Mais cedo ou mais tarde a igreja precisa voltar a confiar no método de Deus de fazer a obra de Deus, pois a Bíblia nos dá um plano para o evangelismo. Ela nos fornece um plano para alcançar os perdidos e para gerar crescimento espiritual entre o povo de Deus. Para esse plano não é necessário ter conhecimentos de um engenheiro espacial ou de alta tecnologia; é um plano que, segundo Deus, não deixará de dar frutos. Ele é realizado por meio da proclamação da Palavra de Deus, que, como Pedro afirma aqui, transforma vidas e purifica almas por meio do poder do Espírito Santo.

Deus estabeleceu uma igreja, uma comunhão e comunidade de cristãos que se reúnem para apoiar-se, edificar-se e encorajar-se mutuamente. A igreja deve ser um grupo que, quando reunido, vivencia um tipo extraordinário

pelos sacramentos que Cristo deu à sua igreja e é fortalecida pela disciplina da oração, tanto pessoal quanto comunal. Não importa o que façamos para tornar a mensagem atrativa para o mundo caído – nunca devemos negociar esses métodos bíblicos fundamentais da adoração, da pregação, do evangelismo e do crescimento espiritual.

A natureza constituinte do ser humano não mudou com o surgimento da geração X, tampouco mudou com a geração pós-guerra, os chamados *baby boomers*. A televisão muda a cultura, e a tecnologia transforma a maneira de fazer as coisas, mas a natureza fundamental da nossa humanidade permanece a mesma desde que Deus criou Adão e Eva. O caminho para o coração passa pela mente, de modo que um cristianismo irracional na verdade nunca produz a purificação da alma. A purificação da alma ocorre por meio da obediência à verdade da Palavra de Deus por meio do Espírito de Deus. Não há substitutos ou atalhos para isso. Não há santificação em três passos simples.

Amai o próximo

O amor do qual Pedro fala é também fervoroso e vem acompanhado de um coração puro. O apóstolo está falando de um tipo extraordinário de amor. O Grande Mandamento diz que devemos amar o Senhor, nosso Deus, de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento; e o segundo mandamento diz que devemos amar o próximo como a nós mesmos (Mt 22.37-39). Nosso próximo não é simplesmente alguém que mora ao lado ou uma pessoa da nossa turma ou comunidade.

Certo intérprete da Lei perguntou a Jesus: "Quem é o meu próximo?" (Lc 10.29). Jesus então lhe contou uma história sobre um homem que descia de Jericó e foi atacado por bandidos. Ele foi ferido, roubado e largado à beira da estrada para morrer. Então, um depois do outro, dois membros do clero passaram e perceberam a agonia do pobre homem. Talvez tenham feito alguma oração por ele antes de continuar seu caminho, mas nenhum deles atravessou a rua para oferecer-lhe ajuda. Foi um samaritano desprezado, um do povo com os quais os judeus não se envolviam, que parou para cuidar do homem ferido. Jesus então perguntou: "Qual destes três vos parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?" O intérprete da Lei respondeu: "O que usou de misericórdia para com ele". E Jesus disse: "Vai e procede tu de igual modo" (v. 36-37). Cada pessoa que encontramos é nosso próximo.

Amar nosso próximo significa tratá-lo com cuidado, gentileza e paciência, como fez o bom samaritano. Esse amor tem muito pouco a ver com sentimentos calorosos e afeto. Podemos amar nosso próximo ativamente sem

tudo muda. O amor fraternal deve ser fervoroso e praticado com um coração puro. Certa vez, ouvi um pastor do Mississippi dizer: "Nós nos achegamos aos chegados", o que significa que a família é mais importante do que qualquer outra coisa. Nós nos ligamos uns aos outros porque somos família. Devemos ter esse tipo de amor fervoroso não apenas pela nossa família biológica, mas também pela família no Espírito, pelos nossos irmãos e nossas irmãs em Cristo. "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.35).

Essa é a impressão que deveríamos transmitir para o mundo que nos observa. As pessoas que não fazem parte da igreja deveriam olhar para os cristãos e perceber que não caluniamos, não criticamos e que protegemos uns aos outros com amor fervoroso, com o amor que vem de um coração puro. Isso não é natural, como lembra Pedro ao acrescentar que **fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente** (v. 23). A razão pela qual somos capazes de ter esse tipo de amor fraternal no corpo de Cristo é que Deus transformou nosso coração. Ele fez com que nascêssemos de novo, de modo que o que não é natural possa ser realizado pela obra sobrenatural que Deus executa no nosso coração.

Renascidos

Regeneração ou *renascimento* é o resultado da obra imediata do Espírito Santo na alma humana, que antes estava morta para as coisas de Deus, mas que agora é reanimada para uma nova vida. Você está em Cristo porque o Espírito o ressuscitou da morte espiritual, reanimou sua alma e lhe deu um sentimento por Deus que, por natureza, você não tinha. O que você recebeu não foi simplesmente o potencial de transformação; você tornou-se uma pessoa transformada. A regeneração é o início da vida cristã. É uma obra *monergística*, o que significa que apenas uma pessoa está envolvida nela. O único que realiza a obra da regeneração é Deus. Você não tem qualquer participação nela. Você não pode escolher nascer de novo. Você nada pode fazer para afetar sua regeneração, mas a partir do momento da sua regeneração, pelo resto de sua vida cristã, esse processo é *sinergístico*. Trata-se de um empreendimento de uma parceria entre você e Deus. "Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa

Pedro nos lembra do que está envolvido em ter renascido. Nascemos de novo a partir de um tipo de semente diferente daquele que normalmente costuma gerar vida, seja em humanos, animais ou plantas. Se uma semente plantada no solo realmente morre é uma pergunta irrelevante e deixaremos que os botânicos a respondam, mas para cultivar um campo, precisamos primeiro preparar o solo antes de semear a semente. Depois, a semente semeada é coberta com palha para impedir que os pássaros a comam, e o solo precisa ser regado com regularidade. Supomos que estamos tentando gerar vida nesse processo, mas na verdade estamos tentando matar aquelas sementes, levá-las ao apodrecimento para que a casca se decomponha e a semente germine para produzir vida. Essa é a metáfora bíblica da semente que precisa morrer antes de vir à vida, assim como nós também precisamos morrer para então entrar numa condição ressurreta.

Para que a concepção humana ocorra, um óvulo precisa ser fecundado pela semente. Deus se preocupa tanto com a reprodução da nossa espécie que, toda vez que um homem e uma mulher se unem, milhões de sementes são liberadas, mesmo que uma única semente baste para fertilizar o óvulo. Pode parecer um desperdício, mas na economia de Deus não é, pois Deus sabe como é fraca a semente humana. Ela é corruptível e perecível. Ela não dura para sempre. Mas a semente pela qual nós renascemos não é semente corruptível, como o apóstolo nos diz, mas semente incorruptível. Quando Deus regenera uma alma para a vida e o Espírito Santo estimula aquela semente, ela não pode perecer. Isso não é uma comparação, é um contraste.

Pedro continua para dizer que tudo isso ocorre por meio do Espírito, "fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente". A palavra "mediante" ou "por meio de" é ressaltada. A Palavra de Deus é viva. Ela pulsa com vida. É o próprio poder de Deus, pois essa Palavra é energizada pelo próprio Deus. Lemos em Romanos que o evangelho é o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16).

No seu último sermão, Martinho Lutero disse: "Se você não quiser que Deus fale com você todos os dias na sua casa ou na igreja da sua paróquia, seja sábio. Procure algo diferente. Em Trier se encontra a túnica do nosso Senhor Deus; em Aachen estão guardadas as calças de José e a bata da nossa Bendita Senhora. Vá até lá e gaste seu dinheiro; compre indulgências e o lixo de segunda mão do papa". Os camponeses faziam peregrinações a esses lugares, porque acreditavam que havia poder nas calças de José ou no leite de Maria. Mas não é nesses lugares que Deus depositou seu poder. O poder não se encontra na eloquência de um pregador ou na

palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12). É uma Palavra viva.

Uma palavra permanente

Pedro diz também que é uma palavra permanente. Nada possui menos valor do que o jornal de ontem. Uma máquina de venda automática de chocolates lhe entrega apenas uma barra de chocolate quando você insere uma moeda, mas a máquina que vende jornais lhe permite tirar quantos jornais você quiser. Os editores de jornais não se preocupam com isso porque compreendem a regra econômica da utilidade marginal. Quem precisa do jornal de ontem? O chocolate que você comprou ontem continua igualmente doce, mas o jornal de ontem não. Livros têm uma sobrevida maior do que revistas, mas até mesmo livros vão e vêm. Uma das coisas mais difíceis é convencer uma pessoa a ler os clássicos dos gigantes que Deus deu à igreja. Se as pessoas lessem Lutero e Calvino, poderiam pegar meus livros e queimá-los, porque tudo que tento fazer é levar as pessoas de volta aos gigantes. Tudo o que Lutero e Calvino queriam fazer era levar as pessoas de volta à Palavra de Deus, pois essa Palavra não é só viva, ela também é permanente – eterna.

Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente (v. 24-25). Eu amo futebol e sempre leio as notícias de futebol, por mais fútil que isso seja. Encontro testemunhos de pessoas que se esforçaram muito para conquistar um campeonato, e quase todos dizem que, quando terminam de celebrar a vitória, a excitação desaparece rapidamente. Os jogadores sentem-se decepcionados e perguntam: "E isso é tudo?" Isso não é verdadeiro quanto a todas as ambições e conquistas da carne? Somos como ervas que murcham com o tempo seco. Somos como flores que florescem com toda sua glória e beleza, mas que murcham e caem. Como é diferente a Palavra do Senhor, que permanece para sempre.

Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada (v. 25). Certa vez li um ensaio obscuro de Agostinho sobre o fundamento filosófico da linguagem. No meio do ensaio, para ilustrar uma questão, Agostinho se refere a uma passagem em Romanos: "A justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (1.17). Agostinho diz que essa passagem, que fala da justiça de Deus, não define ou descreve a justiça pela qual o próprio Deus é justo, mas a justiça que Deus torna disponível

que ele continha a passagem de Romanos que havia chamado a atenção de Lutero quando ele preparava suas preleções sobre esse livro da Bíblia, e essa passagem tornou-se o texto que deu início à Reforma. Lutero disse: "Quando entendi isso, as portas do paraíso se abriram, e eu passei por elas". Fazemos isso toda vez que abrimos a Bíblia.

Pedro diz que "a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente". Dois mil anos depois de ele ter escrito essas palavras, nós nos reunimos para estudar a Palavra que permanece e resiste a toda crítica e hostilidade lançada contra ela, demonstrando assim a veracidade das palavras do poeta:

> Continuem martelando, mãos hostis;
> Seus martelos quebram; a bigorna de Deus resiste.

6

Uma pedra viva

1Pedro 2.1-8a

Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências, desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso. Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Pois isso está na Escritura:

> Eis que ponho em Sião
> uma pedra angular, eleita e preciosa;
> e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado.
>
> Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes,
> A pedra que os construtores rejeitaram,
> essa veio a ser a principal pedra, angular
>
> e:
> Pedra de tropeço
> e rocha de ofensa.

Uma vez que encontramos a palavra "portanto" no primeiro versículo de 1Pedro 2, gostaria de gastar algum tempo para rever o que a precede. Pedro disse: "Tendo purificado a vossa

fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente, pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível" (1Pe 1.22-23). No nosso estudo anterior analisamos o que significa nascer de novo de uma semente que não perece.

Anteriormente observei que a expressão "cristão renascido" é uma redundância. Se você não renasceu pelo poder do Espírito Santo, você não é verdadeiramente um cristão, e, se você renasceu pelo poder do Espírito Santo, você é cristão. Falamos do renascimento em termos da doutrina da regeneração, que se refere a uma gênese ou um novo começo. Sabemos que o renascimento é necessário, pois as Escrituras nos dizem que, por natureza, estamos mortos no nosso pecado. Essa descrição da nossa condição não é biológica, mas espiritual. Quando nascemos neste mundo, nascemos mortos. Podemos estar vivos biologicamente, mas estamos mortos espiritualmente. Temos, para usar uma metáfora bíblica, dentro de nós um coração de pedra. Ele não bate, não possui a carne da vida. É calcificado. Portanto, na nossa condição caída, não temos inclinação nem desejo pelas coisas de Deus. É por isso que Jesus disse a Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3.5-6).

Para aceitar as coisas de Deus – coisas espirituais – é preciso nascer de novo, um nascimento efetuado na nossa alma pelo poder sobrenatural do Espírito Santo. Paulo fala dessa experiência em termos de receber vida ou ser vivificado pelo Espírito Santo (Ef 2.1). O Credo Apostólico, na sua forma mais arcaica, diz que Jesus virá para julgar "os vivos e os mortos", ou seja, não apenas aqueles que morreram, mas também aqueles que estão vivos. A linguagem do Novo Testamento fala de uma nova vida forjada na nossa alma. Antes, não tínhamos nenhuma inclinação ou desejo pelas coisas de Deus, mas agora Deus vivificou nossa alma e gerou em nós o desejo por ele e pelo seu Filho. Pedro menciona nosso novo nascimento e, então, no capítulo 2 fala sobre as consequências disso.

Alguns adotam a doutrina do cristão carnal. Ela tem permeado o mundo cristão evangélico dos nossos dias. A doutrina ensina que a regeneração não muda necessariamente a disposição da vontade ou da alma do cristão. Alega que alguém pode crer em Cristo e ter o Espírito Santo habitando nele, mas mesmo assim permanecer completamente o mesmo. No entanto, essa doutrina está em conflito com o cristianismo ortodoxo e certamente com o entendimento bíblico da regeneração. Ninguém pode nascer para uma vida

Despojar-se

Vemos isso quando Pedro diz: **Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências** (v. 1). Porque nascemos de novo por meio de uma semente que não pode perecer, devemos livrar-nos de toda maldade. A maldade é a primeira coisa que deveria desaparecer do coração de um cristão.

Nosso sistema legal descreve determinados atos como praticados com "intenção maldosa". Maldade não descreve necessariamente um ato por meio do qual uma pessoa é lesada por outra. Uma lesão pode indicar um ato maldoso, mas o termo *maldoso* indica um desejo de prejudicar ou ferir. Quando alguém nos diz que fizemos algo para feri-lo, costumamos responder: "Essa certamente não foi a minha intenção". Podemos ter feito aquilo e até mesmo reconhecê-lo, mas estamos dizendo que não planejamos causar dor ou dano. Maldade envolve um desejo do coração, um desejo intencional de ferir ou machucar outra pessoa. Pedro diz que devemos nos despojar disso. A linguagem que ele usa remete a uma pessoa que se despe e coloca suas roupas de lado. De um ponto de vista espiritual, Pedro diz que devemos tirar as roupas da maldade da nossa alma, guardá-las no armário e deixá-las lá.

Ele diz também que devemos nos despojar de todo dolo, hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências (ou seja, difamação). Creio que ele nos apresenta o todo seguido pelas suas partes. Pedro menciona aqui exemplos de maldade. O dolo nasce da maldade. Dolo envolve uma tentativa determinada de distorcer, ocultar ou solapar a verdade. É feito com intenção.

Devemos nos despojar também de toda hipocrisia. Muitas vezes Jesus descreveu os fariseus como hipócritas, o que, na antiguidade, envolvia algum tipo de encenação ou fingimento. Um hipócrita tenta enganar as pessoas em relação ao seu estado espiritual. Ele finge ser mais justo do que realmente é. Então, juntamente com a maldade e o dolo, a hipocrisia também precisa desaparecer.

Alguns anos atrás, a equipe do Evangelismo explosivo em Fort Lauderdale documentou as respostas que as pessoas davam a perguntas diagnósticas como: "No seu pensamento, você chegou a um ponto em que sabe com certeza que, quando morrer, irá para o céu?" e "Se você morresse hoje à noite e Deus lhe perguntasse: 'Por que eu deveria deixar você entrar no meu céu?', o que você responderia?" A maioria deu algum tipo de resposta relacionada ao mérito das suas obras: "Tentei ser uma boa pessoa" ou "Eu frequentei a igreja". A equipe documentou também as dez objeções mais frequentes à fé cristã, e a objeção principal era a acusação de que a igreja está cheia de hipócritas.

A razão pela qual essa acusação é feita com tanta frequência é que nós nos

fôssemos hipócritas, alegaríamos ser sem pecado – uma reivindicação que um cristão renascido não faz. Apenas se alegarmos ser sem pecado somos culpados de hipocrisia. A igreja é a única instituição que conheço que ser um pecador é uma exigência obrigatória para poder ser membro dela. A igreja é uma comunhão de pecadores, mas a hipocrisia não deve fazer parte da nossa lista de pecados, pois a hipocrisia é um tipo de dolo, e dolo é um tipo de maldade.

Pedro continua para dizer que devemos nos despojar de toda inveja e maledicência. Assim como o dolo e a hipocrisia são irmãos gêmeos, a inveja e a difamação também o são. A motivação primária para difamar alguém é a inveja ou o ciúme que sentimos dessa pessoa. Quando invejamos alguém, tendemos a falar mal dessa pessoa, e, quando fazemos isso, deixamos de amar nosso próximo. Então, diz Pedro, se você nasceu do Espírito de Deus, livre-se da maldade. Não permita que o dolo faça parte do seu caráter ou comportamento. Livre-se de todas as formas da hipocrisia. Cristãos não devem ser invejosos, pois, quando invejamos, não apenas praticamos violência contra nosso próximo, mas também insultamos a Deus, que nos deu a pérola de alto valor. É trágico que alguns cristãos invejem não cristãos. Não importa o que um não cristão tenha – riqueza, fama, posição –, nada disso se compara com a dádiva indizível que Deus nos deu. Não temos o direito de invejar qualquer pessoa. Livrar-se da inveja é um grande passo em direção à cura da nossa prática de difamar outros.

A difamação ou maledicência é incompatível com o novo nascimento. Paulo escreve:

> Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais (Ef 2.1-3).

A Bíblia diz que, na nossa condição natural, somos seguidores de Satanás, e o nome de Satanás significa "difamador". A vocação de Satanás é difamar Cristo, sua igreja e seu povo. Certamente não queremos imitar o pai da mentira e unir-nos a ele em sua atividade destrutiva. Se você é um cristão, livre-se da maledicência e jamais volte a praticá-la.

Leite puro

Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno

salvação (v. 2). Pedro não está assumindo que seu público seja composto de recém-convertidos, que, portanto, seriam meros bebês em Cristo. A Bíblia fala de novos convertidos em termos de bebês em seu progresso espiritual, e há outras ocasiões em que a Bíblia repreende pessoas que já são cristãos há algum tempo e continuam a se alimentar apenas de leite, sem se interessar pela carne e pela substância das coisas mais importantes de Deus. O que Pedro está dizendo aqui é que, assim como um recém-nascido tem um forte desejo por leite, o cristão, nascido de Deus, também deveria ter sede da Palavra de Deus. Na hora de comer, o bebê se manifesta energicamente se a mãe se atrasar mesmo que apenas por alguns minutos. O desejo do bebê pela mamadeira se transforma em forte paixão. Pedro diz que devemos desejar o leite puro da Palavra tanto quanto o bebê deseja sua mamadeira. Você não crescerá como cristão se não se alimentar com a Palavra de Deus. Não existe substituto para ela. Somos pessoas que, tendo sido transformadas pelo poder do Espírito Santo, têm um desejo na alma, uma fome e sede pelo leite puro da Palavra. Ninguém deseja beber leite estragado; nada é cuspido tão rapidamente quanto o gole do leite que se tornou impuro. Devemos desejar ser alimentados por uma substância sem impurezas, que Pedro descreve em termos metafóricos como a Palavra de Deus.

Se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso (v. 3). Se você realmente nasceu do Espírito de Deus, se realmente o Espírito colocou na sua boca um gosto pelas coisas de Deus – sem isso você não pode sentir o gosto prazeroso das coisas espirituais. O mundo à sua volta não se importa com coisas espirituais. O leite espiritual não está no topo da lista da dieta do mundo, mas, se você sentiu seu gosto, se você sentiu o gosto do Senhor, como disse o salmista, e sabe que ele é bom (Sl 44.8), como você pode sentir o gosto de Cristo e não querer mais? É por isso que Jesus disse no sermão do Monte: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos" (Mt 5.6).

O que o motiva a ir à igreja para ouvir a Palavra de Deus? Muito provavelmente, sua motivação não é ser visto pelas outras pessoas. Poucos sacrificariam um domingo só para serem vistos por outros. As pessoas que vão são as pessoas famintas, aquelas que têm um desejo pelas coisas de Deus, porque sentiram seu gosto. São tão gostosas que elas desejam mais delas. Eu nunca enjoo do gosto delas. Eu me alimento estudando o texto quando me preparo para pregar, e o gosto é fantástico. Ele me faz querer mais.

Uma pedra viva

Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos ho-

metáforas aqui, e "a pedra que vive" é uma metáfora importante. No ensino médio, estudei biologia, que provém da palavra grega *bios*, "vida". Também estudei zoologia, que é o estudo da vida animal, mas nunca tive uma matéria que fosse dedicada ao estudo das pedras. Imaginamos pedras como algo inerte, como algo pelo qual não flui nenhum tipo de vitalidade. Mas, quando Pedro fala sobre ir a Cristo, ele diz que isso se parece com ir a uma pedra viva. Quando os discípulos foram repreendidos por louvarem a Cristo, ele respondeu: "Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão" (Lc 19.40). O que poderia ser mais impossível do que isso? Pedras não falam, pois não são vivas, mas aqui Pedro diz que, quando vamos a Cristo, vamos a uma pedra que vive.

Acho interessante que nesse caso Pedro não usou a palavra *rocha* (*petros*, em grego), que é o nome que Jesus lhe deu, quando disse "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). Aqui, Pedro usa outra palavra que nossa língua também traduz como "pedra". Essa é a pedra desprezada pelo povo. Nós fomos a uma pedra da qual os outros fogem. Eles o rejeitaram, mas essa pedra é, na linguagem de Pedro, a pedra eleita, aquela eleita pelo Pai e aquela que, aos olhos de Deus, é considerada preciosa. O que nos é odioso em nosso estado caído é considerado precioso por Deus.

Pedras vivas

Pedro fala então da nossa participação: **também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo** (v. 5). Não só Cristo é pedra que vive, eleita e preciosa aos olhos de Deus, mas todos que pertencem a Cristo participam de sua vida como pedras vivas, eleitas por Deus. Essa epístola de Pedro está carregada da doutrina da eleição. Ele usa uma metáfora que raramente é aplicada à igreja. O Novo Testamento descreve a igreja de vários modos. Talvez o modo mais frequente seja a comparação da igreja com um corpo; a igreja é o corpo de Cristo. Ela é chamada também de *laos tou theou*, "o povo de Deus". Em cada uma dessas metáforas, a igreja é formada por pessoas. A igreja, a *ecclesia*, é composta por aqueles que "foram chamados". A igreja não é um edifício, é a comunhão dos santos. Agora, de repente, Pedro oferece uma metáfora da igreja como um edifício, mas esse edifício é construído não de tijolos e cimento, mas de pedras vivas, de pessoas. Nós somos a igreja, porque a igreja é construída de pedras que vivem.

Não somos apenas uma casa espiritual; somos um sacerdócio. Essa pas-

de todos os cristãos, ele não estava dizendo que não havia distinção na igreja entre clérigos e leigos; o Novo Testamento lança o fundamento para essas distinções. Lutero estava dizendo que o sacerdócio do Novo Testamento é dado a toda a comunidade cristã.

No Antigo Testamento, a função básica do sacerdote era oferecer sacrifícios a Deus de acordo com o sistema sacrificial da antiga aliança. Os sacrifícios oferecidos pelo sacerdote eram sacrifícios físicos de animais e ofertas de grãos. Nós somos um tipo diferente de sacerdócio, um sacerdócio espiritual, no qual cada cristão é chamado para oferecer sacrifícios espirituais a Deus. O conceito de oferecer sacrifícios está no próprio centro da adoração. Desde o início, começando já com Caim e Abel, o povo de Deus levava suas ofertas a Deus como sacrifício.

Em Romanos, Paulo escreveu que devemos nos apresentar como sacrifícios vivos a Deus, que é nossa adoração espiritual ou nosso "culto racional" (12.1). Assim, o modo principal pelo qual funcionamos como sacerdotes espirituais é oferecendo sacrifícios de louvor a Deus, que é o culto. Culto não é entretenimento. Culto ocorre quando o povo de Deus eleva seus louvores, sua adoração e seu sentimento a Deus. Assim como os sacerdotes levantavam o sacrifício de sangue no Antigo Testamento, nós elevamos nossa reverência e adoração a Deus em louvor. Não vamos à igreja para assistir ao pastor fazer isso. Todos nós devemos fazer isso.

Se devêssemos oferecer nossos sacrifícios a Deus com base no nosso próprio mérito, Deus responderia aos nossos sacrifícios da mesma maneira que reagiu a Israel quando Israel violou os termos da aliança. Naquela época, Deus disse que ele odiava as festas deles. "Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene" (Is 1.13). Tentar oferecer sacrifícios espirituais a Deus baseados no nosso próprio mérito é tão repugnante para ele quanto eram aqueles sacrifícios no Antigo Testamento. O que os torna preciosos aos olhos de Deus e doces ao seu olfato é que são oferecidos por meio de Jesus Cristo. Nosso sacrifício de louvor, nosso sacrifício espiritual, é levado para o Pai por meio do nosso grande Sumo Sacerdote, que santifica nosso culto. Sem Cristo, nosso culto não seria aceitável a Deus. É Cristo que torna nossa adoração aceitável e agradável a ele.

A pedra angular

Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra an-

envergonhado. Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes, a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa (v. 6-8a). Pedro leva sua metáfora à conclusão dizendo que essa pedra viva, à qual nós fomos, tem levado os incrédulos a tropeçar. Eles tropeçam em Cristo. Na rejeição deles de Cristo, eles perdem o reino de Deus. A pedra que eles rejeitam foi declarada por Deus pedra angular de sua igreja.

A imagem aqui é novamente de uma igreja sendo construída sobre um fundamento. O hino "O único fundamento da igreja" contém as palavras: "O único fundamento da igreja é Jesus Cristo, nosso Senhor". Não gosto da linguagem usada nesse verso do hino porque, no Novo Testamento, o papel primário de Jesus na construção não é o de fundamento. O Novo Testamento diz que nenhum fundamento pode ser construído exceto aquele que foi lançado em Jesus Cristo, mas ele não é o fundamento. Quando o Novo Testamento fala do edifício, ele fala do fundamento como sendo os profetas e os apóstolos. Foram eles que nos deram a Palavra de Deus, que está estabelecida como fundamento de todo o edifício. Como disse o salmista no Antigo Testamento: "Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?" (Sl 11.3).

Um amigo meu era pastor de uma grande igreja presbiteriana na região de Los Angeles. Alguns anos atrás, enquanto estava num avião rumo a Los Angeles, um terrível terremoto destruiu a parte da cidade em que se encontrava sua igreja. Quando recebeu a notícia, temeu que a igreja tivesse sido destruída e ficou aliviado ao ver que nenhum vidro havia quebrado, nenhuma telha havia caído do telhado e que o edifício não havia sofrido nenhum dano aparente. No entanto, dentro de duas semanas, o prédio foi considerado inseguro para reuniões porque, durante o terremoto, o fundamento havia se deslocado.

Não é nenhum acaso que o maior ataque contra a igreja de hoje seja voltado contra a confiabilidade das Escrituras sagradas. Por isso, é importante permanecermos fiel à Palavra de Deus; ela é o fundamento da igreja, e, se o fundamento é abalado, a igreja não persiste. Os profetas e os apóstolos são o fundamento da igreja, e esse fundamento foi construído com a pedra angular, que é Cristo. Essa pedra de tropeço, essa pedra rejeitada pelos construtores e desprezada pelos homens, é preciosa aos olhos de Deus.

7

UM SACERDÓCIO REAL

1Pedro 2.8b-10

São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos. Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia.

No nosso estudo anterior, refletimos sobre a metáfora de Jesus como pedra viva, que congrega a si um povo também composto de pedras vivas, e por meio desse grupo de pedras vivas a igreja de Cristo é construída. Essa pedra, o fundamento da igreja, é, ao mesmo tempo, uma pedra de tropeço na qual muitos encontram sua ruína. É chamada de pedra de ofensa. **São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos** (v. 8b).

Esse tropeço é causado pela pedra que é Cristo. As pessoas desobedientes à Palavra de Deus são levadas a tropeçar em Jesus, essa pedra de ofensa. Ouvimos de Pedro a mensagem sombria de que elas foram apontadas ou destinadas para isso, como dizem algumas traduções. Encontramos aqui, como já em outros lugares do escrito de Pedro, referências à predestinação, à eleição soberana por meio da qual Deus derrama sua graça sobre aqueles que ele escolheu desde a fundação do mundo. Entendemos também que a doutrina da predestinação é dupla; ou seja, ela envolve não só a eleição, mas também a rejeição. Isso é exposto claramente em Romanos 9, onde

Paulo contrasta o destino de Jacó ao de Esaú. Algumas pessoas entendem claramente que a Bíblia ensina a eleição num sentido positivo, mas a ideia de que ela tenha um segundo lado lhes parece um decreto terrível, diante do qual elas recuam.

Há uma teoria que em latim é chamada *destinare ad pecatum*. A ideia é que, desde toda eternidade, Deus predestinou as pessoas a pecar, que ele determinou seu destino como pecadores para que fossem condenadas. Isso é exatamente o que a doutrina reformada da predestinação não ensina. Antes, ensina que os decretos de Deus da eleição e rejeição foram dados à luz da queda. Deus não considerou antes do início dos tempos uma humanidade não caída, inocente antes da queda, da qual então escolheu alguns para a salvação e outros para a perdição. Em vez disso, como Agostinho ressaltou, quando Deus estava considerando a raça humana, ele a conhecia antes da queda como uma massa perdida, e, dessa massa de pessoas caídas, incrédulas e desobedientes, Deus decidiu soberanamente conceder sua graça salvífica a alguns, permitindo a outros que fizessem o que bem quisessem. Deus simplesmente os ignorou. Nessa equação, ninguém é vítima de uma injustiça divina, mas os redimidos recebem graça, e os não redimidos justiça. As pessoas protestam contra isso, dizendo que Deus está sendo injusto ao demonstrar sua misericórdia a alguns, mas não a todos. No entanto, quando nos queixamos da graça soberana de Deus na salvação, vemos quão graciosa essa salvação realmente é, pois nosso protesto revela o quanto nosso coração é teimoso em relação à majestade e soberania de Deus.

Eles foram designados para um destino de juízo com base na descrença deles – a desobediência deles – porque essa é a conclusão inevitável para todos aqueles que se recusam a se curvar diante de Cristo. Todos os que rejeitam a pedra angular descobrirão que é exatamente essa pedra que os levará a tropeçar eternamente. Como disse um comentarista, é impossível tropeçar numa pedra, a não ser que pelo menos um dedo do seu pé a toque. Pedro está descrevendo aqueles que conheceram o Cristo vivo e tropeçaram nele. Em nítido contraste, Pedro consola aqueles aos quais dirige sua epístola: **Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus** (v. 9).

Sacerdócio real

Frequentemente tomo meu café da manhã num restaurante. Um dos gerentes me cumprimenta com regularidade e pergunta: "Como o senhor está?" Eu respondo: "Estou bem. E o senhor?" Quando ele me responde,

cumprimentos sou lembrado da sua fé no Salvador e da sua compreensão da graça de Deus. É isso que nós somos – um povo abençoado, que recebeu as riquezas da graça de Deus, "uma raça eleita, um sacerdócio real".

Essa é a segunda vez na epístola que Pedro se refere a nós estarmos envolvidos num sacerdócio. Na primeira vez, ele o chamou um "sacerdócio santo" (v. 5). Estudamos isso à luz do entendimento luterano do sacerdócio de todos os cristãos. Aqui, Pedro qualifica o sacerdócio de outro modo. Ele diz que somos eleitos e reais, ou seja, servimos na presença e sob a égide de um rei. Cristo não é apenas nosso Rei, ele é também nosso Sumo Sacerdote, uma afirmação com a qual as pessoas da comunidade judaica lutavam.

No Antigo Testamento, o sacerdócio foi dado à tribo de Levi. Para que alguém pudesse ser ordenado sacerdote, ele precisava ser membro dessa tribo. Jesus não era levita; ele era da tribo de Judá, e a Judá foi dado o reino. Na bênção que Jacó deu aos seus filhos, ele disse:

> Judá é leãozinho;
>   da presa subiste, filho meu.
> Encurva-se e deita-se como leão e como leoa;
>   quem o despertará?
> O cetro não se arredará de Judá,
>   nem o bastão de entre seus pés,
>   até que venha Silo;
>   e a ele obedecerão os povos (Gn 49.9-10).

Leão de Judá tornou-se um título do rei que saiu de Judá. Jesus é esse Rei.

Se Jesus é rei, como ele pode ser sacerdote? Essa foi uma pergunta considerada pelo autor de Hebreus. Ele argumentou que Jesus era sacerdote de outra ordem de sacerdócio. Não era um sacerdote levita, um descendente de Arão. Antes, era da ordem de Melquisedeque. O autor relata o incidente do livro de Gênesis em que Abraão se encontrou com Melquisedeque (14.18-24). Melquisedeque abençoou Abraão, e Abraão pagou o dízimo a Melquisedeque. Segundo Hebreus, isso significa que o superior abençoou o subordinado, e o subordinado entrega o dízimo ao superior. Abraão estava subordinando-se à autoridade desse personagem enigmático chamado Melquisedeque. O autor de Hebreus continua dizendo que, se Melquisedeque era maior do que Abraão, e Abraão maior do que Isaque, e Isaque maior do que Jacó, e Jacó, maior do que Levi, então Melquisedeque é maior do que Levi.

A Melquisedeque são dados um nome e um título (veja Hb 7.1-3). Ele é chamado de Melquisedeque, rei de Salém. O significado do nome Melquisedeque é derivado de duas palavras hebraicas: *melek*, que significa

justiça". Ele era rei de Salém, ou rei da paz. Existem algumas evidências que sugerem que, antes de Jerusalém ser chamada de Jerusalém, a cidade era chamada de Salém. Muitos acreditam que o aparecimento de Melquisedeque no Antigo Testamento foi uma cristofania, uma pré-encarnação do próprio Cristo. O que importa, porém, é que Melquisedeque era sacerdote e era rei e que Cristo recebe seu sacerdócio dessa ordem, e que seu título como rei provém de sua descendência de Judá. Jesus é, portanto, supremamente o rei-sacerdote.

No Antigo Testamento, à parte de Melquisedeque, havia uma distinção muito rígida entre a função do rei e a função do sacerdote. O rei Uzias reinou fielmente durante décadas até assumir o papel de sacerdote e entrar no Santo dos Santos para oferecer sacrifícios. Os sacerdotes ficaram chocados e o repreenderam. Uzias voltou sua ira contra os sacerdotes, e Deus então o castigou com lepra e o removeu de seu trono, e ele morreu em vergonha (2Cr 26). Essa união de reinado e sacerdócio estava reservada para Cristo, nosso Rei e nosso Sumo Sacerdote, que intercede por nós diariamente à mão direita de Deus. Aquele que Deus ungiu como Rei dos reis é, ao mesmo tempo, nosso sacerdote.

No entanto, essa junção de reinado e sacerdócio não termina com Jesus. Pedro nos fornece a afirmação surpreendente que, em Cristo, somos uma raça eleita e um sacerdócio real. Em virtude do fato de estarmos em Cristo, participamos do seu reino. Participamos do seu sacerdócio como aqueles que intercedem pelos perdidos e pelo povo de Deus. Somos uma nação sagrada, santa, consagrada e transcendente. Somos uma nação que se distingue de todas as outras nações que apareceram neste planeta.

Peregrinos

Em pelo menos duas ocasiões anteriores e logo à frente mais uma vez, Pedro chama seus leitores de peregrinos ou forasteiros, chamando atenção para o passado do povo de Israel. Israel havia sido um povo seminômade, que raramente pôde chamar um pedaço de terra de seu lar. A essência da promessa de Deus a Abraão era que o povo se tornaria uma nação e teria uma pátria; eles teriam um lugar permanente, que lhes daria estabilidade. A história de Israel é uma história de instabilidade. Se você ler o jornal de hoje, verá quantas nações têm suas armas de destruição apontadas para Israel. Desde a destruição do templo de Jerusalém em 70 d.C., o povo judaico tem vivido na Dispersão. Ele foi um povo sem lar, um povo sem país até a

Nós, como cristãos, somos um povo sem um país. Na Bíblia nunca há uma equiparação entre o povo de Deus e um nacionalismo específico. O reino de Deus não se limita às fronteiras dos Estados Unidos da América. Ele transcende todas as fronteiras humanas. O reino de Deus está espalhado pelo mundo inteiro, e a razão disso é que os cidadãos desse reino pertencem a um tipo diferente de país, a uma nação santa – ou, nas palavras das Escrituras, a uma nação celestial. Nossa cidadania não pode ser definida pelo nosso passaporte, pois neste mundo permanecemos peregrinos. Nas palavras do antigo hino, "Este não é o meu mundo; estou apenas de passagem"; no entanto, isso não significa que somos um povo sem país. Somos cidadãos de uma nação santa criada por Deus, seu próprio seu povo especial.

A razão pela qual somos uma raça eleita e um sacerdócio real e Deus nos conferiu a cidadania de um país celestial e sagrado é, segundo Pedro, esta: **a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz** (v. 9). Recebemos nossa cidadania com o propósito de proclamar os louvores de Deus. Adorar Deus não significa oferecer-lhe um sacrifício de animal ou uma oferta de grãos, mas o sacrifício de louvor. O louvor a Deus deveria estar em nossos lábios a cada momento, pois os cidadãos desse reino celestial passam a eternidade louvando o Rei dessa nação celestial, cantando com os anjos: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5.12).

Luz e trevas

O contraste entre a luz e as trevas é uma metáfora comum no Novo Testamento. A escuridão é o lugar que a luz não alcança, onde os atos do mal são concebidos e executados. A Bíblia nos diz que, por natureza, somos filhos das trevas. A escuridão é nosso *habitat* natural. Na nossa condição caída, temíamos mais do que qualquer outra coisa que a luz de uma lanterna fosse colocada sobre nossa alma e que nossos pecados fossem revelados ao mundo. Lemos no evangelho de João:

> Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram

a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus (Jo 3.16-21).

Tendemos a interromper nossa leitura no versículo 16. Não levamos em consideração que o outro lado dessa mensagem maravilhosa é o juízo – os homens amam as trevas. A razão pela qual amam as trevas é que seus atos são maus. Quando nossos atos são expostos à luz, eles são expostos pela maldade que os motiva, que é praticada nas trevas, nosso *habitat* natural. Nossa disposição natural em relação a Deus é a indisposição. Temos uma alergia inata às coisas de Deus. Nossa disposição natural é a de não buscá-lo, mas de fugir dele. Desde quando Adão e Eva cometeram o primeiro pecado no jardim, a atividade de todas as criaturas caídas é esconder-se da face de Deus.

No entanto, Pedro diz que Deus nos chamou das trevas para a luz. Distorcemos grandemente as palavras de Pedro no nosso evangelismo quando o interpretamos como que dizendo que estávamos tateando nas trevas como homens cegos até Deus nos chamar para fora da caverna, para a luz do dia, e então exercemos nossa vontade e saímos para a luz. Nenhum ser humano por si mesmo faria isso. Saímos das trevas apenas quando Deus nos chama de maneira eficaz, quando Deus traz a sua luz até nós, como ele o fez no início da criação, quando a escuridão pairava sobre as profundezas. As luzes vieram quando Deus disse: "Haja luz" (Gn 1.3), e as trevas não resistiram à luz que Deus chamou à existência.

Quando você entrar no seu quarto hoje à noite e apagar todas as luzes e fechar as cortinas de modo que nenhum raio de luz possa entrar, sentirá a intensidade das trevas. Então, ligue o interruptor e conte os segundos até a escuridão desaparecer. As trevas não têm o poder de extinguir a luz. Quando você acende a luz, as trevas desaparecem. Deus, em seu chamado pelo poder do Espírito Santo, transformou o seu coração. Se você é cristão, ele transformou o desejo com o qual você nasceu de procurar as trevas e permanecer nelas, e lhe deu um gosto pela alegria e um amor pela luz, de modo que você feliz e de bom grado foi e regozijou-se na luz da presença dele.

O lema da Reforma do século 16 era *ex tenebras lux* "das trevas, a luz". A luz gloriosa do evangelho havia sido encoberta e substituída por um evangelho falso. Quando a luz do evangelho verdadeiro voltou a brilhar, a face do mundo foi transformada. A escuridão fugiu da luz.

Há uma expressão que algumas pessoas usam de modo pejorativo quando descrevem alguém que alega ter se convertido a Cristo: "Ele viu a

gloriosa. Ela expulsa a escuridão da minha alma". Só Deus consegue fazer isso. Ele nos chamou das trevas não simplesmente para a luz, mas para a *sua* luz, e ainda mais: para a sua luz *maravilhosa*. É uma maravilha quando Deus lança sua luz nas trevas da alma humana. Palavras não podem expressar a maravilha de ser tirado das trevas e levado para sua luz.

Então, Pedro chama a atenção para o Antigo Testamento: **vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia** (v. 10). Pedro deve ter pensado na história do profeta Oseias, que foi chamado por Deus para se casar com uma prostituta. Os filhos que dela nasceram receberam nomes significativos para o juízo de Deus contra seu povo:

> Foi-se, pois, e tomou a Gômer, filha de Diblaim, e ela concebeu e lhe deu um filho. Disse-lhe o Senhor:
> Põe-lhe o nome de Jezreel,
> porque, daqui a pouco,
> castigarei, pelo sangue de Jezreel, a casa de Jeú
> e farei cessar o reino da casa de Israel.
> Naquele dia,
> quebrarei o arco de Israel no vale de Jezreel."
> Tornou ela a conceber e deu à luz uma filha. Disse o Senhor a Oseias:
> Põe-lhe o nome de Desfavorecida,
> porque eu não mais tornarei a favorecer a casa de Israel, para lhe perdoar.
> Porém da casa de Judá me compadecerei
> e os salvarei pelo Senhor, seu Deus,
> pois não os salvarei pelo arco,
> nem pela espada, nem pela guerra,
> nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros.
> Depois de haver desmamado a Desfavorecida, concebeu e deu à luz um filho. Disse o Senhor a Oseias:
> Põe-lhe o nome de Não-Meu-Povo,
> porque vós não sois meu povo,
> nem eu serei vosso Deus. (Os 1.3-9)

Todos os judeus conheciam essa história, de modo que, quando Pedro lhes disse: "sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus", eles entenderam que eles, que haviam sido um não povo, haviam se tornado povo de Deus. Aqueles que haviam sido desfavorecidos, que não haviam recebido misericórdia, agora a receberam. É isso que Deus fez por nós. Ele nos chamou das trevas para que fôssemos seu povo e os recipientes de sua misericórdia. Um grande destino.

8

Conduta honrosa

1Pedro 2.11-17

Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma, mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação. Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos; como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus. Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei.

Pedro inicia essa seção chamando seus leitores de **Amados** (v. 11). A NIV traduz o termo como "amigos", que considero uma tradução fraca, pois a ideia vai muito além do nível da amizade humana para uma dimensão mais elevada de sentimento. Essa referência de Pedro aos leitores tem dois aspectos.

Primeiro, o termo refere-se à posição da pessoa diante de Deus. Pedro acaba de nos mostrar que Cristo é a pedra angular principal e a pedra viva; por isso, quando nascemos do Espírito Santo fomos feitos pedras vivas nele. Em todo o ensinamento do Novo Testamento, vemos que Cristo é o Amado, e nós somos amados por extensão. Contanto que estejamos em Cristo e participemos da herança que o Pai lhe dá, nós também participamos desse

nível especial de sentimento que o Pai tem pelo Filho. Assim, o primeiro significado dessa saudação é que Pedro lembra seus leitores – e, por extensão, também nós – que somos os amados de Deus.

Segundo, a saudação contém um elemento de afeto pessoal do apóstolo pelo povo de Deus. Às vezes, refiro-me aos membros da minha congregação como "amigos", mas minha maneira favorita de me dirigir à congregação é "amados". O termo é muito usado no testemunho bíblico.

No livro de Atos vemos alguns dos conflitos na igreja primitiva que se concentravam na maneira como os gentios eram recebidos entre os cristãos judeus. O debate sobre essa questão alcançou níveis sérios, especialmente entre o apóstolo principal aos judeus, Pedro, e o apóstolo aos gentios, Paulo. O debate chegou a convocar o Concílio de Jerusalém em Atos 15. Paulo teve de repreender Pedro pela sua tendência de às vezes ser fraco e de ceder às influências negativas dos judaizantes. No entanto, quando lemos a epístola de Pedro, descobrimos que há muitos paralelos no modo em que Paulo e Pedro abordavam a vida cristã. Uma razão dessa semelhança é que ambos eram inspirados pelo mesmo Espírito Santo. Quaisquer que tenham sido as diferenças que podem ter tido na carne, essas diferenças foram superadas quando se tratou da escrita da Escritura sagrada.

Almas em guerra

No fim de seu ensino doutrinário em Romanos, Paulo escreve: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rm 12.1). Do mesmo modo, aqui Pedro escreve: **exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma** (v. 11). Pedro usou o termo "forasteiros" antes (1.1). No Antigo Testamento, uma das obrigações mais importantes que Deus impôs ao povo judeu era a prática da hospitalidade. Essa prática, um dos imperativos culturais mais importantes dos judeus, baseava-se no fato de que eles, também, haviam sido peregrinos e forasteiros que não possuíam terra. Eles haviam vagado como estrangeiros. E já que eles haviam vivenciado a gentileza e a bondade de outras pessoas, deviam devolver essa graça na forma de hospitalidade. Pedro não permite que eles se esqueçam de que são forasteiros na terra, porque a cidadania real deles é no céu. Pedro ressalta isso porque é da sua cidadania que uma pessoa aprende seus hábitos e costumes.

O comportamento das pessoas caídas jamais deve se tornar o padrão do que é certo e errado. Um grande problema da igreja de hoje é que, mesmo

da maneira que a cultura em que vivem aceita e espera. Devemos nos lembrar de que não pertencemos à cultura. Como escreveu Paulo: "Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente" (Rm 12.2). O modo de obter uma mente nova não é dando ouvidos às pesquisas, mas prestando atenção à mente de Cristo, para que comecemos a pensar como Jesus. Não importa o que os outros fazem ou aprovem, se Jesus não o aprovar, então nós também não devemos fazê-lo. Precisamos nos lembrar de quem somos – cidadãos do céu – e nossa vida deve demonstrar isso quando nos orientamos não pelo mundo, mas pelo céu.

Uma leitura rápida do versículo 11 pode levar uma pessoa a crer que os cristãos são chamados para se comportar em relação a questões sexuais de maneira completamente diferente da dos pagãos. Isso é verdade, e o apóstolo Paulo também ressalta isso, mas o desejo carnal do qual Pedro fala aqui inclui muito mais do que apenas a conduta sexual. Desejos carnais têm a ver com os desejos da *sarx*, que é o termo grego traduzido pela nossa palavra "carne", como um todo. Abster-se dos desejos carnais significa basicamente abster-se dos desejos deste mundo, em obediência àquele do qual recebemos nossa maneira de nos conduzir. Esses desejos carnais, que colocam o sucesso acima da obediência, têm tudo a ver com a natureza corrompida. Paulo descreve isso da seguinte maneira: "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si" (Gl 5.17). Pedro diz que esses desejos carnais – desejos, paixões ou ambições – estão em guerra contra a alma. Eles não representam apenas pedras de tropeço ou interesses rivais, mas estão em guerra contra a alma.

Fico um pouco impaciente quando ouço os pregadores da televisão dizerem: "Venha para Jesus e todos os seus problemas terminarão". Minha vida só se complicou depois que me tornei cristão. Antes de ser cristão, eu fazia o que bem entendia; acompanhava o grupo e o mundo. Quando me tornei cristão, conheci a guerra entre a carne e o espírito de uma nova maneira. Satanás declarou guerra contra nossa alma, e estamos empenhados numa batalha espiritual diária para preservar nossa integridade e obediência a Cristo. Quais são as coisas que lutam contra sua alma? Onde a batalha é travada na sua vida? É a sua ambição? Você precisa comprometer sua integridade para conseguir o que quer ou para alcançar o que deseja? Há uma batalha singular para cada pessoa. Minhas lutas podem ser diferentes das suas, e suas podem ser diferentes das minhas. Cada um de nós entra na vida cristã vindo de um contexto diferente e com cicatrizes diferentes e hábitos profundamente arraigados, de modo que a luta de um homem pode ser um passeio para outro. No entanto, cada um de nós tem sua luta, de modo que

de vez em quando precisamos perguntar: "O que está causando esse conflito na minha alma?"

Jesus expressou um princípio rudimentar quando perguntou: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mc 8.36). Jesus estava recorrendo ao cálculo da economia. Ele estava comparando os benefícios oferecidos pelo mundo com o valor da alma. Se você ganhasse o mundo inteiro em troca de sua alma, valeria a pena? Ele expressou isso também de outro modo: "Que dará o homem em troca da sua alma?" (Mt 16.26). Ele estava usando a linguagem da troca. Temos obras-primas literárias nas quais alguém com um grande desejo por algo encontra Mefistófeles ou alguma outra figura satânica que lhe oferece satisfazer seu desejo em troca de sua alma. Que valor atribuímos à nossa alma? Que preço colocamos na etiqueta da nossa integridade? Se não possuirmos nada – se nossa conta bancária estiver zerada, se perdermos nosso emprego e nossa casa –, ainda nos resta a nossa integridade. Quanto ela vale? Nos conflitos com o mundo precisamos lidar com essa pergunta a cada dia. A integridade não tem preço.

Dia da visitação

Nesse ponto, o apóstolo implora que seus leitores se abstenham não só da tentação sexual, mas de tudo o que guerreia contra nossa alma. Então, ele diz algo um pouco estranho, apesar de se parecer com o que Paulo diz em outro lugar: **mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação** (v. 12).

Uma metáfora usada para descrever as implicâncias das pessoas é a de minas terrestres, que são perigosas e altamente explosivas. A personalidade de algumas pessoas apresenta pouquíssimas minas terrestres e cada uma bem distante da outra. Você precisa conviver muito com uma pessoa assim até encontrar algo que a irrite. Algumas personalidades, porém, produzem minas terrestres a cada passo. Não importa o que você diga, é provável que você provoque sua ira. Nossa conduta deve ser exemplar, de modo que, quando uma pessoa fale mal de nós, isso não produza uma mina terrestre. Não importa como os outros se comportam; o que importa é como nós, como cristãos, nos comportamos. Não podemos controlar o que os outros fazem, mas podemos controlar o que nós mesmos fazemos, e Deus nos responsabiliza por isso.

Ao longo de toda essa passagem, Pedro usa alguma forma da palavra

homens cristãos. Eles se referiam a um de seus colegas como "homem honrável". Isso chamou minha atenção, pois é raro ouvir alguém falar em termos de honra. Muito tempo atrás, o general Douglas MacArthur disse numa palestra: "Dever, honra, país: essas três palavras benditas ditam reverentemente o que você deve ser, o que você pode ser, o que você será". No entanto, a palavra *honra* praticamente desapareceu do nosso vocabulário; ela pertence a uma era passada. No entanto, se você procurar a palavra *honra* numa concordância bíblica ficará surpreso ao descobrir com que frequência ela é usada, até mesmo nos Dez Mandamentos: "Honra teu pai e tua mãe" (Êx 20.12). Honra é mais do que respeito; honrar alguém significa fazer o impossível para demonstrar respeito pela outra pessoa.

Como resultado das suas boas obras, é possível que as pessoas digam algo que, a despeito da hostilidade delas em relação a você e a despeito da falta de dedicação delas a Deus, em última análise dá glória a Deus. Existem muitas instituições religiosas nos Estados Unidos, sendo uma delas o Exército da Salvação. Os voluntários do Exército da Salvação, com seus sinos e panelas no período de Natal, são objeto de zombaria. Mas, quando ocorre um desastre natural, esses voluntários são os primeiros a oferecer sua ajuda. Durante a primeira semana em que estive em Amsterdã, alguns dos meus colegas norte-americanos queriam me mostrar o centro da cidade, a capital europeia da prostituição. As prostitutas ficam expostas em vitrines, quase sem roupas e tentando atrair turistas. A prática é aberta e protegida pelo governo. A primeira vez que vi aquilo, pensei: *Alguém ministra a essas pessoas?* Vi prostitutas em frente a uma igreja e imaginei que o pastor teria de passar por elas para entrar no seu escritório. Enquanto fiquei parado ali refletindo, vi uma jovem mulher atravessar o canal para falar com uma das mulheres. Ela era da *Leger des Heils*, do Exército da Salvação. As únicas pessoas que conheci que prestavam bons serviços às prostitutas eram as mulheres do Exército da Salvação, e aquelas prostitutas sempre falavam com respeito dessa organização.

O apreço das prostitutas pelo Exército da Salvação é uma expressão indireta da glória de Deus, que será glorificado no que Pedro chama de "dia da visitação". Essa é uma expressão um pouco extensa de uma expressão encontrada em todo o Antigo Testamento – "o dia do Senhor", que se refere ao dia em que Deus viria. No início da história profética dos judeus, o dia da vinda de Deus – o dia da sua visitação – era aguardado com grande alegria. Mais tarde, porém, Israel se corrompeu tanto que o profeta Amós disse ao povo: "Ai de vós que desejais o Dia do Senhor! Para que desejais vós o Dia do Senhor? É dia de trevas e não de luz" (Am 5.18).

No Novo Testamento, a palavra *visitar* é formada da raiz da palavra *bis-*

da comunidade militar grega onde, de vez em quando, o general aparecia de surpresa para revistar as tropas. Se as tropas estavam prontas para a batalha, elas eram elogiadas pelo general. Se as tropas não estavam preparadas, elas recebiam o juízo do general. Essa metáfora é usada para descrever o dia da visitação, o dia em que nosso Bispo celestial virá. Quando ele chegar, o que encontrará?

A parábola da viúva persistente começa assim: "Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer" (Lc 18.1). Nessa parábola, Jesus conta a história de uma mulher pobre que era tratada injustamente. Ela procura um juiz para apresentar seu caso, mas o juiz não se importa com ela. Repetidas vezes ele ignora seu clamor até, finalmente, ficar cansado da insistência dela. Para pôr um fim à sua importunação, o juiz ouve seu caso e lhe fez justiça. Então, Jesus disse: "Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?" (v. 6-8). Se ele vier hoje à noite, encontrará fé, pois fomos visitados pelo Bispo da nossa alma, que nos mantém preparados para esse dia da visitação.

Submissão

Então chegamos a uma ligação que sinaliza uma conclusão: **Sujeitai--vos a toda instituição humana por causa do Senhor** (v. 13). Nesse ponto Pedro faz uma transição para uma seção grande sobre submissão a reis, governadores e magistrados civis e sobre a submissão que os escravos devem aos seus senhores e as esposas aos seus respectivos maridos. Voltaremos a falar sobre essa seção como um todo, mas aqui nos concentraremos no comentário introdutório de Pedro: "Sujeitai-vos".

Primeiro, não devemos esperar até sermos obrigados a nos submeter. A submissão é algo que deve ser iniciada por nós e pela qual somos responsáveis. Devemos nos submeter a cada instituição humana. No bairro onde moro há sinais de "Pare" em cada esquina. Alguém gastou muito dinheiro à toa, pois pelo menos oito de cada dez pessoas diminuem um pouco a velocidade, mas jamais param seu veículo. Elas não se submetem à instituição. Um amigo meu – cristão – ignorou um desses sinais quando eu estava com ele no carro, e eu perguntei: "Você não viu aquele sinal?" Ele respondeu: "Vi sim, mas não vou permitir que um pedaço de lata e um pouco de tinta vermelha controle meu comportamento".

Pedro diz que devemos nos sujeitar a todas as instituições do homem, mas

não nos impedem de fazer o que Deus ordena ou nos ordenam fazer algo que Deus proíbe. Nesse caso, não só não podemos, mas não devemos ser submissos. Pedro está falando em termos gerais aqui. É importante observar por que Pedro chega a essa conclusão. Ele nos instrui a nos sujeitarmos às autoridades por causa do Senhor – não por causa de você ou de mim, mas por causa do Senhor.

Para entender isso, devemos ter em mente toda a amplitude do conceito bíblico de obediência, submissão e autoridade. O universo em que vivemos não é uma democracia. Deus não reina por meio de referendos. Foi dito muitas vezes que os Dez Mandamentos não são dez sugestões. Há uma estrutura hierárquica de autoridade no universo, e o topo dessa hierarquia é ocupado pelo Deus soberano, que reina e domina. Ele delegou toda a sua autoridade no céu e na terra ao seu Filho, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Então, no topo dessa estrutura hierárquica do universo está Cristo. Nero, que era rei no tempo em que a epístola foi escrita, encontrava-se sob a autoridade de Jesus, mas ele não se submetia por causa do seu espírito de injustiça, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência.

Satanás é estreitamente identificado com a injustiça. A queda da raça humana no desastre foi resultado do ato de injustiça cometido pelos nossos pais originais – a recusa de Adão e Eva de sujeitarem-se ao Criador. Portanto, toda vez que nos recusamos a nos sujeitar às regras que importunam a todos nós, votamos a favor da injustiça, e toda vez que nos damos ao trabalho de nos sujeitar, somos testemunhas daquele cuja lei está acima de toda lei. Sempre que obedecemos ao nosso chefe, ao nosso professor e aos nossos pais, damos honra a Cristo, que reina sobre todo o universo. É aqui que entra em jogo a palavra *honra*.

Quando éramos estrangeiros ao reino de Deus, andávamos segundo o curso deste mundo. Andávamos segundo o poder do príncipe do ar, segundo os desejos da nossa carne, como todo o restante do mundo. Quando estávamos nessa condição, o Espírito Santo nos reavivou, fez de nós novas criaturas e nos chamou da terra das trevas para a terra da vida. Ele colocou na nossa alma uma nova inclinação, um desejo de agradar a Deus em vez de desobedecer a ele. Assim, quando somos submissos, não estamos agindo de maneira não assertiva, tímida e fraca, mas demonstrando nosso compromisso com o Rei.

9

SERVOS E SENHORES

1Pedro 2.18-25

Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso; porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus. Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos,

> o qual não cometeu pecado,
> nem dolo algum se achou em sua boca;

pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados. Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma.

No nosso estudo anterior, falamos sobre o princípio segundo o qual devemos obediência e submissão àqueles em posição de autoridade sobre nós, e que devemos fazer isso para o Senhor. Uma vez que, em última análise, toda a autoridade pertence a Deus

representa um insulto àquele que é a base de toda autoridade. Depois de nos dar esse princípio geral, o apóstolo Pedro o aplica a situações específicas da vida, a começar por aquela que lida com a obrigação dos escravos ou servos em relação aos seus senhores.

Antes de falarmos sobre isso, devemos reconhecer que a instituição da escravidão é algo que nos repugna justamente. Algumas pessoas ficam acabrunhadas ao encontrar escravidão na Escritura, particularmente no Novo Testamento. O falecido teólogo John Murray disse que o Novo Testamento não legitimiza a escravidão, mas ao mesmo tempo também não a proíbe; no entanto, como disse Murray, todas as sementes para a abolição da escravidão foram plantadas no Novo Testamento. Com isso em mente, analisemos então a primeira aplicação do princípio geral da submissão.

Servos

Servos [ou escravos], sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso (v. 18). Pedro havia acabado de afirmar que somos livres em Cristo, mas fomos libertos para um novo tipo de escravidão – não ao pecado ou a Satanás, mas como servos de Deus. O apóstolo Paulo definiu a si mesmo como um servo de Cristo. A verdade paradoxal é que nunca fomos livres antes de nos tornarmos servos de Deus.

Nesse caso, a aplicação é àqueles que viviam como servos ou como escravos. Pedro os instrui a serem submissos aos seus senhores com temor, ou seja, com todo respeito, não só aos senhores bons e gentis, mas também aos senhores perversos. Poderíamos acrescentar outros qualificadores. O escravo é chamado a ser submisso não só ao senhor perverso, mas também ao senhor injusto e cruel. O fato de o Novo Testamento dizer que é assim que devemos agir não agride suas sensibilidades? Pedro diz: **porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus** (v. 19). Suportar crueldade e dureza por medo ou covardia não é necessariamente louvável. Esse tipo de submissão não obtém o elogio de Deus. Recebemos seu elogio quando fazemos isso por causa da consciência. Se nos submetermos porque estamos tentando honrar o senhorio de Deus, essa submissão é louvável, mesmo em tempos de dureza e crueldade.

Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? (v. 20). Quando sofremos por causa de um mal que praticamos, raramente sofremos com paciência e em silêncio. Mesmo quando sabemos que merecemos o castigo, protestamos contra ele e encon-

Deus diz que não há mérito nenhum em ser castigado pelos nossos erros e em suportar o castigo com paciência. Devemos fazer isso, de modo que isso não deveria exigir nenhuma virtude ou progresso na santificação. **Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus** (v. 20).

Um provérbio cínico afirma que nenhum ato bom permanece impune. Vivemos num mundo em que os ímpios prosperam e os justos sofrem. Quando tentamos agir de maneira ética, é inevitável que soframos injustamente às mãos de pessoas ímpias. No entanto, Pedro diz que, quando fazemos o bem e sofremos e o suportamos com paciência, para Deus isso é louvável.

Vocação santa

Por que Deus dá seu sorriso de aprovação àqueles que sofrem pacientemente quando são vítimas de um tratamento injusto? Pedro nos dá a resposta: **Porquanto para isto mesmo fostes chamados** (v. 21). É a nossa vocação. Quando Deus nos chama para uma tarefa, a nossa obrigação é obedecer a ele. É louvável quando sofremos injustamente e suportamos a dor com paciência porque Deus nos chamou para isso. Muitos pregadores da televisão dizem que Deus sempre deseja cura e prosperidade para seu povo e que, por isso, qualquer dor que possamos sofrer vem de Satanás e nunca da mão de Deus. Isso é uma distorção perniciosa da verdade bíblica. Justamente o contrário é verdadeiro; nossa vocação é um chamado para o sofrimento.

Muitos anos atrás fiz uma série de palestras no MD Anderson Cancer Center em Houston, no Texas, sobre o tema do sofrimento. Uma das palestras que fiz e que foi integrada ao meu livro *Surprised by suffering* [Surpreendido pelo sofrimento] concentrava-se no fato de que o sofrimento é uma vocação. O sofrimento torna-se suportável quando entendemos que nos encontramos naquela condição por causa da providência de Deus e que, nesse momento, ele é nossa vocação. A palavra *vocação* significa "chamado" e provém da raiz latina *voco*. Quando somos acometidos por uma doença terminal, podemos amaldiçoar o destino que nos levou a esse ponto ou podemos vê-la como providência de Deus. Não há nada pior do que sofrer dor e tristeza por razão nenhuma, e é por isso que aqueles sem Cristo também não têm esperança. Para eles, em última análise, a vida é uma experiência de futilidade, mas, se eles têm a alma capturada pela verdade do evangelho, saberão que "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28), de modo que há propósito até mesmo no nosso sofrimento. Talvez seja essa a verdade bíblica mais difícil de aceitar.

Quando o grande sofrimento caiu sobre Jó, ele disse: "Nu saí do ventre

seja o nome do Senhor!" (Jó 1.21). Sua dor tornou-se tão intensa que sua mulher lhe disse: "Amaldiçoa a Deus e morre" (2.9), mas Jó respondeu: "temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios" (2.10). E, quando seu sofrimento perdurou, Jó disse: "Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento" (13.15); e "Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra" (19.25). Essa é a mensagem de Pedro. É louvável aceitar o sofrimento com paciência em primeiro lugar, porque fomos chamados para isso.

Por que somos chamados para sofrer? Pedro responde a essa pergunta: **pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos** (v. 21). A implicação um tanto velada aqui é que o servo não está acima do seu senhor. O homem que escreveu essas palavras sob a inspiração do Espírito Santo é o mesmo que repudiou Jesus com maldições na noite em que Jesus foi traído. Pedro estava lá e viu como Jesus foi levado pela Via Dolorosa até a sua morte. Ele havia se distanciado de Jesus. Aqui, nos seus últimos anos de vida, ele compreendeu que coisa infernal havia sido aquilo, e agora ele é capaz de dizer que somos chamados a sofrer porque Jesus sofreu por nós.

Em meados da década de 60 d.C., Pedro e Paulo foram mortos em Roma por Nero. Pedro foi condenado à morte na cruz. Ele se submeteu a esse decreto, mas fez um pedido: que fosse crucificado de cabeça para baixo, pois acreditava não ser digno de sofrer a mesma morte do seu Salvador. Passou-se muito tempo até Pedro entender o significado de Jesus ter sofrido por ele.

Sofrer injustiça

Pedro acrescenta uma citação: "**o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca**" (v. 22). Todos nós já sofremos calúnia, acusados de coisas das quais não éramos culpados. Como isso é odioso. Lembro-me de um tempo em que eu, ainda menino, estava fazendo uma prova na aula de ciências. No meio do exame, o professor me acusou de colar na prova. Eu me senti agredido e ofendido porque não estava colando. Sofri uma injustiça, e odiei a experiência, mas nunca parei de pensar nas muitas vezes em que eu realmente havia colado sem ser pego. Jesus nunca trapaceou. Jamais houve qualquer dolo em sua boca. Ele nunca pecou. Como alguém poderia justificar a imposição de sofrimento a um homem perfeito? A cruz do nosso Senhor foi a pior injustiça de toda a história da humanidade; no entanto, agradou ao Pai que ele sofresse essa injustiça às mãos dos homens, para que a justiça do Pai pudesse ser satisfeita em favor dos culpados. Deste

Pedro direciona nossa atenção para esse exemplo: **pois ele, quando ultrajado,** não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente (v. 23). Era impossível que Jesus retribuísse o mal com o mal. Seu estilo era retribuir o mal com o bem, e ele nos chama para fazermos o mesmo. Há algo mais difícil? Quando Cristo sofreu, ele não fez ameaças. Em vez disso, entregou-se ao Pai, pois sabia que a vingança era dele e que ele havia prometido vingar seu povo que clamava a ele dia e noite. Quando você é caluniado ou acusado falsamente, não há nada mais doce do que ser vingado, e não há ninguém que consiga vingar como Deus. Jesus sabia disso, mas é muito difícil para nós fazermos o mesmo.

Cada sermão do meu púlpito começa com o pregador como seu alvo. Estamos todos juntos nisso. Eu não me apresento como exemplo à minha congregação; Pedro também não o fez. Pedro apontou para Jesus como exemplo. Ele é o modelo, o exemplo que se entregou àquele que julga com justiça.

Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados (v. 24). Essa última frase é uma citação de Isaías 53 e é a passagem-prova suprema usada pelos membros do chamado ministério Word of Faith [Palavra de fé], aqueles que proclamam que Deus sempre deseja a cura. Alguém disse recentemente: "Não me fale de Epafrodito, do espinho na carne de Paulo ou do estômago problemático de Timóteo. Esses exemplos comprovam apenas o caráter pecaminoso daqueles que não tinham fé o bastante para acreditar que Deus os curaria". As pessoas que adotam essa visão aplicam esse versículo de Isaías de maneira equivocada. Se fôssemos fazer um estudo minucioso da palavra *curar* usando um dicionário teológico, veríamos que a referência primária nada tem a ver com a cura de doenças ou sofrimentos físicos. Tem a ver com ser curado das consequências do pecado. Quando o Servo Sofredor foi chicoteado em nosso lugar, os golpes deixaram marcas terríveis nas suas costas que pareciam listras. Eram listras de castigo, e é por meio dessas listras que escapamos do castigo pelo pecado. A passagem não oferece uma promessa que abrange a cura de doenças.

Pouquíssimas pessoas na história do mundo, independentemente de quanta devoção praticavam ou de quanta piedade exibiam, escaparam da doença final. Enoque foi trasladado; Elias, que caminhou com Deus, não foi. A maioria sucumbiu à sua última doença, pois a cura que está na cruz não é, em relação a doenças físicas, algo que nos foi garantido neste mundo. Acreditamos numa cura completa do corpo na ressurreição final, mas, aqui, Pedro repetindo o ensinamento de Isaías, está falando da cura do castigo

Bispo da nossa alma

Pedro encerra o capítulo com estas palavras: **Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma** (v. 25). A imagem de ovelhas é usada muitas vezes na Bíblia para descrever nosso comportamento. Se você já viu um rebanho de ovelhas soltas, sabe que aquilo é um caos em movimento. Elas não permanecem juntas. Elas correm para lá e para cá e se atropelam mutuamente. Elas se desviam e se perdem. Somos todos assim. Vagamos por todos os lados e não permanecemos no caminho que Deus nos preparou.

Certa vez houve uma ocorrência extraordinária no meio de uma convocação acadêmica num seminário teológico em que eu trabalhava como professor. Essas convocações são comuns no mundo acadêmico. Um estudioso celebrado é convidado, e ele apresenta um artigo ou uma mensagem técnica que explora algum aspecto esotérico da teologia. Isso é parte do protocolo acadêmico. Nessa ocasião, o palestrante se levantou e começou a recitar uma série de títulos: "Messias, Salvador, Senhor, Filho de Davi, Filho do Homem, Filho de Deus, Estrela da Manhã, Rosa de Saron, Emanuel". Ele continuou recitando essa ladainha de títulos atribuídos a Jesus no Novo Testamento durante trinta ou quarenta minutos. Foi esmagador. Podemos cometer o sério erro de ignorar os títulos dados a Jesus.

Aqui, no final de 1Pedro 2, encontramos dois títulos: "Pastor" e "Bispo", ou, como alguns traduzem, "Supervisor". Jesus usa a metáfora do pastor para definir sua identidade. Ele descreve a si mesmo como "o bom pastor" (Jo 10.11). Ele disse: "O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebata e dispersa" (v. 12). O mercenário não é um pastor bom, mas ruim. Jesus, porém, disse:

> Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor (v. 14-16).

"O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" (Sl 23.1). Ele é o bom pastor, constantemente atento ao bem-estar de suas ovelhas.

Jesus confrontou Pedro na praia e disse: "Simão, filho de João, tu me amas?" Pedro respondeu-lhe: "Senhor, tu sabes que eu te amo". Jesus lhe

Pedro entretivesse ou envenenasse suas ovelhas. Jesus ordenou que Pedro alimentasse suas ovelhas.

Um amigo que raramente honrava uma igreja com sua presença certa vez veio à St. Andrew's e ficou durante todo o culto. Depois de me cumprimentar, ele disse: "R. C., hoje fiz parte do seu rebanho"; no entanto, o rebanho não é meu. É o rebanho de Jesus. Ele é o nosso Pastor, e, quando nos perdemos, ele usa seu cajado para nos pegar pelo pescoço e nos puxar de volta para o caminho certo. Pode ser desagradável ser encurralado pelo Pastor, mas seu cajado acaba nos trazendo conforto, pois isso faz parte do cuidado que ele tem por nós.

O outro título que Pedro usa é "Bispo", que, às vezes, é traduzido como "Supervisor". A palavra grega é *episkopos*. A raiz dessa palavra em sua forma substantiva é *skopos*, que gerou a palavra inglesa *scope*, com a qual formamos termos como microscópio, estetoscópio e telescópio. São instrumentos que nos permitem ver coisas pequenas ou muito distantes. Eles aumentam nossa capacidade de visão. O prefixo da palavra *episkopos*, *epi*, intensifica a força da raiz, de modo que um supervisor ou bispo é um "superinspetor". No mundo da Grécia antiga, o *episkopos* era um homem que vinha sem ser anunciado para inspecionar e verificar se as tropas estavam preparadas para a batalha. Caso não estivessem, ele as castigava; se estivessem, ele as parabenizava e recompensava. É assim que Cristo, nosso Bispo, nos inspeciona.

Não conhecemos a condição da nossa alma de um dia para outro, tampouco sabemos o que a nossa alma precisa para avançar para o próximo nível de santificação. Mas nosso Bispo sabe tudo isso, porque seus olhos não estão apenas no pardal, mas nas suas ovelhas. Ele sabe de cada passo que damos e de cada dor que sentimos. Somos chamados para imitá-lo, pois o Pastor nos devolveu ao Pastor.

O hino "The ninety and nine" [As noventa e nove] fala sobre as 99 ovelhas abrigadas seguramente no curral, mas há uma ovelha perdida numa colina distante, longe das estradas de ouro. O hino conta a história do Pastor que procurou salvar essa ovelha perdida. Num sermão, John Guest disse que o hino expressa o extremo oposto do que a igreja liberal expressa nos dias de hoje. A igreja liberal diz que, normalmente, as pessoas não estão perdidas, e as que estão perdidas devem ser deixadas em paz porque, em algum momento, voltarão para casa. A ovelha perdida não sabe como voltar para casa. Ela não sabe onde se encontra o curral, a não ser que o bom pastor vá e a encontre. Existem obras de arte que representam Jesus carregando uma ovelha nos ombros, e essa ovelha somos nós – a ovelha que estava perdida, mas agora foi encontrada.

10

Esposas e maridos

1Pedro 3.1-7

Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor. Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível trajo de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seu próprio marido, como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma. Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.

Mencionamos várias vezes os muitos paralelos entre os ensinamentos dos apóstolos Pedro e Paulo. Um paralelo é seu ensino sobre a submissão como manifestação do nosso crescimento na santificação, e um elemento dessa submissão está no casamento. Aos efésios, Paulo escreve:

Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há

dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama (Ef 5.17-28).

O movimento feminista

Há vários paralelos entre as palavras de Paulo em Efésios e as palavras de Pedro aqui. Ao longo de quase dois milênios de reflexão sobre o texto bíblico, o consenso sobre o conteúdo do ensino tem sido praticamente unânime – ou seja, até o advento do movimento feminista. Desde que o feminismo passou pelo mundo ocidental, essas passagens têm sido atacadas em suas raízes. Agora é argumentado que a interpretação tradicional das passagens tem sido controlada por um chauvinismo aparentemente incurável que tem mantido cativas as mentes dos estudiosos. O movimento feminista proclama a libertação dessas passagens da tirania desse domínio masculino. Pessoas também têm argumentado que o ensino sobre o casamento de Paulo em Éfesios e de Pedro na sua epístola refletem simplesmente os costumes culturais do tempo deles e, por isso, não são válidos para a igreja de hoje. Elas dizem que em vez disso as passagens que exigem submissão da esposa ao marido não são mais aplicáveis.

Há mulheres estudiosas que reivindicam a Bíblia como sua autoridade, mas ao mesmo tempo declaram que esses ensinamentos bíblicos específicos refletem atitudes pecaminosas e chauvinistas que foram impostas à igreja pelos apóstolos. Representantes mais conservadores do feminismo, em vez de desacreditarem os textos bíblicos, procuram reinterpretá-los a fim de torná-los mais compatíveis com os objetivos do feminismo.

O movimento feminista tem muitas dimensões. Um forte protesto que surgiu dentro do movimento tem a ver com a alegação de alguns homens de que a subordinação da esposa ao marido, estabelecida desde a criação, se

legítimo, segundo a Palavra de Deus. Na esteira do feminismo temos visto um protesto contra a desigualdade de salários pagos a homens e mulheres pelo mesmo trabalho. Testemunhamos também como muitas profissões se abriram para as mulheres que, antigamente, pela maior parte lhes eram negadas. Hoje vemos mulheres na política, na medicina, na jurisprudência e numa série de outros ramos que até então estavam fechados para elas. Penso que todas essas coisas são boas e necessárias.

No entanto, o efeito negativo do feminismo no nosso tempo é a forte influência que o movimento exerceu sobre o aborto, que é a maior vergonha moral dos Estados Unidos. Nesse sentido, a influência do feminismo tem sido destrutiva. O feminismo também tem criado um imenso caos nas famílias e nos lares de todo o país. Parece que estamos enfrentando uma luta de poder interminável entre homens e mulheres e entre marido e esposa. Tudo isso tem produzido resultados desastrosos, mas cabe a nós, cristãos, interpretar a passagem não com base nos movimentos contemporâneos ou do que é considerado politicamente correto. Antes, devemos ser sérios ao buscar entender o que a Bíblia ensina e, uma vez que tenhamos entendido, submeter-nos a ela.

Quando eu era menino, minha mãe teria me dado um tapa na cabeça se eu tivesse deixado de abrir a porta para uma mulher ou se não lhe oferecesse meu lugar no ônibus ou em algum outro lugar lotado. Hoje, porém, quando abro a porta para uma mulher, a reação é, às vezes, quase hostil: "Sou perfeitamente capaz de abrir a porta por mim mesma. Não preciso que o senhor faça isso por mim. Sei me virar. Não sou incapaz". Hoje, vemos uma postura rancorosa em relação a esses hábitos antigos. A Bíblia não diz que os homens devem oferecer seus lugares às mulheres ou abrir as portas para elas; esses gestos são costumes culturais. No entanto, aprendi que esses costumes são expressões de respeito, não de uma postura machista. Assim, todas essas coisas se acumularam e influenciaram nossa sociedade.

Em Efésios 5, Paulo diz que devemos "sujeitar-nos uns aos outros no temor de Cristo" (v. 21). Nessa seção de Efésios, as mulheres são chamadas a se submeterem ao marido; os filhos, aos pais; os escravos, aos senhores; e a igreja, a Cristo. Tudo isso é apresentado na forma literária chamada "expressão elíptica". Uma expressão elíptica é um grupo de palavras com certas palavras implícitas omitidas. Talvez o melhor exemplo de um ensino elíptico seja encontrado nos Dez Mandamentos. O quinto mandamento diz: "Honra teu pai e tua mãe" (Êx 20.12). O sentido implícito, apesar de não ser dito de maneira explícita, é a igual importância da frase omitida "Não desonra teu pai e tua mãe". O chamado para honrar carrega a implicação de que não devemos desonrar. Lemos também que não devemos tomar o nome do Senhor,

elíptico que devemos ativamente tratar o nome de Deus como santo. Entendemos isso sem que o texto explicite todas as implicações.

A expressão elíptica é aplicada numa exegese tortuosa de Efésios 5 por aqueles que dizem que o versículo 21 é a frase controladora que explica tudo o que vem depois dela. Em outras palavras, o que é ordenado a um é, por implicação, ordenado igualmente ao outro. Se a esposa deve submeter-se ao seu marido, então o marido também deve submeter-se à sua esposa. Em outras palavras, eles dizem que o que está em vista aqui é a submissão mútua. Chamo isso de exegese tortuosa porque, se a aplicarmos a toda a passagem, não só os filhos devem obedecer aos pais, mas os pais também devem obedecer aos filhos; não só os escravos devem obedecer aos seus senhores, mas os senhores também devem obedecer aos escravos. E o mais ridículo é aplicar essa interpretação à submissão da igreja a Cristo, pois isso significaria que Cristo também deve se submeter à igreja. Nesse caso, passamos do contrassenso para a blasfêmia. Esse é um exemplo perfeito de como o zelo por um movimento cultural distorce a Palavra de Deus.

Outra passagem frequentemente utilizada pelas feministas é Gálatas 3.28: "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus". Elas dizem que distinções culturais entre homem e mulher, judeu e grego e escravo e homem livre são apagadas em Cristo. Portanto, já não existe mais a necessidade de uma mulher ser submissa ao seu marido; ou de um escravo ao seu senhor, etc. Espero que você consiga reconhecer a insensatez desse tipo de aplicação. Aqui em Gálatas, Paulo não quis dizer que todas essas distinções haviam sido completamente apagadas; na verdade, ele continua a fazer essas distinções com frequência. Nos seus escritos, Paulo recorre inúmeras vezes à distinção entre judeu e gentio.

Quando Paulo escreve que em Cristo não há judeu nem grego, escravo nem liberto, homem nem mulher, o que ele tem em mente é a redenção. Em termos de redenção, não há vantagem nenhuma em ser mulher ou homem, senhor ou escravo, judeu ou gentio. Essas barreiras foram derrubadas ao pé da cruz. Os homens são justificados apenas pela fé, e as mulheres também. Os judeus são justificados apenas pela fé, e os gentios também. Os senhores são justificados apenas pela fé, e os escravos também. Esse é o ensino do apóstolo Paulo, confirmado por dois mil anos de interpretação bíblica.

A palavra de Pedro às esposas

Pedro dirige-se às mulheres casadas, algumas das quais com maridos pa-

(v. 1). Paulo escreve o mesmo: "As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido" (Ef 5.22). As esposas não devem se submeter aos maridos de outras, apenas ao próprio. Pedro continua: **para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor** (v. 1-2). Nesse caso, temor significa reverência. A razão prática que Pedro dá para a submissão a maridos, especialmente se o marido não for cristão, é que um espírito submisso dá testemunho da verdade do evangelho.

Paulo dá uma razão ligeiramente diferente para a submissão: "As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, *como ao Senhor*". Observamos anteriormente que todas as coisas são governadas pela autoridade que o Pai deu ao Filho. Toda a autoridade no céu e na terra foi dada a ele, de modo que, quando nos submetemos a qualquer autoridade acima de nós, estamos dando testemunho da autoridade do próprio Deus. Conversei com mulheres sobre isso e disse: "Vocês podem ter dificuldades para aceitar o conceito de serem submissas ao marido, quando pensarem estritamente em termos do homem com que vocês se casaram, mas vocês achariam difícil submeter-se a Jesus se ele fosse seu marido?" Nunca ouvi uma mulher cristã responder que sim, apesar de acrescentarem rapidamente que seu marido não é Jesus. Conseguimos nos submeter a autoridades, sejam elas marido, chefe ou governo, se compreendermos que, na verdade, estamos nos submetendo ao Senhor. Se nos recusarmos a nos submeter à autoridade, estamos nos recusando a nos submeter a Cristo. E isso é algo sério.

Ambos os apóstolos, particularmente Paulo, fundamentam esse princípio de submissão não na cultura do século 1º., mas na criação. Na criação, Deus criou Adão para comandar Eva, mas é já aí que as coisas começam a ficar complicadas. Alguns homens dizem que, já que a submissão marital remete à ordem da criação e não a um costume cultural, isso significa que as mulheres são inferiores. Isso é errado. Somos todos coerdeiros com Cristo. Deus nos criou como homens e mulheres. A posição de liderança é uma divisão de trabalho, e numa divisão de trabalho, ser subordinado não significa ser inferior.

Um artigo central da fé cristã é a codignidade e coeternidade de todos os membros da Deidade. O Filho tem a mesma essência do Pai; em lugar algum, nas Escrituras, o Filho de Deus é representado como inferior ao Pai. No entanto, na economia da redenção, o Pai envia o Filho, o Filho não envia o Pai. Na economia da redenção, Cristo é subordinado ao Pai, mas em lugar algum a Bíblia dá a entender que, por isso, ele é inferior. Na nossa casa, quando decidimos quem lavará a louça depois do jantar, e minha esposa

seja o modo como dividimos a tarefa, nada tem a ver com superioridade ou inferioridade, mas com a estrutura do lar.

O casamento é uma união em que os dois tornam-se uma só carne. Se ninguém ocupar a posição de liderança, se ninguém tiver a última palavra, haverá uma luta eterna pelo poder em que cada um tenta vencer o outro. No filme *My big fat greek wedding* [Casamento grego, no Brasil], um pai se opõe ao homem com quem sua filha pretende casar. A filha pede ajuda à mãe e pergunta: "O que você pode fazer para que o papai permita que eu me case? Afinal de contas, ele é a cabeça da família". A mãe responde: "Sim, mas eu sou o pescoço que faz a cabeça virar".

Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível trajo de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus (v. 3-4). Essa passagem bíblica não está exigindo feiura para que a aparência exterior de uma mulher não oculte qualquer mal que possa haver na sua alma. Antes, Pedro está pedindo que as mulheres não se percam numa manifestação ostensiva de beleza, pois o aspecto mais belo delas é a alma. O que conquista um homem para as coisas de Deus é a pessoa oculta do coração.

Pedro fala de uma beleza incorruptível, um adjetivo que já encontramos outras vezes nessa epístola (1.4,23). Pedro continuamente concentra nossa atenção no que é incorruptível – nesse caso, uma beleza que não é passageira. Pedro diz que essa beleza consiste de "um espírito manso e tranquilo". O livro de Provérbios nos apresenta a imagem de uma mulher briguenta e nos mostra que esse tipo de mulher pode destruir um lar (19.13; 27.15).

Certa vez, Martinho Lutero disse sobre sua amada Katherine von Bora, a qual às vezes ele chamava de Kate e, às vezes, de senhora doutora Lutero, que, se Deus quisesse que ele se casasse com uma mulher meiga, ele teria de esculpi-la de uma pedra. O que ele queria dizer era que a Kate, que era linda e possuía um espírito maravilhoso, não era um capacho. Deus não chama as mulheres para serem capachos, para serem escravas no seu relacionamento com o marido, do mesmo modo que Deus não quer que os homens exerçam tirania no relacionamento com a esposa.

Uma das grandes calamidades dos nossos dias é a epidemia do abuso sofrido pelas esposas. Há muitos pecados que consigo entender, mas não entendo como um homem pode bater numa mulher. Que jamais alguém diga sobre você que permite que sua raiva numa briga doméstica o leve ao ponto de bater na sua esposa. Isso é absolutamente inconcebível. Mulheres que apanharam do marido já me procuraram sem saber o que fazer, e

homem desse tipo é a cadeia, onde ele não tem como bater em mulheres e crianças.

Uma beleza incorruptível se manifesta num espírito manso e tranquilo, mas isso não significa que a mulher esteja proibida de expressar sua opinião. O que Pedro está dizendo aqui é que um espírito manso não é um espírito tempestuoso. Jesus foi o homem mais forte que jamais viveu, mas era adornado com um espírito manso e tranquilo. Pedro diz que esse tipo de espírito é muito precioso aos olhos de Deus. Não se trata apenas de um espírito capaz de levar um homem à verdade de Cristo, mas é também algo precioso para Deus. Deus é o único que consegue enxergar com visão perfeita esse espírito manso e tranquilo na pessoa interior de uma mulher. Ele vê a beleza de sua alma que nenhum homem consegue ver, e ela é extraordinariamente preciosa para ele.

Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus (v. 5). Pedro instrui seus leitores a considerar os exemplos que Deus deu da História, aquelas mulheres santas que, no passado, eram adornadas com essas qualidades: Rute, Ester e Maria, a mãe de Jesus. Essas mulheres santas confiavam em Deus. Elas se adornaram da maneira que Pedro acaba de descrever, **estando submissas a seu próprio marido, como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma** (v. 5-6).

A palavra de Pedro aos maridos

Pedro então exorta os maridos, e novamente comparamos essa exortação com as palavras do apóstolo Paulo, que escreveu: "Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela" (Ef 5.25). As mulheres se exasperam sob a ordem de serem submissas ao marido, mas eu trocaria essa responsabilidade do homem na mesma hora por essa responsabilidade da mulher. Creio que seja muito mais fácil para uma mulher submeter-se ao marido do que para um marido amar sua esposa como Cristo ama a igreja. Não há qualquer traço de egoísmo no amor que Jesus tem pela igreja. Jesus nunca abusou, nunca tiranizou, nunca explorou, nunca menosprezou sua noiva. Quando peço que minha esposa se submeta a mim, estou pedindo que ela se submeta da mesma maneira como estou preparado a dar minha vida por ela.

A Bíblia não diz que os homens devem amar sua esposa se e quando ela se submeter a ele, tampouco instrui as mulheres a se submeterem ao marido

a amar a esposa independentemente de ela se submeter ou não. Ele precisa estar preparado para dar sua vida por ela, mesmo se ela nunca manifestar um espírito manso e tranquilo. A obrigação dele permanece. Ela não pode cumprir a obrigação dele, como ele não pode cumprir a dela.

Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações (v. 7). "Parte mais fraca" não significa "de mente fraca". Pedro está se referindo claramente à força física. Conheço mulheres que são fisicamente mais fortes do que seu marido, mas isso é extremamente raro. Na maioria dos casos, os homens são fisicamente mais fortes do que a esposa. Os homens são chamados para não só amar sua esposa, mas também para respeitá-la e honrá-la.

Honra era o que minha mãe tinha em mente quando ela me ensinou a oferecer meu assento a uma mulher. É uma vergonha que esse costume esteja sendo questionado. Recentemente, vi um senhor idoso descendo a rua. Ele estava usando um chapéu e saudou uma mulher tocando o chapéu com a ponta dos dedos. Ela riu dele. Coisas assim não deveriam acontecer. O homem estava tentando demonstrar honra e respeito. Quando alguém demonstra respeito, não se sinta ofendido. Se alguém procura honrá-lo, não rejeite esse gesto. Honra é uma conduta que deveria ser característica da vida de todo cristão. Devemos ser pessoas que honram os outros.

Se seguíssemos essas instruções simples que a Bíblia nos dá para a divisão de trabalho no casamento, e se ambos os lados procurassem cumprir suas obrigações, creio que os lares não seriam o campo de batalha que são hoje. Seriam o tipo de lugar que Deus ordenou que fossem. O que acontece no lar, dentro da família, é o fundamento da sociedade, razão pela qual a igreja, desde sua fundação, sempre considerou a família uma questão de máxima importância.

Pedro pede que o marido honre sua esposa, porque ambos são herdeiros da graça da vida. Maridos e esposas estão nisso juntos, e, se ambos forem cristãos, eles compartilham uma herança. São coerdeiros com Cristo do reino de Deus. O marido deve dar honra para que sua oração não seja impedida. Novamente encontramos uma elipse. A implicação dessa passagem é que se o marido não ama, honra e respeita sua esposa, esse comportamento impedirá suas orações. Do mesmo modo, se a esposa não se submete ao marido, essa postura também impedirá suas orações. De certo modo, isso significa que Deus não quer ouvir nossas orações se não nos aproximarmos dele como pessoas humildes e submissas.

11

Virtudes cristãs

1Pedro 3.8-9

Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança.

Depois do discurso um tanto longo de Pedro sobre o princípio da submissão à autoridade, ele chega a uma conclusão de aplicação prática, que mais uma vez é semelhante ao ensino de Paulo. Aqui, Pedro oferece cinco instruções para a saúde e o bem-estar da igreja, e elas não se aplicam apenas à igreja do século 1º., mas às igrejas de todos os tempos e lugares.

Unidade

Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes (v. 8). Estudos sociológicos sobre membresia da igreja nos Estados Unidos têm revelado padrões de semelhanças socioeconômicas que atraem as pessoas às diversas denominações. Os sociólogos concluem que a tendência de se juntar a determinada igreja deve-se não tanto à teologia ou doutrina, mas ao conforto que o membro sente dentro do clima social, econômico e político de determinada congregação. Aqui, Pedro nos diz que é absolutamente essencial para a saúde de uma igreja que seus membros tenham o mesmo tipo de pensamento.

Isso não significa que as pessoas devam colocar de lado suas próprias percepções e seus pontos de vista e servilmente acatar tudo em que todos os

outros membros da congregação acreditam. Você espera isso de uma seita, não de uma igreja. Todos nós viemos de contextos diferentes, e levamos perspectivas diferentes para a igreja. Para criar unidade, não é necessário descartar todas essas diferenças. O apelo de Pedro aqui é que os cristãos concordem em pontos essenciais. Devemos compartilhar um Senhor, uma fé e um batismo.

Quando se trata de questões quanto aos adornos para o púlpito e para a mesa da Ceia do Senhor durante o período do Advento, podemos optar por paramentos azuis ou brancos. Se fizéssemos uma pesquisa entre os membros da congregação, alguns prefeririam paramentos azuis; outros, brancos, mas isso não é algo que deva causar divisão; é uma questão de preferência pessoal. Pedro não está falando de questões irrelevantes desse tipo. O que ele está dizendo é que devemos ser unânimes em relação à pessoa e à obra de Cristo. Podemos – e devemos – estar unidos na nossa confissão dos fundamentos da fé cristã, mas há muito espaço para diferenças em relação a questões menos importantes.

Creio que seja seguro dizer que não existem duas pessoas numa igreja que tenham a mesma opinião em relação a tudo. Particularmente no meu trabalho como apologista durante muitos anos, quando me empenhei em discussões e debates com incrédulos, sempre tentei encontrar o que os filósofos e teólogos chamam de *Anknüpfungspunkt*, um ponto de contato.

Quando me envolvi em disputas relacionadas à administração de trabalho, conversei muitas vezes com membros do Partido Comunista Americano, que externamente eram hostis ao cristianismo. Eu perguntava: "Vocês querem ser tratados com dignidade?" Ao fazer essa pergunta, eu era capaz de encontrar algo com o qual todos concordavam. Todos queriam ser tratados com dignidade. Então eu perguntava: "Baseado em que vocês podem ter dignidade? É algo inerente ao ser humano?" Muitos, às vezes todos, diziam que sim.

Eles acreditavam em dignidade humana conquanto ao mesmo tempo acreditassem que haviam surgido do lodo como um acidente cósmico. Acreditavam que tinham vindo do nada e sido destinados, em última análise, para o abismo da falta de sentido, de modo que os dois polos da existência deles – origem e destino – estão arraigados no que Nietzsche chamava de *Nichtigkeit*, nada. Então, eu perguntava: "Se vocês vieram do nada e estão indo para o nada, por que não se veem como nada neste momento?" Eu dizia também que concordava que as pessoas possuem dignidade, mas que a razão pela qual eu acreditava nisso era que o Criador eterno deste mundo, que em si também possui dignidade inerente, atribuiu dignidade à humanidade. Minha crença na dignidade humana não é gratuita. Ela não se fundamenta num desejo ou no capital emprestado do cristianismo, mas na

Pedi que eles pensassem sobre o seguinte: se Deus não existe, a esperança de dignidade deles era nada mais do que o equívoco de um tolo. Eles diziam que possuíam dignidade, mas não podiam citar nenhuma base racional para essa afirmação. Era simplesmente um desejo emocional.

Podemos encontrar pontos sobre os quais concordar com pessoas de todas as posições sociais, mas a visão do mundo que aceitamos como cristãos encontra-se em rota de colisão com o pensamento deste mundo. Quando leio editoriais no jornal, ouço comentários na televisão e assisto a discursos de políticos populares, vejo-me muito mais em desacordo do que de acordo com eles. Você também já observou isso na sua vida? Não devemos ter a mente do mundo. Nosso modo de pensar deve estar baseado na verdade de Deus. Os valores de Cristo deveriam moldar as nossas opiniões.

Conformar nossa mente à mente de Cristo, submetendo-nos à Palavra de Deus é um empreendimento para a vida inteira. A Palavra de Deus nos dá a perspectiva de Deus, e essa perspectiva é radicalmente diferente da perspectiva do mundo. Já que desejamos compartilhar da perspectiva de Deus, e já que nosso pensamento está sendo formado por ela, isso deveria nos levar a uma unanimidade muito importante quando compartilhamos da nossa fé comum na verdade de Deus. A unanimidade que deve caracterizar a comunhão dos santos é tão preciosa que devemos protegê-la com muito cuidado.

Os cristãos não devem acreditar em algo simplesmente porque é o pastor que o está afirmando. Como membros da igreja, como ovelhas de um rebanho, Deus exige que você honre o pastor e leve as palavras dele a sério. Deus o colocou como pastor sobre um rebanho determinado. No entanto, ele é um subpastor, não o Grande Pastor. O pastor não fala com a autoridade ou a infalibilidade de Cristo. Unanimidade deve ser o resultado da submissão à Palavra de Deus, não à palavra do pregador. Mas a unanimidade é algo que devemos cultivar e proteger com zelo na igreja, para que questões menos importantes não destruam a unidade do corpo de Cristo. A maioria das igrejas se separou não por causa de opiniões teológicas diferentes, mas por causa de opiniões divergentes em relação à cor em que deveria pintar o porão. Portanto, a unidade é a primeira virtude para qual Pedro nos chama.

Compaixão

A segunda virtude, diz Pedro, é ter compaixão (sermos compadecidos) uns pelos outros. Outras traduções dizem "ter simpatia uns pelos outros". A ideia aqui não é tanto alguém sentir pena do outro; a etimologia das palavras é mais específica. Ter compaixão significa compartilhar sentimentos comuns.

entanto, somos chamados para sentir a dor e a alegria uns dos outros: "Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram" (Rm 12.15).

Certa manhã de domingo, depois do culto de adoração, um membro da St. Andrew's cumprimentou-me. Quando apertou minha mão, ele a segurou e disse: "Pastor, minha filha está na Força Aérea, e ela está sendo enviada para o Oriente Médio". Ele começou a tremer, e lágrimas escorreram pelo seu rosto. Foi um momento tocante. Senti a dor e a preocupação do pai pela sua filha. Ele estava expressando o que todo pai sente quando o filho ou a filha é chamado para o meio de uma guerra. Ele me disse: "Por favor, ore por minha filha". E eu disse: "Sim, claro". Na St. Andrew's, temos listas com os nomes de pessoas pelas quais oramos com regularidade, mas esse encontro específico foi tão urgente que não consegui pegar no sono durante aquela semana sem antes interceder pela sua filha perante o Senhor. A situação pesava sobre mim porque ele havia me comunicado a intensidade dos seus sentimentos.

Ter simpatia é *pathos*, ou paixão que é compartilhada. Devemos compartilhar as paixões uns dos outros. Temos diversas paixões em relação a uma variedade de coisas, mas a paixão pelas virtudes de Deus é contagiosa. Se um de nós tiver grandes sentimentos de adoração, deveríamos compartilhar isso uns com os outros.

Amor fraternal

Então, Pedro diz, devemos nos amar como irmãos. O amor que nos foi prescrito pelo Novo Testamento é um tipo de amor que transcende o tipo terreno de amor. Nem mesmo o conceito de amor fraternal consegue captar completamente o tipo de amor que devemos ter pelos nossos companheiros cristãos. A família é a metáfora principal que a Bíblia usa para a igreja. Deus é nosso Pai, e nós somos seus filhos adotivos. Se Cristo ama você, e se você está em Cristo, e se Cristo me ama, e se eu estiver em Cristo, o que poderia ser mais natural do que ter na base dessa pirâmide uma ligação de amor entre nós? Devemos amar uns aos outros, mesmo se for pela única razão de termos o mesmo Pai.

Deus me abençoou com uma família que é um lugar de refúgio. Posso confiar na lealdade da minha esposa, da minha filha, do meu filho e dos meus netos em tempos difíceis. Ouço histórias de terror sobre famílias assombradas por deslealdade, competição e disfuncionalidade. Se você vivenciou a lealdade da família, que deveria ser o fundamento da nossa sociedade humana, então você sabe do que Pedro está falando aqui quando diz que devemos amar uns aos outros na igreja, na comunhão com Cristo, como família. Nem sempre concordei com minha irmã, nem ela sempre concordou comigo, mas

Misericordiosos

Também devemos ser misericordiosos. Outras traduções preferem outra palavra aqui, mas a ideia é que, na igreja, deve haver também uma misericórdia compartilhada. Misericórdia é o oposto de dureza. A palavra que Pedro usa não descreve um toque físico, mas instintivo, algo que vem do canto mais profundo do nosso coração. Sabemos o que significa ser gentil, e todos nós conhecemos pessoas que manifestam um grau notável de gentileza. Quando reconhecemos uma pessoa como gentil, estamos reconhecendo um coração misericordioso – não um coração endurecido, mesquinho, descortês.

Lembro-me de quando jogava golfe, como era fazer uma tacada de aproximação no campo. Quando a bola bate na área campo, o jogador quer que ela pare o mais rápido possível para que não role para fora do gramado. Em situações assim, dizíamos que queríamos que a bola aterrizasse como uma borboleta com pés machucados. Quando você tem uma ferida infeccionada faz tudo para que nada toque nela, porque ela é sensível. Esse é o significado da palavra que Pedro usa aqui – um coração que não é duro, cruel ou recalcitrante, mas sensível, gentil e doce. É assim que devemos ser uns com os outros.

Quando Jesus estava com pessoas insensíveis, ele não pedia nada a elas e não lhes dava nada; quando lidava com os fariseus e saduceus, ele não era o Jesus meigo e manso. No entanto, com as pessoas de posição inferior, com os pecadores e publicanos, ele era manso e gentil. Eu era membro do conselho de diretores da Prison Fellowship quando foi fundada, e, numa reunião do conselho, Chuck Colson e eu discutimos o que deveríamos usar como logotipo para o ministério. Algo me ocorreu instantaneamente: uma cana quebrada. Uma cana quebrada é apropriada porque o ministério se dirige a pessoas quebradas e feridas, e Isaías disse sobre Jesus que ele jamais esmagaria a cana quebrada (Is 42.3). A cana quebrada se tornou o logotipo da Prison Fellowship, um talo de trigo curvado, mas não quebrado. Para os presos, a imagem transmite um senso de compaixão. Era esse tipo de pessoa que Jesus tratava com misericórdia.

Corteses[1]

A quinta virtude é a cortesia. Em inglês, a palavra *courtesy* tornou-se uma expressão comum no período elisabetano. Era composta de duas palavras, *court* (corte) e *etiquette* (etiqueta). A etiqueta da corte, abreviada para

[1] Assim na versão da Bíblia que o autor está usando (NKJV); na versão ARA aparece "humildes"; assim

"courtesy", definia a maneira com que honra e respeito deveriam ser demonstrados à família real, e esses princípios de etiqueta eram praticados na corte. Honra e respeito se tornaram os ideais daqueles que serviam à coroa.

Sinclair Ferguson, o grande teólogo escocês, conta a história de uma ocasião em que as princesas Elizabeth e Margaret ainda eram jovens. Elizabeth ainda não havia sido coroada. As irmãs estavam a caminho de um compromisso social, um de seus primeiros como mulheres jovens, e, antes de saírem do palácio, a rainha-mãe disse: "Lembrem-se, garotas, conduta real. Comportem-se como princesas". Infelizmente, a etiqueta tem se tornado uma arte esquecida na nossa sociedade, e as famílias cristãs fariam bem em fornecer aulas de bom comportamento aos filhos.

Vim para o Sul do Nordeste, e durante algum tempo fui professor no Mississippi. Durante aquele tempo, fui convidado para as casas das pessoas, e percebi que as crianças se dirigiam aos pais com "senhor" e "senhora". Observei, na época, que esse tipo de tratamento era incomum no Nordeste. Não era incomum, porém, para um dos meus professores de educação fundamental. Certo dia, esse professor fez uma pergunta a um aluno, e este lhe respondeu: "É". O professor se irritou visivelmente e disse: "Você pode dizer 'é' no pátio do recreio, mas não nesta classe. Quando eu lhe pergunto algo, você deve responder 'Sim, senhor'". Depois de todos esses anos, eu ainda me lembro dessa lição sobre respeito e cortesia.

Tratar alguém com cortesia significa respeitar a pessoa. Devemos respeitar seus sentimentos e sua posição, o que é simplesmente uma extensão do princípio da honra. A ética da igreja diz que devemos honrar os outros mais do que a nós mesmos, o que é um desafio ao que Nietzsche chamou de "a vontade de poder fundamental e primordial que bate no peito humano", segundo a qual os seres humanos estão constantemente tentando conquistar a estima dos outros em vez de oferecê-la. Ao contrário disso, a ética cristã nos ensina a estimar nossos irmãos mais do que estimamos a nós mesmos. Esse é um alto chamado.

Essas cinco virtudes, para as quais somos chamados como igreja, descrevem a igreja ideal. Não somos uma igreja ideal. Nem sempre compartilhamos sentimentos com nossos amigos. Nem sempre somos unânimes. Nem sempre amamos uns aos outros como família, nem sempre somos misericordiosos e respeitosos, mas esses são os valores que Deus ama.

A perspectiva celestial

Então, Pedro passa do positivo para o negativo, dizendo-nos primeiro

pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança (v. 9). Há certa ambiguidade nesse versículo. Podemos interpretar Pedro como se estivesse dizendo que não devemos pagar mal por mal ou injúria por injúria, mas reagir com uma bênção porque somos chamados para abençoar as pessoas. Esse é um modo de interpretar o versículo, dependendo da estrutura da cláusula "pois para isto mesmo fostes chamados". Pedro pode simplesmente ter pretendido dizer que fomos chamados para sofrer injúria, pois o servo não está acima do mestre. Porque eles injuriaram Cristo, eles nos injuriarão, e, quando sofrermos essa injúria como ele, ele nos abençoará, assim como nós devemos abençoar os outros, para que possamos herdar sua bênção. O Novo Testamento repetidas vezes nos conclama a uma perspectiva celestial. Não devemos nos esquecer da herança reservada para nós no céu. O incentivo aqui é que, se pagarmos o mal com o bem e a injúria com a bênção, acumulamos uma herança de bênção.

12

Em busca da paz

1Pedro 3.10-17

Pois
quem quer amar a vida
e ver dias felizes
refreie a língua do mal
e evite que os seus lábios falem dolosamente;
aparte-se do mal, pratique o que é bom,
busque a paz e empenhe-se por alcançá-la.
Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos,
e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas,
mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males.

Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom? Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal.

Pedro havia acabado de nos dar princípios sobre como relacionar-nos uns com os outros na igreja (v. 8-9). Ele nos disse que devemos ter o mesmo pensamento e ter um coração compassivo. Devemos amar com um coração terno e sermos corteses [ou

humildes], não pagando mal por mal ou injúria por injúria. Agora ele chega à conclusão desse tema com uma citação do Antigo Testamento, principalmente dos salmos, que começa: **"quem quer amar a vida e ver dias felizes"** (v. 10). Consideraremos não apenas o conteúdo dessa citação, mas também sua estrutura literária, de modo que possamos ser instruídos por ela de uma maneira que nos será útil quando tratarmos de outras passagens da sagrada Escritura.

Dias felizes

A Bíblia ensina que não devemos nos apegar às coisas do mundo, mas colocar nossa esperança na eternidade; devemos olhar para além dos limites do mundo para a herança celestial que foi reservada para nós. Ao mesmo tempo, não devemos desprezar a vida que temos neste mundo. Quando o apóstolo Paulo se encontrava no dilema entre partir para estar com o Senhor ou permanecer na terra e servir, ele escreveu: "[...] de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne" (Fp 1.23-24). A tensão com a qual o apóstolo lutava não era uma luta entre o bem e o mal, mas entre o bom e o melhor. Ele não estava contrastando o que é muito melhor com o que é mau. Devemos amar a vida. Nosso Senhor disse sobre sua própria missão: "eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10).

Achamos que deveria ser desnecessário ter que dizer às pessoas que elas devem amar a vida, pois, por natureza, fazemos de tudo para preservar a nossa existência. No entanto, isso é apenas parte da história. Henry David Thoreau disse com certo cinismo que a maioria dos homens vive uma vida de desespero silencioso. Uma nuvem de desespero está suspensa sobre nossas cabeças como a espada de Dâmocles, e esse peso é excessivamente pesado e difícil de suportar para aqueles que atravessam a vida sem Cristo e sem esperança. Nós não estamos sem Cristo ou sem esperança, de modo que devemos cultivar na alma um amor pela vida.

Algumas pessoas parecem ter um permanente caso amoroso com a vida. O entusiasmo e otimismo com que enfrentam cada dia são contagiantes, porque comunicam uma paixão de viver a vida ao máximo. É assim que devemos ser como cristãos. Temos uma tendência de definir nossa peregrinação neste mundo em termos de dias bons e dias ruins – "Tive um bom dia no escritório" ou "Tive um dia daqueles" –, mas deveríamos desfrutar de muitos dias felizes, pois estamos em contato com o Autor de dias felizes.

Uma língua refreada

O apóstolo aplica sua admoestação anterior com essa citação do Antigo Testamento referente à instrução de amar a vida e ver dias felizes: "**refreie a língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente; aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la**" (v. 10-11). Isso ocorre na forma de um dístico, duas afirmações. Não há diferença fundamental entre refrear a língua do mal e evitar que os lábios falem dolosamente. Vemos aqui uma técnica literária comum na literatura hebraica, principalmente na poesia. Os livros de sabedoria da Bíblia, como Salmos, Provérbios e Cântico dos Cânticos, apresentam grande parte de suas passagens em forma poética. Enquanto a poesia na nossa língua com frequência apresenta rimas ou algum tipo de métrica, a forma principal da poesia hebraica é o paralelismo. Há vários tipos de paralelismo na poesia hebraica, mas os três principais são: paralelismo sintético, paralelismo sinônimo e paralelismo antitético.

O paralelismo sintético é estruturado de modo que vários versículos se apoiam um no outro para chegar a uma conclusão. Cada verso extrai de vários elementos a fim de criar uma síntese da informação. É um pouco difícil identificar o paralelismo sintético no texto, e essa forma de poesia é menos usada que as outras duas.

O paralelismo sinônimo ocorre quando as duas afirmações de um dístico expressam a mesma coisa de dois (às vezes, três) modos diferentes. Um exemplo de paralelismo sinônimo é a famosa bênção judaica:

> O Senhor te abençoe e te guarde;
> o Senhor faça resplandecer o rosto sobre ti
> e tenha misericórdia de ti;
> o Senhor sobre ti levante o rosto
> e te dê a paz (Nm 6.24-26).

Todas as três afirmações transmitem a mesma ideia. Ser abençoado por Deus significa que ele faz resplandecer o rosto sobre nós; ser abençoado por Deus significa que o Senhor levanta sobre nós a luz do seu rosto; e, quando somos abençoados por Deus, vivenciamos que Deus nos preserva. Ele nos guarda, e, quando ele nos guarda, ele não o faz porque merecemos ser guardados; é uma expressão da sua graça. Quando ele nos guarda, ele está sendo gracioso para conosco. A graça de Deus foi dada aos judeus por meio da paz que ele lhes dava. Assim, todos os versos são praticamente sinônimos.

O paralelismo antitético é comum. Nós o encontramos em afirmações

em tentação; mas livra-nos do mal" (Mt 6.13) é um exemplo de paralelismo antitético. Encontramos esse exemplo no pai-nosso, mas Tiago escreve que Deus a ninguém tenta (Tg 1.13). Já que é absolutamente evidente que Deus jamais tenta alguém, por que pediríamos a Deus que ele não nos deixe cair em tentação? A resposta se encontra no restante do dístico: "mas livra-nos do mal", que é o oposto exato de cair em tentação.

Acho lamentável o fato de que, por causa da tradição de recitar o pai--nosso de determinada forma durante séculos, muitas traduções cedem ao uso popular traduzindo o texto de modo incorreto. O texto original não diz: "livra-nos do mal". Nesse caso, "mal" é o mal no sentido abstrato e exigiria o gênero neutro, mas, no pai-nosso, o termo "mal" ocorre na forma masculina, de modo que sua tradução correta seria: "Não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do *tou ponērou* [maligno]", que, no Novo Testamento, é o título usado para Satanás. Jesus nos incentiva a orar pedindo que o Pai não faça conosco o que fez com Jesus, que ele não nos exponha aos ataques do diabo, mas nos livre do Maligno.

No livro de Jó, Satanás entrou na presença de Deus depois de ter percorrido o mundo inteiro e se gabou dos pecados da raça humana. Deus disse a Satanás: "Observaste o meu servo Jó?" (1.8). Satanás respondeu cinicamente: "Porventura Jó debalde teme a Deus? Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra. Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face" (1.9-11). Essa é a essência do que Jesus nos instrui a orar nessa petição do pai-nosso. Devemos pedir que o Pai coloque uma cerca ao nosso redor, que ele nos cerque com sua proteção e nos proteja das flechas do inimigo. No entanto, reconhecer o paralelismo antitético dessa expressão nos ajuda a entender como a petição é nuançada.

Afirmações desse tipo são encontradas também em todo livro de Isaías. Algumas pessoas têm me dito que elas acreditam que Deus criou o mal, porque a Bíblia assim o diz: "Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas" (Is 45.7). Esse versículo é claramente um caso de paralelismo antitético, de modo que, para entender a primeira parte do dístico, é preciso entender o significado da segunda. Embora haja oito nuanças da palavra hebraica para *mal*, quando Isaías diz que Deus cria o mal, ele não está falando sobre o mal moral. Por meio de Isaías, Deus está dizendo essencialmente que ele é responsável por tudo o que acontece. Não há qualquer indício nessa passagem de que Deus criou o mal moral, fato que pode ser compreendido quando reconhecemos a pre-

Se você quer amar a vida, se você quer ver dias felizes, então refreie sua língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente. A Bíblia preocupa-se muito com o mal que sai da nossa boca. Quando Isaías viu a majestade transcendente de Deus, ele se viu em forte contraste e pronunciou um oráculo de maldição sobre si mesmo: "Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!" (Is 6.5). O primeiro sentimento de culpa de Isaías ao ver a santidade de Deus dizia respeito ao que saía de sua boca, e ele reconheceu que não estava sozinho com essa fala enganosa e corrupta. A nação era um povo de bocas sujas.

Somos chamados a testificar da verdade de Deus e a expressar louvor, honra e glória a ele com nossos lábios. Em vez disso, injuriamos e blasfemamos. Com nossa boca cravamos a faca nas costas dos nossos amigos. Tiago dedica muito espaço na sua epístola a esse "pequeno órgão", dizendo: "Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!" (Tg 3.5). Paulo cita o Antigo Testamento:

> Não há quem faça o bem, não há nem um sequer.
> A garganta deles é sepulcro aberto;
> com a língua, urdem engano,
> veneno de víbora está nos seus lábios,
> a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura. (Rm 3.12-14)

Um modo de reconhecer cobras venenosas, pelo menos de uma variedade específica, é sua cabeça em forma de diamante. Essas cobras são chamadas de "cobras venenosas" porque suas mandíbulas contêm sacos que armazenam o veneno, que a cobra injeta nas suas presas ao picá-las. A picada mortal da víbora, aquela que matou Cleópatra, era usada como metáfora para descrever a boca de seres humanos caídos. Temos veneno na nossa boca. Se quisermos amar a vida e ver dias felizes, precisamos refrear nossa língua. O mal específico em vista aqui é o mal do engano.

O próprio Satanás é chamado de pai da mentira (Jo 8.44). Não há verdade nele. Ele ganha sua vida por meio do engano e da falsidade. Recorrendo à mentira, ele faz de tudo para minar a santidade da verdade de Deus. Quando Pilatos perguntou a Jesus se ele era um rei, Jesus disse: "Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18.37). Cristo define o cristão como pessoa da verdade, e devemos guardar com a nossa vida a santidade dessa verdade. Nosso sim deve ser sim; e nosso não,

confiar no que dizemos. Quando refreamos nossa língua, menos engano passa pelos nossos lábios.

"Aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la" – esse é outro dístico que expressa, mais uma vez, um paralelismo sinônimo. O que é dito no primeiro verso é reforçado no segundo ao dizer o que é um sinônimo virtual. Num sentido geral, o versículo 11 nos diz que alguém que queira amar a vida e ver dias felizes deve não só refrear a língua, mas também apartar-se do mal. Temos aqui uma metáfora de extravio. Paulo escreveu: "todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (Rm 3.12). O padrão básico dos seres humanos não convertidos é seguir o caminho deste mundo. Esse modo de viajar significa afastar-se de Deus. Pedro nos diz que, se quisermos ter uma vida boa, precisamos nos voltar para a direção oposta. Precisamos nos afastar do mal, não nos aproximar dele. Observe, porém, que se apartar do mal não basta; somos chamados para fazer o bem. É bom ser acusado de ser um "benfeitor", pois fomos chamados para isso – para nos apartar do mal e fazer o bem.

Buscar a paz

Pedro reforça isso: "Busque a paz e empenhe-se por alcançá-la". Isso não significa simplesmente que devemos ser pacíficos. Devemos buscar a paz, e essa busca não é um empreendimento casual. É uma busca caracterizada pela paixão. Essa busca deve vir de um coração que arde pela paz. Buscar a paz envolve persegui-la.

Tenho uma foto minha tirada numa manhã de Natal durante minha infância. Na foto, estou sentado num avião de brinquedo na frente da árvore de Natal. Aquele avião, meu presente preferido daquele ano, era chamado de "avião de perseguição". Um avião de perseguição era usado pela Força Aérea não só para fugir do inimigo, mas também para persegui-lo. Essa imagem reflete a linguagem que Pedro usa aqui. Devemos buscar a paz perseguindo-a ativamente, não simplesmente tentando não a impedir. Devemos persegui-la.

Nosso Senhor disse: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5.9). A paz que devemos buscar é a paz de Cristo, a paz de Deus. Há uma paz falsa, e existem pacificadores falsos. Certa vez, Adolf Hitler disse aos seus colegas: "Podemos mentir para as pessoas agora, porque depois da nossa vitória, elas o esquecerão". O grande negociador Neville Chamberlain foi até Munique para buscar a paz com

paz no nosso tempo". No mesmo momento em que ele fez essa declaração, Hitler estava preparando seu *blitzkrieg*.

A Bíblia nos adverte contra um tipo de comerciante da paz, alguém que busca uma paz que Lutero chamou de "paz carnal", que é a paz da carne e que não tem integridade. Vemos esse tipo de paz nos falsos profetas dos dias de Jeremias, sobre os quais Deus disse: "Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz" (Jr 6.14). Há uma paz falsa. Às vezes, não queremos causar problemas ou perturbar a paz, mas ninguém jamais perturbou a paz tanto quanto o Príncipe da paz, cuja mera presença bastou para provocar uma guerra espiritual. Devemos buscar a paz, mas a paz que buscamos é a paz divina, não a paz da carne.

"Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas, mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males" (v. 12). Esse dístico também é sinônimo. Diz, em primeiro lugar, que os olhos do Senhor estão observando o seu povo. Seu olhar está sobre nós – não um olhar distorcido, mas um olhar carinhoso. Não se trata do olhar fixo que destrói, mas do olhar que edifica. O olhar de Deus repousa sobre os justos, e os seus ouvidos estão atento às suas orações. Quando as crianças não querem ouvir o que alguém lhes diz, elas cobrem os ouvidos com as mãos. Temos aqui quase a mesma imagem. Deus tampa seus ouvidos com o dedo quando os ímpios falam, mas ele presta atenção às orações do seu povo. Tiago diz: "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg 5.16). A oração pode muito, porque Deus dá ouvidos às orações do seu povo.

É apropriado que essa seção particular do texto termine com uma afirmação politicamente incorreta. Alguns anos atrás, durante um debate na Convenção batista do Sul, perguntaram ao diretor da convenção se Deus ouve as orações dos incrédulos. Sua resposta foi "não" – realmente uma resposta volátil. É radical afirmar que não devemos incentivar pessoas ímpias a orar, porque as orações dos ímpios são um insulto para Deus. Essas orações não vêm de corações contritos, mas de corações que buscam interesses próprios. Eles dirigem seu apelo a um mensageiro celestial e fazem seu pedido. Deus fecha seus ouvidos para esse tipo de oração e esconde sua face dos ímpios.

Quando Israel caiu em apostasia, Deus disse: "Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer. E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados" (Am 5.21-22). Deus não se deixa escarnecer e ele não

se dirigem a ele. No entanto, se você orar a ele com um coração penitente num espírito de adoração, ele ouve tudo o que você diz, porque as orações do seu povo lhe agradam, e suas ofertas são para ele um doce aroma e uma fragrância de beleza.

Devemos ser pessoas que amam a vida e veem dias felizes, mas precisamos estar atentos à nossa boca e afastar-nos do mal. Devemos buscar e perseguir a paz, sabendo que Deus está ansioso por ouvir a pessoa justa e derramar suas bênçãos sobre seu povo. Essas são as coisas práticas que Pedro coloca diante da igreja do século 1º., uma igreja que sofria, mas que também tinha uma sede insaciável pela glória de Deus.

13

Apologética

1Pedro 3.15-16a

Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor.

Os estudiosos usam a expressão técnica *locus classicus* para determinadas passagens da Escritura. O termo é simplesmente uma maneira fantasiosa de chamar atenção para o que é considerado o lugar clássico de uma passagem específica usada para fundamentar uma doutrina. A disciplina da apologética tem seu lugar clássico e bíblico em 1Pedro 3.15. Apologética tem a ver com fornecer uma defesa intelectual das verdades afirmadas pelo cristianismo.

Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração (v. 15). A primeira cláusula do versículo 15 fala da responsabilidade de cada cristão em relação ao seu coração. O que está em vista não é a mente, mas o coração. Lemos no Antigo Testamento: "Como imagina em sua alma, assim ele é" (Pv 23.7). O conceito judaico nessa passagem não é simplesmente que nossos pensamentos determinam como vivemos; o que está em vista aqui é o tipo de pensamento que vai além do intelecto e alcança o núcleo da nossa humanidade, que é o nosso coração. Há muitas coisas que aceitamos com nossa mente, mas que nunca alcançam a dimensão mais profunda do nosso coração. Portanto, o que professamos compreender com nossa mente não é o que determina como vivemos; o que determina nossa vida é o que penetra

Há cerca de 25 anos colaborei com meu mentor John Gerstner na autoria de um livro acadêmico no campo da apologética, intitulado de *Classical apologetics* [Apologética clássica]. O livro envolvia também estabelecer a posição histórica que os cristãos devem tomar para defender as reivindicações de verdade do cristianismo. A segunda parte do livro apresentava uma crítica a um movimento do século 20 que rejeitava a apologética clássica e procurava substituí-la por uma nova abordagem. O livro provocou bastante discussão no mundo intelectual. Defendo uma visão minoritária da apologética na comunidade reformada contemporânea; no entanto, a minha visão foi a visão majoritária na história da igreja.

No início daquele livro, fiz uma declaração paradoxal: quando se trata da fé cristã, devemos afirmar a prioridade do coração e da mente. Isso parece ser uma contradição; como é que duas coisas podem ocupar o mesmo lugar de prioridade máxima? Eu me dei o trabalho de qualificar essa afirmação paradoxal explicando que cada um deles é prioridade máxima em sentidos diferentes. Em última análise, é a postura do nosso coração em relação às coisas de Deus que pesa mais do que a ortodoxia da nossa teologia. Assim, embora a prioridade do coração seja a primeira em importância, a prioridade da mente é a primeira na sequência. Em outras palavras: a verdade de Deus não consegue chegar ao coração se, antes, ela não for processada pela mente. Nosso coração não pode aceitar o que a mente considera ininteligível. É importante fazer essa distinção, pois, se divorciarmos o coração da mente e tentarmos alcançar o coração evitando a mente, o que nos resta é um emocionalismo cego sem conteúdo válido.

Há muitas tentativas de fazer exatamente isso na adoração contemporânea, de apelar às emoções sem reflexão. Alguns dizem que não importa no que cremos, basta termos um sentimento caloroso no nosso coração por Jesus. Algumas pessoas já me disseram: "Não tenho crença senão Cristo. Não importa o que você crê enquanto você aceita Jesus". Essa bolha estoura assim que perguntamos: Quem é Jesus? No mesmo instante em que tentamos responder a essa pergunta e dizer algo inteligível sobre a identidade de Jesus, já estamos envolvidos num processo de reflexão, e a nossa mente já entrou no jogo.

A prioridade do coração sobre a mente é formulada nessa passagem, em que a primeira coisa que o apóstolo diz é que devemos santificar nosso coração para o Senhor. *Santificar* significa "separar" ou "consagrar num ato de dedicação". O apóstolo Paulo nos instrui a apresentar nosso corpo como um sacrifício vivo (Rm 12.1); aqui, o apóstolo Pedro diz que a primeira coisa que precisamos fazer é voltar nosso coração para Jesus em devoção.

Sempre preparados

Pedro continua: **estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor** (v. 15-16a). Pedro nos diz que devemos estar sempre preparados. Num sentido, o lema de Pedro se parece muito com o lema dos escoteiros: "Sempre alerta". Nosso preparo deve nos deixar prontos para defender e oferecer uma razão pela esperança que há em nós. Quando formos acusados perante magistrados, quando formos acusados por causa da nossa fé, devemos estar preparados para explicar por que cremos e no que cremos. Se seu vizinho disser: "Percebi que você é cristão. Em que você acredita?" você estaria pronto para explicar não só no quê, mas também por que você crê?

Alguns cristãos respondem àqueles que perguntam que simplesmente damos um salto de fé sem nos importarmos com a credibilidade ou o caráter racional das pretensões de verdade da Bíblia, mas essa resposta é contrária ao ensino dessa passagem. O único salto de fé que devemos dar é o salto das trevas para a luz. Quando nos tornamos cristãos, não deixamos nosso cérebro no estacionamento. Somos chamados para pensar segundo a Palavra de Deus, buscar a mente de Cristo e um entendimento das coisas reveladas na Escritura sagrada. A Bíblia é um livro grande, e eu creio que cada palavra dele foi inspirada por Deus, o Espírito Santo. Em última análise, o autor desse livro é Deus. Ele o deu para nós para que fosse compreendido, e não podemos compreendê-lo se fecharmos a mente ao estudo cuidadoso dele.

Pedro diz que devemos estar preparados para dar a razão da nossa esperança. No original grego, a palavra é *apologia*, que na nossa língua quer dizer "justificar", "sustentar defesa oral ou por escrito". Todo cristão deve estar preparado para fazer isso.

A história da apologética

A ciência da apologética começou no Novo Testamento quando o apóstolo Paulo ia a cada cidade nas suas viagens missionárias. Primeiro, procurava a sinagoga e também o mercado, e ele discutia com as pessoas e proclamava as verdades do cristianismo. Ele fazia uma defesa da fé. O exemplo mais claro disso foi quando Paulo estava em Atenas e foi ao lugar de reunião dos filósofos no Areópago. Lá, discutiu com os estoicos e epicureus, os filósofos da época, e se envolveu num debate intelectual com eles.

No século 1º., depois que os apóstolos saíram da cena, a ciência da apologética foi desenvolvida ainda mais, e isso prosseguiu no século 2º. Jus-

importantes. Seu escrito mais famoso tinha o simples título *A apologia*, que ele dirigiu ao imperador Antônio Pio. Na época, a apologética era, em primeiro lugar, uma atividade defensiva para defender a igreja contra falsas acusações que estavam sendo feitas pelo Império Romano contra os cristãos.

Nos dias de Justino, os cristãos eram acusados de serem ateus, porque não aceitavam o politeísmo pagão de Roma ou o culto ao imperador. A recusa deles de adorar o imperador fez com que fossem acusados de sedição, de serem traidores do Império. Também eram acusados de canibalismo. Corriam boatos de que os cristãos se reuniam para devorar o corpo e o sangue de uma pessoa, o que nada mais era do que uma séria distorção da celebração da Ceia do Senhor.

Justino Mártir esclareceu em que a igreja cristã cria, e ele disse ao imperador que os cristãos não eram ateus, mas teístas dedicados. Ele explicou que os cristãos criam num Deus que é um e não muitos, diferentemente da religião mitológica do panteão romano. Justino Mártir disse que, apesar de os cristãos não adorarem César, eles eram escrupulosamente obedientes ao magistrado civil. Pagavam seus impostos e oravam por aqueles que reinavam sobre eles. No entanto, ele disse, eles não viam César como deidade, pois Jesus é Senhor. Explicou também a natureza da Ceia do Senhor, que nada tinha a ver com canibalismo.

Assim, a primeira tarefa dos apologistas da igreja primitiva era corrigir equívocos e distorções que eram espalhadas sobre o cristianismo. Além disso, Justino Mártir e outros apologistas discutiram com os grandes filósofos do pensamento grego e desenvolveram uma defesa positiva e racional das reivindicações de verdade do cristianismo.

O maior titã da teologia no primeiro milênio foi Agostinho. Ele labutou para defender o cristianismo contra filósofos pagãos e para demonstrar a superioridade intelectual do cristianismo sobre o neoplatonismo, o maniqueísmo e outros rivais filosóficos da fé. Na sua defesa, Agostinho falou sobre o papel da razão na fé cristã e disse, por exemplo, que a revelação de Deus é completamente incompreensível se não for apreendida pela mente. A razão é parte integral da constituição do ser humano, que foi feito à imagem de Deus. Deus pensa, e suas criaturas também são chamadas para pensar de modo claro e correto.

Agostinho não acreditava que a razão pura tinha o poder de escalar as alturas das verdades eternas sem a ajuda da revelação de Deus. Ele disse que dependemos da revelação de Deus para toda compreensão da verdade, seja ela a verdade bíblica, teológica ou científica. Agostinho argumentou que dependemos tanto da revelação de Deus para entender as verdades da ciência quan-

equipados com os órgãos necessários, com nervos ópticos e semelhantes, que nos permitem ver as coisas. Tudo de que precisamos para enxergar foi incluído na nossa estrutura humana, mas sem a manifestação externa da luz não conseguimos enxergar nada. Portanto, disse Agostinho que o cristão deve aprender o máximo possível sobre o máximo de coisas possível, pois toda verdade é verdade de Deus, e a revelação de Deus não se limita às páginas da Escritura. A própria Escritura nos diz que Deus se revela na natureza e por meio dela.

Eu costumava perguntar aos meus seminaristas: "Vocês creem que a revelação bíblica é infalível?" Todos eles levantavam o braço. Então eu perguntava: "Vocês creem que a revelação que Deus dá por meio da natureza é infalível?" Ninguém levantava o braço. Então eu os lembrava de que toda revelação é revelação de Deus. Como sua revelação poderia ser falível? Ela não é falível quando vem por meio da Escritura. E ela é igualmente infalível quando vem por meio da natureza. Nós somos falíveis, Deus não.

Fé e razão

Agostinho falou também sobre o fato de que o Novo Testamento trata da fé em distinção da razão. Como diz o autor de Hebreus: "A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem" (Hb 11.1). Há uma distinção entre fé e razão, mas essa passagem bíblica fala da fé como algo de substância. A fé da qual falam as Escrituras não é algo vazio; não é efêmera. Ela é substancial, e ela é a substância das coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem. "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus" (Hb 11.3). Há certas coisas nas quais acreditamos mesmo sem ter conhecimento completo sobre elas. Não temos evidências científicas de que o universo foi criado pela palavra de Deus. Temos o testemunho da Escritura, mas nenhum de nós foi testemunha ocular da criação. Não vivenciamos isso de primeira mão, de modo que cremos pela fé que o que a Bíblia diz é verdadeiro. Agostinho lutou com isso e disse: "Seria isso, então, irracional?"

Depois de uma cirurgia no joelho, recebi um diagnóstico negativo, e o cirurgião me informou que eu precisaria trocar meu joelho por uma prótese. Pedi a opinião de outros médicos, alguns dos quais recomendavam a cirurgia, e outros não. Já que não sou especialista em medicina, procuro obter a opinião de especialistas e, em algum momento, preciso confiar neles. A cada dia, todos nós precisamos confiar em fontes de verdade que não podemos verificar pessoalmente.

No entanto, é sensato confiar em Deus quando ele nos diz algo para o qual não temos evidências verificáveis? A resposta, que é crucial para a

integridade da revelação de Deus. Não consigo imaginar nada mais irracional do que elevar nossa visão à condição de árbitro final da verdade. Deus demonstrou em sua Palavra e na História que ele é absolutamente confiável. Agostinho disse que nós confiamos em coisas que não vemos com uma aceitação provisória; em outras palavras, confiamos até que a ideia seja provada falsa. No entanto, a fé é baseada em evidências confiáveis.

Na sua obra clássica *Institutas da religião cristã*, João Calvino fez uma defesa da Bíblia como Palavra de Deus. Ele dedicou um capítulo às razões pelas quais a igreja crê que as Escrituras vêm de Deus. Ele chamou essas razões de *indicia*, as indicações de que algo possa ser verdadeiro. A palavra que usamos é *evidência*. Calvino disse que o coração do homem se opõe tanto à verdade de Deus que, a despeito das evidências esmagadoras, ele se recusa a se submeter a ela. A não ser que o Espírito Santo use essas evidências e abra os nossos olhos para a verdade, nós não nos submetemos. Esse ponto ressaltado por Calvino é de importância vital. Ele disse que, quando o Espírito muda a disposição da nossa alma e nos tira das trevas que nos mantiveram reféns contra a verdade de Deus, nós então não passamos a crer contra as evidências, mas a aceitá-las. O Espírito nos leva à submissão ao que é objetivamente verdadeiro.

John Warwick Montgomery, um apologista luterano, conta a história de um homem chamado Charlie, cuja esposa tentou tirá-lo da cama para que ele fosse trabalhar. Charlie recusou-se a sair da cama e disse: "Não posso ir trabalhar hoje porque estou morto".

Sua esposa disse: "Charlie, esta é a desculpa mais ridícula que você jamais deu para fugir do trabalho. Você está absolutamente bem. Agora, saia da cama e vá trabalhar".

Ele continuou protestando, dizendo: "Não posso. Estou morto".

Não importava o que dissesse, a esposa de Charlie não conseguiu convencê-lo de que ele estava vivo e bem. Então, ela ligou para o médico, e este veio e conferiu todos os sinais vitais dele e disse: "Charlie, você está vivo e bem. Agora, você precisa sair da cama e ir ao trabalho".

Charlie disse: "Sinto muito, doutor. Mas seus instrumentos estão errados. Estou morto, e sei disso".

O médico tentou encontrar uma maneira de convencer Charlie de que ele estava vivo, e finalmente disse: "Charlie, quando uma pessoa morre, o coração para de bater, e quando o coração para de bater, o sangue deixa de circular pelas veias. Pessoas mortas não sangram".

O médico levou Charlie à sala do médico-legista, onde enfiou uma agulha num cadáver para provar a Charlie que os mortos não sangram. Depois, o mé-

Charlie respondeu: "Sim, o senhor demonstrou isso para mim".

O médico disse: "Venha cá, Charlie, dê-me seu dedo", e o médico furou o polegar de Charlie com uma agulha, e o polegar de Charlie começou a sangrar. "E agora, o que você me diz, Charlie?"

Charlie olhou para seu dedo sangrando e disse: "Olha só! Afinal de contas, mortos sangram sim!"

É isso que João Calvino quis dizer quando falou sobre a diferença entre prova e convicção. A prova pode ser absolutamente convincente, mas por causa da dureza do coração, as pessoas não se submetem a ela.

Visões concorrentes

Hoje em dia, há três escolas de pensamento concorrentes em relação à apologética. Uma visão, amplamente difundida em círculos evangélicos, normalmente entre os arminianos, é chamada de "evidencialismo". A posição evidencialista está fundamentada na percepção sensorial. As evidências em favor da existência de Deus são elevadas a um patamar tão alto que apenas um tolo se recusaria a reconhecê-las. O evidencialista alega que as evidências racionais e empíricas em relação à existência de Deus são tão esmagadoras que a probabilidade de Deus existir é astronômica. Não há razão legítima para rejeitá-la à luz da abundância de evidências. No entanto, por mais dramáticas que essas evidências possam ser, elas não conseguem provar logicamente a existência de Deus num sentido absoluto.

Os apologistas clássicos, por outro lado, desde Tomás de Aquino a muitos outros ao longo das eras, como Benjamin Warfield, Charles Hodge, J. H. Thornwell e Robert Dabney, acreditam que as evidências para a existência de Deus são convincentes e que é preciso optar pela irracionalidade para negar a existência de Deus. Essa era a abordagem de Anselmo e de outros, e é também a minha. Eu acredito que a existência de Deus não é apenas altamente provável, mas também absolutamente convincente em termos lógicos.

A terceira visão, o pressuposicionalismo, tem conquistado a lealdade de cristãos reformados em toda a América do Norte. Ela alega que a única maneira de se chegar à conclusão de que Deus existe é em primeiro lugar pressupondo que Deus existe. Todas as pessoas têm pressuposições com base nas quais elas elaboram seus processos de pensamento, e, por isso, a pressuposição piedosa para começar é a existência de Deus. A Bíblia não procura provar a existência de Deus. Ela simplesmente declara que ele existe no primeiro versículo das Escrituras Sagradas: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). Até mesmo argumentar com base na natureza e

de um tipo de humanismo que exalta a mente humana acima da Palavra de Deus. Essa é a visão de alguns círculos reformados contemporâneos, e trata-se de um círculo em torno do qual eu não estou disposto a dançar.

Razão

Pedro diz que, depois de santificarmos o Senhor Deus no nosso coração, devemos estar preparados para oferecer uma *apologia*, uma defesa, a todos que nos pedirem a razão da nossa esperança – não um sentimento, mas uma razão. Essa questão tem se tornado tão confusa nos nossos dias que alguns tradutores modernos optam por "palavra" no lugar de "razão". A palavra que Pedro usa é *logos*, a palavra grega muitas vezes traduzida como "palavra" ou "verbo", como no início do Evangelho de João: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). O texto latino fornece a palavra *rationem*, que significa "razão", porque uma das traduções de *logos* é "razão". Nossa palavra *lógica* provém da palavra grega *logos*.

O falecido Gordon Clark, um filósofo cristão do século 20, chegou ao ponto de traduzir o preâmbulo do Evangelho de João do seguinte modo: "No princípio era a lógica, e a lógica estava com Deus, e a lógica era Deus". O que ele quis ressaltar era que a racionalidade vem de Deus, que Deus é um ser racional e que ele interage com seu povo de uma maneira racional.

Há pouco tempo, eu me envolvi numa controvérsia séria com um professor que ensinava que a verdade bíblica não pode ser compreendida por meio da razão, mas apenas por meio de um tipo de intuição mística. Essa é a posição defendida pelos gnósticos heréticos dos séculos 2º. e 3º. Eles acreditavam que sua apreensão mística da verdade era superior à dos apóstolos, porque os apóstolos se apoiavam na mente. Esse apoio na mente é criticado por alguns que dizem que, se você confiar na mente para entender o conteúdo da fé cristã, você cedeu à heresia do racionalismo.

Perguntei a esse professor: "Quando você fala sobre o racionalismo, o que está querendo dizer? Você está falando sobre o racionalismo cartesiano do século 17? Está falando do racionalismo do Iluminismo do século 18? Está falando do racionalismo hegeliano do século 19, que deificava a razão?" Ele desconhecia totalmente esses tipos radicalmente distintos de racionalismo. Dizer que você é racionalista, porque o cristianismo é racional simplesmente não procede. Você pode ser racional sem ser racionalista, assim como você pode ser humano sem ser humanista ou como pode existir sem ser existencialista ou pode ser feminina sem ser feminista.

Baseando-nos na Escritura, jamais devemos nos afastar do princípio

irracional ou ilógica. Afirmar que a Palavra de Deus é irracional, contraditória ou absurda significa acusar o Espírito Santo de falar com uma língua ambígua. Como disse Pedro: "(...) não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade" (2Pe 1.16). O que eles haviam testemunhado era a bem fundamentada verdade da Palavra de Deus, que é inteligível e sensata e pode ser aceita por qualquer pessoa sensata. Somos conclamados a oferecer uma apologia – uma razão pela qual cremos – e, como veremos, devemos fazê-lo com mansidão e temor, não com um espírito arrogante ou um coração frio.

Quando estava no seminário, li um livro escrito por um apologista angelicano. O livro continha um capítulo sobre o que ele chamava de "a traição do intelectual". Ele ressaltou que a crise de fé na igreja de hoje não se deve ao fato de os ateus terem retirado Cristo dos lugares em que não podemos vê-lo, mas porque professores cristãos traíram seu Senhor. A resposta a isso não é entregar a racionalidade da fé aos céticos e aos cínicos, mas enfrentá-los cara a cara e demonstrar a insensatez deles.

14

Sofrimento

1Pedro 3.15-20

Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal. Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água.

No nosso estudo anterior, analisamos a clássica passagem do Novo Testamento para a ciência da apologética, que têm ocupado grande parte do esforço intelectual da igreja durante dois mil anos. Vimos que a responsabilidade de dar uma resposta e uma razão para a esperança que há em nós a qualquer momento não é algo que cabe apenas aos estudiosos acadêmicos e teólogos; todos nós precisamos estar preparados para dar a razão da nossa fé. Devemos saber não só o que cremos, mas também por que cremos, de modo que possamos explicar essa razão àqueles que nos perguntam. Pedro nos diz também que devemos dar essa resposta com **mansidão e temor** (v. 16).

Não consigo ler essa passagem sem me lembrar de uma discussão que tive muitos anos atrás com um professor de filosofia. Ele duvidava que fôssemos capazes de apresentar uma razão significativa para a existência de Deus. Na nossa discussão, apresentei argumentos clássicos para a existência de Deus que eu acreditava serem convincentes. Finalmente ele me disse: "Bem, não posso discutir com você, mas você é um valentão intelectual". Fiquei surpreso com sua observação. Ele tinha boas credenciais acadêmicas, e eu não achava que ele pudesse sentir-se tão intimidado. Mesmo assim, fiquei incomodado, e foi então que percebi que nossa defesa da fé precisa ser feita com gentileza e mansidão. Obviamente, eu não havia sido gentil o bastante para o seu gosto naquela ocasião, e me senti repreendido pela sua acusação.

Quando nos envolvemos em debates e discussões, às vezes somos dominados pelo calor do momento e geramos mais calor do que luz. No entanto, ao mesmo tempo em que somos chamados para oferecer uma razão somos chamados também para fazê-lo com mansidão e temor, **com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal** (v. 16-17). Não devemos ser insultados por uma conduta má, mas por uma boa. Quando somos difamados por causa de Cristo, isso envergonhará os difamadores.

O sofrimento de Cristo

Quando Pedro introduz o tema do sofrimento pela causa do bem, ele imediatamente chama a nossa atenção para o sofrimento do nosso Senhor: **Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água** (v. 18-20). A linguagem de Pedro novamente lembra-nos do ensino do apóstolo Paulo, que escreveu que Cristo tomou sobre si o nosso castigo, dando àqueles que creem a recompensa que acompanha sua justiça. Uma vez que Deus exige castigo pelo pecado, ele recebe satisfação não de nós, os injustos, mas de Cristo, o Justo, para que Deus possa ser ao mesmo tempo "justo

Deus é justo no sentido de que não fecha os olhos ao pecado humano. Ele é justo porque exige o castigo pelo pecado para cumprir toda justiça, e essa justiça foi alcançada pelo próprio Cristo. É por meio da sua justiça que somos considerados justos aos olhos de Deus. A única base para a nossa justificação, agora e para sempre, é a imputação da justiça de Cristo a todos os que creem. A justiça pela qual somos justificados é o que Lutero chamou de *iustitia aliena*, uma justiça alheia, uma justiça que, estritamente falando, não é nossa. Ela vem *extra nos*, de fora de nós. Falando corretamente, ela pertence apenas Àquele que é justo, mas é precisamente essa justiça alheia que Deus imputa a nós quando colocamos nossa confiança em Jesus.

As palavras de Pedro "vivificado no Espírito" podem ser traduzidas também como "vivificado *pelo* Espírito", de modo que podemos nos perguntar se elas se referem ao espírito humano de Jesus ou ao Espírito Santo. Outra questão diz respeito à cláusula "no qual também foi e pregou". Não há debate sobre o fato de que Jesus, em algum momento e de alguma maneira, pregou a alguém. Pedro diz que ele pregou "aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes" e então faz uma referência aos "dias de Noé". Assim, essa passagem dá origem a várias perguntas: Que espírito está em vista aqui, o espírito humano ou o Espírito Santo? Quem são os espíritos em prisão? O que a prisão indica, ou, onde fica essa prisão? Quando ocorreu essa missão de pregação? Por fim, por que essa missão de pregação foi realizada? Cada uma dessas perguntas é respondida de vários modos pelos estudiosos da Bíblia. A minha opinião quanto ao sentido dessa passagem é compartilhada por uma minoria. Apresso-me a acrescentar que a maioria das opiniões sobre essa passagem representa uma minoria, já que não há uma opinião majoritária em relação a essa passagem. No entanto, pelo modo como a interpreto, faço parte de uma minoria da minoria.

Grande parte da discussão sobre essa passagem é provocada por uma cláusula do Credo apostólico: "Ele [Jesus] desceu ao inferno". Essa cláusula, a *Descensus ad Infernos*, não fazia parte dos primeiros manuscritos do credo. Sua ausência nesses manuscritos mais antigos é a razão pela qual muitas igrejas a marcam com um asterisco. Calvino acreditava ser correto dizermos na nossa confissão de fé que Jesus desceu ao inferno; no entanto, sugeriu que a ordem ou a sequência das frases fosse alterada da seguinte maneira: "[Jesus] padeceu sob Pôncio Pilatos e foi crucificado, desceu ao inferno, morreu e foi sepultado". Calvino argumentava que houve uma descida real ao inferno, mas que ela não ocorreu depois da morte de Jesus ou entre sua morte e ressurreição, mas na cruz. Calvino e outros não aceitavam uma descida posterior ou uma descida entre a morte e a ressurreição por-

Ele usou a palavra *tetelestai*, uma palavra usada pela linguagem comercial da época, que indicava que o último pagamento havia sido feito. Já que não havia satisfação a ser feita além daquela feita na cruz, não havia necessidade de Jesus sofrer outro castigo.

A segunda razão pela qual o protestantismo clássico não acredita que Jesus foi ao inferno entre sua morte e sua ressurreição é que a Bíblia diz claramente onde ele estava. Seu corpo humano estava no túmulo, e sua alma humana estava com o Pai. Ao expirar, Jesus disse: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46).

Ao longo da História, alguns têm adotado a teoria da "tricotomia", segundo a qual o ser humano é composto de uma natureza tripla que compreende corpo, alma e espírito. Praticamente todas as vezes em que essa doutrina antropológica tem surgido na história da igreja, ela foi usada para transportar alguma heresia. Em todo caso, se você acreditar na dualidade e não na tricotomia, não existe parte de Jesus que possa ter ido ao inferno entre a cruz e a ressurreição, porque as Escrituras dizem claramente onde ele estava.

A King James new version da Bíblia diz que, enquanto Jesus foi morto na carne, ele foi "vivificado *pelo* Espírito", que, como já mencionamos acima, pode ser interpretado também como "vivificado *no* Espírito", desse modo distinguindo entre o corpo e a alma ou, nesse caso, o espírito de Jesus, de modo que ele sofreu a morte no corpo, mas não no espírito. Tenho um problema com isso, pois o espírito de Jesus não precisava ser vivificado; já estava vivo. Se isso for uma referência ao espírito humano de Jesus, isso indicaria uma compreensão incorreta do que aconteceu com Jesus na sua morte, algum tipo de morte de espírito juntamente com uma morte física. Não creio que seja isso o que Pedro queira dizer aqui. Penso que ele está se referindo ao Espírito Santo, de modo que o poder pelo qual Jesus foi ressuscitado dos mortos foi o poder do próprio Espírito Santo. Isso é coerente com o que as Escrituras ensinam em outros lugares, que ele foi ressuscitado pelo Espírito de Deus.

Espíritos em prisão

O que segue disso torna-se mais emaranhado. Pedro acrescenta: "[...] no qual [i.e., no Espírito Santo] também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes". Há dúvidas em relação à identidade desses espíritos e a que se refere essa prisão. A maioria dos comentaristas interpreta a prisão como referência ao inferno ou, no míni-

postulou a tese segundo a qual Jesus foi ao inferno para pregar o evangelho aos pecadores presos ali para que estes pudessem se arrepender e ser salvos. Mais tarde Agostinho objetou contra isso porque o Novo Testamento ensina que temos apenas uma oportunidade: "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo" (Hb 9.27). O protestantismo histórico não acredita numa segunda oportunidade depois da morte.

No final do século 16, um dos principais teólogos da Igreja Católica Romana, o cardeal Robert Bellarmine, disse que acreditava que Jesus tinha ido ao limbo dos pais para libertar os santos presos nesse estado preservado. Supostamente, o limbo não é uma parte rigorosa do inferno, mas um lugar às margens do inferno, não alcançado pelas chamas da dor. A ideia era que Jesus foi ao limbo para pregar o evangelho aos fiéis do Antigo Testamento, que tiveram de esperar até o tempo de Cristo para entrar no céu. Essa visão é, naturalmente, também rejeitada pelo protestantismo clássico que, acredita, como Paulo expõe na sua carta aos romanos, que no momento em que uma pessoa deposita sua confiança em Cristo, ele se encontra num estado de graça justificadora. Para defender sua posição, Paulo voltou até Abraão, que foi considerado justo no momento em que creu na promessa de Deus (Rm 4.3). Nós acreditamos que os santos do Antigo Testamento foram para o céu, não para uma sala de espera. O princípio é que Deus aplica a obra de Jesus tanto no passado quanto no futuro. Eles creram na promessa futura; nós confiamos na promessa cumprida.

Meu amigo John MacArthur e eu raramente discordamos quanto a questões de interpretação bíblica, mas discordamos em relação a essa passagem. MacArthur acredita que ela se refira a uma missão que Jesus fez aos anjos maus, encarcerados desde suas atividades ímpias nos dias de Noé. Lemos nos primeiros capítulos de Gênesis como os filhos de Deus se casaram com as filhas dos homens e produziram uma raça de pessoas corruptas (Gn 6.2). O doutor MacArthur interpreta a passagem de Gênesis como indicando um casamento real entre seres celestiais e seres terrenos. Discordo do seu raciocínio nesse ponto. Acredito que "filhos de Deus" em Gênesis refira-se aos descendentes da linhagem de Sete, que preservaram sua integridade, e aos descendentes da linhagem de Caim, que eram corruptos. As genealogias de Gênesis nos informam as diferentes linhagens e destacam fortemente suas diferenças até o momento em que os filhos de Deus se casaram com as filhas dos homens. A linhagem obediente casou-se com a linhagem profundamente corrupta, e o mundo inteiro foi lançado em corrupção.

Quanto aos espíritos em prisão, as pessoas discutem se eles são espíritos angelicais, as almas de fiéis justos ou almas de pessoas más e ímpias.

fazê-lo, quero mencionar que grande parte da especulação sobre essa passagem baseia-se no fato de que a referência a essa missão de pregação de Jesus ocorre depois da referência à sua morte. Por ser mencionada depois, a suposição automática é que ela precisa se referir a algo que ocorreu em algum momento após a sua morte; no entanto, a passagem não afirma isso. Como veremos, isso será de importância crucial.

Isso também é defendido com base em que essa referência ocorre depois da referência ao sofrimento na carne, mas esse seria um caso em que o argumento prova demais, porque a missão de pregar aos espíritos na prisão é mencionada depois da ressurreição. Vemos o sofrimento na carne, depois Cristo é vivificado pelo Espírito e, então, temos a menção da sua missão de pregação aos espíritos em prisão. Se fôssemos seguir a lógica de que essas coisas aconteceram nessa sequência, teríamos de dizer que sua pregação não ocorreu entre a morte e ressurreição de Cristo, mas depois. Muitas pessoas concordam que isso aconteceu depois da ressurreição e, talvez, entre a ressurreição e a ascensão. Outros argumentam que teria acontecido na ascensão. Continuamos sem saber quando essa pregação realmente aconteceu. Sugiro que a passagem não nos diz. Ele simplesmente menciona que Jesus pregou aos espíritos em prisão pelo mesmo Espírito que o ressuscitou dos mortos.

A quarta opção em relação quanto a quem Jesus pregou apresenta algumas dificuldades. Quando imagino Jesus pregando pelo poder do Espírito, a primeira coisa que me vem à mente é seu sermão inaugural na sinagoga, quando ele leu uma passagem do profeta Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim" (Lc 4.18). Depois de ler a passagem, Jesus disse: "Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (v. 21). No seu batismo, Jesus foi ungido pelo Espírito Santo e capacitado para seu ministério na terra, e, enquanto esteve na terra, ele voltou a maior parte da sua atenção para seu próprio povo, Israel. Quando João Batista foi jogado na prisão, este enviou uma mensagem perguntando: "És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?" Jesus respondeu: "Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho" (Mt 11.3-5). Quando Jesus enviou essa mensagem a João Batista, na verdade, estava lhe dizendo que relesse Isaías 61. Se lermos Isaías 61, veremos que a essência da tarefa do Messias era pregar liberdade aos presos, aos perdidos de Israel. Portanto, é possível que Pedro, ao escrever ao povo judeu, tenha pensado em pessoas vivas. Os espíritos em prisão não são pessoas mortas, mas vivas, não pessoas no inferno, mas

A Bíblia usa o termo "espírito" para referir-se a pessoas vivas. Nós mesmos fazemos isso quando chamamos pessoas vivas de "almas". Dizemos coisas como: "Não havia uma única alma no evento de ontem à noite". De fato, quando Deus deu vida a Adão com seu sopro, o homem se tornou um *nephesh* ou *pneuma* – um espírito vivo. Já que a Bíblia se refere a pessoas chamando-as de espíritos, pessoas vivas que estão escravizadas ao pecado certamente podem ser chamadas de "espíritos em prisão".

No entanto, há uma dificuldade com a referência àqueles que haviam sido desobedientes nos dias de Noé. Isso pode significar que a condição de estar sendo mantido cativo pelo pecado possa ser remontada aos dias de Noé, quando os homens se tornaram ímpios e os pensamentos do coração deles eram continuamente maus, o que levou Deus a castigar o mundo com o dilúvio. Então, por meio da proclamação de Noé, oito foram salvos, mas por meio da pregação de Cristo a essas pessoas, que estiveram presas durante um milênio, elas foram redimidas. O contexto em que Pedro escreve sobre essas coisas encoraja-nos, dizendo que nosso sofrimento é usado por Deus como testemunho da justiça e que ele é acompanhado pelo Espírito Santo para realizar os propósitos da redenção, da mesma maneira que nosso Senhor, que foi ressuscitado pelo Espírito, foi e pregou e produziu tanto fruto.

Não estou preparado para dizer com toda certeza que é isso que Pedro queria dizer, mas a ambiguidade da linguagem dessa passagem não exige que cheguemos a uma conclusão de que ela deve se referir a algum tipo de pregação pós-ressurreição no inferno a anjos ou a pessoas mortas. Pode ser que sua referência primária seja ao ministério terreno de Jesus. Essa é uma passagem em relação à qual estou aberto a correção e refutação, e, quando encontrar o apóstolo na glória, vou ser um dos primeiros a perguntar-lhe o significado dessas palavras tão enigmáticas.

15

Por meio da ressurreição

1Pedro 3.20-22

A longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes.

A parte final de 1Pedro 3 tem um significado profundo na história da igreja. Somos primeiro instruídos a estar preparados para dar uma resposta ou apologia e uma razão para a esperança que há em nós. Vimos que essa é a passagem clássica na qual a ciência da apologética foi baseada. Depois, estudamos uma passagem extremamente difícil sobre a pregação de Cristo aos espíritos perdidos em prisão. Vimos como ela tem sido relacionada a várias interpretações históricas sobre a descida de Cristo ao inferno e a vários outros ministérios atribuídos a ele, seja depois da sua ressurreição ou até mesmo antes do seu nascimento. A passagem que temos agora diante de nós também apresenta muitas dificuldades, mas ela tem exercido uma influência enorme sobre o desenvolvimento de muitas ideias no decorrer da história da igreja.

A longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, a qual, figurando o batismo, agora também vos salva (v. 20-21).

redentores no Antigo Testamento por meio da salvação de Noé e sua família na arca e o que veio mais tarde por meio do sacramento do batismo. A experiência na arca é vista como tipo ou símbolo do que viria mais tarde.

Os dias de Noé

Nos dias de Noé, Deus era paciente. Naquele tempo, Noé era, como escreveu o apóstolo Pedro, um "pregador da justiça" (2Pe 2.5). Depois da construção da arca, vieram as chuvas, e as águas cobriram o mundo inteiro, e Pedro diz que oito pessoas foram salvas por meio da instrumentalidade da água. Se lermos nas entrelinhas, podemos ver que, muito provavelmente, existiam muitas pessoas que conheciam Noé e ouviram sua pregação, mas que não deram ouvidos à sua advertência quanto ao juízo vindouro de Deus. Podemos supor também que alguns daqueles que morreram no dilúvio ajudaram Noé na construção da arca. Nessa referência histórica há uma lição para nós: tendemos a nos apegar à nossa insensatez e a adiar para mais tarde o necessário arrependimento para o qual Deus nos chama, esperando que o tempo nos dará outra oportunidade. Essas pessoas, algumas das quais até mesmo ajudaram Noé, e todas as outras que zombaram dele morreram nas águas; porém Noé, assim nos é dito, foi salvo juntamente com outras sete almas através da água.

As oito pessoas poupadas na época do dilúvio foram Noé e sua esposa e seus três filhos com suas respectivas esposas. Alguns comentaristas têm historicamente visto simbolismo até mesmo no número de pessoas salvas do dilúvio, "oito" sendo o número de suprema perfeição para o povo judeu. Normalmente, o número sete é considerado o número de consumação ou perfeição, mas na Antiguidade algumas pessoas viram que o número sete era ainda mais aperfeiçoado e completado pelo oitavo número. Acreditavam que havia sete planetas no céu, que representavam o perfeito número de sete, mas, quando o sol é somado aos planetas, o total era oito. Mais tarde, alguns argumentaram que, depois da ressurreição, o sábado como Dia do Senhor deveria ser comemorado no oitavo dia da semana, e não no primeiro. Esse tipo de especulações numerológicas não exerceu grande impacto sobre a história da igreja; em sua maioria, foram tentativas um tanto frívolas.

A ideia de que essas oito almas foram salvas através da água tem se tornado um conceito controverso na teologia histórica. A salvação descrita como tendo ocorrido através da água dá a entender que a água foi o instrumento da salvação de Noé e sua família. Se você considerar a história de Noé, verá que, para aqueles que pereceram, a água foi a causa de sua destruição. Foi o instrumento da ira divina contra um mundo que havia

destruíram o mundo carregaram a arca na qual a família de Noé estava abrigada e a levou à segurança. Observe que, com referência ao batismo, Pedro não diz que os oito foram submersos na água. Aqueles que foram submersos morreram. Aqueles que foram carregados acima da água foram salvos.

Causalidade

O filósofo grego Aristóteles aplicou sua investigação científica ao tema da causalidade. O que leva uma coisa a influenciar outra? O estudo das relações causais é fundamental para todo o empreendimento científico. Quando você adoece e procura um médico, espera que o médico descubra a causa da sua doença. Até que descubra a causa do seu desconforto, ele não poderá lhe prescrever um tratamento. Aristóteles percebeu que havia várias dimensões nas atividades causais. Sua ilustração mais famosa envolvia a criação de uma estátua a partir de um bloco de mármore. A causa material da estátua é a pedra, ele disse. Sem o bloco de mármore, é impossível criar uma bela estátua. É preciso que exista algo físico que permita a criação de uma estátua, e assim Aristóteles atribuiu uma "causalidade material" ao bloco de mármore. A seguir, ele identificou o que chamou de "causa eficiente", ou seja, a causa que de fato provoca a transformação da pedra bruta numa bela estátua. A causa eficiente é a atividade do escultor, que faz seu trabalho artístico para formar o bloco de pedra em estátua. Há também a "causa formal", que Aristóteles definiu como a ideia na mente do escultor. O escultor não atacou a pedra sem objetivo, trabalhando a pedra aqui e ali, mas tinha alguma ideia, talvez até um esboço num pedaço de papel, de como ele imaginava o produto final. E a "causa final" ele definiu como propósito para qual a estátua foi feita. Talvez tenha sido criada para a bela casa de um patrício ou para um mausoléu ou até mesmo para alguma igreja. E entre todas essas causas identificadas por Aristóteles, ele falou também da "causa instrumental". No caso simples da produção da estátua, a causa instrumental é o instrumento que o escultor usou para transformar a superfície da pedra e produzir a bela estátua – um cinzel e o martelo.

Aqui, com a causa instrumental, tocamos em algo que afeta o cerne da teologia cristã. Uma pergunta teológica de importância central para a Reforma protestante do século 16 foi: Qual é a causa instrumental da nossa justificação? A Igreja Católica Romana havia declarado que a causa instrumental da nossa salvação era o sacramento do batismo. Por meio do batismo, diz a igreja, a graça salvífica é administrada. A pessoa é purificada e levada a uma condição de justificação.

Os protestantes se revoltaram contra um sistema teológico chamado "sa-

dos sacramentos administrados pela igreja. A Reforma protestante insistiu que a causa instrumental da justificação não era o batismo, mas a fé. Quando o Novo Testamento diz que nós somos justificados pela fé, essa palavra "pela", às vezes traduzida como "por meio de", é o dativo instrumental que indica o meio pelo qual uma pessoa é ligada a Cristo.

Os reformadores não viam a fé como a causa meritória, embora algumas pessoas pensem que os protestantes ensinem isso. Fé é apenas o instrumento pelo qual somos ligados a Cristo e recebemos todos os benefícios da sua obra. Foi com base na passagem de 1Pedro 3, que a Igreja Católica Romana chegou à conclusão de que as pessoas são salvas pelo poder instrumental do batismo. A passagem diz que Noé e sua família foram salvos através da água, e claramente a água foi o meio pelo qual Noé e sua família foram salvos. No versículo 21, Pedro diz que há um antítipo que agora nos salva, que é o batismo. Assim como a água foi o instrumento que Deus usou para salvar Noé e sua família, do mesmo modo o batismo é agora o instrumento que Deus usa para nos salvar. Você pode ver como essa passagem foi importante para o debate sobre se somos salvos pelos sacramentos ou pela fé.

Dentro da igreja?

Então, a trama se intensifica dramaticamente. No século 3º., um dos pais mais importantes da igreja era Cipriano. Ele escreveu um livro sobre a unidade da igreja, e ele é famoso por duas afirmações que persistiram ao longo dos séculos. Uma delas é: "Aquele que não tem a igreja como sua mãe não tem Deus como seu pai". Muito mais importante é a fórmula expressada por Cipriano, que, ao longo dos séculos, tem sido conhecida simplesmente como fórmula cipriana: *extra ecclesiam nulla salus*. Sua tradução literal é: "fora da igreja não há salvação". Cipriano não estava falando da igreja invisível, sobre a qual Agostinho escreveria mais tarde, mas da igreja visível. A tese de Cipriano era esta: você pode ser salvo apenas como membro da igreja visível. Ser membro da igreja visível, que, nesse caso, era a Igreja Católica Romana, era uma condição necessária para a salvação. Cipriano disse que é tão necessário estar dentro da Igreja Católica Romana visível quanto foi necessário estar na arca nos dias de Noé para ser salvo. Essa ideia da necessidade de estar dentro da igreja visível persistiu durante séculos.

O santuário da St. Andrew's, onde eu sirvo, foi construído na forma de uma cruz. Se você a visse do alto, reconheceria a estrutura em forma de cruz do edifício. A seção central da igreja é chamada de "nave", e é essa parte central que simboliza a arca, o lugar da salvação. Assim como Noé e sua família foram salvos por uma nave marítima, nós também somos salvos

A rígida fórmula de Cipriano, que exige que você seja membro da igreja visível para ser salvo, tem sofrido modificações significativas ao longo da história da igreja. Uma das mais importantes foi realizada numa *allocutio* pelo papa Pio IX, durante o Concílio Vaticano Primeiro, em 1870. Esse foi o concílio em que a doutrina da inerrância do papa foi definida. Dezesseis anos antes disso, o papa havia articulado a doutrina segundo a qual as pessoas precisavam estar dentro da igreja para que fossem salvas, com exceção daquelas que estavam impedidas de entrar por uma "ignorância insuperável". Segundo Roma, depois da Reforma do século 16, gerações de protestantes foram criadas com as doutrinas do protestantismo e ignoravam as doutrinas ensinadas pela Igreja Católica Romana. Estavam tão ofuscadas pelos seus equívocos, que a ignorância delas era considerada invencível, insuperável. A distinção que o papa Pio IX fez foi entre a ignorância insuperável e o que ele chamou de "ignorância superável". A ignorância superável pode e deve ser conquistada ou superada. No entanto, ele reconheceu, há uma ignorância que está tão profundamente arraigada, que nem mesmo pessoas honestas e inteligentes conseguem vencê-la, de modo que ele fez uma provisão por um tipo de inclusão espiritual na santa mãe igreja.

Essa modificação decretada por Pio IX não ocorreu sem um precedente, que ocorreu no Concílio de Trento. No século 16, o Concílio de Trento articulou sua doutrina do batismo e reafirmou o ensino de Cipriano no sentido de que o batismo ou "o desejo de ser batizado" é necessário para a salvação. Essa minúscula qualificação no Concílio de Trento foi a base para elaborações adicionais que permitiam que pessoas fora da Igreja Católica Romana visível fossem salvas. Uma delas era chamada *votum baptisma*, "o desejo do batismo", ou o desejo de ser batizado.

Considere o exemplo do ladrão na cruz. Ele aceitou Jesus e creu nele, mas morreu antes de ter a oportunidade de ser batizado. Nesse caso especial, ele foi para o céu porque tinha um desejo explícito de fazer o que era necessário, mas foi providencialmente impedido de fazê-lo. Ou considere o caso de um protestante que se submete à instrução numa igreja católica romana e concorda em ser batizado na comunhão romana, mas a caminho da igreja ele é atropelado por um ônibus e morre. Ele é considerado batizado porque tinha o desejo de ser batizado, o que os católicos romanos chamam de *votum baptisma explicitum*, um desejo explícito.

Mais tarde, no século 20, isso foi modificado ainda mais. Roma disse que alguém é considerado membro da igreja se ele tiver um desejo explícito de se juntar à igreja, mas é impedido de algum modo. Esse seria o *votum ecclesia explicitum*. Roma levou isso ainda mais adiante e disse que, se um

entender que o que agrada a Deus é juntar-se à Igreja Católica Romana, esse protestante pode ser visto como tendo um desejo pela igreja, apesar de ser um desejo implícito, não explícito – o *votum ecclesia implicitum*. Essas pessoas são consideradas como fazendo parte do rebanho e recebem os benefícios da salvação, que é administrada por meio da igreja.

Nos últimos anos, temos tido conhecimento de outras modificações surpreendentes. Alguns líderes católicos romanos, incluindo papas, têm indicado que até mesmo muçulmanos podem ser salvos – o que parece algo bem distante da fórmula de Cipriano segundo a qual "não há salvação fora da igreja". A Igreja Católica Romana não está dizendo que o Islã traz salvação, mas que esse *votum ecclesia implicitum* pode ser aplicado até mesmo a seguidores sinceros de outras religiões. Eles não são salvos pelo Islã, mas são salvos a despeito de suas crenças muçulmanas porque foram incluídos na arca da Igreja Católica Romana. Isso parece ser uma transição do triunfalismo para uma postura mais humilde, graciosa e inclusiva, mas não é. Essa extensão da salvação para além do cristianismo pode ser realizada porque Roma, como ela mesma diz, possui o poder sobre as chaves. Ela possui as chaves para o reino e pode abrir esse reino para todos que ela considera aptos.

Essa longa discussão sobre a necessidade de estar na igreja visível para ser salvo tem suas raízes no século 3º., com a fórmula de Cipriano, segundo a qual não há salvação fora da igreja, e essa fórmula se apoiava em grande medida nessa passagem de 1Pedro.

Batismo

Além do conflito entre os protestantes *versus* Roma, vemos controvérsias importantes também dentro do protestantismo sobre o batismo, porque a Igreja Católica Romana ensinava na época e continua a ensinar que o sacramento do batismo funciona *ex opere operato*, ou seja, pela própria "operação da obra"; ela efetua a regeneração na alma daqueles que recebem o sacramento, que é conhecida como "regeneração batismal". Essa doutrina tem sido adotada em várias medidas por corpos protestantes, mas o protestantismo histórico, principalmente o protestantismo reformado, rejeitou categoricamente a ideia de que o batismo regenera automaticamente ou coloca uma pessoa no estado da salvação, argumentando que as pessoas que forem batizadas podem, na verdade, não serem salvas e que é um erro supor que o batismo indique a salvação. Esse foi o erro que Israel cometeu em relação à circuncisão. Os israelitas acreditavam que, simplesmente por serem circuncidados e por terem o sinal da promessa da salvação de Deus,

Na nossa comunhão, acreditamos que o batismo é o sinal da promessa de Deus para todos os que creem e que a promessa é cumprida apenas quando aceitamos Cristo pela fé. Quando o fazemos, todas as coisas simbolizadas pelo batismo tornam-se nossas. O batismo simboliza nossa participação no sepultamento e na ressurreição de Cristo. Ele simboliza a purificação do nosso pecado. Simboliza nossa regeneração, mas não a transmite automaticamente. Simboliza nossa santificação, o fato de sermos ungidos pelo Espírito Santo. Significa nossa adoção pela família de Deus, e tudo isso ocorre no instante em que tivermos fé.

Uma razão pela qual a comunidade batista surgiu historicamente como um dos grupos protestantes mais fortes é que os batistas históricos rejeitavam a ideia da regeneração batismal. Os batistas acreditam que a eficácia do batismo depende tanto da fé, que ele jamais deveria ser administrado a uma pessoa que não a tenha professado. Já que recém-nascidos são incapazes de professar sua fé, o batismo deveria ser reservado apenas àqueles que professam sua fé em Cristo.

Uma boa consciência

Todas essas questões estão envolvidas na implicação dessa passagem de 1Pedro 3. Ele nos diz que o batismo **agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes** (v. 21-22). Ou seja: sem Cristo, sem sua morte, sem sua ressurreição, sem a imputação de sua justiça a nós e sem a imputação da nossa culpa a ele na cruz – sem essas coisas, o batismo não teria nenhum valor. Se eu acreditasse por um instante sequer que o batismo colocasse as pessoas no estado de justificação, eu me postaria numa esquina com uma mangueira de bombeiro e batizaria quantas pessoas conseguisse. Não creio que a passagem esteja dizendo isso. A água que salvou Noé e sua família os salvou porque eles depositaram sua confiança nas promessas de Deus, e aqueles que não o fizeram foram destruídos pela mesma água.

Não quero diminuir a importância do batismo, porque ele é um sacramento, e ele comunica a promessa de Deus a todos os que creem. Não desprezamos sua Palavra, que faz suas promessas verbalmente, tampouco desprezamos o sacramento que as confirma de forma não verbal. Esses são signos e selos autênticos das promessas de Deus. O poder do sacramento está na integridade de Deus, não no padre ou pastor que o administra ou na virtude daqueles que o recebem. Ele está no poder de Deus, cuja Palavra é

16

Vida no Espírito

1Pedro 4.1-6

Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado, para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus. Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias. Por isso, difamando-vos, estranham que não concorrais com eles ao mesmo excesso de devassidão, os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos; pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.

É importante lembrar que, quando Pedro escreveu essa epístola, ele não a dividiu em capítulos e versículos. As divisões em capítulos e versículos foram acrescentadas muito mais tarde para facilitar a localização de determinadas passagens nas Escrituras. Uma das minhas queixas favoritas é que as divisões em capítulos encontradas nas Bíblias de hoje foram feitas de modo um tanto arbitrário. Fico especialmente angustiado quando encontro um capítulo que começa com a palavra *ora*, pois ele está inextricavelmente ligado ao que o precede. Tendemos a ver uma passagem como se fosse uma peça de literatura independente, completamente isolada e desvinculada do que veio antes. As passagens que

história da igreja, mas nessa porção da epístola não encontramos muita controvérsia. No entanto, ela apresenta dificuldades consideráveis.

Ora, tendo Cristo sofrido na carne (v. 1). O sofrimento que Jesus suportou foi vivenciado no seu corpo humano. Essa referência à aparência de Jesus na carne significa que ele parecia ser um de nós. Quando o apóstolo Paulo lembrou seu chamado para ser apóstolo, ele deu a entender que era diferente dos discípulos que o precederam. Os homens eleitos antes dele haviam conhecido Jesus *kata sarka*, "segundo a carne"; ou seja, eles haviam conhecido Jesus na sua encarnação terrena. Paulo não teve essa comunhão com Jesus.

No entanto, essas palavras de Pedro remetem aos versículos anteriores, nos quais ele falou do batismo, "não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes" (3.21-22).

A mente de Cristo

À luz do sofrimento de Jesus até à morte, **armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado** (v. 1). Novamente vemos aqui paralelos com os ensinos de Paulo. O apóstolo Paulo recomendou aos efésios que vestissem toda a armadura de Deus, mencionando cada parte da armadura usada pelos soldados no mundo antigo (Ef 6.13-17). Aqui, Pedro usa a mesma linguagem de preparação para a guerra. A razão pela qual Paulo nos chamou para colocar a armadura de Deus é "porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6.12). Do mesmo modo, Pedro, que alguns versículos antes escreveu que anjos e autoridades e poderes haviam sido subordinados a Cristo (3.22). Os poderes e as potestades contra os quais nós lutamos foram submetidos a Cristo; no entanto, a guerra continua para nós, e, para vencermos na batalha da vida cristã, precisamos estar armados. A armadura que Paulo descreve inclui capacete, couraça e escudo. Para Pedro, o item principal da armadura é a mente de Cristo. Somos chamados para nos armar buscando a mente de Cristo.

As pulseiras WWJD foram os itens principais de um modismo que dominou o mundo cristão alguns anos atrás. As pulseiras eram marcadas com as letras WWJD, abreviação de "What would Jesus do?" [O que Jesus faria?]. As pessoas usavam essas pulseiras como um lembrete para se comportarem de uma maneira que refletisse Jesus. Eu tinha minhas dúvidas e questionava

o que Jesus faria em determinada situação, mas o que Jesus quer que eu faça. Obviamente, Jesus tinha uma missão a cumprir que ia muito além de qualquer coisa em que nós poderíamos estar envolvidos. Ele era o Salvador do mundo, de modo que ele não pede que façamos de novo o que ele já fez. Ao mesmo tempo, o Novo Testamento nos conclama a sermos imitadores de Cristo, assim como Cristo era imitador de Deus. Se quisermos ser semelhantes a Cristo, se quisermos estar armados como cristãos para a guerra espiritual, precisamos ter a mente de Cristo.

Não conheço outra maneira de buscar a mente de Cristo, ou termos o mesmo pensamento, senão pela imersão na sua Palavra. O estudo das Escrituras é o método pelo qual conhecemos a mente de Cristo, porque as Escrituras revelam Cristo. Estamos vivendo no período mais anti-intelectual da história da igreja cristã. O uso da mente na busca pelo entendimento das coisas de Deus é rejeitado por muitos e desdenhado por outros. O sentimento substitui o pensamento. Cristãos, somos chamados para pensar, para buscar o entendimento da Palavra de Deus; não há outra maneira de conhecer a mente de Cristo.

As pessoas têm tentado inúmeras táticas para evitar pensar. Certa vez tive uma aluna que gostava de praticar o que ela chamava de "jogo da sorte". Ela fechava os olhos e colocava seu dedo em alguma linha do texto da Bíblia, e qualquer que fosse o texto apontado pelo dedo era, segundo ela acreditava, a resposta de Deus. Seu método não exigia estudo, preparo ou pensamento. Sua grande paixão era encontrar um marido, então ela aplicou seu método para determinar se Deus lhe daria um marido. A passagem que ela encontrou foi: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, [...] humilde, montado em jumento" (Zc 9.9), que ela entendeu como evidência de que seu príncipe estava a caminho. Cuidadosamente, tentei afastá-la dessa prática e expliquei que ela não deveria apostar demais nesse encontro iminente com seu príncipe. Ela, porém, permaneceu firme, e duas semanas mais tarde encontrou o homem com quem se casaria. No entanto, não é assim que obtemos a mente de Cristo. Precisamos estudar as Escrituras, e isso é algo sério. Não podemos encontrar a mente de Cristo em apenas quinze minutos por dia. Precisamos mergulhar na Palavra de Deus se realmente quisermos progredir nessa batalha.

Não mais

Pois aquele que sofreu na carne, deixou o pecado, **para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos ho-**

que Pedro estava se referindo não à nossa carne, mas à carne de Jesus, e já que Jesus sofreu na carne, ele deixou de pecar. No entanto, deixar de fazer algo significa que houve um tempo em que aquilo estava sendo feito, e obviamente não houve momento algum em que Jesus pecou. Os comentaristas argumentam que, depois da ressurreição e da glorificação de Jesus, ele não teve de suportar mais as tentações às quais esteve exposto durante sua vida terrena, mas não creio que seja isso que Pedro quis dizer. As palavras de Pedro se dirigem a nós. Se sofrermos na carne, deixamos de pecar.

Em Romanos 6, o apóstolo Paulo fala sobre nós termos morrido para o pecado. Há um sentido no qual nós realmente morremos para o pecado, mas, em outro sentido, o homem velho continua muito vivo, e nós nos enganamos se pensarmos que já nos movemos para além dos limites do pecado. No entanto, algo dramático aconteceu. Se você é cristão e o Espírito Santo regenerou sua alma, e então, num sentido muito real, seu velho homem foi morto. Sua natureza pecaminosa foi condenada à morte, e você foi vivificado pelo Espírito Santo.

Ao longo da Escritura somos ensinados que, apesar de desfrutarmos desse novo estado, permanece uma luta que se estende do tempo da nossa conversão à nossa glorificação no céu. De certo modo, o dia da vitória já ocorreu. Os historiadores dizem que, quando os aliados desembarcaram na Normandia, em junho de 1944, isso marcou o início do fim da Segunda Guerra Mundial. No entanto, ainda estava por vir a Batalha das Ardenas, uma das mais sangrentas dessa guerra, quando as forças do Terceiro Reich fizeram a última contraofensiva. A nossa conversão é como aquele dia D na Normandia. O nosso futuro espiritual não está mais em dúvida, mas amanhã poderá começar para nós a Batalha das Ardenas. Mesmo que esses poderes e essas potestades tenham sido submetidos a Cristo e mesmo que tenham sofrido um golpe mortal, eles ainda pretendem nos enfrentar numa última grande batalha. Para vencê-la, precisamos da mente de Cristo.

Parece haver aqui uma oscilação na passagem no uso da palavra "carne" por Pedro. Às vezes, a palavra é usada para descrever nosso corpo físico. Outras vezes, é usada para descrever nossa natureza caída e corrupta. Nesse caso, o que Pedro quer dizer é que, se, na nossa carne, deixamos o pecado, não devemos viver em pecado. Devemos viver à luz da transformação produzida em nós pelo Espírito de Deus, matando a carne e alimentando o homem novo, o homem criado pelo Espírito Santo. Já que fomos libertados do pecado e do poder que ele tinha sobre nossa alma, não devemos viver o restante do nosso tempo na carne, ou seja, na corrupção, "com as paixões dos homens". Esse capítulo da epístola de Pedro lembra

> Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais (v. 1-3).

Quando fomos a Cristo, fizemos isso em arrependimento. Não há outra maneira. Não nos apegamos a Cristo como Salvador se antes não reconhecermos que somos pecadores que precisam de um Salvador. Mesmo quando nos convertemos e o Espírito remove as escamas dos nossos olhos e transforma a dureza do nosso coração, ainda sabemos muito pouco sobre a corrupção em que costumávamos andar. Antes da conversão, não tínhamos um único osso espiritual no nosso corpo. Não tínhamos a menor inclinação para as coisas de Deus. Andávamos de acordo com o curso deste mundo até que o Senhor nos resgatou e nos libertou do reino das trevas e nos levou para o reino da luz.

Olhando para frente

Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias (v. 3). Agostinho passou os primeiros anos de sua vida seguindo o padrão que Pedro descreve aqui. Então, certo dia, estando ele num jardim, havia crianças ali fazendo uma brincadeira que continha o refrão *tolle lege; tolle lege*, que significa "pegue e leia". Com essas palavras em mente, ele pegou sua Bíblia e seus olhos encontraram a passagem: "Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências" (Rm 13.13-14). Naquele momento, o coração de Agostinho foi tocado porque ele se reconheceu na passagem que estava lendo. Em essência, ele disse: "Fiz de tudo para satisfazer os desejos da minha carne. Preciso mudar de roupa. Que Deus me vista com as roupas de Cristo, para que não me preocupe mais em satisfazer os desejos da carne". Pedro diz a mesma coisa. Sabemos que a nossa vida antiga estava falida. Devemos investir nosso tempo na vontade de Deus. Já gastamos muito tempo cumprindo a vontade dos pagãos, quando andávamos como eles – lascívias, concupiscência, orgias e bebedices e abomináveis idolatrias.

Por isso, difamando-vos, estranham que não concorrais com eles

aqui: "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus", pois ele havia ouvido Jesus dizer essas palavras no Sermão do Monte (Mt 5.11-12).

Às vezes, quando lemos as Escrituras, uma passagem parece saltar das páginas e nos servir como espelho. Quando isso acontece, nós nos perguntamos: *Como é que a Bíblia sabe tanto sobre mim*? Quando eu me converti, senti um forte desejo de levar meus colegas a Cristo. Voltei da faculdade e fui vê-los. Eles queriam sair e fazer as mesmas coisas que sempre faziam, mas eu lhes disse que não participaria mais. Quando me perguntaram o motivo, eu lhes disse que havia me tornado cristão e que queria contar-lhes sobre isso. Eles pensaram que eu tinha enlouquecido e não gostaram do fato de que eu não participaria mais das nossas atividades normais. Como líder do grupo, eu era ingênuo o bastante para acreditar que eles seguiriam meu exemplo e entregariam a vida a Jesus, mas eles não quiseram saber de nada disso. Se pararmos de nos comportar como antigamente e como o mundo, e se marcharmos num ritmo diferente, as pessoas não vão gostar disso. Elas falarão mal de nós, mesmo se nós as amarmos. Elas acham esquisito, como Pedro diz aqui.

Pedro usa a linguagem de orgias e festas da Antiguidade. O propósito de beber nessas festas não era apenas para desfrutar do vinho. O propósito era ficar bêbado a ponto de perder todas as inibições morais para se entregar totalmente à imoralidade. Isso é o que caracterizava as bacanais do mundo antigo, festas de bebida dedicadas ao deus Baco. A ideia era que as pessoas pudessem entrar em contato com seus ídolos ao livrar-se de todas as inibições. Qualquer remanescente de consciência operante que inibisse a pessoa era eliminado nessas festas. Pedro escreve sobre essas pessoas: **os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos** (v. 5).

Pedro continua: **pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus** (v. 6). Ele não está falando sobre a pregação de Jesus a espíritos mortos; antes, está indicando a razão pela qual Cristo veio. Jesus pregou o evangelho, e muitos daqueles que o ouviram e creram haviam morrido, de modo que a batalha deles estava encerada e vencida.

Quando recebemos a notícia inesperada de que algum conhecido nosso morreu, perguntamo-nos imediatamente como ele morreu. Ele foi morto num acidente de carro? Teve um ataque cardíaco? Quando a Bíblia fala sobre a morte de pessoas, ela costuma ser um tanto reducionista. Do ponto de vista bíblico, há apenas duas condições em que uma pessoa pode morrer:

na fé ou fora da fé. Morremos na fé ou morremos no pecado. Pedro entendia a urgência do evangelho, de modo que conclamou as pessoas a pensar sobre o tempo em que teriam de prestar contas, quando estariam diante de Cristo, não em seus pecados, mas em fé.

A cada dia somos julgados por pessoas, às vezes de maneira justa, outras vezes de maneira injusta; às vezes, de maneira generosa, outras vezes, sem generosidade. No entanto, qualquer julgamento feito sobre nós neste mundo – bom ou ruim – em última análise não conta, pois é um julgamento feito na carne. O único julgamento que conta é o julgamento de Deus; por isso, devemos viver não de acordo com o julgamento das pessoas, mas de acordo com Deus no Espírito.

17

O FIM DE TODAS AS COISAS

1Pedro 4.7

> Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações.

Temos considerado uma passagem depois de outra que têm tido um lugar significativo na história da teologia cristã. Todas essas passagens têm sido o ponto focal de grandes controvérsias. E aqui temos mais uma. Estudaremos o versículo 7 à luz de alguns desenvolvimentos históricos importantes da teologia dos dois últimos séculos.

Há três possibilidades distintas quanto ao que Pedro quis dizer quando anunciou que o fim de todas as coisas está próximo. A primeira possibilidade, aquela que parece ser a mais óbvia, é que o fim do mundo está próximo, trazendo com ele o fim de todas as coisas na terra. A segunda interpretação possível é que Pedro esteja se referindo ao fim de todas as coisas judaicas, antecipando o acontecimento catastrófico ocorrido em 70 d.C., quando o templo foi destruído e Jerusalém foi tomada pelos gentios. Do ponto de vista judaico, o fim de Jerusalém e, portanto, o fim da adoração no templo seria o fim de todas as coisas. A terceira possibilidade é que Pedro esteja pensando na proximidade da morte daqueles que estão lendo a epístola. Cada uma dessas é uma interpretação possível.

O advento do liberalismo

A história da igreja do século 19 testemunhou o advento do liberalismo. Sempre houve aqueles que defendiam uma visão liberal em relação a

várias questões da vida da igreja, mas no século 19 surgiu um movimento específico que veio a ser conhecido como liberalismo. Ele foi dominante na Europa, particularmente na Alemanha, e acabou chegando também à Inglaterra e, através do oceano, aos Estados Unidos. O liberalismo exerceu um impacto dramático sobre faculdades e seminários e especialmente sobre os credos das igrejas tradicionais. Os primeiros professores do liberalismo acreditavam que a Bíblia precisava ser naturalizada para que continuasse a ser relevante para as pessoas modernas depois do Iluminismo e dos avanços científicos que resultaram dele. Em outras palavras: a mensagem do evangelho precisava ser "dessobrenaturalizada" se quisesse continuar a ter qualquer relevância para as pessoas da modernidade.

Rudolf Bultmann, um neoliberal do século 20, observou que o homem moderno não podia usar antibióticos ou usufruir das maravilhas da eletricidade e continuar a acreditar num universo de três níveis (aqui a terra, o inferno abaixo e o céu acima), num mundo povoado por demônios ou anjos ou num evangelho com ensinos como os milagres em torno da vida e morte de Jesus. Para que o evangelho seja relevante hoje, disse Bultmann, ele deve ser demitologizado. Ele disse que era preciso ultrapassar a neblina da mitologia para chegar um núcleo da verdade que pudesse ser útil nos nossos dias.

Os liberais negaram sistematicamente todos os milagres e elementos sobrenaturais do Novo Testamento. Eles redefiniram o reino de Deus e a missão de Jesus e, consequentemente, a missão da igreja. Para esses pensadores, o reino de Deus não era algo que acontece no céu, mas algo que ocorre aqui na terra por meio da educação progressista e uma conduta ética. Esse grupo exaltou Jesus como grande mestre moral, que nos apresentou o padrão para a vida correta. Eles viam o evangelho como social em relação à necessidade de sermos humanitários e tratarmos da dor e do sofrimento do mundo. Evidentemente, isso gerou uma crise na igreja.

Nesse meio do liberalismo do século 19, surgiu em Nova York um brilhante estudioso do Novo Testamento, Albert Schweitzer. Ele era médico e havia conquistado fama internacional também como organista de nível mundial. Tornou-se um dos missionários mais famosos na África do século 20. Schweitzer analisou o ensino do liberalismo do século 19 e chegou à conclusão de que era deficiente. Num ponto-chave de sua obra clássica *The quest for the historical Jesus* [À procura do Jesus histórico], Schweitzer repreendeu os liberais do século 19 por não terem entendido a mensagem de Jesus, uma mensagem que, segundo Schweitzer, era de natureza escatológica do início ao fim.

A palavra *escatológico* vem do termo *escatologia*, que, por sua vez, de-

escatologia é o estudo do futuro, que inclui o estudo do retorno de Jesus, a restauração do cosmo, a vinda de novos céus e de uma nova terra, questões do céu e do inferno e do Juízo Final. No entanto, quando Schweitzer usou o termo *escatológico*, ele se referiu a mais do que apenas a acontecimentos futuros. Schweitzer afirmou que, para entendermos Jesus, precisamos perceber que Jesus ensinou que o reino de Deus viria a acontecer na História pela intervenção sobrenatural e transcendente do Deus Todo-Poderoso. Ele não evoluiria por meio de um processo natural ou como resultado de uma educação cada vez melhor; ele se realizaria por meio de algo que o próprio Deus faria. Schweitzer deixou os liberais do século 19 arrasados com essa descoberta. Ele disse que a tentativa deles de liberalizar o cristianismo era desonesta, pois era reducionista e não levava o ensino de Jesus a sério.

Schweitzer disse que, quando Jesus enviou os setenta discípulos e lhes deu o poder de pregar e anunciar a vinda do reino, Jesus esperava que o reino viesse naquele tempo, mas isso não aconteceu. Portanto, Schweitzer disse, Jesus se conscientizou cada vez mais de que seria necessário dar passos dramáticos para levar o Pai a realizar seu reino. Schweitzer disse que Jesus permitiu-se ser preso, acusado e levado à cruz, acreditando que isso resultaria no clímax do fim da História, quando o Pai interviria e o salvaria e instituiria seu reino. Quando isso não aconteceu, a decepção quanto ao seu sonho escatológico frustrado se manifestou no desespero que tomou conta da sua alma quando ele gritou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46; Mc 15.34). A substância do ensino de Albert Schweitzer era que Jesus foi um homem notável, um grande mestre e visionário, que morreu desiludido porque o reino não veio.

Cresci numa igreja que seguia os ensinos do liberalismo do século 19. As perguntas do Breve Catecismo de Westminster foram alteradas para agradar ao nosso pastor, que inventou suas próprias perguntas, uma das quais era: "Quem é o maior cristão vivo?" A resposta que aprendemos a dar era "Albert Schweitzer" – Albert Schweitzer, cujo livro é um monumento à descrença na deidade de Cristo. No entanto, Schweitzer expôs a tolice dos seus precursores, que haviam tentado interpretar Jesus em termos puramente éticos, não em termos da importância central do reino de Deus.

Schweitzer e outros lutaram com um problema que eles chamaram de "atraso da *parousia*", o adiamento do retorno de Jesus. Cada página do Novo Testamento parece respirar uma expectativa do retorno iminente de Jesus, e eles diziam que os cristãos do século 1º. esperavam que Jesus retornasse ainda durante a vida deles. No seu sermão profético, Jesus falou sobre a destruição de Jerusalém e sua própria manifestação. Quando seus

respondeu: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça" (Mt 24.34).

Os estudiosos do século 20 diziam que Jesus esperava que seu retorno ocorresse dentro de um período de quarenta anos e que, por causa disso, seus discípulos o esperariam também dentro desse período de tempo. Eles ficaram decepcionados quando isso não ocorreu, de modo que os eruditos estudavam os escritos posteriores do Novo Testamento à procura de um ajuste na teologia do futuro que explicasse o adiamento da consumação do reino.

No seu livro *Why I am not a Christian* [Por que não sou cristão], Bertrand Russell escreveu que Jesus ensinou que retornaria dentro de quarenta anos, mas que ele não cumpriu sua palavra. Por isso, Russell não acreditava que Jesus merecia sua fé. Quando eu estava no seminário, aprendi que não podíamos confiar na Bíblia e que o próprio Jesus estava errado nas suas previsões do futuro. Escrevi um livro como resposta a essas alegações com o título de *Jesus' view of the last day* [A visão de Jesus dos últimos dias], que concentra a atenção principalmente no sermão profético, porque acredito que tudo que Jesus disse que aconteceria dentro de quarenta anos realmente aconteceu dentro de quarenta anos.

Já e ainda não

A grande marca seguinte ocorreu quando um estudioso inglês do Novo Testamento chamado C. H. Dodd escreveu uma análise sobre as parábolas de Jesus e sobre o Evangelho de João e introduziu na igreja uma teoria chamada "escatologia realizada". A tese de Dodd era que o reino futuro de Jesus realmente se realizou no século 1º. Sobre as palavras de Jesus: "Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino" (Mt 16.28; cf. Mc 9.1; Lc 9.27). Dodd disse que isso era uma referência à ascensão de Cristo e às coisas relacionadas a ela, como o Pentecostes e o derramamento do poder do Espírito Santo. Segundo Dodd, na sua ascensão, Jesus foi elevado à sua posição como Rei dos reis. Ele ascendeu à sua coroação, e tudo que ele ensinou durante seu ministério na terra foi cumprido naqueles poucos anos do anúncio à sua realização. Dodd ficou famoso por assumir uma posição contrária à de Schweitzer e dos céticos, pois afirmava não só que o reino de Deus não havia sido adiado, mas também que já havia se consumado em sua plenitude à época.

No entanto, outros estudiosos disseram que, se examinarmos minuciosamente o conceito do reino de Deus no Novo Testamento, devemos le-

realizará num futuro distante, como acreditam os dispensacionalistas, mas que o reino foi inaugurado durante o ministério de Jesus, na ascensão, no derramamento do Espírito Santo e na destruição de Jerusalém. No entanto, dizem esses estudiosos, alguns elementos de uma escatologia futura ainda não ocorreram, como a ressurreição dos mortos, que acontecerá no tempo do retorno de Jesus em glória. Por isso, a igreja deve adotar uma postura de expectativa diligente e vigilante.

Essa ideia foi defendida pelo estudioso suíço Oscar Cullmann, que nos presenteou com a analogia do Dia D [os desembarques na Normandia], que consideramos num estudo anterior deste livro. Ele disse que tudo que dizia respeito à consumação do reino de Deus foi realizado durante o ministério de Jesus. Foi como o Dia D, ele disse, no sentido de que, essencialmente, a guerra havia terminado, mas ainda havia algumas coisas que precisavam ser resolvidas antes que as hostilidades pudessem cessar. Contudo, o Dia D ocorreu em junho de 1944, mas os alemães só se renderam na primavera de 1945. Não houve um intervalo de dois mil anos entre o Dia D e o fim da guerra, o que torna a analogia de Cullmann um tanto forçada.

A analogia de Cullmann foi desdobrada ainda mais pelo estudioso holandês Hermann Ridderbos, que escreveu um livro intitulado de *The coming of the kingdom* [A vinda do reino]. No livro, Ridderbos analisa as diferentes teorias dos liberais e chega à conclusão de que para entendermos o conceito bíblico do reino precisamos compreender o "já e ainda não", pelo que ele quer dizer que uma grande dimensão do reino já se realizou – estamos neste momento vivendo na era escatológica do reino de Deus – mas ainda aguardamos a consumação final de todas as coisas.

Pedro escreve: **o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações** (v. 7). A palavra grega traduzida aqui como "todas as coisas" é *panta*. A palavra grega que Pedro usa para "o fim" é *telos*, que muitas vezes é traduzida como "objetivo", "propósito" ou "alvo". Portanto, poderíamos traduzir essas palavras como "o alvo de todas as coisas está próximo". O latim usa uma forma da palavra *omnia* para "todas as coisas". Uma pessoa com todo conhecimento é "onisciente", e uma pessoa que possui todo poder é "onipotente". O conceito de todas as coisas tem suas raízes nessa passagem, e, quando Pedro se refere ao fim ou ao alvo de todas as coisas, ele usa uma forma da palavra traduzida como "próximo". O fim está próximo.

Se Pedro estivesse pensando no fim do mundo, na consumação final do reino, teríamos um problema aqui. A visão bíblica da consumação do reino de Deus e da conclusão da obra de Jesus não é o fim do mundo.

mas a restauração e a renovação. Esperamos novos céus e uma nova terra. Poderíamos dizer que, já que haverá novos céus e uma nova terra, o fim de todas essas coisas presentes ocorrerá, mas o plano de Deus não é destruir o planeta. Como diz Paulo: "Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8.22-23). A obra de redenção de Deus é cósmica em amplitude. Ele não nos salvará simplesmente do mundo; ele pretende remir o mundo e tudo que nele existe.

Pedro poderia estar pensando na consumação do reino por ocasião do retorno de Jesus. Na sua segunda epístola, ele pergunta por que o Senhor adia sua volta e responde: "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe 3.9). A razão pela qual a culminação do seu reino ainda não ocorreu é que nem todos os eleitos já foram reunidos. Na verdade, se o reino de Deus tivesse sido completado no fim do século 1º, você e eu o teríamos perdido.

É possível também que Pedro esteja se referindo à proximidade radical de uma crise que poucos cristãos têm levado a sério, provavelmente o acontecimento extrabíblico mais significativo que já ocorreu na história do mundo – a destruição de Jerusalém e do templo. Até 70 d.C., a igreja cristã era considerada uma subdivisão ou seita do judaísmo. Até a destruição do templo e a tomada da Cidade Santa pelos gentios, a igreja cristã não era reconhecida como algo próprio, independente. Na versão de Lucas da profecia desse acontecimento, a destruição e ocupação não seriam para sempre, mas apenas até a chegada da plenitude dos gentios. Ou seja, há um intervalo na história do mundo entre a era dos judeus e a era dos gentios; e quando se cumprir a era dos gentios, Deus – assim ensina Paulo em Romanos 11 – voltará a lidar com o Israel étnico. Sempre que ouvimos Jesus falando sobre o fim da era, tendemos a preencher as lacunas e acreditar que o fim da era significa o fim do tempo, quando, muito provavelmente, ele está falando do fim da era dos judeus, que ocorreria dentro de pouquíssimo tempo.

Preparados e à espera

A terceira opção é simplesmente a morte iminente de todas as pessoas. À luz da realidade de que os nossos dias estão contados, o Novo Testamento nos conclama a remirmos o tempo, para fazermos valer cada dia e para

Assim, independentemente de Pedro estar falando da destruição de Jerusalém, do fim das nossas vidas ou da consumação final do reino de Cristo, ainda é apropriado seguir seu conselho de sermos sérios e vigilantes nas nossas orações, pois nesta era, e através de todos os séculos da igreja, ela é chamada para ser vigilante sempre, sempre preparada para o retorno final de Jesus. Somos advertidos que, para nós, Jesus não deve vir como um ladrão à noite e encontrar-nos ocupados com o dia a dia, negligenciando nossas orações e a nossa dedicação ao seu reino. Devemos estar sempre vigilantes, sempre preparados para o Senhor, pois não sabemos quando o Senhor virá. "Amém. Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22.20).

18

Cobertura de amor

1Pedro 4.8-11

Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados. Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração. Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

No nosso estudo anterior, consideramos o versículo 7, em que Pedro introduz um senso de urgência ao declarar: "O fim de todas as coisas está próximo". Analisamos os diferentes sentidos possíveis e a aplicação do versículo. Em decorrência da proximidade da consumação de todas as coisas, Pedro nos conclama a sermos sóbrios e vigilantes em nossas orações. Independentemente de "o fim de todas as coisas" referir-se ao fim da nossa vida, ao fim da era judaica ou ao fim da história da redenção, devemos ser vigilantes em oração. Neste estudo, encontramos uma continuação dessa mesma vigilância.

Amor intenso

Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados (v. 8). A Torá contém 613 leis específicas. As pessoas gostariam de saber a prioridade dessas leis, a come-

e responsabilidades dessa maneira. De vez em quando, o Novo Testamento nos fala de prioridades. Jesus disse: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Nossa primeira prioridade é buscar o reino de Deus e a sua justiça. Devemos fazer isso "primeiro", *prōtos* – não no sentido cronológico, mas primeiro no sentido de importância. Na sua epístola, Tiago nos faz uma advertência semelhante: "Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes, seja o vosso sim sim, e o vosso não não, para não cairdes em juízo" (Tg 5.12). A carta de Tiago está repleta de vários tipos de mandamentos éticos, mas, já quase no fim da epístola, ele diz que, acima de tudo, o cristão deve ser conhecido como pessoa cuja palavra possa ser confiável.

Pedro usa esse mesmo método de acentuar algo de suprema importância quando diz: "Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros". Já se foram os dias em que Hollywood costumava explorar temas religiosos sem desrespeitar o cristianismo, como faz hoje. Vários desses filmes mais antigos mostravam o apóstolo Pedro. Lembro-me de um em que os cristãos se reuniam à noite e diziam: "O pescador está aqui", quando o personagem de Pedro estava presente. Enquanto assistia ao filme, eu podia sentir a alegria e excitação, e um santo silêncio caía sobre as pessoas, porque estavam prestes a ouvir uma pessoa que estivera com Jesus durante todo o seu ministério na terra – Pedro, conhecido pela sua impulsividade.

Pedro havia negado Jesus três vezes e depois chorou amargamente, mas quando Jesus falou com ele na praia e lhe perguntou três vezes: "Simão, filho de João, tu me amas?" "Sim, Senhor, tu sabes que te amo." Então: "Pastoreia as minhas ovelhas" (Jo 21.15-17). Quando leio essa epístola escrita por Pedro, ouço Jesus dizendo a ele: "Pedro, quando você escrever ao povo, lembre-se de que são minhas ovelhas, e eu quero que você as alimente". Pedro alimentou as ovelhas com os ensinos de Jesus e ele se lembrou da alta prioridade que o Senhor atribuíra ao amor dos irmãos. "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.35). O amor cristão não trata apenas do amor de uma pessoa por Deus ou por Cristo. Aquele que ama Deus não pode amar a Deus e odiar o seu irmão. Nós manifestamos nosso amor por Deus por meio de um amor intenso uns pelos outros. Há uma grande diferença entre tolerância e amor zeloso.

Amor que cobre

Pedro não repete simplesmente a advertência de Jesus, mas fornece tam-

que devemos ter amor intenso uns pelos outros, pois "o amor cobre multidão de pecados" (v. 8). Essa metáfora de "cobrir" é de importância central para o nosso entendimento da salvação. Essa mesma imagem é encontrada no Antigo Testamento. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote levava o sangue de um animal sacrificado para o Santo dos Santos e o borrifava sobre o propiciatório, que era a cobertura da arca da aliança, o objeto mais sagrado no *sanctus sanctorum*. O sangue do sacrifício era derramado sobre o trono de Deus para cobrir os pecados do povo.

A prática começou antes mesmo do Dia da Expiação, por ocasião da queda. Quando Adão e Eva pecaram, eles sentiram vergonha. Conscientizaram-se de sua nudez e, na sua vergonha, tentaram se esconder; queriam cobrir-se. Quando Deus foi ao jardim e encontrou suas criaturas tremendo de vergonha, curvados sob o peso de sua culpa, ele fez roupas de pele de animal e cobriu a vergonha deles. Esse foi o primeiro ato de graça remidora, e ao longo de todo o restante das Escrituras a ideia da redenção é vista em termos de Deus cobrindo seu povo nu e culpado.

De modo supremo vemos essa metáfora na doutrina da justificação. Nossa própria justiça nada mais é do que um farrapo sujo, incapaz de cobrir nosso pecado, mas fomos revestidos com a justiça de Jesus. Deus toma a justiça do seu filho e a usa como manto para cobrir suas criaturas pecaminosas. A única maneira em que podemos nos apresentar a Deus é se estivermos cobertos com a justiça de Jesus.

Aqui, a epístola de Pedro fala de outro tipo de cobertura – não da cobertura que Deus fornece para suas criaturas nuas, nem do ato de cobrir os nossos pecados no Santo dos Santos, nem mesmo do manto da justiça de Jesus, mas de um amor especial que cobre multidões de pecados. Trata-se do nosso amor uns pelos outros.

Alguns anos atrás, alguns dos meus alunos me perguntaram por que meu ministério se limitava quase que exclusivamente à educação e ao ensino e por que eu não servia também como pastor e pregador. Eu lhes disse que a razão era que eu era sensível demais. Pastores recebem muitas críticas, o que pode lhes causar grande sofrimento. No ensino, porém, sou eu quem critica os alunos; eles não me criticam. O medo de falar em público é a fobia mais comum entre os norte-americanos, pois nessas ocasiões a pessoa inteira está exposta a críticas, e grande parte delas costuma ser mesquinha e negativa. Os pregadores se expõem a análise e crítica; isso é inevitável. Consegui lidar com isso ao longo dos anos; o mais difícil é lidar com a mesquinhez.

Nada destrói uma igreja mais rapidamente do que a mesquinhez, pessoas criticando-se mutuamente por causa de coisas sem importância.

e hediondos, ele precisa ser disciplinado como parte do crescimento espiritual da igreja. No entanto, o Senhor foi muito cuidadoso ao especificar os pecados que exigem disciplina, pois sabia que ninguém na igreja de Cristo completou o processo de santificação. Todos nós trazemos bagagens diferentes para a vida cristã; cada um de nós se encontra em pontos diferentes do progresso. Podemos destruir uma pessoa com nossa crítica mesquinha. Se um dos seus irmãos ou irmãs tem um hábito irritante, isso pode aborrecê-lo, mas isso já foi coberto por Jesus. Todos nós temos de suportar pessoas que nos criticam por coisas insignificantes. Deixe que o mundo seja mesquinho, mas que isso não seja dito sobre os cristãos. Devemos amar uns aos outros com intensidade tal que nosso amor cubra uma multidão de pecados.

O amor que cobre é o que permite às famílias sobreviverem. Os membros de uma família conhecem os tiques, as fraquezas e os erros uns dos outros, e os vínculos familiares não perdurarão muito se houver crítica mesquinha e constante em casa. A igreja também é uma família.

Na década de 1960, encontrei algumas pessoas envolvidas no movimento carismático. Elas se mostravam entusiasmadas com a comunhão que havia dentro do movimento. Elas haviam se comprometido a ser escrupulosamente honestas e abertas umas com as outras, até mesmo em relação às roupas que vestiam. Uma mulher do grupo me disse que o objetivo dessa sinceridade era estimular o crescimento deles no Senhor. Esse grupo não sobreviveu seis meses, porque eles se concentravam em ressaltar os erros uns dos outros. Isso destrói a igreja. Se algo for irrelevante, devemos cobri-lo.

É isso o que significa amar. Quando pensamos no que Deus cobriu por nós, será que não podemos cobrir nossos irmãos e irmãs no Senhor? "O amor cobre multidões de pecados." Algumas pessoas interpretam esse versículo no sentido de que, se amarmos suficientemente, esse amor servirá como expiação dos nossos pecados; mas não é esse o seu significado. Seu significado é que o amor não procura expor cada fraqueza do nosso próximo, mas cobri-lo e assim protegê-lo dos ataques do mundo.

Hospitalidade

Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração (v. 9). Durante a maior parte da sua história, os israelitas foram seminômades. Eles não tinham residência permanente; viviam como errantes, em tendas. Em decorrência disso, estimavam altamente a hospitalidade. No mundo antigo, ela era muito valorizada; na verdade, continua a ser altamente considerada no Oriente Próximo. Uma das grandes virtudes do amor é a hospitalidade.

O Novo Testamento começa com a ausência de hospitalidade demons-

Deus ordenar que se ofereça hospitalidade a viajantes. Pedro sabia que seus leitores estavam cientes desse mandamento, algo tão essencial à ética do Antigo Testamento. Aqui, Pedro acrescenta algo à lei: a hospitalidade deve ser oferecida sem murmuração. Às vezes, tendemos a achar que hóspedes são como peixes: depois de três dias começam a cheirar mal. Existem pessoas que abusam da hospitalidade e generosidade daqueles que a praticam, mas isso não importa. Mesmo quando alguém se aproveita da nossa hospitalidade, não devemos nos queixar. Devemos abrir nossa casa e oferecer o que temos àqueles que sofrem necessidades.

Bons despenseiros

Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus (v. 10). Observe que Pedro não diz: *se* cada um recebeu um dom, mas conforme o dom que cada um *recebeu*. Pedro diz exatamente o que Paulo ensinou aos coríntios, ou seja, que todo cristão é dotado por Deus. Cada cristão é carismático no sentido de que o Espírito o dotou com algum dom, que deve ser usado para a edificação da igreja. Alguns têm o dom da pregação. Alguns têm o dom do ensino. Alguns têm o dom do evangelismo. Alguns têm o seu dom na área da saúde. Alguns têm o seu dom na administração. Alguns têm o dom de dar. A lista que Paulo deu aos coríntios não é exaustiva, mas representativa. Um dos problemas que tenho com a teologia neopentecostal de hoje é que ela alega existirem dois tipos de cristãos: aqueles que possuem dons e aqueles que não os têm. Isso é uma contradição flagrante ao ensino do Novo Testamento, que diz que cada cristão é dotado pelo Espírito Santo para o ministério.

Quando Martinho Lutero ensinou o sacerdócio de todos os cristãos, ele não quis eliminar qualquer distinção entre clérigos e leigos. O que ele quis dizer é que o ministério da igreja de Cristo não deveria ser realizado apenas pelo clero ordenado. Toda a congregação deve se envolver no ministério, pois cada membro da congregação foi dotado pelo Espírito Santo com o seu poder.

Você sabe qual é o seu dom espiritual? Encontro muitos cristãos que alegam não saber. Você pode ter um dom ou dons espirituais dos quais ainda não se conscientizou. Uma função da igreja é ajudar as pessoas a encontrar seus dons e oferecer-lhes a oportunidade de usá-los. Houve momentos na minha vida em que me senti desencorajado no meu ministério de ensino e em que disse à minha esposa Vesta que estava prestes a desistir. Nesses momentos, Vesta costuma citar Romanos 12.6-7: "tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: [...] o que ensina esmere-se no fa-

ele lhe deu o dom da pregação, é melhor que você pregue. Se ele lhe deu o dom de dar, é melhor que você dê.

No versículo 10, Pedro introduz a noção da mordomia, que, no grego do Novo Testamento, é classificada sob a palavra *oikonomia*. A nossa palavra *economia* deriva de *oikonomia*, que significa literalmente “lei da casa”. Em tempos bíblicos, o mordomo não era o dono da casa, mas uma pessoa contratada para administrar as questões domésticas. Quando falamos em mordomia na igreja de hoje, referimo-nos quase que exclusivamente a questões financeiras. A mordomia financeira foi claramente ensinada por Jesus, e certamente o modo como administramos as nossas finanças é um aspecto importante da mordomia, mas não é desse tipo de mordomia que Pedro está falando aqui. Pedro diz que devemos ser bons mordomos da graça rica e abundante de Deus para a edificação do corpo de Cristo.

Tenho ouvido incontáveis vezes pessoas se queixarem depois de um culto na igreja: “Esse culto não me deu nada”. Quero perguntar a elas o que elas investiram nele. Elas vêm para satisfazer suas necessidades, mas o pregador não prega para satisfazer as supostas necessidades das pessoas. A igreja existe para satisfazer a necessidade real das pessoas, que é entender quem Deus é. Todos nós temos a responsabilidade de ser mordomos dos dons de Deus, e é disso que Pedro está falando aqui. Deus deu sua graça a você e a mim, que é um dom, mas esse dom vem com uma responsabilidade.

Talvez você não tenha vocação para ser um evangelista ou missionário. Talvez você não tenha sido chamado para pregar ou cantar no coral. Mas cada um de nós foi chamado para garantir que o ministério do evangelismo seja realizado, que os ministérios da pregação e do ensino sejam feitos, que o ministério da adoração ocorra e que o empreendimento missionário seja executado. Podemos não ser aqueles que devem partir, mas como Deus pode usar nossos dons para tornar todos os ministérios da igreja mais eficazes? Todos nós somos responsáveis por isso, e Pedro diz que essa é a manifestação mais profunda do amor que Deus derramou sobre nós.

Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus (v. 11). Outra maneira de dizer isso é: “Se alguém fala, que ele fale a Palavra de Deus”. Se uma igreja quiser crescer e chegar a ter vinte mil membros, ela pode deixar a Bíblia de lado e entreter o povo, oferecendo a última moda do blablablá psicológico para agradar a pessoas com ouvidos que coçam. Em Romanos, Paulo escreveu sobre como o povo judeu havia caído. A circuncisão deles havia se transformado em incircuncisão. Então, Paulo perguntou: “Qual é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão?” (Rm 3.1). E respondeu: “Muita, sob todos os aspectos. Principalmente porque aos ju-

possui é a Palavra de Deus. Quando alguma viagem me impede de estar na St. Andrew's num domingo, procuro uma igreja em que a Palavra de Deus é pregada. Estou sedento pela Palavra de Deus. Desejo ir a uma igreja em que as Escrituras são explicadas. Nossa mente é informada e nossa alma é inflamada pelo poder da Palavra de Deus.

Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre (v. 11). "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças" (Ec 9.10). Cada talento e habilidade que você possui é um dom de Deus, e você tem a responsabilidade de exercê-lo.

19

A gloriosa autoexistência de Deus

1Pedro 4.11

Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

Em que consiste a glória de Deus? Qual é o conceito de glória que encontramos tantas vezes na Escritura sagrada, e o que, precisamente, na natureza e no caráter de Deus o torna tão glorioso? No Antigo Testamento, o termo hebraico que nós traduzimos como "glória" é *kavod*. Na sua etimologia antiga, a palavra chamava atenção para o peso de Deus, não no seu sentido físico, mas no sentido de que ele possuía tanta substância e importância que seu ser é preenchido de dignidade e importância eternas. Quando ponderamos questões profundas, dizemos: "Este é um conceito de peso". Inversamente, coisas que consideramos triviais são chamadas de "leves". Os israelitas imaginavam a glória de Deus em termos de peso.

Num dia triste da história de Israel, o objeto mais sagrado do povo, a arca da aliança, caiu nas mãos dos filisteus. A arca foi capturada e instalada no templo de Dagom. Naquele dia, Hofni e Fineias foram mortos, e o pai deles, Eli, faleceu. Quando a esposa de Fineias recebeu a notícia da morte de Eli e seus filhos e da captura da arca da aliança, ela deu ao seu filho o nome de Icabô, que significa: "Foi-se a glória de Israel" (1Sm 4.21). Não

havia calamidade maior para os judeus na Antiguidade do que Deus retirar sua glória e partir do meio deles.

A glória de Deus

No Novo Testamento, encontramos a palavra grega *doxa*, que corresponde ao *kavod* hebraico. *Doxa* entra em uso quando cantamos a doxologia. Uma doxologia atribui louvor e honra a Deus, seja em fala ou em canto. Na verdade, quando analisamos a origem da adoração em categorias bíblicas, vemos que sua essência consiste em oferecer sacrifícios de louvor a Deus. Nós cantamos:

> Louvai a Deus, dele fluem todas as bênçãos;
> Louvai-o, todas as criaturas da terra;
> Louvai-o nas alturas, exércitos celestiais;
> Louvai o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Quando celebramos a Ceia do Senhor, cantamos outro hino que também se refere à glória de Deus. Essa doxologia, o *Gloria Patri*, vem da palavra latina que nós traduzimos como *gloria*:

> Glória seja dada ao Pai, e ao Filho
>   e ao Espírito Santo.
> Assim como era no princípio, é agora e sempre será:
>   mundo sem fim. Amém.

Originalmente, o *Gloria Patri* não era usado no santuário no contexto de uma adoração comunal, mas no campo de batalha durante uma crise em que os arianos, que negavam a deidade de Jesus, queriam propagar sua heresia. Os arianos tinham composto cânticos um tanto indecentes e os cantavam do outro lado do rio, insultando os cristãos que criam na Trindade e na deidade plena de Jesus. Em resposta a esses hinos lascivos, os cristãos se postaram do outro lado do rio e cantaram: "Glória seja dada ao Pai *e* ao Filho *e* ao Espírito Santo. Assim como era no princípio, é agora e sempre será; mundo sem fim". Esse hino de guerra então chegou à igreja e se tornou parte integral da nossa liturgia.

Quero ir além da mera definição de palavras e refletir sobre o que torna Deus tão glorioso. Lembro-me da história de dois garotos que estavam tendo uma discussão teológica. Um dos garotos disse ao outro: "Gostaria de saber de onde vêm as árvores".

O outro garoto respondeu: "Deus fez as árvores".

O segundo garoto respondeu: "Deus fez o sol".

O primeiro menino disse: "Gostaria de saber de onde veio você".

Seu amigo respondeu: "Deus me fez".

Por fim, o primeiro garoto perguntou: "Bem, e quem fez Deus?"

Seu amigo respondeu: "Deus fez a si mesmo".

A resposta do garoto não era fundamentalmente correta. O menino, na sua tentativa de ser profundo, fez uma afirmação sem sentido. Nem mesmo Deus consegue fazer a si mesmo; para ser capaz de fazer isso, teria de existir antes de existir. Precisaria existir e não existir ao mesmo tempo na mesma relação, e nem mesmo Deus, em toda sua glória, é capaz disso.

Causa e efeito

Em meados do século 20, houve um debate que se tornou famoso entre dois estudiosos. Um era Frederick Copleston, um filósofo católico-romano, e o outro era o cético inglês Bertrand Russell. Quando Bertrand Russell escreveu seu livro *Why I am not a Christian* [Por que não sou cristão], ele se lembrou de um momento de crise no seu pensamento sobre Deus, que ocorrera quando era adolescente. Até então, ele havia seguido a ideia tradicional segundo a qual precisaria existir alguma causa por trás de todas as coisas que existem no universo e que essa causa última de todas as coisas era Deus. Então, como adolescente, Bertrand Russell leu um ensaio de John Stuart Mill, que argumentava contra a existência de Deus com a simples réplica de que, se tudo exige uma causa, o próprio Deus precisaria ter uma causa; e, se Deus tiver uma causa, então o próprio Deus dependeria dela e não seria, portanto, último.

Se tudo tem uma causa, a própria lei da causalidade, usada durante séculos para argumentar em favor da existência de Deus, seria na verdade, disse John Stuart Mill, um argumento contra a existência de Deus. Isso convenceu o jovem e impressionável Russell e ele permaneceu fiel ao poder do argumento até o dia da sua morte. No entanto, Copleston ressaltou no debate público deles que a lei da causalidade não ensina nem jamais ensinou que tudo tem uma causa. Antes, a lei da causalidade afirma que todo efeito deve ter uma causa.

Se eu digo que tudo tem uma causa antecedente, estou dizendo que tudo é, em última análise, o efeito de algo diferente; por definição, efeitos exigem uma causa. A existência de Deus, porém, não é um efeito, portanto não exige uma causa. Ao tentar apontar essa distinção óbvia a Russell, Copleston o lembrou de que nem tudo que sabemos deste universo finito possui

maneira elegante de dizer que tudo que conhecemos na criação é contingente ou dependente de algo fora de si mesmo. Pense na sua própria vida. Quando você morrer e for sepultado, haverá, provavelmente, uma lápide com algumas informações gravadas nela, como seu nome, as datas do seu nascimento e da sua morte.

Houve um tempo em que nós não existíamos e em que este livro não existia. Para que este livro viesse a existir, foi necessário que algo além do próprio livro o produzisse ou manufaturasse. O livro não existia no nada e de repente decidiu fazer-se livro e aparecer na existência. Se isso tivesse acontecido, não estaríamos falando de filosofia, ciência ou teologia, mas de magia, que é exatamente o ponto em que a ciência deteriorou-se. Os cientistas querem que tenhamos fé nas suas conclusões, o que nos transforma apenas em criaturas crédulas que acreditam numa mágica que fez o universo aparecer do nada.

Naquele debate, Russell tentou argumentar do ponto de vista da "retrogressão infinita", segundo o qual tudo que vemos foi produzido por algo antecedente a ele, e isso, por sua vez, por algo que veio antes dele, etc. Temos uma série infinita de causas finitas. O problema é que, como Copleston ressaltou de maneira tão competente, é que a ideia de uma retrogressão infinita de causas finitas é absolutamente sem sentido. É um argumento mascarado a favor da autocriação. De fato, é autocriação eternamente composta porque parte do erro da autocriação o postula infinitamente.

Virtualmente todos os argumentos que têm sido usados contra a existência de Deus são, em última análise, um tipo de argumento de autocriação. Em última análise, o universo cria-se a si mesmo. Quando o telescópio Hubble foi lançado para o espaço, um astrofísico norte-americano disse: "Dezesseis ou dezoito bilhões de anos atrás, o universo veio a ser por meio de uma explosão". Ele sabia que o universo não é nem pode ser eterno, pois ele não possui razão suficiente para sua própria existência. Cada uma de suas partículas é o resultado de algo antecedente a ela, manifestando assim seu ser contingente. Os cientistas compreendem isso, por isso se veem obrigados a postular um tempo em que tudo começou. O argumento mais comum é que, dezesseis ou dezoito bilhões de anos atrás, toda a energia e matéria do universo se encontravam comprimidas num ponto minúsculo de singularidade, que permaneceu num estado perfeito de organização até que, num determinado momento do tempo, explodiu.

Evidentemente, a lei da inércia diz que coisas em estado de descanso tendem a permanecer em descanso, a não ser que sofram a ação de uma causa externa e que, coisas em estado de movimento tendem a permanecer em movimento, a não ser que sofram a ação de uma causa externa. A lei da inér-

movimento contra as forças da gravidade, mas outras forças impedem seu progresso muito antes do que o jogador desejaria. Ao mesmo tempo, se a lei não existisse, se não houvesse nada que agisse contra a bola em movimento, o jogador teria uma única tacada, pois esta continuaria em movimento para sempre. Ele levaria uma eternidade para completar os dezoito buracos.

Muitos anos atrás correspondi-me com Carl Sagan sobre essa questão e perguntei a ele qual teria sido a força externa que supostamente produzira o *big-bang*. Ele disse que conseguimos reconstituir tudo até o último nanossegundo, antes que tudo mudasse, e ele se deu por satisfeito em encerrar sua investigação nesse ponto. Sugeri que parar nesse ponto significava deixar de ser cientista, porque ele não se importava em buscar uma razão suficiente para sua teoria.

Em termos científicos e filosóficos, há apenas duas categorias: ser e não ser. Não ser é tudo que se encontra fora da categoria do ser, e não ser nada mais é do que um sinônimo de nada. Nada é o que não possui qualquer ser. Segundo um astrofísico, o que aconteceu foi que não havia nada lá fora, um não ser, que de repente explodiu e veio a ser.

Algum tempo atrás, um vencedor do prêmio Nobel disse que não podemos mais crer naquela forma antiga de autocriação chamada "geração espontânea", segundo a qual as coisas simplesmente vêm a ser a partir do nada. Ele disse que, hoje, por meio de análises científicas melhores, sabemos que a geração espontânea não ocorre. Na verdade, não acontece porque não podemos obter algo do nada rapidamente; ele disse que isso leva tempo, por isso devemos pensar na possibilidade de uma "geração espontânea gradual". Pessoas tão inteligentes assim parecem ter sido educadas para além da sua inteligência quando usam esse tipo de argumentos. É risível imaginar que, em qualquer circunstância, nada possa ter produzido algo, mas esses mesmos pensadores dizem que os cristãos são irracionais quando acreditam que um ser autoexistente, eterno e onipotente criou o universo a partir de nenhuma matéria pré-existente.

A autoexistência de Deus

Isso nos leva de volta à nossa pergunta inicial: o que torna Deus tão glorioso? Em última análise, o universo em que vivemos é o resultado ou de alguma forma de autocriação ou de uma criação realizada por algo ou alguém autoexistente. Temos aqui dois conceitos distintos: autoexistência e autocriação. A própria ideia de uma autocriação é formalmente falsa; é uma absurdidade autorreferencial. Por outro lado, alguém autoexistente

de ser eternamente nele mesmo. Essa ideia não viola nenhuma lei da ciência ou da lógica.

O grande filósofo e teólogo Tomás de Aquino entendeu isso claramente quando defendeu a existência de Deus como algo que ele chamou de "ser necessário". O universo e tudo que nele existe poderia existir sem nós. Não somos necessários para a existência de todas as coisas. O fato de não sermos criaturas necessárias significa que temos uma existência contingente, derivada e dependente. Tomás de Aquino disse que Deus tem o poder de ser em si e de si mesmo. Ele é eterno e tem uma existência necessária no sentido de que ele não pode não ser. Deus não morreu na cruz, pois Deus não pode morrer. Deus é imutável, pois o poder de ser eterno existe dentro dele por necessidade.

Tomás de Aquino estava dizendo que Deus, como ser necessário, é necessário não só ontologicamente, ou seja, no seu ser, mas que seu ser é também logicamente necessário, porque sem a existência de um ser autoexistente, nada poderia existir. Se algo existe, a lógica fornece uma prova formal e demonstrativa da existência de um ser autoexistente. Esse é um dos argumentos mais poderosos que é provado pela impossibilidade do contrário. É logicamente impossível que um ser autoexistente e eterno não seja. Sabemos que Deus existe não só pela fé ou pelas evidências ao nosso redor, mas pela força da necessidade lógica. Esse tipo de argumento é absolutamente irrefutável.

Há mais ou menos 25 anos, apresentei esse argumento na Yale University, e um dos professores, filho de um filósofo empírico (também cético e ateu) britânico de fama mundial, procurou-me mais tarde e me disse: "Jamais tinha ouvido isso em toda minha vida. Não consigo argumentar contra isso, é totalmente convincente". É claro que é convincente, mas não é profundo. É um argumento conhecido há séculos.

Se nosso único benefício deste estudo for uma confiança mais profunda na realidade do objeto da nossa fé, não alcançamos nosso objetivo. A razão pela qual Deus é glorioso é que ele é o único ser que tem o poder de ser em si mesmo e que ele é aquele do qual derivam todas as outras coisas. A transcendência maravilhosa de Deus, o único que de nada depende, não derivou seu ser de algo anterior ou fora dele. Ele não está sujeito a nenhuma possibilidade de decomposição, degeneração ou morte. Nele todas as coisas vivem e se movem e têm seu ser (At 17.28). Isso é glorioso e transcendente. Isso descreve um Ser tão acima de qualquer coisa finita, de qualquer coisa criada, que adorar uma árvore ou qualquer aspecto da ordem criada signifi-

No início dos meus estudos de filosofia, descobri as teorias de um filósofo pré-socrático chamado Parmênides. Meu professor disse à turma que Parmênides é conhecido por causa da seguinte afirmação: "Tudo o que existe é". Parmênides estava falando do ser puro, que não apresenta qualquer mistura com o não ser. O ser puro não possui um pingo de contingência ou qualquer ponto de dependência.

Deus é anterior e superior a todas as coisas. No seu ser, ele é perfeito. Nada lhe falta. Ele está repleto de uma multitude incontável de excelências. É por isso que os anjos no céu nunca se cansam de cantar doxologias a ele. É por isso que o povo de Deus jamais deveria se cansar de oferecer-lhe sacrifícios de louvor e oração. Sua grandeza é singular, ela transcende todas as coisas inferiores, até mesmo as coisas que nos impressionam profundamente neste mundo. Todas elas são como grama, que murcha e morre. Aquele que tem o poder de ser em si mesmo tem, com esse mesmo poder, a capacidade de criar mundos por meio da sua palavra. Ele disse: "Haja luz", e houve luz (Gn 1.3). Isso não foi magia. Foi a luz que emana do ser do Deus eterno, imutável e onipotente.

E é por isso que servimos: **para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém** (v. 11). A glória é uma propriedade inerente a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Glorificamos a Deus porque ele é um ser que possui glória eterna, e é por isso que Pedro começa a cantar. A glória pertence a Deus. O domínio pertence a Deus. Não por algum tempo, mas por toda a eternidade.

Às vezes, nós nos entusiasmamos com esportes competitivos e com seu sucesso. Temos nossos heróis e ídolos esportistas. Às vezes, porém, um ano após um atleta profissional ter conquistado um campeonato importante, ele se pergunta: "E isso é tudo?" Esses atletas têm talentos e habilidades extraordinários e se disciplinaram para conquistar um troféu, mas a glória da procissão de vitória desaparece com o pôr do sol seguinte, e os fãs clamam: "O que você fará por nós no próximo ano?" A glória e o domínio e o poder inerentes ao Deus trinitário duram para sempre, "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém" (Mt 6.13).

20

O SOFRIMENTO E A BONDADE DE DEUS

1Pedro 4.12-19

Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando. Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus. Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem; mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome. Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? E, se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador? Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem.

Ao longo do nosso estudo de 1Pedro 4, temos visto passagem após passagem que geraram inúmeras controvérsias sobre questões doutrinais e filosóficas. No nosso estudo anterior, nós nos concentramos numa parte do versículo 11 que trata da glória de Deus. Fizemos uma reflexão breve sobre a glória e a majestade do ser eterno e autoexistente de Deus, que transcende tanto toda a criação que nos

glória de Deus, soa uma nota dissonante, um pouco de discórdia que entra no texto de Pedro quando ele volta sua atenção da glória de Deus para o sofrimento do povo de Deus no mundo. **Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo** (v. 12). Duas vezes Pedro menciona aqui algo estranho, um tipo de anomalia na vida cristã – a presença de dor e sofrimento sob os olhos atentos de Deus.

Evidências de Deus

Anteriormente mencionei Bertrand Russell, que se tornou ateu quando adolescente depois de ler um ensaio do filósofo John Stuart Mill. Nesse ensaio, Mill argumentava contra a existência de Deus, dizendo que, se tudo tem uma causa, então Deus deve ter uma causa, de modo que ele em nada se distingue de qualquer outra parte da criação. Ressaltei que esse pensamento representa uma interpretação fundamentalmente equivocada da lei da causalidade, que não ensina que tudo deve ter uma causa, mas simplesmente que todo *efeito* deve ter uma causa.

Outro homem, o filho de um pastor e estudioso metodista evangélico, também tornou-se ateu na adolescência. A razão pela qual optou pelo ateísmo foi esse mesmo filósofo, John Stuart Mill. Esse jovem foi aliciado pela declaração de Mill segundo a qual Deus não pode ser bom e onipotente ao mesmo tempo. Se Deus é onipotente e, mesmo assim, permite as atrocidades sofridas pelos seres humanos, ele tem o poder de pôr um fim ao sofrimento. Já que ele não o faz, então ele não é bom nem amoroso. Por outro lado, se ele é bom e amoroso e não deseja permitir a brutalidade selvagem que aflige a raça humana, então isso deve significar que ele é simplesmente incapaz de impedi-la, não sendo, portanto, onipotente. Aquele garoto de 15 anos de idade sentiu o impacto do argumento de Mill e chegou à conclusão de que Deus não existe, certamente não o Deus da Bíblia.

Mais tarde, esse mesmo garoto contou uma história, que se tornou uma parábola famosa. É a história de dois exploradores que tentam abrir caminho através de um matagal na África, um local inabitado e longe de qualquer civilização. Enquanto usavam seus facões para abrir caminho na mata, encontraram uma clareira, na qual havia um lindo jardim. O jardim continha flores e vegetais perfeitamente organizados em fileiras, e nenhuma erva daninha invadia sua beleza. O jardim parecia perfeitamente cuidado e tratado. Um dos exploradores disse ao outro: "Isso não é incrível? Pergunto-me

que ele plantou esse jardim magnífico no meio de um lugar aparentemente tão inabitável". Eles esperaram, mas o jardineiro não apareceu.

Um dos exploradores disse: "Devemos estar enganados. Não deve existir nenhum jardineiro. O jardim deve ter crescido por acaso; é apenas um capricho inexplicável da natureza. Então, vamos continuar nosso trabalho de exploração".

O outro disse: "Não, talvez esse jardineiro seja diferente dos outros jardineiros. Talvez esse seja invisível e esteja ocupado cuidando do jardim, mas nós simplesmente não somos capazes de vê-lo".

Enquanto continuavam a conversar, um deles disse: "Vamos armar uma armadilha para ele. Cercarmos o jardim com um fio e prenderemos sinos nele. Se ele, em sua presença invisível, vier para cuidar do seu jardim, tropeçará no fio, e os sinos tocarão, e assim saberemos que ele esteve aqui, mesmo que não o vejamos".

Assim, armaram sua armadilha com todo cuidado e esperaram, mas os sinos não tocaram. Um dos exploradores disse: "Viu? Não existe jardineiro invisível".

O outro respondeu: "Espere. Talvez esse jardineiro não seja apenas invisível, mas também imaterial. Talvez ele não possua corpo para esbarrar no fio com os sinos".

O autor da parábola, o filósofo Anthony Flew, estava dizendo que o conceito de Deus havia sofrido a morte de mil qualificações. Em última análise, ele perguntou, qual é a diferença entre um Deus invisível e imaterial e nenhum Deus? Evidentemente, a resposta a isso grita que a diferença é o jardim. Como justificamos a ordem e organização perfeitas do jardim sem um jardineiro?

Algum tempo atrás, entrevistei Ben Stein para o programa de rádio *Renewing your mind* [Renovando sua mente]. Na época, Stein estava muito ocupado com a produção de um filme de Hollywood intitulado *Expelled.* Nesse filme, Stein mostrou o que está acontecendo com professores em faculdades e escolas de ensino médio dos Estados Unidos que têm a audácia de sugerir que o universo seja talvez o resultado de projeto inteligente e não de um acidente cósmico. Ao longo de toda a história da ciência ocidental, o trabalho da filosofia e os fundamentos filosóficos da ciência têm promovido a investigação livre de qualquer assunto desse tipo, com a virtude de ter a coragem de seguir para onde as evidências o levassem. Agora, porém, está havendo uma inquisição contra a investigação livre nos Estados Unidos. A secretaria de educação de Orange County proibiu qualquer tipo de ensino relacionado ao projeto inteligente em escolas públicas. Um editorial publicado na época no

não foi uma decisão inteligente, pois o que está em jogo aqui não é apenas religião e teologia, mas a investigação científica.

Em meio a esse debate sobre o projeto inteligente, aconteceu algo notável. Antony Flew anunciou ao mundo que ele havia mudado de opinião e que havia chegado à conclusão de que as evidências a favor de Deus eram convincentes. Ele disse que o projeto inteligente não é apenas uma teoria opcional, mas uma necessidade filosófica. Tem sido interessante observar as reações do mundo dos ateus à conversão de Flew. Seu caráter foi praticamente assassinado por filósofos e cientistas, que alegam que a única razão pela qual ele mudou de opinião é que está sofrendo de demência senil. Então Flew escreveu um livro, *There is a God: How the world's most notorious atheist changed his mind** [Deus existe: Como o ateu mais famoso do mundo mudou de opinião], no qual explicou por que ele mudou de opinião, e, se você ler o livro, você verá que ele não contém os escritos de uma pessoa demente.

Em primeiro lugar, o que havia levado Flew a se tornar ateu não havia sido a parábola do jardim na mata, mas o problema do sofrimento. Aos 15 anos de idade, ele leu a declaração de Mill, segundo a qual Deus não podia ser bom e amoroso e, ao mesmo tempo, onipotente, e Flew não conseguiu responder a essa crítica ao cristianismo. Os críticos do cristianismo do século 19 denominaram o problema do sofrimento de "calcanhar de aquiles" da fé cristã. Flew abordou o problema de outra direção. Ele disse que, quando se afirma a existência de algo, todas as evidências contra aquilo precisam ser levadas em conta. Por exemplo, quando se afirma que o mundo é redondo, todas as evidências a favor do argumento de que a terra é plana precisam ser consideradas. A ideia de uma terra redonda precisou de muito tempo para substituir a ideia de uma terra plana, pois era estranha – tão estranha que parecia muito mais fácil continuar a acreditar que ela era plana.

Os cientistas sabem que as teorias científicas mudam tão rapidamente quanto os padrões climáticos. Muitas das coisas que aprendi no ensino médio já não valem mais. No mundo científico, há paradigmas ou teorias que tentam descrever a totalidade da realidade; mas, até agora, nenhuma teoria científica para a compreensão de tudo tem conseguido se livrar de todas as evidências contrárias. Pense, por exemplo, na bem estabelecida alegação segundo a qual a geologia uniformitária é uma verdade científica. Essa teoria alega que as mudanças na superfície da terra ocorreram ao longo de

extensos períodos de tempo de modo uniforme e gradual, não como resultado de um momento catastrófico, que mudou tudo.

Immanuel Velikovsky, amigo de Albert Einstein, escreveu dois livros sobre essas anomalias, mencionando, por exemplo, o problema dos mastodontes congelados na capa de gelo com seus corpos completamente intactos. Quando os cientistas descongelaram e dissecaram esses animais, eles encontraram alimentos tropicais não digeridos no estômago deles. Os alimentos tropicais não chegaram à região ártica de modo gradual, e então os perplexos cientistas tentaram encontrar uma teoria que pudesse explicar isso.

Não estou criticando os uniformitarianos. Estou dizendo apenas que, para cada teoria, qualquer que seja, existem evidências contrárias, e, se as evidências contrárias forem severas demais, numerosas demais ou profundas demais, a teoria precisa ser mudada, que foi o que Flew disse. Flew leu sobre o Holocausto na Segunda Guerra Mundial, sobre os campos de concentração, onde tantos foram assassinados, e ele tomou consciência do massacre que ocorreu sob Joseph Stalin. Hoje, lemos que Saddam Hussein matou mais árabes do que qualquer homem na história humana, às vezes, por mera diversão.

Há um mal indizível neste mundo e dor e sofrimento inacreditáveis. Quando vemos isso, precisamos fazer a mesma pergunta feita várias vezes pelo povo do Antigo Testamento na literatura sapiencial: Por que os ímpios prosperam e os justos sofrem? Não faz sentido. Existem poucas pessoas que, em meio ao sofrimento, conseguem dizer: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1.21). Isso exige um profundo entendimento do caráter de Deus e uma profunda confiança na sua bondade.

Por que considerar isso estranho?

Tanto Jesus quanto Pedro responderam à pergunta quanto a por que os ímpios prosperam e os justos sofrem. Aqui Pedro nos pergunta por que isso nos surpreende. Por que consideramos isso estranho? Os judeus eram incapazes de acreditar que Jesus era o Messias porque ele sofreu. Que tipo de Deus enviaria seu próprio filho para Gólgota? Eles procuraram Jesus e o interrogaram sobre os galileus cujo sangue Pilatos misturara com seus sacrifícios e sobre os dezoito sobre os quais a torre de Siloé havia desabado (Lc 13.1-4). Jesus não respondeu que essas situações representavam anomalias, para as quais não existem respostas, ou que as pessoas precisavam adaptar sua compreensão do caráter de Deus. Ele não disse que as promessas das Escrituras são hipérboles poéticas. O que Jesus disse foi: "Se não

Jesus disse aos seus discípulos – e por meio deles também a nós – algo sobre o que normalmente não pensamos: por que Deus deveria ter impedido que o templo caísse sobre aquelas pessoas? Elas se encontravam em profunda rebelião contra o Criador. Parece-me que a pergunta não é por que há tanto sofrimento no mundo, mas por que há tão pouco. Por que, à luz de nossa hostilidade blasfema contra o nosso Criador, não estamos todos sofrendo no inferno neste exato momento? Uma razão pela qual existe sofrimento neste mundo – na verdade, *a* razão pela qual existe sofrimento – não é que Deus não é bom, mas porque ele é bom. Um Deus bom não permite que o mal fique impune. Jesus disse que estavam fazendo a pergunta errada.

Pedro diz que não devemos "estranhar" o sofrimento. Da palavra que ele usa aqui derivamos o nosso termo *xenofobia*, que é uma fobia ou um medo de estranhos, pessoas que não se encaixam nos nossos padrões. Ele quer que seus leitores entendam que nossas provações não são sem propósito. O Deus que nos remiu considera nossa alma mais preciosa do que ouro, e assim como o ouro é refinado pelo fogo, nós também somos refinados. Apesar de sofrermos por um momento, o objetivo de Deus é a nossa redenção, não a nossa destruição. E quanto àqueles que perecem no inferno? Deus pode criar pessoas, sabendo de antemão que elas pecarão e morrerão por causa disso, porque ele é santo. O problema do sofrimento se fundamenta em duas coisas, que nós ignoramos: o caráter de Deus e a seriedade do pecado. Essas são questões de peso.

John Stuart Mill disse que, se Deus é bom, ele precisa amar tudo, mas por que um Deus bom deveria amar pessoas más? Na verdade, apesar de haver alguns sentidos em que Deus ama pessoas más, há também alguns em que ele não as ama. A Bíblia diz que Deus derrama seu amor sobre o mundo inteiro – sua benevolência, sua beneficência se destina a todos –, mas, ao mesmo tempo, de outro ponto de vista, a Bíblia nos diz que Deus abomina os ímpios. Não temos um direito inato ao amor de Deus. Não estaríamos aqui hoje à parte disso, mas o fato de ele nos amar não se deve ao fato de que ele deve isso a nós ou de que seu caráter o exige. Isso se deve apenas a uma misericórdia e a uma graça que transcende o nosso entendimento.

Não estranheis o sofrimento, diz Pedro, mas **alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando** (v. 13). Alegrai-vos, diz Pedro, porque nossos sofrimentos resultam da nossa participação no sofrimento e na humilhação de Jesus, bem como da nossa identificação com eles. Nós sofremos porque ele sofreu, e ele pede que nos juntemos a ele nisso. Seu sofrimento é redentor; o nosso não é, mas no nosso sofrimento somos teste-

aos Colossenses: "Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo" (Cl 1.24). Paulo não quis dizer que faltava mérito à paixão de Jesus, mas que Cristo convidou todos que nele estão a compartilhar do seu sofrimento. O fato de termos parte no sofrimento de Cristo deve ser uma ocasião não de estranhamento, mas de muita alegria.

Nosso fiel criador

Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus (v. 14). No nosso estudo anterior, contemplamos a glória de Deus; neste estamos meditando sobre o sofrimento. Pedro não reconhece qualquer conflito entre a glória de Deus e o sofrimento que há neste mundo. Então Pedro nos adverte de que não devemos sofrer em consequência da nossa participação no mal, e ele conclui dizendo: **Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem** (v. 19).

Alguns anos atrás fui convidado pelo presidente da American cancer society para fazer uma série de palestras sobre o sofrimento diante de uma plateia de pessoas que se encontravam na fase terminal do câncer. Dei a essa série o título de "Surprised by suffering" [Surpreendidos pelo sofrimento], que posteriormente se tornou um livro. Nessas palestras, apliquei o conceito de Pedro ao diagnóstico médico de uma doença incurável. Falei com as pessoas sobre vocação e disse: "Não sei qual era a vocação de cada um de vocês antes de chegarem a este lugar – banqueiro, médico, professor ou motorista de caminhão –, mas sei qual é a vocação de vocês agora. A vocação de vocês agora é sofrer pela glória de Deus, porque não estão aqui por acaso. Vocês estão aqui pela vontade de Deus". Alguns não gostaram de ouvir isso, mas eu lhes disse que, se Deus não tivesse nada a ver com a doença deles, não haveria esperança para eles.

Se acreditarmos que o nosso sofrimento é resultado de um acaso cego e de uma colisão de átomos à parte da vontade de Deus, somos as pessoas mais miseráveis do mundo. No entanto, se soubermos que nossa dor vem até nós por meio do nosso Pai celestial, então deveríamos ser capazes de dizer com Jó: "Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra" (Jó 19.25). Essa é a essência e a alma do cristianismo. Nossa fé cristã nada significa até chegarmos ao vale da sombra da morte.

Se Deus nos chama para o sofrimento, devemos entregar nossa alma a ele – não como a uma deidade caprichosa, vingativa e tirânica, mas como a um Criador fiel. O momento mais difícil de crer que Deus é fiel é quan-

estarmos sofrendo – e a dor pode ser insuportável –, este sofrimento durará apenas um instante e não merece ser comparado com o que Deus preparou para nós na eternidade.

Nenhum paradigma científico alcança o ponto da onisciência, de saber o que acontecerá amanhã. Não podemos julgar a bondade e o poder de Deus antes de vermos os novos céus e a nova terra, onde a dor é banida, o sofrimento é aniquilado e a morte é expulsa para sempre. Podemos confiar em Deus, pois ele é digno da nossa confiança. Ele é fiel, e confiar nele é a única resposta que eu conheço à realidade do sofrimento neste mundo.

21

PASTORES FIÉIS

1Pedro 5.1-4

Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória.

Antes, na epístola, Pedro escrevera: "Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?" (4.17). O juízo começa conosco. Às vezes, os cristãos demonstram uma tendência a servir como juízes do mundo, mas o juiz é Deus. Somos chamados para ser recipientes da sua misericórdia também para aqueles que estão fora da nossa comunidade de fé. Se julgarmos, devemos começar com nós mesmos, pois a nossa responsabilidade é maior do que a das pessoas que estão no mundo. Como nos ensina o evangelho: "Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido" (Lc 12.48). Nós, que somos recipientes especiais da graça de Deus, não deveríamos dar espaço a um espírito julgador. "Se não fosse pela graça de Deus, lá iria eu",[*] como diz um antigo provérbio. Certa vez, ao falar de um dos seus rivais, Winston Churchill

[*] A ideia do provérbio é que, se não fosse pela graça de Deus, eu seria exatamente como aquele que eu

disse: "Se não fosse pela graça de Deus, lá iria Deus". Vivemos pela graça e apenas pela graça.

Com isso em mente, Pedro volta sua atenção para aqueles que ocupam uma posição de liderança na igreja. Ele menciona especificamente os presbíteros. Há muitos tipos diferentes de regime ou administração eclesiástica. Igrejas cuja autoridade está nas mãos da congregação são chamadas de congregacionalistas. Elas tendem a funcionar como democracias puras. Igrejas lideradas por presbíteros eleitos são chamadas de presbiterianas. A forma mais comum ao longo da história da igreja tem sido o tipo episcopal, em que pastores individuais servem em igrejas locais, mas são liderados por um bispo, que preside sobre determinado número de pastores dentro de uma região geográfica específica. Pelo que sabemos sobre a administração da igreja primitiva, ela praticou algum tipo de governo episcopal. Mais tarde, surgiu disso a monoepiscopacia, em que um bispo fica acima de todo o resto. A Igreja Católica Romana surgiu com essa forma monoepiscopal de governo.

Há diferentes opiniões entre os cristãos sobre o melhor modo de administrar a igreja. Diferentemente de outras doutrinas, a Bíblia não deixa tão claro que tipo de governo o Senhor queria para sua igreja. É claro que aqueles que defendem uma forma episcopal de governo argumentam que a Bíblia apoia isso, e aqueles que defendem uma forma presbiteriana de governo insistem que essa é a forma bíblica. Outros argumentam que a Escritura prevê algum tipo de governo congregacional. A diferença entre a palavra *presbítero* ou *presbyter* e *bispo* ou *episkopos* tem sido muito debatida. A questão é dificultada ainda mais pelas muitas passagens na Escritura que parecem usar os termos como sinônimos.

Em vista das dificuldades de interpretação bíblica dessa passagem, devemos ser pacientes e tolerantes com irmãos cristãos que preferem e adotam uma forma de governo eclesiástico diferente da nossa. Acreditamos na *communio sanctorum*, na comunhão dos santos, de modo que, mesmo que nos organizemos e nos governemos de modo diferente, cada cristão em cada igreja tem comunhão com cada cristão em cada igreja, baseada no princípio da união mística que todo cristão tem com Cristo. Na medida em que todos nós somos unidos a Cristo, somos também unidos uns aos outros. Conquanto haja razões legítimas para denominações específicas, nossa união espiritual transcende todos esses limites. Portanto, é possível ter comunhão sob um Senhor Supremo, o próprio Cristo, que é a cabeça de sua igreja.

Apóstolos e presbíteros

Pedro fala especificamente aos presbíteros aqui: **Rogo, pois, aos pres-**

sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada (v. 1). Podemos interpretar o termo *presbíteros* como referência a pessoas com funções no governo da igreja local como diferentes do pastor, ou podemos interpretar seu sentido primário como referência específica aos pastores. É interessante que Pedro chama a si mesmo de presbítero. O ofício de Pedro na igreja primitiva era o de um apóstolo. Na hierarquia da estrutura de autoridade do Novo Testamento, o topo é ocupado por Deus Pai, que então delega sua autoridade no céu e na terra ao Filho, cabeça da igreja. O Filho, então, autorizou alguns a falar com sua autoridade: os apóstolos.

Às vezes, usamos os termos *discípulo* e *apóstolo* como sinônimos, mas eles não são. Um discípulo é um aluno, alguém que estudou aos pés de Jesus, e um apóstolo é uma pessoa enviada como representante para falar com a autoridade do próprio Cristo. Quando escolheu seus apóstolos, ele disse: "Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou" (Mt 10.40). Os apóstolos falavam com a autoridade do próprio Cristo. Hoje há pessoas que tentam opor o ensino de Paulo ao ensino de Cristo, mas fazer isso significa violar o comissionamento dos apóstolos de Cristo. Aqueles que não aceitam Paulo não aceitam Cristo.

Havia certos critérios, estabelecidos no Novo Testamento, para o papel de apóstolo. Um apóstolo precisava ter sido um discípulo sob o ministério de ensino de Jesus e ter sido testemunha ocular da ressurreição. Outro critério – o mais importante – era um chamado direto e imediato para o ofício pelo próprio Cristo. Foi por causa desses critérios que a autoridade apostólica de Paulo foi desafiada tantas vezes no Novo Testamento. Ele não havia sido um discípulo durante o ministério terreno de Jesus, tampouco havia sido testemunha ocular da ressurreição. Jesus apareceu a Paulo apenas depois da sua ascensão ao céu. Paulo escreveu aos coríntios: "[Cristo] apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez [...]. Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo" (1Co 15.5-8). No livro de Atos, Lucas registra três vezes as circunstâncias quer cercaram a conversão de Paulo na estrada para Damasco e seu chamado por Cristo para ser um apóstolo. Uma razão para isso é que provavelmente a autoridade apostólica de Paulo era questionada.

O chamado de Paulo para ser um apóstolo foi tão extraordinário que ele precisou ser confirmado por aqueles cujo apostolado satisfazia todos os critérios óbvios. Isso é importante, porque há hoje pessoas que alegam serem apóstolos e falam com tanta autoridade quanto Pedro, Paulo e João. Hoje

estabelecidos no Novo Testamento, pois nenhuma pessoa dos nossos dias foi discípulo de Jesus durante seu ministério na terra. Nenhuma pessoa viva hoje foi testemunha ocular da ressurreição de Cristo no século 1º. Alguns argumentam que Deus pode chamar alguém para ser apóstolo dando-lhe o dom carismático do apostolado e, com isso, também a autoridade do apóstolo, mas, diferentemente de Paulo, essa pessoa não seria capaz de ter seu apostolado confirmado pelos discípulos originais de Jesus.

A dimensão da autoridade carismática concedida aos apóstolos não se estendeu para além do século 1º., por isso fazemos uma distinção entre o ofício extraordinário dos apóstolos e o ofício ordinário dos oficiais da igreja. Os apóstolos estabeleceram igrejas e, dentro delas, os ofícios ordinários de presbíteros, diáconos e bispos. Havia uma distinção clara, até mesmo na era do Novo Testamento, entre aqueles que governavam em virtude da medida especial de autoridade conferida aos apóstolos e aqueles que governavam num nível inferior, sob a autoridade dos apóstolos. Falamos da era apostólica e da era subapostólica, cuja geração não estava no mesmo nível da autoridade dos apóstolos.

Na primeira carta de Paulo à igreja de Corinto, ele escreveu para arbitrar disputas internas sobre quem possuía a maior autoridade entre eles, e uma das grandes disputas tinha a ver com o uso dos dons do Espírito Santo. Alguns da comunidade coríntia, que haviam vivenciado dons maravilhosos de Deus, haviam se declarado autoridades na igreja, em vez de permanecerem submissos às estruturas de autoridade estabelecidas pelos apóstolos. Paulo os repreendeu por causa disso em 1 e 2Coríntios. No final do século 1º., Clemente, então bispo de Roma, teve que interceder em disputas contínuas na igreja de Corinto e, numa carta aos coríntios, ele exigiu que os cristãos de Corinto se submetessem à autoridade dos apóstolos. Vemos, então, que termos como *presbítero*, *bispo* ou *diácono* referem-se aos ofícios ordinários do governo eclesiástico, e não aos ofícios extraordinários dos profetas do Antigo Testamento ou dos apóstolos do Novo Testamento.

Pedro exorta os presbíteros entre os destinatários da sua carta como copresbítero e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e também como coparticipante da glória a ser revelada. Um tema proclamado com frequência não só por Pedro, mas também por Paulo, é que o nosso batismo comunica que nós somos marcados de modo indelével como aqueles que foram chamados para participar na morte e ressurreição de Cristo. Se não estivermos dispostos a participar da humilhação que Cristo sofreu, se não estivermos dispostos a unir-nos ao nosso Senhor na sua humilhação, não participaremos da sua exaltação. Esse ponto ressurge aqui quando Pedro destaca que ele foi

glória que será revelada. Essa glória não é algo que é adiado para o futuro; Pedro está dizendo que ele já participa dessa glória.

Pedro foi testemunha ocular da humilhação de Cristo. Na verdade, foi coparticipante por causa da sua traição de Jesus. Ele foi também testemunha ocular da glória de Cristo (2Pe 1.16-19). No final do prólogo ao seu Evangelho, João escreve: "Vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1.14). A carta de Pedro não é uma correspondência casual de um cristão do século 1º., mas de uma testemunha ocular do sofrimento de Jesus. Pedro esteve presente no monte da Transfiguração e viu Jesus em sua ressurreição. Ele conquistou o direito de nos ensinar.

Pastores do rebanho de Cristo

A admoestação que Pedro faz aos presbíteros é esta: **pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós** (v. 2). Aqui vemos o bispo como um supervisor, um superintendente. O termo *bispo* (*episkopos*) tem uma raiz grega comum intensificada pelo prefixo *epi*. Da raiz *scopis* derivamos nossa palavra *escopo*. Um telescópio ou um microscópio é um instrumento que usamos para ver objetos. *Episkopos* significa "olhar algo com o maior cuidado possível". A forma verbal *episkein* é traduzida no Novo Testamento como "visitar". A encarnação de Jesus é celebrada como visitação de Deus ao seu povo, o "dia da visitação". Essa palavra é emprestada do grego militar. O general que visita, o *skopos*, vistoriava as tropas para ver se estavam prontas para a batalha.

Da palavra *episkopos* obtemos o conceito de "supervisor". A palavra *visão* está envolvida aqui. O propósito do bispo não é vistoriar o rebanho e encontrar erros nas ovelhas, mas pastoreá-las. Na Escritura, a imagem do pastor, que provém do trabalho dos pastores israelitas, alcança seu auge na declaração de Jesus sobre si mesmo como o bom pastor, que entrega sua vida pelas suas ovelhas. Suas ovelhas conhecem sua voz (Jo 10.27). Quando alguém vem fazer a manutenção do nosso ar-condicionado, nosso grande cachorro faz de tudo para conseguir atacar esse suposto intruso. No entanto, quando eu estou presente, o cachorro fica parado e me observa. Ele não late, pois me conhece; conhece minha voz. As ovelhas conheciam a voz do Grande Pastor, e, quando o Pastor falava, as ovelhas ouviam e seguiam o Pastor.

Pedro diz que as pessoas em posição de ministério devem ser pastores do rebanho de Deus. As ovelhas não pertencem a esses pastores; elas pertencem a Deus. Quando Pedro escreveu isso, ele certamente se lembrou das palavras de Jesus de reinstituição após a negação de Pedro: "Pela ter-

entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21.17). O pastor defendia as ovelhas contra animais selvagens e ladrões, e seu cajado dava consolo e segurança, mas a tarefa principal do pastor era alimentar as ovelhas. Pedro havia aprendido e compreendia isso bem. Jesus não instruiu o pastor a entreter as ovelhas, e ele certamente não instruiu o pastor a envenenar as ovelhas.

Nas igrejas de hoje, principalmente nos Estados Unidos, pesam sobre o ofício do pastor enormes expectativas. Por causa disso, dezesseis mil pastores abandonam o ministério todos os anos. Hoje, um pastor precisa ser psicólogo, teólogo, estudioso bíblico, administrador, pregador, professor e líder comunitário. O pastor gasta tanto tempo com questões secundárias que lhe resta pouco tempo para seu trabalho principal, que é alimentar suas ovelhas por meio do ensino e da pregação. O maior serviço que seu pastor pode prestar a você é alimentá-lo, não com sua opinião própria, mas com a Palavra de Deus.

Pedro lembra àqueles que pastoreiam o rebanho de Deus que devem servir **não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade** (v. 2). Os ministros devem servir não por obrigação, mas por alegria. O salário para a maioria das posições no ministério é baixo. Nos tempos do Antigo Testamento, não havia imposto de renda senão o dízimo. Deus impôs um imposto de 10 por cento a todas as pessoas, que deveria ser usado para pagar os pregadores e mestres. Deus atribui um valor mais alto aos cuidados da alma do que nós, por isso garantiu a alimentação da nossa alma por meio das nossas doações e dos nossos dízimos. Mesmo assim, milhares de pastores do nosso país são explorados. Eu já ouvi homens de negócios dizerem: "Acho que o pastor não deveria ganhar tanto quanto eu", ao que eu respondo: "Por que não?" Precisamos reajustar nosso pensamento. Muitas vezes, os pastores abandonam seu ministério não por causa do salário baixo, mas porque recebem a mensagem implícita de que seu trabalho é de pouco valor. Muitas vezes, é essa a mensagem transmitida, e isso é uma caricatura do reino de Deus.

Nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória (v. 3-4). Deus em Cristo dará uma coroa aos servos que alimentam suas ovelhas, isto é, se eles exercerem o ofício segundo a Palavra de Deus. Acima de tudo, o pastor deve alimentar o rebanho de Cristo com a Palavra de Deus.

22

Humildade

1Pedro 5.5-14

Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque

Deus resiste aos soberbos,
contudo, aos humildes concede a sua graça.

Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós. Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo. Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar. A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém! Por meio de Silvano, que para vós outros é fiel irmão, como também o considero, vos escrevo resumidamente, exortando e testificando, de novo, que esta é a genuína graça de Deus; nela estai firmes. Aquela que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda, como igualmente meu filho Marcos. Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor. Paz a todos vós que vos achais em Cristo.

Considero fascinante que, em todo o Novo Testamento, o uso de roupas retrata nossa redenção. A peça mais importante, é claro, é aquele manto que nos reveste com a justiça de Jesus. As Es-

(Is 64.6), e, se nos apresentássemos diante de Deus com base na nossa própria justiça, seríamos iguais àqueles que estavam nus e envergonhados.

O primeiro ato de graça e redenção de Deus foi a Adão e Eva. Quando cometeram seu primeiro pecado, fugiram da presença de Deus e se esconderam, porque estavam nus e sentiam-se envergonhados. Em vez de consignar Adão e Eva à vergonha eterna, Deus em sua misericórdia condescendeu em fazer roupas para esconder a nudez e cobriu a vergonha deles. Num sentido, esse primeiro ato de redenção prenunciou o ato supremo pelo qual nós seríamos revestidos – não com peles de animais, mas com a justiça do próprio Cristo.

Submissão à autoridade

Aqui Pedro instrui seus leitores não só a vestirem o manto da justiça de Cristo, mas também a se vestirem de humildade. **Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça** (v. 5). Todo o nosso ser deve ser coberto com a virtude da humildade, pois "Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça". Essa citação contém um paralelismo antitético. Os humildes recebem graça, que se opõe fortemente aos orgulhosos, que deparam com a resistência feroz de Deus. Quem consegue resistir a essa oposição? Mas, quando nos aproximamos de Deus com um espírito de humildade, ele não resiste a nós, mas acrescenta graça sobre graça.

Pedro continua: **Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte** (v. 6). Outra metáfora, tão rica em todas as Escrituras, é a mão ou o braço do Senhor, que significa sua força. Maria disse: "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador [...]. Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos. Derrubou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes" (Lc 1.46-52).

No Antigo Testamento, quando os israelitas se cansaram de comer maná, Moisés intercedeu pelo povo, que gritava: "Quem nos dará carne a comer?" (Nm 11.4). Moisés chorou diante do Senhor e implorou que ele providenciasse carne para o povo comer, e Deus disse: "Não comereis um dia, nem dois dias, nem cinco, nem dez, nem ainda vinte; mas um mês inteiro, até vos sair pelos narizes, até que vos enfastieis dela, porquanto rejeitastes o Senhor, que está no meio de vós" (v. 19-20).

Moisés sentiu medo e disse: "Seiscentos mil homens de pé é este povo

inteiro. Matar-se-ão para eles rebanhos de ovelhas e de gado que lhes bastem? Ou se ajuntarão para eles todos os peixes do mar que lhes bastem?" (v. 21-22). Deus respondeu a Moisés: "Ter-se-ia encurtado a mão do Senhor? Agora mesmo, verás se se cumprirá ou não a minha palavra!" (v. 23).

"Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus" (1Pe 5. 6). – nessa simples frase temos um microcosmo de toda a vida cristã. Obediência significa submeter-se ao braço do Senhor, reconhecendo-o como Senhor e reconhecendo sua autoridade eterna de exigir de nós o que quer que lhe agrade.

Quando fazemos isso, ele nos exaltará no tempo certo. A exaltação virá na hora determinada por Deus. Repetidas vezes as Escrituras nos dizem que Deus determinou a hora em que ele julgará o mundo por meio do seu Filho, a hora em que ele vingará seu povo, a hora em que ele compartilhará a glória do seu Filho com aqueles que o aceitaram.

Submissão ao chamado de Deus

Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós (v. 7). Essa ideia vem do negócio da pesca que não usa varas e anzóis, mas redes, como faziam os pescadores na Antiguidade e alguns ainda fazem hoje. A rede precisa ser lançada. Ela possui pesos presos para que afunde e os peixes possam nadar para dentro dela e serem pegos. Nesse caso, essa metáfora de lançar a rede é usada em relação às nossas ansiedades e preocupações, às coisas que nos puxam para baixo. Pedro diz que devemos lançar todas essas preocupações sobre Deus e que devemos fazer isso porque ele cuida de nós.

Um dos filósofos mais importantes do século 20 foi Martin Heidegger. Quando tentou analisar a condição humana, ele disse que todos os seres humanos vivenciam a sensação do *geworfenheit*, de terem sido lançados caoticamente na situação em que se encontram. Parece que o destino nos lançou cegamente neste mundo, e Heidegger define a vida no estado de ter sido lançado como marcada pela emoção singular de um *besorgen*, o tipo de preocupação que pesa em nós e nos leva ao desespero. Ele entendia que as pessoas carregam um fardo de desespero silencioso e que essa preocupação faz parte do nosso dilema humano e não é facilmente superada. Deus diz que devemos tomar todas essas preocupações e lançá-las sobre ele, pois ele é o Deus que se importa. Às vezes, achamos que ninguém se importa. Se você se sentir assim, essa é a passagem que precisa ler para se lembrar de que o Deus ao qual servimos é um Deus que se importa conosco.

O rapaz que me levou a Cristo cantava um hino com uma letra simples.

Jesus". Certo dia, quando ouvi o hino numa igreja, chorei. A verdade dessas palavras atingiu minha alma. Pessoas têm me amado e se importado comigo, mas ninguém se importou comigo como Jesus.

Um leão que ruge

Pedro continua: **Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar** (v. 8). A sobriedade que Pedro tem em mente não é simplesmente a ausência de qualquer influência alcoólica, mas um estado de estar alerta e vigilante. O motivo disso é o nosso adversário, o diabo. Cometemos um grande erro quando subestimamos o poder de Satanás. Aqueles que não acreditam na existência de Satanás caem nas mãos dele porque não acreditam no seu poder. Outros ficam tão obcecados com Satanás que chegam a ver um demônio atrás de cada arbusto, e parece que a fé que eles têm está mais nas forças ocultas do que na verdade de Deus. Precisamos de um entendimento sóbrio e vigilante da natureza de Satanás, da sua pessoa e da sua obra.

No século 16, Lutero falou sobre os três grandes obstáculos para o crescimento cristão – o mundo, a carne e o diabo. Ele vivenciava um ataque feroz e insistente de Satanás. Alguns acham que a aguda sensibilidade de Lutero à presença de Satanás era loucura, mas, se houve algum homem na História, à parte de Jesus, que estava na mira do diabo, esse homem foi Martinho Lutero. O diabo não queria que o evangelho da graça gratuita de Cristo fosse recuperado das trevas da Idade Média.

A metáfora que Pedro usa aqui para Satanás é um tanto estranha – ele descreve Satanás como um leão. Na Escritura, a metáfora típica para Satanás é a serpente ou cobra, aquela que mente, seduz e acusa. Normalmente, a Escritura associa a imagem do leão a algo mais positivo, mais real. Mencionamos acima que Judá recebeu uma bênção de seu pai Jacó:

> Judá é leãozinho;
> da presa subiste, filho meu.
> Encurva-se e deita-se como leão
> e como leoa; quem o despertará?
>
> O cetro não se arredará de Judá,
> nem o bastão de entre seus pés,
> até que venha Silo (Gn 49.9-10).

Os descendentes da tribo de Judá esperavam ansiosamente a plena ma-

dado a Jesus. Aqui, na epístola de Pedro, Satanás recebe a maravilhosa metáfora do leão, que normalmente era reservada a Cristo.

Pedro descreve Satanás como nosso adversário. Ele é nosso oponente supremo, aquele que se opõe a nós e busca a nossa destruição. Muitas vezes achamos que o papel principal de Satanás é seduzir-nos para o pecado. De fato, ele faz isso, mas muito mais perigoso é seu papel como acusador. No livro de Zacarias, encontramos uma visão do sumo sacerdote cujas roupas foram manchadas. Satanás foi para acusá-lo, e o Senhor disse: "O Senhor te repreende, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu a Jerusalém, te repreende; não é este um tição tirado do fogo?" (Zc 3.2). Satanás se concentrou nos pecados do sumo sacerdote para desacreditá-lo, mas esse sumo sacerdote estava revestido com a justiça de Cristo. Às vezes, Satanás se aproxima de nós e diz: "Você tem certeza de que é cristão? Como você pode ser cristão e fazer o que faz, pensar o que pensa e dizer o que diz?"

Um membro da minha congregação disse-me recentemente: "A vida cristã é realmente difícil", e eu respondi que de fato ela é. A vida neste mundo só se torna complicada quando nos tornamos cristãos. Antes disso, obedecemos espontaneamente a Satanás. Nós o seguimos e fazemos sua vontade, por isso não há conflitos, mas uma vez que somos resgatados e nossa vida foi tomada por Jesus, Satanás não abre mão de sua recompensa sem grande resistência e tentará fazer-nos tropeçar. E o mais importante, ele pode tirar de nós a certeza da salvação. Se ele roubar a nossa confiança, ele pode tornar-nos espiritualmente impotentes.

Satanás não nos calunia simplesmente, apesar de também fazer isso e muitas vezes nos acusar de coisas das quais não somos culpados. Como podemos discernir entre o ministério do Espírito Santo, que foi enviado para condenar-nos dos nossos pecados, e a obra de Satanás, que vem para acusar-nos dos nossos pecados? Ambos apontam para o mesmo pecado, mas por razões radicalmente diferentes. Quando Satanás nos acusa de um pecado, ele o faz para arruinar-nos, para nos paralisar e nos destruir. Quando o Espírito Santo nos convence do nosso pecado, ele o faz para redimir-nos e purificar-nos. Ser convencido do nosso pecado pelo Espírito Santo pode ser um processo extremamente doloroso, e o arrependimento verdadeiro também pode ser doloroso, mas sempre há algo doce nisso. Quando o Espírito nos convence e nós o reconhecemos, ele nos leva ao Salvador para sermos perdoados, não destruídos. O objetivo de Satanás não é a nossa redenção, mas a nossa ruína. Ele é nosso adversário e "anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8).

Houve um tempo na vida de Pedro em que ele subestimou perigosa-

que um deles o trairia, todos perguntaram: "Sou eu, Senhor?" (Mt 26.22; Mc 14.19). A Judas, Jesus respondeu: "Tu o disseste" (Mt 26.25). Então anunciou que Pedro o negaria e lhe disse: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22.31-32). Naquela noite, Satanás peneirou Pedro como trigo. Agora, mais velho, Pedro está escrevendo a esse jovem rebanho, advertindo-o. Pedro sabia, e nós também precisamos saber, que somos presa fácil para Satanás. É por isso que precisamos de toda a armadura de Deus.

Em outro lugar, as Escrituras nos dizem: "Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7), e: "Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (1Jo 4.4). Não temos chance contra Satanás, mas uma vez que Deus nos equipa com toda a sua armadura, Satanás não tem chance contra nós. Esse leão que anda em derredor, que ruge e ameaça fugirá com o rabo preso entre as pernas.

Se quisermos ser sóbrios e vigilantes em relação às maldades do diabo, temos de saber como ele é descrito em outras partes das Escrituras. Satanás não se manifesta como leão que ruge ou como cobra sorrateira; ele se manifesta como anjo da luz. Ele disfarça sua maldade com o bem falso, razão pela qual ele é tão enganoso. Nenhum pecado pode nos trazer felicidade, mas o pecado pode nos trazer prazer. O diabo se apresenta como anjo da luz e nos promete prazer no pecado, de modo que começamos a pensar que o que Deus proíbe não é apenas permitido, mas também bom.

Resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo (v. 9). As pessoas interpretam essas palavras de várias maneiras. Algumas dizem que devemos resistir por meio de uma fé constante ou sólida, o que é uma interpretação possível do texto. No entanto, creio que Pedro quis dizer que devemos resistir arraigando-nos profundamente no conteúdo da fé ou doutrina cristã. Doutrina tem a ver com a verdade revelada de Deus, e aqueles que dominam a doutrina da Palavra de Deus têm uma base sólida que os capacita a resistir ao inimigo que devora.

Pedro diz também que nossos problemas não são únicos. Não estamos sós nas nossas experiências de sofrimento e aflição. O sofrimento é o curso natural das coisas. Devemos lembrar que Pedro começou essa seção dizendo: "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse

Deus de toda a graça

Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar (v. 10). Todas as boas coisas que vivenciamos vêm da benevolente mão de Deus. Vivemos apenas pela graça. Avançamos de fé em fé, de vida em vida e de graça em graça, e Deus é o autor de todas essas graças. Ele não é apenas o Deus da graça ou apenas um Deus gracioso, ele é o Deus de *toda* a graça. A glória eterna de Deus, que existe apenas nele desde toda a eternidade, ele não a compartilhará com nenhum homem. No entanto, pela sua graça, ele nos chamou para que participássemos dela. O único que pode nos aperfeiçoar é Deus. O único que pode nos firmar é Deus. O único que pode nos dar a força duradoura é Deus. O único que pode nos fundamentar é Deus.

Agostinho disse: "Deus Todo-poderoso, tu nos fizeste para ti, e nosso coração permanece inquieto até encontrar descanso em ti". Agostinho estava dizendo que o espírito humano permanece eternamente inquieto. Enquanto estivermos alienados de Deus, que nos fez para si mesmo, não conseguimos nos aquietar no nosso espírito. Estar fundamentado é um ato da graça divina, por isso Pedro pede que Deus nos fundamente. Então, Pedro oferece uma ação de graças: **A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém!** (v. 11) – *soli Deo gloria*. Pedro esteve presente no Sermão do Monte. Ele ouviu como Jesus ensinou a orar: "Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém" (Mt 6.13).

Depois da ação de graças vem a despedida de Pedro: **Por meio de Silvano, que para vós outros é fiel irmão, como também o considero, vos escrevo resumidamente, exortando e testificando, de novo, que esta é a genuína graça de Deus; nela estai firmes** (v. 12). Quem é Silvano? A maioria dos comentaristas acredita que o nome Silvano é apenas outra grafia do nome Silas, o homem que acompanhou Paulo nas suas viagens missionárias e que chegou a ocupar uma posição de grande importância na igreja primitiva. É provável que Pedro tenha confiado essa epístola a Silas, para que ele a entregasse aos destinatários.

Aquela que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda, como igualmente meu filho Marcos (v. 13). Alguns especularam que "aquela que se encontra em Babilônia" era a esposa de Pedro. Antes, Jesus havia curado a sogra de Pedro, de modo que sabemos que em algum momento Pedro foi casado. No entanto, nesse caso "aquela" refere-se quase que com certeza à igreja, que sempre recebe um título feminino na Bíblia. Babilônia era um

Se Pedro escreveu essa epístola em Roma, ele está dizendo aos seus leitores que não é só ele que os saúda, mas toda a igreja de Roma.

Ao falar de Marcos, duvido muito que Pedro esteja usando a palavra "filho" no sentido biológico, mas no sentido em que Paulo se referiu a Timóteo. Assim como Timóteo era o filho de Paulo no Senhor, do mesmo modo Pedro descreve Marcos como seu filho espiritual. É quase certo que Pedro está falando de João Marcos, aquele que acompanhou Paulo numa viagem missionária, mas foi enviado de volta para casa. Ele não conseguiu ser missionário; o apóstolo Paulo teve que demiti-lo para que Marcos pudesse encontrar sua vocação. Marcos voltou para casa e escreveu o Evangelho de Marcos, que acreditamos ser – num sentido muito real – o Evangelho de Pedro, pois Pedro estava por trás de Marcos quando este o escreveu. Agora, Pedro volta a mencionar Marcos e envia também as saudações de Marcos.

Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor (v. 14). Em outro lugar, esse beijo é chamado de "ósculo santo". Era a maneira como as pessoas do Oriente Próximo se saudavam e se saúdam até hoje. Não somos obrigados a adotar esse costume na nossa nação, mas, se assim o desejarmos, podemos nos saudar com um beijo santo.

Pedro encerra a epístola da mesma maneira que Jesus concluiu sua instrução dos discípulos: dando-lhes o legado de Cristo. Jesus não possuía posses terrenas. Sua única roupa era seu manto, que foi sorteada pelos soldados que o prenderam. Tudo que lhe restava a dar aos discípulos era a paz: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (Jo 14.27). Conquanto os judeus tivessem o costume de desejar paz uns aos outros, na comunidade cristã isso adquiriu uma sensibilidade especial, desse modo Pedro encerra essa epístola com essa saudação comum. **Paz a todos vós que vos achais em Cristo** (v. 14). Paz a todos que estão no Príncipe da Paz; paz a todos que têm a herança de sua paz. Amém.

2 Pedro

23

A AUTORIDADE DE 2PEDRO

2Pedro 1.1

Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.

Quando inicio o estudo de um livro da Bíblia, costumo fazer uma pausa para considerar algumas perguntas contextuais. Considero quem o escreveu, quando foi escrito e para quem foi escrito, porque o conhecimento do contexto nos ajuda muito na nossa tentativa de compreender sua mensagem. Alguns têm dito que 2Pedro é o enteado esquecido do Novo Testamento. Creio que menos comentários foram escritos sobre esse livro do que sobre qualquer outro do Novo Testamento, com a possível exceção de Judas. Quando nos deparamos com essa epístola em particular, somos confrontados imediatamente com todas as críticas-padrão. A autoria de Pedro em relação a esse livro tem sido questionada e também sua legitimidade como parte do cânon do Novo Testamento.

O desenvolvimento do cânon

A primeira coisa que precisamos entender é que a Bíblia não é um único livro, mas uma coleção de 66 livros individuais. Chamamos todos esses livros reunidos num único volume de "cânon da Escritura sagrada". A palavra *cânon* deriva do termo grego *kanon*, que significa "vara de medida" ou "padrão". Quando a igreja decidiu quais livros deveriam ser incluídos na categoria de Escritura sagrada, ou quais livros, propriamente falando,

que manifestam o padrão da Palavra de Deus. Eles são a norma para toda a literatura cristã. Na verdade, dizem sobre o cânon que ele é a norma das normas e isenta de normas. O desenvolvimento do cânon foi um processo. Na verdade, a igreja se envolveu em debates, discussões e na análise de vários livros durante mais de trezentos anos a partir do século 1º. com o objetivo de determinar uma vez por todas quais livros deveriam ser incluídos.

A primeira coleção de livros foi formada por um herege chamado Marcião, que nutria uma antipatia contra o Deus do Antigo Testamento. Marcião não acreditava que Deus era o Deus supremo do universo, mas um ser inferior, algo que ele chamava de "demiurgo", acometido por mau humor e sujeito a ataques de ira indignos de uma deidade última. Quaisquer referências no Novo Testamento favoráveis ao Deus do Antigo Testamento ou que sugeriam que Jesus era o Filho do Deus do Antigo Testamento foram impiedosamente eliminadas do cânon de Marcião. Quando terminou seu trabalho com tesoura e fita adesiva, pouco restou do que nós reconhecemos como Novo Testamento. Ao longo de toda a história da igreja foi sempre o ensino de hereges que obrigou a igreja a refinar e detalhar sua profissão de fé. Uma vez que o cânon falso de Marcião estava se propagando pelos países afora, a igreja se viu obrigada a entrar no debate e a declarar quais livros possuíam autoridade apostólica.

Uma das listas mais importantes para a determinação do cânon surgiu em 175 d.C., o chamado Cânon Muratoriano. O livro de 2Pedro não fazia parte do Cânon Muratoriano do final do século 2º.; ele só viria a ser incluído mais tarde na história da igreja.

Certa vez, eu li que um crítico do cristianismo bíblico afirmou que havia entre dois e três mil livros candidatos à inclusão ao Novo Testamento e que apenas um punhado conseguiu ser eleito na análise final. Esse crítico questionou as probabilidades de os livros certos terem sido incluídos no cânon, já que havia tantos entre os quais escolher. Nossos amigos católicos romanos dizem que os livros certos foram escolhidos porque a igreja, que decretou o cânon, os escolheu; no entanto, essa reivindicação um tanto triunfante de Roma também apresenta suas dificuldades.

Em primeiro lugar, a igreja mudou de opinião em várias ocasiões em relação aos livros que deveriam ser incluídos. Portanto, qual foi a seleção inspirada ou infalível, e qual foi a errada? Já que as escolhas deles nem sempre concordavam, é difícil apelar a algum tipo de infalibilidade transcendente nesse processo.

Em segundo lugar, e mais importante, na época, a igreja não estava criando o cânon, mas simplesmente reconhecendo o que era o cânon, reconhe-

Em outras palavras, a igreja estava consentindo com uma lista de livros cuja autoridade ela reconhecia.

Não precisamos nos preocupar com a pergunta sobre se os livros certos foram incluídos ou não porque, nesse processo histórico de seleção, entre todos os livros que foram realmente seriamente considerados, apenas três não foram incluídos no cânon do nosso Novo Testamento atual. A vasta maioria dos candidatos foi clara e amplamente reconhecida como espúria. Muitos deles apresentavam um ensino falso, normalmente atribuído aos gnósticos. Nos seus esforços para minar a autoridade da Bíblia, os gnósticos escreveram seus livros fraudulentos e tentaram infiltrá-los nas igrejas, atribuindo a eles uma autoria apostólica. Esses livros nunca foram seriamente levados em consideração. Os três únicos livros que não conseguiram ser incluídos no cânon foram *O Pastor de Hermes*, o *Didaquê* e *1Clemente* (Clemente foi bispo de Roma no final do século 1º.), mas esses livros também nunca foram candidatos fortes.

Na carta de Clemente, é evidente que ele via a si mesmo como estando sob a autoridade dos apóstolos. Ele claramente entendia a si mesmo como membro da segunda geração, e recorria aos apóstolos que tinham vindo antes dele para falar da verdade dos ensinos deles. Se você analisar esse documento e os outros que foram excluídos, verá por que eles não foram incluídos no cânon.

O debate atual não trata tanto da questão sobre se aqueles livros excluídos deveriam ter sido incluídos, mas se alguns poucos livros incluídos no final deveriam ter sido excluídos. Havia um punhado de livros no Novo Testamento sobre os quais alguns sérios questionamentos foram feitos. A Epístola aos Hebreus foi um deles, porque parece sugerir que as pessoas podem perder a salvação (veja Hb 6, 10). Isso gerou uma controvérsia significativa na igreja primitiva. O livro de Apocalipse também gerou algumas dúvidas por causa da dificuldade de interpretar seus símbolos e imagens. Os livros de 2Pedro e 1, 2, 3João foram os outros. No entanto, os questionamentos não eram graves.

Os critérios do cânon

Qual foi o processo adotado pela igreja para chegar à sua decisão? Primeiro a igreja perguntava se os escritos haviam sido recebidos pela primeira igreja cristã, a comunidade cristã original, como tendo autoridade apostólica. Desde o início, não houve dúvida quanto à pergunta sobre se os Evangelhos haviam sido aceitos pela igreja primitiva como Palavra de Deus

não terem sido escrito por apóstolos, a igreja reconheceu desde o início que a autoridade apostólica de Pedro estava por trás do Evangelho de Marcos e que a autoridade apostólica de Paulo estava por trás do Evangelho de Lucas e do livro de Atos.

Isso nos leva ao segundo critério, que é a autoria apostólica. Quando havia provas de que um livro havia sido escrito por um apóstolo, isso já era credencial suficiente para incluí-lo no cânon. Quando havia provas de que um livro havia sido aprovado por um apóstolo, como era o caso de Marcos e de Lucas, isso também garantia seu acesso ao cânon. No caso de livros sobre os quais havia dúvidas que perduravam, a inclusão deles no cânon foi determinada por meio de uma comparação do seu conteúdo e da sua doutrina com os livros já escolhidos.

Uma ironia dessa discussão foi que o livro de Hebreus conseguiu entrar no cânon quando a igreja se convenceu de que ele havia sido escrito pelo apóstolo Paulo, mas, hoje em dia, apenas poucos acreditam que Paulo realmente escreveu Hebreus (eu sendo uma exceção). Já que 2Pedro tem o nome de um apóstolo – Simão Pedro –, imaginaríamos que isso fosse suficiente para incluí-lo no cânon sem discussões, mas apenas decisões posteriores dos Concílios de Cartago e de Hipona reconheceram que as revindicações apostólicas de 2Pedro eram autênticas. Em outras palavras, a igreja se convenceu de que seu autor, Simão Pedro, era realmente aquele que alegava ser autor da epístola no primeiro versículo. No entanto, ainda há aqueles que argumentam que 2Pedro não foi escrito pelo apóstolo Pedro e, portanto, não deveria ser incluído no cânon da Escritura.

Do mesmo modo, a autoria de todas as treze epístolas atribuídas ao apóstolo Paulo foi desafiada pela alta crítica durante o século passado. As armas da crítica têm atirado em praticamente todos os livros do Novo Testamento, argumentando que alguns dos próprios Evangelhos só foram escritos no século 2º. Tudo isso é basicamente motivado por uma tentativa de solapar a autoridade dos documentos bíblicos.

Por fim, houve também o argumento de que a doutrina da inerrância das Escrituras não foi defendida pela igreja primitiva, nem mesmo pelos reformadores magisteriais do século 16, mas que se trata de uma doutrina abstrata que veio por meio do racionalismo do escolasticismo protestante do século 17. É verdade que Martinho Lutero nunca disse que a Bíblia é inerrante, mas ele disse que a Bíblia nunca erra. João Calvino não costumava usar o termo *inerrância*, mas ele disse que deveríamos receber a Bíblia como se a ouvíssemos de modo audível do céu, porque é a Palavra verdadeira de Deus.

Houve um momento na grande controvérsia de Lutero em torno da doutrina da justificação apenas pela graça em que seus adversários citaram Tiago 2 contra essa noção. Durante um tempo, Lutero ficou tão frustrado que, no seu desespero, disse: "Tiago é uma epístola de palha", e questionou sua inclusão no cânon. Alguns dizem que, já que, em algum momento, Lutero questionou a canonicidade de Tiago, ele obviamente não acreditava na inerrância da Bíblia. No entanto, Lutero acreditava que cada livro na Bíblia é a inerrante Palavra de Deus; o que ele questionou foi se um livro específico deveria ser incluído no cânon. Seu questionamento de Tiago não dizia respeito à inspiração da Escritura sagrada; era uma questão da canonicidade de Tiago. No fim, ele aceitou Tiago e se mostrou satisfeito com sua inclusão no cânon.

A natureza e a extensão da Bíblia envolvem duas perguntas diferentes. Tenho certeza absoluta de que, em última análise, cada livro que a igreja reconheceu como autêntico nos foi dado pela autoridade apostólica e que todos os livros que Deus quis incluir ao Novo Testamento estão nele hoje.

A autoria de 2Pedro

Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo (v. 1). Em grego, o nome que Pedro dá a si mesmo não é Simão Pedro, mas Simeão Pedro. O nome Simeão era um dos nomes mais comuns do povo de língua aramaica no mundo antigo e é a forma aramaica do nome Simão. No entanto, alguns duvidam de que o apóstolo Pedro tenha escrito a epístola, visto que o autor dá a si mesmo o nome Simeão Pedro em vez de Simão Pedro.

No entanto, o que pesa mais é que aqueles que questionam a autoria dessa epístola o fazem com base em algumas diferenças literárias significativas entre 1 e 2Pedro. Essas diferenças dizem respeito a três questões. A primeira é o estilo do grego usado em cada uma das epístolas. A segunda é o problema dos *hapax legomena*, um termo que se refere a palavras encontradas apenas uma vez num escrito ou num particular corpo de escritos. Por exemplo, podemos dizer que existem *hapax legomena* em Efésios, porque nesse livro ocorrem mais de trinta palavras que não ocorrem em nenhum outro dos escritos de Paulo. Então, dizem as pessoas, é óbvio que outra pessoa escreveu a epístola. Em 2Pedro encontramos 57 palavras que ocorrem apenas nessa epístola e em nenhum outro lugar do Novo Testamento. A terceira questão é que o tema de 2Pedro diverge de 1Pedro em sua

Vemos repetidas vezes na literatura do Novo Testamento que os autores dos livros se serviam de secretários ou amanuenses para escrever suas cartas. Silvano, aquele que o apóstolo Pedro mencionou na sua primeira epístola como portador da carta era, muito provavelmente, também o secretário de Pedro que escreveu aquela carta. Aqui, na epístola escrita pouco antes da morte de Pedro, ele está usando um secretário diferente, e essa substituição de secretários explicaria de modo mais do que razoável a diferença em estilo e estrutura.

A questão dos *hapax legomena* é resolvida quando consideramos que não é incomum um autor variar seu vocabulário. Quando iniciei meu doutorado na Holanda, minha primeira tarefa foi ler 25 livros em holandês, uma língua que eu não conhecia. Os dois primeiros volumes falavam praticamente do mesmo assunto, cristologia, e foram escritos para o mesmo público com um intervalo de apenas um ano. Já que eu não conhecia a língua, abri o primeiro livro para ler a primeira palavra da primeira frase, e, evidentemente, era uma palavra holandesa. Então fui pegar meu dicionário holandês-inglês e procurei a palavra. Escrevi a palavra em holandês de um lado de um pequeno cartão e a tradução do outro lado. Repeti o processo para a segunda e a terceira palavra. Naquele primeiro dia, consegui traduzir pouco mais do que uma página. Foi assustador. Todos os dias, investi tempo aumentando a pilha de cartões e memorizando as palavras. Quando consegui terminar o primeiro livro, havia memorizado mais ou menos dez mil palavras. Então, ataquei o segundo volume e encontrei nele cinco mil palavras que não havia encontrado no primeiro – mesmo autor, mesmo tema e mesmo público. Basta dizer isso para explicar a questão sobre os *hapax legomena*.

O apóstolo Paulo escreveu sobre temas diferentes em momentos diferentes para públicos diferentes; no entanto, as pessoas duvidam de sua autoria porque 33 palavras numa de suas cartas não ocorrem nas outras. Elas devem pensar que Paulo e Pedro eram absolutamente pobres em termos de vocabulário.

A terceira questão tem a ver com a natureza cultural e filosófica das epístolas de Pedro. Se o tema central em 1Pedro é o encorajamento em tempos de perseguição, essa segunda epístola lida com a ameaça da heresia gnóstica. O gnosticismo representava uma das ameaças mais sérias à vida da igreja no final do século 1º. e também nos séculos 2º. e 3º. Se Pedro estava ciente da ameaça gnóstica, ele certamente foi capaz de tratar dela nos seus escritos. Pedro não era um homem ignorante. Ele sabia que a maior ameaça ao bem-estar do povo de Deus é o falso ensino.

Influência gnóstica

Hoje as pessoas não querem levar a doutrina a sério. Dizem que a doutrina gera divisão, de modo que, em vez disso, devemos nos concentrar em relacionamentos; mas ironicamente, ao afirmarem isso, elas imitam justamente as pessoas às quais Pedro se dirige nessa segunda epístola. A maior ameaça herética nos dois primeiros séculos do cristianismo veio do gnosticismo. A palavra *gnosis* é com frequência encontrada na nossa própria língua. Aqueles que afirmam não saber se Deus existe chamam a si mesmos de *agnósticos*, "sem conhecimento". Por falar nisso, o equivalente em latim é *ignoramus*.

Os gnósticos argumentavam que a verdade, particularmente a verdade última, não poderia ser apreendida pela mente, por meio do uso da razão, por meio dos cinco sentidos ou por meio da investigação científica. A única maneira de compreender a verdade de Deus, diziam eles, era por meio da intuição mística que ultrapassa as categorias da razão e do testemunho ocular. Os gnósticos tentaram desenvolver um amálgama de filosofia grega e dualismo oriental com uma pitada de cristianismo. Eles alegavam ter uma linha direta com Deus, de modo que Deus se revelava apenas àqueles que detinham o conhecimento, os *gnosticoi*, cujo conhecimento era supostamente superior ao dos apóstolos, visto que os apóstolos tentavam compreender a mensagem da revelação de uma maneira inteligível em vez de compreendê-la pela intuição mística.

Peter Jones, estudioso do Novo Testamento, escreveu um livro intitulado *The Gnostic empire strikes back* [O império gnóstico contra-ataca], no qual ele faz um estudo compreensivo sobre como o gnosticismo está vivo e forte nos dias de hoje. O veículo principal para a propagação do evangelho gnóstico é o pensamento Nova Era que conquistou a imaginação do mundo ocidental de tal modo que os elementos gnósticos dominantes na época da igreja primitiva têm sido aceitos pela pós-modernidade.

Alguns anos atrás fui convidado a fazer a palestra de convocação, que normalmente é uma apresentação erudita, num seminário. Falei aos membros da faculdade e aos alunos sobre a necessidade urgente de exigir cursos de lógica em cada seminário. Nós nos asseguramos que os alunos aprendam hebraico e grego e exigimos que eles estudem o contexto e o pano de fundo da Bíblia, mas as Escrituras continuam a ser interpretadas de modo equivocado porque inferências ilegítimas são feitas a partir do texto. Há uma falta de entendimento das leis da inferência imediata, ou seja, uma falha de compreender os princípios rudimentares da lógica. O público não gostou da minha apresentação, porque a comunidade do seminário havia sido levada a

acreditar que nós compreendemos as coisas de Deus não por meio da nossa mente, mas por meio da apreensão mística.

Um dos grandes temas que Pedro trata nessa epístola é a natureza do conhecimento de Deus, e ele começa a tratar dele rapidamente. Embora 2Pedro não tenha sido incluído ao Cânon Muratoriano de 175 d.C., os primeiros pais da igreja fizeram referências claras a este livro, e a autoria de Pedro foi fortemente defendida por pessoas como Atanásio, Ambrósio e Agostinho. O testemunho interno do livro e o testemunho externo da história da igreja são fortes, e eu ensino sobre a epístola com a convicção firme de que ela chegou até nós por meio da autoridade apostólica de Simão Pedro.

24

Confirme sua vocação – Parte 1

2Pedro 1.1

Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.

Do mesmo modo que Paulo costumava identificar-se nas suas cartas, Pedro também se identifica com um título duplo, ou seja, como **servo e apóstolo de Jesus Cristo** (v. 1). Na comunidade cristã, a camada mais baixa da sociedade era formada pelos escravos, e o ofício mais alto, com a exceção do ofício do próprio Jesus, era o de apóstolo. Aos apóstolos, a autoridade de Jesus havia sido dada em tal medida que ele anunciou: "Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou" (Mt 10.40).

Hoje há muitos que dizem: "Eu acredito em Jesus e sigo seus ensinos, mas não consigo seguir os apóstolos. Mal consigo tolerar Paulo, aquele teólogo judeu chauvinista". No entanto, nada sabemos sobre Jesus a não ser pelo testemunho apostólico que vem a nós por meio das Escrituras, de modo que distinguir entre Jesus e os apóstolos é algo estranho até mesmo para as próprias Escrituras. Na igreja primitiva, Irineu teve de lidar com cínicos que diziam que respeitavam Jesus, mas não se submeteriam à autoridade dos apóstolos. Irineu disse que não se pode ter Jesus e rejeitar aqueles que Jesus nomeou para que falassem em seu nome, assim como também

Durante o ministério de Jesus na terra, os fariseus fizeram um tipo de distinção semelhante. Eles alegavam crer em Deus, mas rejeitavam Jesus. Jesus disse: "Quem me rejeitar rejeita aquele que me enviou" (Lc 10.16). Isso é simplesmente lógico. Assim, a autoridade máxima que operava na igreja primitiva era, à parte da autoridade de Jesus, a autoridade dos apóstolos.

Aqui, Pedro reivindica a autoridade mais alta que uma pessoa podia reivindicar na igreja primitiva – a de ser um apóstolo. Ao mesmo tempo, como faz também o apóstolo Paulo, ele se identifica como escravo. Ele é simultaneamente o mais alto e o mais baixo da sociedade cristã. A palavra que Pedro usa aqui, *doulos*, é a mesma que Paulo usa em Romanos; refere-se a um escravo comprado. Nas Escrituras, há uma estreita ligação entre as palavras *doulos* e *kyrios*. *Kyrios* era o senhor ou mestre; era impossível ser *kyrios* sem possuir escravos. Levando a metáfora ainda mais adiante, o apóstolo Paulo escreveu: "Fostes comprados por preço" (1Co 6.20; 7.23).

Pedro e Paulo viam-se como escravos de Cristo, e essa noção se estende a todos que foram comprados por Jesus. Somos todos escravos de Cristo. A ironia suprema é que Jesus vem para nos libertar da escravidão, e ele nos diz: "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (Jo 8.36). Aqueles que foram libertados da escravidão do pecado assumem um novo tipo de escravidão; eles se tornam escravos de Cristo. Se você acha que está livre à parte da escravidão a Cristo, sua liberdade é pura escravidão. Temos de perder nossa vida para encontrá-la; precisamos dá-la para recebê-la de volta. Tudo isso e mais ainda está contido na simples autodescrição de Pedro.

Fé igualmente preciosa

Aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo (v. 1). Poderíamos escrever pelo menos dez livros sobre essa segunda parte do versículo 1. Pedro dirige sua epístola aos seus irmãos cristãos que receberam fé. Assim como o apóstolo Paulo, o apóstolo Pedro também define a fé não como algo que se origina de um coração humano não regenerado e é exercida por ele, mas como algo que o cristão recebe de maneira passiva. Se você tem fé em Jesus Cristo, não a criou por si mesmo. Quando você ouviu o evangelho e respondeu de maneira favorável a ele, talvez tenha pensado que decidiu crer em Jesus, mas a fé salvífica não resulta de uma decisão humana. É um dom divino. Paulo escreveu:

> Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe

> entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos (Ef 2.1-5).

Que Deus nos deu vida é a linguagem bíblica para regeneração. Deus nos fez nascer de novo, não depois de termos deixado o chiqueiro do filho pródigo e voltado para casa, mas, enquanto estávamos mortos no pecado e nas transgressões, enquanto ainda seguíamos o curso deste mundo, o príncipe do poder do ar e obedecíamos aos desejos da nossa carne. Quando estávamos nessa condição de morte espiritual, Deus, na sua indizível graça e misericórdia, nos trouxe à vida espiritual. Quando o corpo físico de Jesus foi deitado no túmulo, o poder de Deus o ressuscitou da morte e o trouxe de volta à vida mais uma vez. É esse mesmo poder que nos ressuscita da morte espiritual, se realmente tivermos fé em Cristo. Paulo continua:

> Pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie (Ef 2.5-9).

Este é o benefício maravilhoso da eleição soberana de Deus, que ele dá o dom que nós não merecemos. Ninguém crê por poder próprio, mas apenas como resultado da ação de Deus. É exatamente isso o que Pedro está dizendo aqui.

No nosso vocabulário, algo que chamamos de "precioso" tem um valor extraordinário. Chamamos gemas de pedras preciosas, porque valem muito mais do que cascalhos. E é nesse sentido que Pedro descreve a fé pela qual somos salvos como fé preciosa. Existe alguma coisa que você possui que seja mais preciosa do que a fé que o liga a Cristo e lhe entrega toda a sua herança? As pessoas mais sábias se separam de tudo o que possuem a fim de possuir essa realidade preciosa, essa pérola de alto preço.

A deidade de Jesus

A forma como essa segunda oração é formulada é um tanto desajeitada. Nós obtivemos essa preciosa fé "na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo". Quando Paulo fala da nossa justificação somente pela graça e sobre

não é a mesma pela qual o próprio Deus é justo, mas aquela que ele dá como um dom àqueles que creem. Trata-se da imputação ou transferência da justiça de Cristo para a conta de todos que depositam sua confiança nele. Não há doutrina mais preciosa do que essa da imputação da justiça de Cristo ao cristão, porque a única justiça pela qual podemos ser salvos perante Deus é a justiça de Cristo.

É possível que nessa frase Pedro esteja se referindo àquela fé preciosa que agora nos liga à justiça que é a base da nossa salvação. A frase poderia ser interpretada também de modo a significar que foi por meio da maravilhosa justiça do próprio Deus que ele se agradou em nos dar a mesma dádiva preciosa que ele deu a outros. Não sei qual dessas duas possíveis interpretações é a correta, mas ambas levam ao mesmo resultado. Obtivemos a fé preciosa "na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo". Aqui, a estrutura é absolutamente clara. Pedro está falando do dom que vem até nós por meio da justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. Pedro está se referindo a Jesus não só como Messias, nosso Salvador, mas também como Deus. Há poucas passagens no Novo Testamento tão claras como essa na sua atribuição de deidade a Jesus.

No Evangelho de João, Jesus apareceu a Tomé, o gêmeo, que decidira não crer com base no testemunho dos seus colegas discípulos. Ele disse: "Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (Jo 20.25). Quando apareceu a ele, Jesus estendeu sua mão e disse: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente" (v. 27). O Evangelho não nos diz se Tomé realmente fez isso. Acho que não; ver Jesus na sua frente deve ter sido o suficiente. Então Tomé caiu de joelhos e fez uma grande confissão: "Senhor meu e Deus meu!" (v. 28).

Essa confissão da deidade plena de Jesus é feita já no prólogo do Evangelho de João: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Durante os dois primeiros séculos de reflexão cristã sobre a pessoa de Jesus, o conceito do *logos* nesse prólogo dominou o pensamento das mentes mais importantes dos primeiros pais da igreja. Eles observaram a clareza com a qual o apóstolo João declara que o Verbo era Deus – não *um* deus, não *como* Deus, mas "era Deus". A gramática dessa passagem deixa clara a identidade entre o Verbo e Deus. Não foi por acaso que a igreja primitiva professou a deidade de Cristo.

No entanto, ao longo da história da igreja, alguns lutaram com a doutrina da deidade de Cristo. Eram incapazes de compreender como era possível

"Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" (Dt 6.4). Como é possível defender a unicidade de Deus e ao mesmo tempo atribuir deidade ao Filho e ao Pai e ao Espírito Santo?

A heresia ariana

A questão da natureza da Trindade sofreu seu ataque mais severo no século 4º., com os ensinos do herege Ário. Ário ensinava que Jesus é digno de adoração a despeito do fato de ele ser uma criatura (ainda que adorar qualquer criatura seja profundamente repugnante a Deus, não importa quão exaltada a criatura seja). No entanto, Ário ensinou que Jesus foi a primeira criatura feita por Deus, e que por meio dessa criatura exaltada os mundos foram feitos. Jesus não é Deus, dizia Ário, porque a Bíblia diz que Jesus foi gerado pelo Pai como primogênito de toda criação. Ário destacou que a palavra grega *gennaō* significa "ser", "tornar-se" ou "acontecer", ou seja, "ter um ponto de início no tempo". Todos os seres criados em algum momento do passado eterno não existiram, e, uma vez que Jesus foi gerado, isso significa que houve um tempo em que ele não existia, e, se houve um tempo em que ele não existia, ele não pode ser eterno, não pode ser Deus. Se ele é o primogênito da criação, afirmou Ário, não importa quão exaltado seja, ele não é deidade.

Os ensinos de Ário causaram uma controvérsia intensa, que culminou nos decretos do Concílio de Niceia, que produziu também o Credo Niceno. No Credo Niceno, um dos credos mais magníficos da história do cristianismo, a igreja afirmou que Cristo é *homoousios*, "uma essência", com o Pai, do mesmo ser e coeterno. A referência judaica à geração de Cristo não tem o mesmo significado banal que tinha entre os gregos. O prólogo de João nos transmite uma noção disso. Após dizer que o Verbo era Deus, ele se refere a Cristo como *monogenēs*, o "único gerado". Nenhum outro ser gerado por Deus foi gerado no sentido em que Cristo foi gerado, pois Cristo não foi gerado num período específico no tempo. A segunda pessoa da Trindade não tem dia de aniversário, ela é gerada eternamente. O Pai está sempre gerando o Filho.

No decorrer da controvérsia, as questões do debate foram apresentadas por meio de lemas e cantigas simples. Vinhetas têm um modo de capturar nossa imaginação, e elas nos permitem lembrar de algo por muito tempo. Pequenas vinhetas comunicam ideias. Os arianos compuseram vinhetas irreverentes, caluniosas e feias, e eles as cantavam de maneira insultuosa contra os cristãos. Para combater os arianos, os trinitarianos compuseram sua própria vinheta:

> Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

O "Gloria Patri" era originalmente um grito de guerra dos trinitarianos, como já mencionamos acima.

No Concílio de Niceia em 325 d.C. e no Concílio de Calcedônia em 451 d.C., a igreja confirmou a deidade plena de Cristo. A deidade de Cristo foi afirmada não com base em especulações filosóficas, mas com base na exegese bíblica. O ensino da deidade de Cristo não é uma invenção dos teólogos; é o claro ensino da Palavra de Deus. Aqui, nessa epístola, temos uma das passagens maravilhosas que falam de Jesus Cristo como nosso Deus e nosso Salvador. Aquele que nos salva é nosso Deus, e nosso Deus é nosso Salvador, o que significa que, se Deus o salvou, você está verdadeiramente salvo.

25

Confirme sua vocação – Parte 2

2Pedro 1.2-4

Graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor. Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo.

Como observamos anteriormente, expressões de graça e paz são comuns nas saudações das epístolas do Novo Testamento. A ideia de graça e paz está profundamente arraigada na história do Antigo Testamento. A bênção hebraica pede que Deus conceda graça e paz ao seu povo: "O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o rosto e te dê a paz". (Nm 6.24-26). O conceito de paz era tão importante para o povo judeu que ela se tornou a forma básica da saudação pessoal. Ainda hoje, o judeu cumprimenta seu amigo com *Shalom aleichem*, e o amigo responde *Aleichem shalom* – "Paz a você, e a você paz".

Graça e paz multiplicadas

Na sua saudação, Pedro faz algo um tanto diferente. Em vez de dizer

multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor (v. 2). Ele fala da multiplicação da graça e da paz. Essa passagem contém um aspecto que foi fortemente debatido no século 16. A Igreja Católica Romana ensinava que a graça da justificação vem principalmente por meio dos sacramentos, inicialmente por meio do sacramento do batismo, quando a graça é infundida ou concedida à alma humana ou passa a residir na alma como *habitus*, ou hábito. Roma costuma falar da graça em termos quantitativos, talvez apenas por razões metafóricas; ou seja, a graça é medida em termos de quantia de substância que é despejada na alma. Roma acredita que a graça da justificação concedida inicialmente no batismo pode ser aumentada ou diminuída (*aumentar* algo significa acrescentar a isso; *diminuir* algo significa subtrair disso). Quando Roma fala sobre um aumento da graça da justificação, está dizendo que a justificação pode crescer ou diminuir.

Segundo a doutrina reformada da justificação apenas pela fé, uma vez que a justificação não se fundamenta na infusão da graça divina, mas na transferência da justiça de Cristo para o cristão, então evidentemente não pode haver qualquer aumento ou diminuição da justificação, pois a justiça de Cristo é perfeita e nunca diminui. Nunca podemos acrescentar algo à justiça de Cristo. Assim, em última análise, o grande debate do século 16 resumia-se a duas palavras – *infusão* e *imputação*. Roma alegava que ninguém pode ser declarado justo por Deus, até ou a não ser que a justiça seja inerente à alma dessa pessoa, enquanto os reformadores declaravam que, segundo as Escrituras, somos justificados no momento em que a justiça de Cristo é transferida para nós por meio da fé.

Se este é o caso – se a graça da justificação não pode ser aumentada nem diminuída – por que então Pedro fala da multiplicação da graça e da paz? Ele o faz porque a graça da justificação não é a única graça que recebemos de Deus. Como Paulo nos diz: "A justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé" (Rm 1.17). Embora nossa justificação não possa ser aumentada, sem dúvida a nossa fé pode. A força da nossa fé é algo frágil. Precisa ser alimentada diariamente pelo que chamamos de "meios da graça". Por meio do estudo da Palavra de Deus, de oração, adoração e comunhão, Deus fortalece nossa fé e nossa santificação. A santificação certamente pode e deve aumentar ao longo da nossa peregrinação na fé, mas nenhuma graça de Deus é merecida por nós.

Pleno conhecimento

Pedro liga a multiplicação da graça e da paz ao conhecimento de Deus, que é a tese central dessa epístola. Como observamos acima, uma das

gnósticos, que alegavam ter um conhecimento superior. Esses heréticos acreditavam que eles tinham um conhecimento superior ao conhecimento transmitido pelos apóstolos. Em oposição à visão herética do conhecimento, Pedro fala aqui sobre o conhecimento verdadeiro, sobre o conhecimento que vem de Deus, que é, talvez, uma das graças mais importantes – talvez *a* graça mais importante – que ele concede ao seu povo. Deus nos dá conhecimento que vem a nós dele mesmo.

A única desculpa que jamais se sustentará diante do juízo de Deus é que não tínhamos recebido conhecimento suficientemente claro sobre Deus. Na verdade, é trágico encontrarmos pessoas com elevados títulos acadêmicos que, num sentido, foram educadas para além de sua inteligência. Apesar de terem sido expostas a muitas dimensões da educação humana, vivem como se fossem ignorantes das coisas de Deus. O fato de que Deus não nos deixou nas trevas, antes se agradou em manifestar seu ser claramente por meio das coisas criadas, é graça. Deus não devia essa autorrevelação às suas criaturas. Ele poderia ter nos criado e se afastado de nós, deixando-nos nas sombras, na obscuridade e nas trevas, sem nenhum conhecimento dele. No entanto, ele não apenas nos deu conhecimento de si por meio da criação, conhecimento este que chamamos de "revelação natural", mas ele também nos deu a sua Palavra. Nosso Deus não é um Deus calado. Podemos não vê-lo, mas o ouvimos por meio de sua Palavra. Nunca me canso de me espantar diante do fato de tão poucos cristãos confessos sentirem um desejo ardente de conhecer Deus em sua Palavra.

Poucos anos atrás, uma mulher escreveu um romance sobre um recém-convertido ao cristianismo. Esse recém-convertido desejava sentir todo o peso do ensino das Escrituras sagradas, particularmente do Novo Testamento, por isso instruiu sua secretária a copiar as epístolas do Novo Testamento *verbatim*, uma por vez, para que então as enviasse para sua casa pelo correio, como se ele fosse o destinatário de cada uma delas. O homem recebia as epístolas, que ele enviara a si mesmo, e as lia como se cada uma tivesse sido escrita apenas para ele. Se Deus lhe enviasse uma carta pelos correios, e se você a recebesse e visse seu nome na frente do envelope e o nome de Deus como remetente, você não a jogaria fora ou a largaria na estante para que ficasse coberta de pó. Se você recebesse uma carta escrita por Deus pessoalmente, você a leria repetidas vezes até decorar cada palavra e decifrar cada nuança sutil do texto, pois você estaria sendo informado pelo próprio Deus. Tenho certeza absoluta de que é exatamente isso que as Escrituras sagradas representam, sendo essa a razão pela qual nunca nos formamos na escola de Cristo. Devemos estar sempre aprendendo as coisas contidas nessa Palavra com mais

A importância da doutrina

Na oração sacerdotal de Jesus, ele orou pela santificação dos seus discípulos e de todos os que viriam a crer por meio do testemunho deles, o que inclui você e eu. Nosso Senhor orou: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). E é isso o que Pedro está nos dizendo no início dessa epístola.

Algum tempo atrás, participei da conferência *Together for the Gospel* [Juntos pelo evangelho] em Louisville, no Kentucky, que contou com cinco mil pastores. Um homem fez uma palestra sobre a importância da doutrina. Ele confrontou o público com muitas passagens do Novo Testamento que ressaltam a importância da doutrina. Basicamente, é isso que a Bíblia é – o ensino de doutrina. Já que é assim, por que cristãos professos dizem que a doutrina não importa? Se você quer ter um relacionamento com Cristo, a primeira pergunta que precisa responder é: "Quem é ele?" O modo como você entende a pessoa de Cristo é uma questão de doutrina. Como ressaltou o palestrante, todos os cristãos são teólogos, queiram eles ou não, pois cada cristão tem uma teologia. A pergunta não é se nós temos uma teologia ou não, mas se a teologia que temos é bem fundamentada ou falsa. A Bíblia não nos foi dada para que nós nos sentíssemos bem, mas para revelar a verdade de Deus para nós. Não se trata de um exercício abstrato numa busca intelectual; a Palavra nos foi dada para que conhecêssemos Deus, o Senhor na plenitude da sua glória.

Passei minha vida estudando teologia. Eu gostaria de ter dez vidas para estudar teologia, porque ela diz respeito ao conhecimento de Deus. Quanto mais aprendermos sobre ele, quanto mais o conhecermos, maior a nossa capacidade de amá-lo. Existem pessoas que têm os credos na cabeça, mas nenhum amor no coração, e eu não entendo como isso é possível. Para elas, a teologia foi estabelecida como defesa contra a perscrutação da nossa alma por Deus, mas a Palavra não nos foi dada para isso. Ela nos foi dada para definir quem é Jesus. Aqueles que dizem preocupar-se apenas com relacionamentos, como eles definem um bom relacionamento? Como eles determinam o que seria um relacionamento saudável se não pela verdade que Deus nos dá e que nos ensina o que um relacionamento verdadeiro deve significar?

Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude (v. 3). Já vimos que a saudação de Pedro era dirigida àqueles que haviam obtido igual fé preciosa e que a fé que temos não veio da nossa carne, mas como um dom de Deus. Pedro já aludiu a isso na segunda parte do versículo 1, e aqui, no versículo 3, qual-

No Novo Testamento, a palavra grega mais frequente para "poder" é *dunamis*, da qual provém a nossa palavra *dinamite*. O poder que Deus trabalha na nossa alma para nos levar à fé é dinamite. É um poder esmagador. Não se trata de uma potencialidade realizada pela carne, mas, como Pedro nos diz, da obra divina e sobrenatural de Deus na alma. A regeneração é resultado da obra imediata e sobrenatural de Deus na nossa alma, uma obra que apenas Deus pode causar. Se você crê em Cristo, se você tem uma inclinação para as coisas de Deus, você, em algum momento da sua vida, vivenciou o toque do divino em sua alma. Essa inclinação não surgiu do seu peito. Ela veio do Espírito de Deus – um poder divino por meio do conhecimento daquele que nos chamou – e ele nos chamou pela sua glória, pelo seu poder majestoso. Por meio da sua atividade justa, ele nos vivificou.

Promessas preciosas

[...] pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo (v. 4).
Já consideramos a palavra "precioso". O que torna algo precioso? No âmbito comum da vida, fazemos uma distinção entre rochas e pedras e entre pedras e pedras preciosas. E essa distinção tem a ver com os graus de valor e beleza encontrados nas diversas substâncias naturais. Quando Vesta e eu alcançamos a marca de 25 anos de casamento, eu quis comprar algo especial para ela. Conversei com um amigo que conhecia um joalheiro, e perguntei a ele se ele poderia pedir a esse joalheiro que procurasse para mim um diamante apropriado que eu pudesse dar à minha esposa pelo nosso 25º. aniversário. O joalheiro veio de Nova York a Orlando, abriu um pacote e me mostrou um diamante, dizendo: "Já me pediram que avaliasse milhares de diamantes, mas nunca avaliei um diamante como perfeito. Estou convencido de que dentro dos contornos de cada pedra preciosa deve haver um defeito. No entanto, não consegui encontrar nenhum defeito neste diamante e, por isso eu o avaliei como de 'qualidade de museu'". Era exatamente o que eu queria para a minha esposa. Ela não precisa se esforçar muito para encontrar defeitos em mim, mas precisa se esforçar muito para encontrar um no seu anel, porque ele é precioso.

Não há defeitos na justiça de Jesus. Não há máculas no Cordeiro que foi morto. É por isso que, durante os cinco primeiros minutos no céu, acho que

receber honra e glória, domínio e poder". Ele é precioso, e sua preciosidade é parte do vocabulário de Pedro.

Jesus disse ao tentador: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4; Lc 4.4). Há momentos na rotina do dia a dia em que não pensamos nas promessas de Deus, mas, quando nossa vida está em jogo e não conseguimos encontrar uma saída, tudo que nos resta são as promessas de Deus. No entanto, que posse maior poderíamos ter nesses momentos do que as promessas das quais Pedro fala e que são grandes e preciosas?

Consideremos o contexto em que Pedro está escrevendo essa epístola. É seu canto do cisne. Para a literatura de Pedro, 2Pedro é o que 2Timóteo é para a literatura do apóstolo Paulo. No final de 2Timóteo, Paulo diz ao seu discípulo amado que ele está pronto para ser derramado, e ele sabe que sua vida em breve lhe será tomada. Do mesmo modo, Pedro anuncia sua partida iminente deste mundo. Em momentos como esse, as pessoas começam a se lembrar das promessas de Deus. "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo" (Sl 23.4). Como podemos temer qualquer coisa se Deus está conosco? Essa é uma promessa preciosa, digna de guardar no peito e de morrer por ela.

A passagem de 2Pedro 1.4 foi interpretada de modo grandemente equivocado no período patrístico da história da igreja. Muitos dos primeiros teólogos acreditavam que Pedro estava falando que o que acontece conosco na nossa salvação é uma deificação, que a nossa salvação nos torna igual a Deus e que a tentação da serpente no jardim do Éden é cumprida na nossa redenção. No entanto, somos criaturas agora e sempre seremos criaturas. Nunca seremos deuses, pois nem mesmo Deus pode criar outro deus. Qualquer deus que Deus criasse teria, por definição, um início e seria, portanto, finito, dependente para sua existência do Deus eterno. Deus não pode transferir deidade para uma criatura.

Nunca me esquecerei da minha primeira visita ao Capitólio dos Estados Unidos. Ao entrar na rotunda, o guia indicou-me o teto, no qual há um quadro que retrata George Washington, o pai do nosso país, sendo recebido entre os deuses. O título do quadro é *Apoteose de George Washington*. Apoteose significa "deificação", e não consigo imaginar ninguém mais adverso a essa ideia do que o próprio George Washington. Quando Pedro diz que somos participantes da natureza divina, ele está dizendo que, se estamos em Cristo, então Deus, o Espírito Santo, passou a residir em nós. Na medida em que somos habitados pelo Espírito Santo, participamos ou compartilhamos. Não nos tornamos divinos, mas participamos da presença

Alguns anos atrás, Paul Crouch anunciou aos Estados Unidos por meio da televisão que, a seu ver, qualquer pessoa habitada pelo Espírito Santo é tão filho de Deus quanto o próprio Jesus. Um amigo meu escreveu uma carta educada a Paul Crouch e pediu que ele se retratasse dessa afirmação e ressaltou o quanto ela era profundamente herética. No programa seguinte, Paul Crouch mostrou a carta para as câmeras e disse: "Acabei de receber uma carta de um teólogo, e ele não gostou do que eu disse na minha última mensagem, mas eu repito: se o Espírito Santo habita em você, você é tanto uma encarnação de Deus quanto o foi Jesus Cristo". Deus tem apenas um Filho encarnado, e, embora sejamos habitados pelo Espírito Santo, e pela graça de Deus, podemos participar da sua presença, não nos enganemos pensando que somos pequenos deuses ou, pior ainda, grandes deuses. É a graça de Deus que nos impede da deidade.

26

Com toda a diligência

2Pedro 1.5-11

Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora. Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Pedro já falou sobre a majestade gloriosa de Deus, que nos chamou pela glória e virtude e nos fez promessas grandes e preciosas. Então, continua: **Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo** (v. 5-8). Por causa do que Deus fez por nós,

que qualquer decisão importante seja tomada ou qualquer transferência de propriedade seja feita, cabe àqueles em posição de autoridade cumprir o que normalmente é chamado de "diligência devida". "Diligência devida" é examinar minuciosamente o assunto em questão. Pedro usa essa palavra para chamar-nos para uma postura de diligência quando contemplamos as coisas de Deus. Nossa abordagem ao estudo de Deus não deve ser frívola, volúvel ou arrogante. Com dedicação séria, estudo cuidadoso e espírito investigativo, devemos aplicar-nos diligentemente a cada palavra que procedeu da boca de Deus.

Falando sobre essa diligência, Pedro nos fornece uma longa lista de coisas que devemos buscar com diligência. Quando lemos a lista, é impossível não nos lembrarmos das listas apresentadas pelo apóstolo Paulo, principalmente da lista que chamamos de "fruto do Espírito" (Gl 5.22-23). As virtudes geradas pela fé devem manifestar-se na vida cristã. Elas definem para nós a essência da justiça e da espiritualidade verdadeiras.

Evidentemente, nem deveríamos ter de mencionar isso, mas em cada geração de cristãos tem havido tentativas amplas de não apenas ignorar as virtudes apresentadas nas Escrituras sagradas, mas até mesmo de substituí-las por algo muito menos exigente. Existem igrejas que apresentam o perfil de um cristão como alguém que não dança, não vai ao cinema ou não bebe e fuma, como se isso importasse muito no reino de Deus. É muito mais fácil deixar de ir ao cinema do que obter um caráter conhecido pela paciência, gentileza e bondade. Devemos ser muito diligentes no nosso esforço de obter as virtudes apresentadas nas Escrituras.

Como observamos anteriormente, o grande inimigo que ameaçava a igreja à qual Pedro estava escrevendo era, provavelmente, a heresia gnóstica. Os gnósticos alegavam possuir um conhecimento superior ao dos apóstolos, um conhecimento obtido por meio da percepção mística direta, não por meio da reflexão diligente. Ao longo de toda a epístola, Pedro chama nossa atenção de volta para o conhecimento verdadeiro, para a verdadeira *gnosis*, que é revelada por Deus e encontrada na sua Palavra. Pedro diz que aqueles que possuem essas virtudes não serão estéreis ou inférteis no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo.

Diligentes no conhecimento

O verdadeiro conhecimento das coisas de Deus não se satisfaz com uma mera proposição abstrata, mas é preparado para a virtude. Devemos ser diligentes em buscar o conhecimento de Deus – não para recebermos um di-

para aprender de Deus e obter a mente de Cristo. **Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora** (v. 9).

Certa vez ouvi um professor dizer: "O problema da nossa cultura de hoje é que temos uma epistemologia pobre que tende a ser míope". Uma epistemologia pobre é uma visão de conhecimento pobre. Está falida e tende a ser míope. E é exatamente esse problema de miopia que Pedro está tratando aqui. Quem é deficiente nessas coisas é míope, talvez a ponto da cegueira.

A imagem da cegueira é usada repetidas vezes na Palavra de Deus para descrever a tendência natural daqueles que vivem nas trevas e não têm Deus nos seus pensamentos. Alegando serem sábias, essas pessoas se tornam insensatas, porque têm a mente obscurecida (Rm 1.21-22). Muitas pessoas com uma visão 20/20 são cegas para as coisas de Deus. Sabemos que são cegas, porque a vida delas é estéril quanto ao fruto do Espírito e quanto às virtudes que Pedro menciona aqui. No entanto, Pedro direciona sua crítica não aos pagãos, mas aos cristãos, que podem se tornar míopes porque se esquecem de que foram purificados dos seus pecados.

Davi entendeu essa tendência ao esquecimento quando escreveu: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios" (Sl 103.2). Tente se lembrar da primeira vez em que entendeu que Deus havia perdoado seus pecados. Lembre-se do que isso fez por você, da liberdade que trouxe para a sua alma, da paz que se apoderou da sua mente e da alegria que seu coração sentiu. No entanto, é muito fácil esquecer que Deus nos perdoou e que nos purificou em Cristo.

Diligentes na confirmação

Na sua conclusão dessas observações, Pedro menciona um ensino importante encharcado de teologia. **Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum** (v. 10). Pedro já conclamou os cristãos a serem diligentes, produtivos e cuidadosos ao acrescentarem virtude à fé, com perseverança, bondade e amor fraternal, para que não sejam estéreis ou infrutíferos. No entanto, ele quer que os cristãos sejam ainda mais diligentes em relação a algo mais. Há uma prioridade ainda maior, e essa é a doutrina da eleição – não em termos abstratos, mas no que diz respeito à sua própria pessoa. A pergunta mais importante que você precisa responder durante sua vida é esta: Estou entre os eleitos?

Existem multidões de cristãos confessos que não se preocupam com essa

da eleição essas pessoas recorrem a um versículo que aparece adiante na mesma epístola: "O Senhor [...] não quer que nenhum pereça" (3.9). Se é verdade que Deus não quer que nenhum pereça, por que então se preocupar com a eleição? Nós nos preocupamos porque Pedro diz que precisamos ser ainda mais diligentes para tornar certa nossa vocação e eleição.

A primeira epístola de Pedro era dirigida aos eleitos. Na verdade, a doutrina da eleição permeia ambas as epístolas de Pedro. Portanto, não podemos descartar a doutrina como invenção da mente do apóstolo Paulo ou até mesmo do próprio Jesus. Ela está em praticamente todas as páginas do Novo Testamento. Já que esse é o caso, o que Pedro quer dizer quando diz que devemos ser ainda mais diligentes em confirmar nossa vocação e eleição? Muitos comentaristas interpretam essa passagem como querendo dizer que, embora Deus tenha escolhido para a salvação determinadas pessoas, a eleição delas não é certa até que respondam ao chamado de Deus. Em outras palavras, se as pessoas não responderem, a eleição delas permanece incerta.

Nada podemos fazer para tornar certo um decreto eterno de Deus. Quando Deus decide salvar alguém, sua eleição é absolutamente certa. Deus não decide salvar alguém, para então deixar que ele decida. Não haveria eleição se esse fosse o caso. As pessoas estariam elegendo a si mesmas, e Deus nada mais seria do que um espectador impotente. Se Deus decide eleger alguém, essa eleição precisa ocorrer. Nada no céu e na terra pode frustrar a vontade soberana de Deus.

Quando discutimos sobre esse tipo de coisas, nossos argumentos expõem apenas quão pouco sabemos sobre a natureza e o caráter de Deus. Tendemos a pensar sobre Deus do modo como nos descrevemos. Como criaturas, mudamos nossa opinião o tempo todo. Tomamos decisões, depois as anulamos quando recebemos informações que não tínhamos anteriormente ou quando alguém nos diz que nossa decisão foi ruim; mas Deus não é assim. Ele não toma decisões insensatas que devam ser corrigidas. Obviamente, portanto, confirmar nossa vocação e eleição não significa tornar certo o que Deus decretou. Já é uma coisa certa. Nossa diligência jamais consegue mudar algo que Deus decretou.

A pergunta é: para quem a vocação e a eleição precisam ser confirmadas? Nesse mundo, nunca podemos saber com certeza que não somos eleitos, pois, mesmo não estando na fé neste momento, não sabemos o que o futuro trará. Não sabemos se, no nosso leito da morte, Deus não nos leve para a fé e assim efetue a nossa eleição. Não podemos saber com certeza que não somos eleitos, mas podemos saber com certeza que somos eleitos. Portanto,

Existem quatro tipos de pessoas no que diz respeito à certeza da salvação: (1) pessoas não salvas que sabem que não são salvas; (2) pessoas salvas que não têm certeza de que são salvas; (3) pessoas salvas que sabem que são salvas; e (4) pessoas não salvas que têm certeza que são salvas. Portanto, se você tem certeza de que foi salvo, como pode saber que, na verdade, não foi salvo? No final do Sermão do Monte, Jesus fez uma advertência, dizendo: "Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (Mt 7.22-23).

Como podemos distinguir entre uma certeza autêntica de salvação e uma certeza falsa, ou, perguntando de outro modo: como uma pessoa não salva pode acreditar que foi salva? A primeira e mais óbvia razão para uma pessoa acreditar que foi salva, quando, na verdade, não foi, é um entendimento equivocado da salvação. Quando meu filho tinha 6 anos de idade, eu perguntei a ele: "Se você morresse e tivesse que se apresentar a Deus, e Deus lhe dissesse: 'Por que devo deixá-lo entrar no céu?', o que você diria?" Meu filho respondeu: 'Eu pediria que me deixasse entrar no céu porque estou morto'". Ele estava fazendo uma suposição teológica sobre a doutrina da justificação pela morte. Naquela idade, ele acreditava que todos que morrem vão para o céu. Se você acreditar que todos os seres humanos que morrem são salvos, então chegará à conclusão de que você também se encontra num estado de salvação. No entanto, se nem todos forem salvos, então o fato de você ser um ser humano não lhe dá qualquer certeza legítima da salvação.

Existem também muitos que acreditam sinceramente que eles são salvos porque tentam viver uma vida boa. Vão à igreja, são professores de escola dominical ou servem como diáconos ou presbíteros, e acreditam que esse tipo de ministério os salva. Não cometeram assassinato ou adultério e concluem que, por isso, são bons e vão para o céu. Eles não leram a passagem bíblica que diz: "O homem não é justificado por obras da lei" (Gl 2.16). A certeza deles quanto à salvação é falsa.

A falsa certeza pode surgir naqueles que não têm um entendimento correto de como alguém entra no estado da salvação. A falsa certeza pode residir também naqueles que apontam para um momento no passado em que foram à frente ou assinaram uma carta de compromisso ou fizeram a Oração do Pecador. Ninguém jamais foi salvo por uma profissão de fé; você precisa não apenas professá-la, mas também possuí-la. Precisamos

tanto quanto deveríamos. A pergunta é se temos qualquer afeto verdadeiro pelo Jesus retratado no Novo Testamento. Queríamos não desobedecer-lhe tanto quanto fazemos, mas sabemos que temos um afeto por ele no nosso coração. É aqui que nossa teologia se torna muito importante. A pessoa natural, não regenerada jamais sente um pingo de afeto no seu coração por Deus. É impossível ter amor por Cristo se o Espírito Santo não transformou a disposição da nossa alma, pois, pela natureza, nós não só não o amamos como também não podemos amá-lo. Apenas quando nascemos no Espírito é que um amor pelo Cristo bíblico é despertado dentro de nós.

Alguns que foram verdadeiramente salvos temem que possam perder sua salvação. No entanto, se realmente foram salvos, não podem perder a salvação; se a perderem, nunca a tiveram. A única maneira de nascermos de novo é quando o Espírito Santo transforma a disposição do nosso coração; e a única maneira de o Espírito Santo transformar a disposição do nosso coração é ele nos chamar interiormente pelo poder do seu poder. E a única maneira de ele fazer isso é Deus nos eleger para essa vocação. Não há erros nos decretos eternos de Deus, de modo que se você sentir qualquer afeto por Jesus, por menor que seja, então sua certeza é sólida. Uma das melhores maneiras de obter a certeza da salvação é entender o que a salvação exige, do que ela consiste e como ela ocorre. É por isso que o estudo da teologia tem uma relevância tão prática.

Suprimento abundante

Pedro diz que, se você fizer essas coisas – ou seja, se você for diligente em confirmar sua vocação e sua eleição –, nunca tropeçará. **Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo** (v. 11). A regeneração é *monergística*, o que significa que ela não é um esforço conjunto entre você e Deus. Você não pode causar o seu novo nascimento. Você não pode fazer nada para ajudar-se a nascer de novo. Seu novo nascimento depende totalmente da obra exclusiva do Espírito Santo, que, em seu poder soberano e imediato, o ressuscita da morte espiritual. Nessa ação você é absolutamente passivo. No entanto, a partir desse momento até a sua morte, o progresso da sua vida cristã é *sinergético*, o que significa que ele envolve a cooperação entre você e Deus. O apóstolo Paulo nos diz: "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12-13). Tudo depois do seu novo

Pedro está dizendo que, se você quiser uma vida cristã produtiva, se você quiser crescer na graça, se você quiser avançar na santificação, então confirme sua eleição já no início de sua caminhada cristã. Aqueles que têm certeza com base em razões concretas não são como aqueles que oscilam entre as doutrinas. A certeza nos impede de sermos pessoas vacilantes, que se levantam num dia e caem no outro. Aqueles que têm a certeza da salvação sabem que seu destino foi decidido desde a fundação do mundo.

Aqueles que argumentam contra a eleição e a predestinação ignoram a doçura dessas doutrinas. Saber que seu destino final está nas mãos de Deus é de grande valor para a vida cristã. A ironia é que, quanto maior for a sua certeza, maior será também a probabilidade de você dar fruto em abundância. A flor mais pura no jardim de Deus é a tulipa – **T** significando a depravação total, **U** a eleição incondicional, **L** a expiação limitada, **I** a graça irresistível e **P** a perseverança dos santos.* A flor preferida dos nossos amigos arminianos é a margarida, porque os semipelagianos nunca sabem com certeza. Ele arranca as pétalas da margarida uma por vez dizendo: "Ele me ama. Ele não me ama. Ele me ama. Ele não me ama". Esse tipo de pensamento não pode fornecer esperança em relação ao nosso destino eterno, mas, quando conhecemos a verdade da eleição e a eficácia do chamado de Deus na nossa alma, a questão está estabelecida, e começamos a produzir os frutos como "árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto" (Sl 1.3), como diz o salmista.

Que Deus conceda que esse seja o nosso caso.

---

* Isso, em inglês, para representar os cinco pontos do calvinismo: **tulip: total depravity, unconditional**

27

Testemunhas oculares da sua majestade

2Pedro 1.12-18

Por esta razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados. Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, despertar-vos com essas lembranças, certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou. Mas, de minha parte, esforçar-me-ei, diligentemente, por fazer que, a todo tempo, mesmo depois da minha partida, conserveis lembrança de tudo. Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo.

Essa passagem começa com uma explicação de Pedro sobre a importância de confirmarmos a nossa vocação e eleição, para que sejamos plenamente capacitados para realizar a nossa santificação e manifestar os vários frutos do Espírito. A maneira como Pedro ressalta essas coisas é semelhante à ênfase encontrada nos escritos do apóstolo Paulo. As Escrituras apresentam alguns dos seus temas repetidas vezes. Isso vale para os quatro Evangelhos, nos quais grande parte do conteúdo se repete. Por quê? Temos uma pista no que Pedro diz aqui: **Por esta**

razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados (v. 12). Os leitores de Pedro conhecem as coisas sobre as quais ele escreve, e eles não só as conhecem, mas estão também firmemente confirmados nelas. Mesmo assim, Pedro considera necessário ser repetitivo para lembrar as pessoas das verdades das quais elas já têm consciência.

Ao refletir sobre essa passagem, lembrei-me dos meus exames gerais na faculdade. Esses exames cobriam o conteúdo de todos os cursos que eu havia feito na minha matéria principal, filosofia. Durante os primeiros quatro anos, eu havia estudado toda a filosofia ocidental, começando antes de Platão, passando pela Idade Média e finalmente chegando ao período moderno. Estudei várias disciplinas da filosofia, como estética, ética e lógica. Os exames me deixaram nervoso, pois eu seria examinado sobre matérias que eu havia estudado três anos antes; elas já não estavam frescas na minha mente. No entanto, a revisão de todo esse material para meu exame final foi extremamente benéfica. Serviu como um tipo de epifania, pois tudo que eu havia estudado em partes passou então a formar um todo. Foi quando entendi que aprendemos por meio da repetição.

É isso o que Pedro está dizendo aqui. Se ele não repetisse o que seus leitores já haviam aprendido, ele se tornaria culpado de negligência. Ele lembra seus leitores do que já sabem, porque o espírito está disposto, mas a carne é fraca, e assim que aprendemos sobre as coisas de Deus já nos sentimos à vontade em Sião. Começamos a descansar nas nossas conquistas e perdemos qualquer senso de urgência de avançar em direção ao reino de Deus. Talvez o apóstolo estivesse pensando na sua própria experiência patética. Certamente ele nunca se esqueceu da infâmia da sua negação de Jesus, a vergonha que veio depois de ele ter afirmado, pouco tempo depois da transfiguração, que jamais negaria Cristo. Logo depois de ter feito essa afirmação enfática, ele negou Cristo – não uma vez, mas três vezes. Mais tarde, Jesus foi até Pedro depois da ressurreição e perguntou três vezes se Pedro o amava, e depois de cada afirmação do amor de Pedro, Jesus o instruiu a cuidar de suas ovelhas. Jesus queria que isso ficasse gravado na memória do seu apóstolo. Depois da partida do nosso Senhor, a vocação primária de Pedro foi alimentar as ovelhas do Senhor. Vemos aqui por que devemos ouvir essas verdades repetidas vezes.

A aproximação da morte

Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, des-

"despertar-vos" era usada quando alguém precisava ser acordado do sono. No nosso sono não temos consciência das coisas sagradas. Quando ouvia um pequeno erro teológico de uma pessoa que sabia melhor, meu mentor John Gerstner costumava dizer: "Homero cochilou". Gerstner estava se referindo aos erros na obra de Homero que parecem "cochilos", como se ele tivesse caído no sono enquanto escrevia. Pedro está dizendo que, enquanto ele estiver vivo, continuará a emitir chamados para despertar as pessoas. Ele sabe que precisa acordar seus leitores do sono e chamá-los para a vigilância no exercício da fé.

Nessa passagem, como o apóstolo Paulo fez na sua segunda carta ao amado Timóteo, Pedro anuncia sua partida iminente deste mundo. Ele sabe que lhe restam poucos dias; sua morte está próxima. Ele trabalhou durante muitos anos, mas agora a urgência é maior, porque ele está prestes a morrer. Pedro refere-se ao seu corpo não como casa, mas como tabernáculo ou tenda, **certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou** (v. 14). Ele estava escrevendo a judeus, que entendia a transitoriedade da história deles. Eram um povo seminômade, sempre à procura de um lugar onde pudessem criar raízes – para ter permanência e estabilidade. No entanto, em toda a história de Israel, a *pax Israeli*, a paz de Israel durou, ao todo, menos de cem anos. Era uma nação que vivia em constante movimento, sempre em transição, jamais conseguindo lançar raízes. É apropriado, então, que esse homem judeu, que está escrevendo a outros judeus, veja seu corpo não como uma residência permanente, mas como um tabernáculo.

Quando o povo do Antigo Testamento passava de um lugar para outro, as tribos costumavam acampar em forma de círculo, e no centro desse círculo ficava o tabernáculo, o lugar de reunião. É por isso que o salmista escreveu que Deus está no meio deles (Sl 46.5). Quando chegava a hora de partir, quando a nuvem Shekinah se movia, o povo desamarrava as cordas que mantinham o tabernáculo erguido, dobrava a tenda e partia. Normalmente não escolhemos viver em tendas, mas a metáfora indica que o corpo que abriga nossa alma não é permanente, mas transitório. Pedro está dizendo que chegou sua hora de desamarrar as cordas e partir. Ele não acreditava que estava deixando de existir, mas que estava partindo para outro lugar. Ele estava prestes a dobrar sua tenda e voltar para casa.

O versículo 14 tem sido traduzido e interpretado de diferentes modos ao longo da história da igreja. Uma interpretação diz que Pedro estava se referindo ao exemplo de Jesus, que mostrou aos discípulos não só como viver, mas também como morrer. Um número maior de exegetas argumenta que

como morrer, mas no fato de Jesus ter-lhe revelado que a hora de sua morte estava próxima. Sabemos que Pedro morreu na década de 60, supostamente em Roma sob a perseguição de Nero. O grande incêndio de Roma, que ocorreu durante o reinado de Nero, destruiu grande parte da cidade. Apesar de não termos provas conclusivas, há indícios de que o próprio Nero causou o incêndio numa tentativa de destruir uma área pobre que ele precisava para construir seu novo palácio magnífico. O incêndio não pôde ser controlado e acabou destruindo mais do que ele pretendera, e, tentando jogar a culpa num bode expiatório, ele acusou os cristãos de terem incendiado a cidade. Muitos cristãos se transformaram em tochas humanas nos jardins de Nero.

Nero morreu em 68 d.C., de modo que é muito provável que Pedro tenha morrido mais ou menos na mesma época que Paulo, por volta de 65 d.C. Paulo, porém, foi degolado, que era a forma de execução normal para um cidadão romano.

Majestade, não mito

Mas, de minha parte, esforçar-me-ei, diligentemente, por fazer que, a todo tempo, mesmo depois da minha partida, conserveis lembrança de tudo (v. 15). Novamente Pedro lembra seus leitores das coisas de Deus e das verdades do evangelho. Alguns comentaristas acreditam que a lembrança à qual Pedro se refere aqui seja essa própria epístola. Quando o apóstolo Paulo foi afastado do ministério ativo e jogado na prisão, ele podia fazer pouco além de escrever cartas. No entanto, o maior impacto que ele exerceu sobre o mundo não foi por meio das suas viagens missionárias, mas por meio dos seus escritos. Talvez Pedro estivesse pensando nisso aqui, e se esse for o caso, o que ele estaria dizendo é que o propósito dessa epístola é servir-lhes como lembrete dos seus ensinos para o tempo após a sua partida.

Como já mencionei anteriormente, alguns céticos não acreditam que Pedro tenha escrito essa epístola, mas Irineu, pai da igreja, acreditava. Irineu achava que Pedro estava se referindo não a essa epístola, mas ao Evangelho de Marcos – no qual Marcos servira praticamente como secretário de Pedro. Qualquer que seja o caso, Pedro conseguiu assegurar que nós tivéssemos uma lembrança dessas coisas até o dia de hoje.

O versículo 16 muda o pensamento básico da passagem, apesar de apresentar alguma relação com o que o antecede. **Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade** (v. 16). Aqui, Pedro faz uma afirmação importante.

de falar sobre o que ela é e de onde ela vem. Algumas traduções dizem: "Não ensinamos mitos ardilosos, mas declaramos a vocês o que vimos com nossos próprios olhos e o que ouvimos com nossos próprios ouvidos". Alguns dos escritores dos Evangelhos fazem a mesma afirmação, dizendo que seus escritos não transmitem folclore, mas coisas que eles vivenciaram em primeira mão. Aqui, Pedro nega veementemente qualquer possibilidade de que a mensagem apostólica esteja arraigada na mitologia.

Um dos mais influentes estudiosos do Novo Testamento do século 20 foi Rudolf Bultmann. Ele ficou famoso pelo seu programa de demitologizar o Novo Testamento. Bultmann gerou uma *blitzkrieg** no mundo do Novo Testamento, e, durante décadas, os estudiosos do Novo Testamento tentaram completar o trabalho de eliminar o mito do texto da Escritura. Pedro está dizendo que a Palavra de Deus já foi demitologizada. Ela não se baseia em mitos, mas na realidade histórica e bem fundamentada.

Durante meu primeiro ano como professor de faculdade, tive um amigo que trabalhava no departamento de inglês. Ele dava um curso introdutório sobre a literatura clássica, enquanto eu lecionava teologia e estudos bíblicos. O professor de inglês investiu muita energia e esforço na tentativa de desmascarar o Novo Testamento como perpetuação dos mesmos mitos encontrados na mitologia grega e romana. Eu ouvia isso dos seus alunos, e, então, certo dia, eu disse ao professor de inglês: "Você foi rápido em ressaltar todas as semelhanças que conseguiu encontrar entre o Novo Testamento e a *Metamorfose* de Ovídio, mas você consegue me dizer qual é a diferença entre a visão grega e a visão hebraica da História?" Ele olhou para mim como um cervo parado diante dos faróis de um carro, porque ele não sabia a diferença. Eu o lembrei do ensino fundamental, em que os alunos estudam biologia elementar e os princípios fundamentais da taxonomia, que divide os seres vivos em reinos e espécies. No estudo da taxonomia, as criaturas são agrupadas segundo suas semelhanças, mas, quando isso está feito, falta ainda outra metade da tarefa; essas mesmas criaturas precisam ser agrupadas também segundo suas diferenças. Na verdade, é assim que surge a língua.

Foi também assim que o empreendimento científico foi iniciado no jardim do Éden. Quando Deus pediu que Adão e Eva dessem nomes aos animais, eles se envolveram numa taxonomia. Toda a ciência tem a ver com taxonomia, como também o campo da medicina. Quando alguém sente dores no estômago, o médico não receita automaticamente aspirina ou leite de magnésia. Um médico sério tentará obter informações mais específicas para poder diferenciar entre um câncer estomacal e uma indigestão.

Eu disse ao meu colega que, se não soubesse a diferença entre o entendimento grego da História, que é cíclico, e o entendimento hebraico, que é linear, ele seria incapaz de explicar aos alunos que a fé hebraica se fundamentava no que eles acreditavam ter acontecido no tempo e no espaço, e não em algum monte Olimpo mítico. Os gregos e os romanos não se importavam se seus deuses realmente existiam. Eram mitos, e eles sabiam que eram mitos.

Pedro não estava disposto a deixar sua tenda por um mito, mas apenas pelo que ele havia testemunhado. Quando Paulo fez sua defesa da ressurreição, ele apresentou primeiro as evidências bíblicas, que já deveriam ter sido suficientes, mas depois mencionou também o aparecimento de Jesus aos Doze, depois aos quinhentos e, por fim, Paulo disse: "E, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo" (1Co 15.8). Pedro havia visto Jesus e ouviu sua voz. Portanto, quando ele escreve que foi testemunha ocular da majestade de Jesus, não é difícil entender a que acontecimento específico ele estava se referindo.

No monte santo

Pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo (v. 17-18). João escreveu: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1.14). Tanto João quanto Pedro se referem ao que ocorreu no monte da Transfiguração.

Na ocasião da transfiguração, Jesus estava preparando seus discípulos para a volta a Jerusalém, onde Jesus deveria ser preso e morto. Ele se afastou com o círculo íntimo dos discípulos – Pedro, Tiago e João – e de repente foi transfigurado na frente deles. A palavra grega é *metamorphosis*. A aparência de Jesus sofreu uma mudança profunda instantaneamente. Seu rosto começou a brilhar, claro como o sol, e suas roupas ficaram mais brancas do que qualquer branco que um branqueador conseguiria produzir. Diante de seus olhos, eles viram esse raio de glória divina irradiando de Cristo. A encarnação era, num sentido muito real, um véu da natureza divina de Cristo.

Quando Moisés estava na montanha e pediu que Deus lhe mostrasse sua face, Deus disse: "Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá [...]. Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda

tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá" (Êx 33.20-23). Quando Moisés teve aquela visão momentânea das costas de Deus, o rosto de Moisés começou a brilhar com uma intensidade jamais manifestada por um rosto humano. O rosto de Moisés brilhou com um reflexo da glória divina que acabara de passar por ele. A glória de Deus estava se refletindo na pele de Moisés, e precisaram passar-se alguns dias para que esse brilho desaparecesse. No entanto, no monte da Transfiguração, o rosto brilhante de Cristo não era uma glória refletida, mas a glória irrompendo da sua própria deidade. Quando aquela nuvem envolveu Pedro, Tiago e João, eles, assustados e com muito medo, ouviram uma voz do céu dizendo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi" (Mt 17.5; cf. Mc 9.7; Lc 9.35). Na sua epístola, Pedro está ressaltando que ele, Tiago e João viram aquilo. Eles ouviram a própria voz de Deus naquele monte santo. Os apóstolos não estavam repassando lendas, fábulas ou mitos, mas a séria verdade do que eles tinham visto na pessoa do Senhor Jesus Cristo.

Um hino escrito por um amigo meu contém os versos: "Homens da Galileia, por que estão parados aí olhando para o céu?" Eles estavam olhando para o céu no monte da ascensão porque, quando Jesus partiu, ele foi elevado numa nuvem de glória, na Shekinah, que, ao longo de todas as eras, sempre manifestara a presença sagrada de Deus. Essas coisas, diz Pedro, são preciosas demais para serem esquecidas, de modo que ele lembra seus leitores delas antes de morrer. Ele as viu e ouviu, por isso não ficou preocupado quando teve que desarmar sua tenda. Suas malas estavam feitas, e ele estava pronto para partir.

28

Uma luz que brilha

2Pedro 1.19-21

Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração, sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.

Pedro acaba de se referir à sua presença no monte da Transfiguração, onde ele foi testemunha ocular da glória desvelada de Cristo. No meio dessa visão de graça, Pedro não teve apenas uma visão magnífica da glória de Jesus, mas também ouviu a palavra de Deus pronunciada de maneira audível vinda do céu. Então, Pedro passa para uma reflexão sobre a Palavra escrita de Deus, com uma ênfase especial no conteúdo profético do Antigo Testamento: **Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração** (v. 19).

Os apóstolos não precisavam ver a palavra profética do Antigo Testamento confirmada pelo que viriam a aprender na era do Novo Testamento. Pedro, como todo o povo judeu, já estava convencido da plena autoridade das Escrituras do Antigo Testamento. O contexto do versículo 19 é um pouco complicado, difícil de ser desembaraçado, mas basicamente o que

Transfiguração é confirmado pelos profetas. Isso é um motivo comum no Novo Testamento, ou seja, que a verdade do Novo Testamento é declarada como cumprimento de algo no Antigo Testamento.

Ressalto esse ponto porque hoje há uma tendência na igreja de não levar o Antigo Testamento a sério, como se pudéssemos nos livrar facilmente dele e nos concentrar exclusivamente nos escritos do Novo Testamento. Na verdade, não conseguimos entender o Novo Testamento verdadeiramente se o separarmos do Antigo. Agostinho disse: "O Novo Testamento está escondido no Antigo; e o Antigo Testamento é revelado no Novo". Há um vínculo inseparável entre os dois Testamentos. O Antigo Testamento é virtualmente a autobiografia de Deus. Hoje, há uma falta de consciência da grandeza de Deus que, acredito, é devida à ignorância da igreja dessa autobiografia, da autorrevelação de Deus que encontramos nas páginas do Antigo Testamento.

Uma luz nas trevas

Pedro repreende seus leitores e, por extensão, também a nós, dizendo que os cristãos precisam ouvir a Palavra profética de Deus e vê-la como luz que brilha num lugar escuro, que, na linguagem de Pedro, significa este mundo caído. João escreveu: "A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela" (Jo 1.4-5). Quando Cristo apareceu, sua chegada como Palavra encarnada de Deus, os poderes das trevas não foram capazes de extinguir essa luz. Além do contexto mais amplo de um mundo lançado nas trevas, a Bíblia fala especificamente das pessoas que preferem as trevas à luz, daquelas que se recusam a reconhecer a luz que Deus manifesta neste mundo e por meio de sua Palavra e que preferem viver nas trevas. Como resultado disso, Deus as entregou à condição caída, por assim dizer a uma mente depravada, e a sua mente insensata foi obscurecida.

Essa metáfora das trevas é aplicada biblicamente à condição da nossa mente. Não é uma questão de educação da pessoa, mas da condição do coração dela, que, por natureza, é hostil à luz de Deus. Por natureza somos filhos das trevas, por isso Pedro faz seu alerta dizendo que, quando a luz vier e brilhar nas trevas, faremos bem em atentar para ela. Não há nada mais insensato do que recusar a luz que vem para nós da fonte de toda a verdade.

Fazemos bem em atentar para essa luz que brilha num lugar escuro **até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em [nosso] coração**. Os comentaristas lutam para entender o que, exatamente, Pedro tinha em mente aqui. Alguns dizem que seu significado é que devemos atentar para a luz

que ocorrerá na consumação do reino de Deus, quando Cristo aparecerá na plenitude da sua glória. Nessa ocasião, haverá a conquista final de cada canto de trevas neste mundo. É possível que Pedro tenha se referido a isso, mas já que ninguém conseguirá ignorar esse acontecimento no momento em que ocorrer, Pedro não pode estar falando sobre nós abrirmos nossos olhos para algo, mas sobre uma luz que ilumina o coração. Não tenho certeza sobre a natureza exata da referência de Pedro.

Sabemos a identidade da estrela da alva nas Escrituras. Se voltarmos até as profecias de Balaão, encontramos estas palavras no seu quarto oráculo: "Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmporas de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete" (Nm 24.17). Essa seção da profecia de Balaão era querida aos corações dos judeus, pois reconheciam nela o Messias prometido, que seria a estrela vinda de Jacó e aquele a quem seria entregue o cetro.

Na última bênção que Jacó deu aos seus filhos, ele disse: "O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Silo; e a ele obedecerão os povos" (Gn 49.10). O cetro é o símbolo da realeza, signo da autoridade do rei, e esse cetro de realeza é prometido àquele que virá da tribo de Judá, da qual veio Davi e o Filho maior de Davi, o nosso Senhor.

A Estrela da manhã

No final da Bíblia, no último capítulo do Novo Testamento, lemos as palavras de Jesus que encerram a revelação que ele deu ao apóstolo João durante seu exílio na ilha de Patmos: "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã" (Ap 22.16). Esse é um dos mais belos títulos de Jesus que encontramos no Novo Testamento – a brilhante Estrela da manhã.

Pedro fala do nascimento dessa Estrela da manhã no nosso coração quando nasce o dia. Ele está se referindo ao fim dos tempos, ou tudo isso já aconteceu? Entendemos que, quando a Palavra de Deus é aceita por aqueles que são filhos das trevas por natureza, isso acontece porque o Espírito Santo penetrou nessas trevas e iluminou a mente deles para dar-lhes olhos que veem. Quando recebemos olhos espirituais para ver, perguntamo-nos como pudemos ignorá-lo. Quando recebemos um entendimento claro da natureza de Jesus, isso acontece porque o Espírito Santo traz luz para o nosso coração. Isso não acontece naturalmente.

Há uma aparente contradição nos escritos de Paulo. Paulo escreveu

criadas, a todos, mas todas as pessoas suprimiram essa revelação e não têm desculpas. O elemento final dessa acusação é apresentado quando Paulo escreve que "eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!" (Rm 1.25). Essa acusação, que Paulo usa como pano de fundo para a importância vital do evangelho, deixa claro que toda criatura conhece Deus por meio de sua revelação geral, sua revelação na natureza. Cada pessoa sabe da existência de Deus. Paulo não está dizendo que todas as pessoas afirmarão a existência de Deus ou aceitarão esse conhecimento; pelo contrário, o pecado fundamental do homem é a recusa de reconhecer o que ele sabe ser a verdade. Conhecemos o poder e a deidade eterna de Deus por meio de sua autorrevelação na natureza, mas nos recusamos a reconhecê-los. No entanto, quando Paulo escreve aos coríntios, ele diz que os homens não conhecem as coisas de Deus. Deus só pode ser conhecido na medida em que essas coisas são reveladas pelo Espírito de Deus.

Conhecendo Deus

O conceito bíblico de conhecer tem uma aplicação dupla. Por um lado, a Bíblia fala de conhecimento ou de conhecer num sentido de entendimento cognitivo, de estar ciente de determinada verdade. Por outro, a mesma palavra é usada para referir-se a um conhecimento mais pessoal e íntimo. Quando a Bíblia diz que "Adão conheceu Eva, sua esposa, e ela concebeu" (Gn 4.1)*, a ideia é de duas pessoas que se conhecem num relacionamento de amor, de intimidade pessoal. Se unirmos os dois sentidos, vemos que Paulo está dizendo que todos têm um conhecimento intelectual da existência de Deus, mas que muitos jamais vivenciaram a doçura daquele conhecimento pessoal que ocorre quando o Espírito Santo abre os nossos olhos.

O sermão que deu proeminência a Jonathan Edwards no século 18 não foi "Pecadores nas mãos de um Deus irado", mas "Uma luz divina e sobrenatural". Nesse sermão, Edwards falou sobre o que acontece quando Deus tira alguém das trevas e da morte espiritual. Deus faz isso dando uma luz sobrenatural. Essa é a luz que o Espírito tem mostrado na sua alma e nos cantos mais profundos do seu coração, se é que você realmente viu a luz.

Usamos a expressão "Ele viu a luz" para falar de alguém que professa sua nova fé. Hoje, essa expressão costuma ser usada de maneira cínica, mas até mesmo no cinismo a verdade está sendo declarada, pois é exatamente isso o que acontece conosco quando encontramos a fé em Cristo. Nós vemos

a luz, não por meio do poder da nossa visão, mas pela condescendência do Espírito da verdade. Nosso coração é transformado pela luz divina e sobrenatural. Num sentido real, quando isso acontece, a Estrela da manhã nasce no nosso coração. Tradicionalmente, o planeta Vênus tem sido chamado de estrela da manhã, porque ele reflete a luz do sol antes que ele nasça. Ele é o mensageiro, o arauto do novo dia. Na aplicação bíblica, Jesus é aquele que traz o novo dia que irrompe nas trevas do nosso coração.

Sola Scriptura

[...] **sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação** (v. 20). Encontramos aqui outra semelhança com os escritos de Paulo, que escreveu: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3:16-17); ou seja, a Escritura não é uma invenção humana. Sua origem e autoridade provêm do próprio Deus.

O modo como Pedro expressa a mesma ideia aqui é problemática. Seu texto causou grandes controvérsias na história da igreja. A questão central da Reforma do século 16 foi a pergunta sobre como nós somos salvos. Embora a doutrina da *sola fide* fosse o centro e o coração da Reforma, os historiadores têm afirmado que a causa real foi a questão formal da autoridade. Nas disputas travadas entre Lutero e os teólogos da igreja de Roma, foi demonstrado a Lutero que suas opiniões divergiam das encíclicas papais e também dos ensinamentos dos pais da igreja e dos concílios da igreja. Teimosamente Lutero resistiu a tudo isso, dizendo que os concílios e os papas podem errar, mas a Bíblia não. Na Dieta de Worms, quando exigiram que Lutero voltasse atrás, ele disse: "A não ser que eu seja convencido pela Escritura sagrada, não abjurarei, pois minha consciência é refém da Palavra de Deus, e agir contra a consciência não é certo nem seguro. Não posso fazer outra coisa, esta é a minha posição. Que Deus me ajude".

Com a Reforma protestante, muitas coisas passaram a acontecer em relação à Escritura. A primeira foi o lema *sola Scriptura*, ou seja: a autoridade última que domina a consciência do cristão não é encontrada nos decretos da igreja, nem mesmo nas confissões da igreja, mas apenas na Escritura. Da Reforma veio também a atividade radical de traduzir a Bíblia para o vernáculo. Imediatamente depois da Dieta de Worms, Lutero foi sequestrado por seus amigos, levado embora e escondido sob o disfarce de cavaleiro no

Testamento para o alemão. Os críticos na igreja diziam que, se a Bíblia fosse colocada nas mãos do povo, isso causaria uma enchente de iniquidade, pois todos interpretariam a Bíblia segundo suas próprias preferências, distorcendo assim seu sentido. Isso certamente aconteceu, mas Lutero disse que, a despeito do perigo de colocar a Bíblia nas mãos do povo, a Bíblia é clara sobre as coisas necessárias para a salvação, de modo que até mesmo uma criança consegue entendê-la. Se o ato de entregar a Bíblia nas mãos do povo causar uma enchente de iniquidade, Lutero disse, que assim seja.

Com o princípio de traduzir a Bíblia para o vernáculo e de colocá-la nas mãos do povo leigo, a Reforma produziu outra doutrina preciosa – a doutrina da interpretação particular. A doutrina da interpretação particular elaborada pelos reformadores afirma que cada cristão tem o direito de interpretar a Bíblia. A resposta de Roma a isso foi decretada na quarta sessão do Concílio de Trento nos meados do século 16.

> Além do mais, para conter os espíritos descontrolados [o Concílio Ecumênico de Trento] decreta que ninguém, confiando no seu próprio julgamento deve, nas questões de fé e moral que dizem respeito à edificação da doutrina cristã, distorcendo as sagradas Escrituras de acordo com sua própria concepção, presuma interpretá-las contrariamente ao sentido que a Santa Mãe Igreja, a quem o julgamento do seu verdadeiro sentido e interpretação foi confiado e que ela mantém.

Concordo com a primeira parte, segundo a qual nenhuma pessoa, ao interpretar a Palavra de Deus, tem o direito de distorcê-la. O princípio da interpretação privada, que é parte integral da nossa experiência cristã, diz que nós recebemos o privilégio indizível de interpretar a Bíblia para nós mesmos. Ao mesmo tempo, recebemos a responsabilidade maravilhosa de interpretá-la corretamente. O ponto com o qual não concordo é aquele segundo o qual apenas a igreja tem a autoridade para determinar a interpretação correta da Palavra de Deus. O problema era esse. Lutero estava interpretando Paulo diferentemente de Roma, e a igreja o repreendeu por ter a audácia de ler a Bíblia e interpretá-la independentemente da igreja, apesar de ele ter sido ordenado pela igreja e ser reconhecido como um dos linguistas e estudiosos mais brilhantes da língua bíblica dos seus dias.

Quando me envolvi em disputas sobre a interpretação de uma passagem específica das Escrituras, muitas vezes, fui refutado com estas palavras: "Bem, essa é a sua interpretação". É claro que é a minha interpretação, pois acabei de afirmá-la como tal. Meu opositor quis dizer que eu interpreto a passagem de um modo, e ele, de outro, e que cada um de nós tem o direito

direito de errarmos em relação à Palavra de Deus. É por isso que analisamos a nossa interpretação das Escrituras com cuidado, estudando com diligência os melhores comentários que conseguimos encontrar e não confiando meramente nas nossas próprias habilidades. Consultamos os gigantes da história da igreja e as confissões da igreja. Apesar de não terem autoridade absoluta sobre nós, eles certamente podem nos informar e nos ajudar a evitar erros nascidos da nossa ignorância. A interpretação privada sempre traz consigo o grande fardo da interpretação precisa.

Movidos pelo Espírito

Dito isso, não acredito que era isso o que Pedro quis dizer. Se analisarmos a afirmação no seu contexto, vemos que Pedro não está falando sobre a interpretação da Bíblia, mas sobre a autoridade da Bíblia. Ele está dizendo que a profecia, ou seja, a declaração da Palavra de Deus, não surgiu de um conhecimento privado ou do juízo de seres humanos. Ele afirma imediatamente: **porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana** (v. 21). Ele usa a expressão mais forte que ocorre na Bíblia para "nunca". Ele usa "nunca" num sentido absoluto. Pedro diz antes que **homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo** (v. 21). Ele não quis dizer que as Escrituras surgiram porque pessoas tiveram experiências religiosas que lhe conferiram algum senso de êxtase de modo que, enquanto suas emoções eram movidas pelo Espírito de Deus, eles articularam a emoção e afirmaram o que acreditavam ser coisas de Deus. O que Pedro quer dizer é que o conteúdo da Palavra de Deus não surge pela vontade humana. Sua origem e sua autoridade estão exclusivamente em Deus.

Pedro não usa a expressão "inspirada por Deus", como Paulo faz em Timóteo, mas outra metáfora, a de homens movidos pelo Espírito Santo e, por assim dizer, conduzidos pelo Espírito Santo. Essa metáfora remete à linguagem do mar e refere-se ao movimento de um barco nas águas. Sem vento, um barco a vela acaba encalhado. É incapaz de prosseguir para qualquer lugar. O movimento do barco não reside em algum poder inerente ao próprio barco; ele se movimenta apenas quando as velas são infladas por algo exterior ao barco – o vento captado pelas velas. As velas fazem com que o barco seja carregado pelas ondas.

Quando falamos sobre a inspiração da Bíblia, falamos da superintendência da Escritura exercida pelo Espírito Santo. Deus não escreveu o livro com seu próprio dedo. Todos os livros da Bíblia foram escritos por

autoridade reveladora do Espírito de Deus. Nos meados do século 20, Karl Barth protestou contra a doutrina da infalibilidade das Escrituras, dizendo que essa visão nos envolveria em bibliolatria, a adoração da Bíblia. Ele chamou a doutrina da inerrância de "docetismo bíblico". Nos primeiros anos da igreja cristã, a heresia do docetismo alegava que Jesus não possuía corpo. Os gregos não podiam aceitar a ideia de que Deus se uniria a algo físico, por isso os docetistas afirmavam que a encarnação era apenas uma ilusão. Barth aplicou isso à Escritura, dizendo que, se acreditarmos que a Bíblia contém as palavras do próprio Deus, então somos culpados de docetismo bíblico. Segundo ele, o axioma fundamental é *humanum errare est*, "errar é humano". Por isso, se atribuírmos inerrância às Escrituras, estaríamos negando seu caráter humano.

Não precisamos do Espírito Santo para uma lista de compras inerrante ou para acertar todas as questões numa prova de matemática. Temos uma tendência tão grande para o erro que, se alguém escrevesse um livro tão grande quanto a Bíblia, ele estaria repleto de erros. É justamente por causa da tendência dos seres humanos de cometer erros que a superintendência do Espírito Santo é necessária.

Quando o Espírito Santo supervisionou e moveu os escritores humanos, ele não anulou a humanidade deles. O estilo de cada autor bíblico transparece nos seus escritos. No mistério da inspiração, o Espírito Santo protegeu o texto de tal modo que usou o vocabulário e o estilo – a própria humanidade – de cada autor, mas ele protegeu cada autor de cometer erros nos seus ensinos, pois o autor estava sendo usado pelo Espírito para comunicar a palavra do próprio Deus. É por isso que os profetas do Antigo Testamento podiam iniciar seus oráculos com as palavras: "Assim diz o Senhor". O Senhor falou por meio de Jeremias, Isaías, Daniel, Ezequiel, Oseias, Joel, Habacuque, Naum, Moisés, Paulo, Pedro, Marcos, Mateus e Lucas sem anular a humanidade deles.

Ouço o tempo todo que a doutrina da inerrância é uma visão mágica da inspiração, que reduz os escritores humanos a robôs ou autômatos, e como é que alguém pode acreditar na teoria do ditado da inspiração? Ninguém que eu conheço defende a ideia de que Deus simplesmente ditou e que os autores anotaram cada palavra que ele disse. Isaías não era um simples secretário; ele foi um instrumento que recebeu a revelação de Deus e que foi sustentado por Deus. É isso que Pedro está dizendo, ou seja, que nada da Palavra de Deus veio exclusivamente por meio de poder humano. No entanto, se você rejeitar os escritos desses seres humanos, está rejeitando o próprio Deus. Essa é a avaliação de Pedro da autoridade da Palavra escrita de Deus,

29

Falsos profetas

2Pedro 2.1-7

Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme. Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios; e, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente; e livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados.

O primeiro capítulo de 2Pedro termina com uma afirmação de que a palavra proclamada por Pedro não é resultado de mitos ou fábulas engenhosamente construídas, mas a verdade bem fundamentada e confirmada por testemunhas oculares, daqueles que viram a glória de Cristo com referência específica ao monte da Transfiguração. Aqui, Pedro fala contra profetas e mestres falsos.

Talvez estejamos vivendo no período mais anti-intelectual da história

Duvido que tenha existido um tempo na história da igreja em que cristãos professos tenham se preocupado menos com a doutrina do que nos dias de hoje. Ouvimos quase que diariamente que a doutrina não importa e que o cristianismo é um relacionamento, não um credo. Não se trata apenas de uma indiferença em relação à doutrina, mas de uma hostilidade aberta, o que é extraordinariamente perigoso e lamentável. Não podemos nem mesmo fazer uma leitura superficial da Palavra de Deus sem nos deparar com a enorme ênfase atribuída à doutrina e com a declaração segundo a qual a doutrina e o ensino falsos não são meros erros de abstração, mas profundamente prejudiciais para a vida do povo de Deus.

Falsos profetas

Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição (v. 1). Pedro nos remete de volta ao Antigo Testamento, ao fenômeno do surgimento de falsos profetas, e então diz que, do mesmo modo que os falsos profetas invadiram a comunidade de Israel, haverá também falsos profetas entre seus leitores.

A ameaça mais destrutiva ao povo de Deus no Antigo Testamento não foram os exércitos dos filisteus, dos assírios ou dos amalequitas, mas os falsos profetas dentro dos seus próprios muros. Isso é muito bem ilustrado no livro de Jeremias. Deus deu a Jeremias sua palavra e o instruiu a alertar o povo dizendo que, a não ser que se arrependessem o juízo cairia sobre eles e sobre Judá, Jerusalém e o próprio templo. O famoso discurso do templo de Jeremias ocorreu quando ele foi ao templo na presença dos sacerdotes do dia e lhes disse: "Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Emendai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar. Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este" (Jr 7.3-4). Jeremias disse ao povo:

> Mas ide agora ao meu lugar que estava em Silo, onde, no princípio, fiz habitar o meu nome, e vede o que lhe fiz, por causa da maldade do meu povo de Israel. Agora, pois, visto que fazeis todas estas obras, diz o Senhor, e eu vos falei, começando de madrugada, e não me ouvistes, chamei-vos, e não me respondestes, farei também a esta casa que se chama pelo meu nome, na qual confiais, e a este lugar, que vos dei a vós outros e a vossos pais, como

Silo havia sido o local do santuário central, mas estava despovoado quando Jeremias disse essas palavras. Essa era a última coisa que o povo de Israel queria ouvir. O povo entendia que Deus castigaria o reino do Norte e deixaria que eles fossem levados para o cativeiro, mas era impensável que Deus permitiria que o povo de Judá e a cidade santa de Jerusalém fossem destruídos.

Minha pintura favorita de Rembrandt é o retrato de um homem sentado tendo suas mãos sobre um livro grande, a Bíblia, e seu rosto revela total consternação e aflição. Se você contemplar de perto a pintura, na qual uma luz aparece surgir repentinamente do nada, verá que a luz é produzida pelas chamas que consomem a cidade de Jerusalém. O título do quadro é *Jeremias lamenta a destruição de Jerusalém.*

Todos os dias Jeremias pronunciou os oráculos de Deus ao povo de Deus, mas o povo não lhe deu ouvidos. As pessoas não queriam ouvir a Palavra de Deus, e foi nessa situação que surgiu uma onda de falsos profetas. Sempre que Jeremias falava a verdade ao povo, muitos outros apareciam com uma mensagem completamente diferente. A mensagem deles era: "Não se preocupem. Deus é um Deus de amor e de paz. Não deem ouvidos a esse Jeremias, esse profeta de queda e ruína". Sempre que Jeremias falava a palavra de Deus, uma miríade de falsos profetas o contradizia, e por isso ele decidiu parar, dizendo: "Persuadiste-me, ó Senhor, e persuadido fiquei; mais forte foste do que eu e prevaleceste; sirvo de escárnio todo o dia; cada um deles zomba de mim. [...] Quando pensei: não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome" (Jr 20.7-9). Mas Jeremias continuou: "Então, isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais" (v. 9).

Os oráculos de Jeremias

Se você ler Jeremias 23 com atenção, encontrará um dos relatos mais vívidos do tipo de conflitos que ocorreu em Israel do Antigo Testamento entre o profeta verdadeiro e seus rivais, os falsos profetas. Tudo começa com um oráculo de ruína: "Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto! — diz o Senhor" (v. 1). Deus estava declarando seu ai ao pastor que não era pastor, àquele que não alimenta suas ovelhas, mas as envenena e espalha. Jeremias continua falando as palavras de Deus:

> Portanto, assim diz o Senhor, o Deus de Israel, contra os pastores que apascentam o meu povo: Vós dispersastes as minhas ovelhas, e as afugentastes, e delas não cuidastes; mas eu cuidarei em vos castigar a maldade das vossas ações, diz o Senhor. Eu mesmo recolherei o restante das minhas ovelhas,

apriscos; serão fecundas e se multiplicarão. Levantarei sobre elas pastores que as apascentem.

> Eis que vêm dias, diz o Senhor,
> em que levantarei a Davi um Renovo justo;
> e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente,
> e executará o juízo e a justiça na terra.
> Nos seus dias, Judá será salvo,
> e Israel habitará seguro;
> será este o seu nome, com que será chamado:
> Senhor, Justiça Nossa (v. 2-6).

Mais adiante, neste mesmo capítulo, lemos:

> O meu coração está quebrantado dentro de mim;
> todos os meus ossos estremecem;
> sou como homem embriagado
> e como homem vencido pelo vinho,
> por causa do Senhor
> e por causa das suas santas palavras.
> Porque a terra está cheia de adúlteros
> e chora por causa da maldição divina;
> os pastos do deserto se secam;
> pois a carreira dos adúlteros é má,
> e a sua força não é reta.
>
> Pois estão contaminados,
> tanto o profeta como o sacerdote;
> até na minha casa achei a sua maldade, diz o Senhor.
> Portanto, o caminho deles será
> como lugares escorregadios na escuridão;
> serão empurrados e cairão nele;
> porque trarei sobre eles calamidade,
> o ano mesmo em que os castigarei, diz o Senhor.
> Nos profetas de Samaria bem vi eu loucura;
> profetizavam da parte de Baal
> e faziam errar o meu povo de Israel.
> Mas nos profetas de Jerusalém vejo coisa horrenda;
> cometem adultérios, andam com falsidade
> e fortalecem as mãos dos malfeitores,
> para que não se convertam cada um da sua maldade; [...].
> Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos acerca dos profetas:

e lhes darei a beber água venenosa;
porque dos profetas de Jerusalém
se derramou a impiedade sobre toda a terra.
Assim diz o Senhor dos Exércitos:
Não deis ouvidos às palavras dos profetas
que entre vós profetizam e vos enchem de vãs esperanças;
falam as visões do seu coração,
não o que vem da boca do Senhor.
Dizem continuamente aos que me desprezam:
O Senhor disse: Paz tereis (v. 9-17).

Em outra passagem, Jeremias diz que as pessoas gritam, "curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz" (Jr 8.11). Declarou também estas palavras do Senhor:

Não mandei esses profetas; todavia, eles foram correndo;
não lhes falei a eles; contudo, profetizaram.
Mas, se tivessem estado no meu conselho,
então, teriam feito ouvir as minhas palavras ao meu povo
e o teriam feito voltar do seu mau caminho
e da maldade das suas ações. [...]

Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. Até quando sucederá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras, que proclamam só o engano do próprio coração? Os quais cuidam em fazer que o meu povo se esqueça do meu nome pelos seus sonhos que cada um conta ao seu companheiro [...].
O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho;
mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade.
Que tem a palha com o trigo? — diz o Senhor.
Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?
Portanto, eis que eu sou contra esses profetas, diz o Senhor, que furtam as minhas palavras, cada um ao seu companheiro (Jr 23.21-30).

Deus não fica apenas aborrecido ou um pouco descontente, mas enfurecido com os mestres falsos, pois, quando a verdade é distorcida, ela causa devastação e destruição nas vidas das pessoas.

História da heresia

No século 16, dois homens famosos pegaram suas canetas e se puseram a criticar a conduta descontrolada do papado medieval. Desidério Erasmo

de Roterdã escreveu uma sátira, "O elogio da loucura", na qual ele atacou a propensão papal à glutonaria e à imoralidade. Lutero disse sobre Erasmo: "Erasmo atacou o papa no seu ventre, mas eu o ataquei na sua doutrina". Isso porque quando a doutrina se vai, a igreja se vai com ela.

Ouço frequentemente a pergunta: "Onde posso encontrar uma igreja que proclame fielmente a Escritura?" Os pregadores estão dando ao povo o que este deseja ouvir. Os pregadores entretêm as pessoas em vez de instruí-las nas coisas de Deus. Pedro disse que isso não é novidade. A mesma tendência atormentava Israel no Antigo Testamento. Pedro diz aos seus leitores que há falsos profetas no meio deles. Ele está falando aqui sobre heresia e seu potencial destrutivo.

Num de meus cursos na faculdade, "A história da heresia", examinamos as heresias do século 1º. até os meados do século 20. Todas as heresias contra as quais a igreja teve que lutar foram difíceis e destrutivas, mas em cada era o surgimento de heresias tem obrigado a igreja a refinar sua definição e confissão da verdade. Quando Ário negou a deidade de Cristo, a igreja se reuniu em Niceia e declarou a plena deidade do nosso Senhor no que veio a ser chamado de Credo Niceno. Quando Eutíquio e Nestório proclamaram suas heresias no século 5º., a igreja se reuniu em Calcedônia e definiu a nossa fé na pessoa de Jesus com maior precisão. Hoje, a doutrina da imputação está sofrendo ataques tão fortes quanto no século 16. Por mais que eu lamente isso, estou feliz pelo fato de esse tema atrair tanta atenção. Nos últimos quinze anos, mais livros foram escritos sobre a justificação do que durante os últimos trezentos anos.

Se você quiser obter uma visão geral e rápida da história da heresia, não precisa se inscrever numa faculdade. Se passar algum tempo na frente da televisão assistindo aos pregadores, é provável que ouça praticamente todas as heresias que a igreja tem condenado desde o século 1º. até hoje.

Destruição rápida

Assim, Pedro escreveu: "Haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição". Fico pensando sobre a propriedade deste adjetivo desnecessário: "destruidoras". Que outros tipos de heresias existem que não sejam destruidoras? A heresia destrói a verdade de Deus. Essa segunda cláusula, "até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou,

muitas controvérsias. É a passagem usada por aqueles que negam a doutrina da perseverança dos santos.

O que se segue disso é a doutrina da redenção particular, que ensina que, no plano eterno da salvação de Deus, ele determinou a expiação de Cristo para a salvação dos eleitos, não para a salvação de todos em geral. A propiação de Jesus pelos pecados foi feita apenas para aqueles que creem. O próprio Cristo declarou sobre a igreja que ela seria o que Agostinho chamaria de *corpus permixtum*, um corpo que contém uma mistura de joio e trigo. Cristo sabia que a igreja pela qual ele morreu incluiria, em termos de sua manifestação visível, incrédulos, pessoas não eleitas. Pedro, de modo um tanto oblíquo aqui, fala sobre aqueles que negam o Senhor que os comprou. Se tivessem sido comprados por Cristo, nem mesmo sua negação os levaria a perder a salvação.

Como era comum entre os apóstolos, Pedro fala aqui sobre aqueles que alegam ser cristãos, mas negam o próprio ato da expiação. Há muitos nas igrejas de hoje que professam ser cristãos, mas negam a expiação de Cristo. Pedro está dizendo que as heresias que atormentavam a igreja primitiva eram tão graves que incluíam até a negação do próprio Cristo. Não eram cristãos que haviam perdido a salvação; como João diz em outro lugar: "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (1Jo 2.19). Jesus disse sobre Judas que ele era um diabo desde o início (Jo 6.70). Não é que Judas foi à fé e depois perdeu a salvação quando cometeu a apostasia. O pecado da apostasia, do desvio, é algo que um pagão jamais pode cometer, pois o pagão nunca fez uma profissão de fé. Nenhum cristão verdadeiro pode cometer apostasia, mas a apostasia acontece na igreja todos os dias entre aqueles que alegam ter fé, mas a repudiam, como Demas, que abandonou Paulo, quando Paulo estava na prisão (2Tm 4.10).

E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade (v. 2). Com palavras semelhantes, Paulo disse sobre aqueles que procuravam a justificação por meio da lei: "Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa" (Rm 2.24). Toda vez que ocorre um escândalo na igreja – o pecado moral de um sacerdote, pastor ou mestre – isso é alimento delicioso para os incrédulos e céticos. Eles dizem que os cristãos são hipócritas, o que é uma avaliação injusta, pois os cristãos não proclamam a ausência de pecado no seu clero. Nós não proclamamos a perfeição do pastor, mas a perfeição de Cristo. Em última análise, o cristianismo precisa ser

a realidade é que, por causa de heresias e da imoralidade dentro da igreja, a própria verdade é blasfemada.

Também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme (v. 3). Pedro acusa os falsos profetas e mestres de serem avarentos. O falso profeta usa as pessoas para sua própria vantagem. Supostamente você deve confiar no seu pastor e nos presbíteros, e, quando essa confiança é traída, Deus promete um juízo rápido. Deus pode tolerar isso durante um tempo, mas não para sempre.

Anjos caídos

Para ilustrar o juízo de Deus contra esse tipo de pecado, Pedro traz à nossa atenção três exemplos do Antigo Testamento. Ele começa com o juízo de Deus contra os anjos: **Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo** (v. 4). Pedro começa com uma situação hipotética: "Ora, se [...]". Há duas possibilidades quanto ao que Pedro quer dizer nesse caso. Alguns acreditam que isso seja uma referência ao relato em Gênesis 6 sobre os filhos de Deus que se casaram com filhas dos homens e geraram uma raça de pessoas grotescas. Uma visão muito propagada na igreja defende que o relato de Gênesis fala do estupro de mulheres por anjos. Alguns usam uma exortação do apóstolo Paulo para fundamentar essa visão. Paulo instruiu as mulheres a manter a cabeça coberta na igreja "por causa dos anjos" (1Co 11.10), e alguns alegam que o objetivo disso era esconder a beleza das mulheres para que os anjos não fossem tentados. Evidentemente, não é isso o que Paulo quis dizer.

O relato de Gênesis sobre os filhos de Deus casando-se com as filhas dos homens não tem a ver com anjos casando-se com mulheres, como observamos num estudo anterior. Exatamente antes dessa passagem, Gênesis apresenta uma longa genealogia dos descendentes de Sete, que produziu uma pessoa piedosa depois de outra. Essa linhagem de pessoas justas é identificada como "os filhos de Deus", pois essa designação se refere àqueles que são obedientes a Deus. Qualquer um que é obediente a Deus é chamado de "filho de Deus". Sim, às vezes, os anjos são chamados de "filhos de Deus", mas os seres humanos também. Em nítido contraste vemos os descendentes de Caim, a partir dos quais ocorreu uma rápida expansão da impiedade e iniquidade. As duas linhagens permaneceram separadas até o momento em que começaram a casar-se uns com os outros, e o casamento de pessoas

As mulheres cobriam seus cabelos para os anjos porque os anjos observam nosso culto e participam dele. Quando iniciamos a adoração, entramos na presença de Deus e de todos os anjos – na presença da congregação geral das alturas. A adoração deve acontecer de maneira reverente, submissa e honrável, e é disso que Paulo estava falando aos coríntios.

Então, a que a passagem de Pedro está se referindo? Ele se refere à queda original dos anjos. Quando Lúcifer e seus ajudantes se revoltaram contra Deus, Deus os expulsou do céu e deu-lhes o inferno como habitação. Esse foi o castigo que receberam. Deus não os poupou, mas os lançou no inferno. A palavra usada aqui no versículo 4 para "inferno", *Tartarus*, refere-se, na poesia de Homero, à parte mais escura do inferno. Mais tarde, Dante, no seu famoso *Inferno*, escreveu sobre os vários círculos do inferno. Cada círculo abriga pecadores em graus crescentes de maldade. Na visão poética do submundo e do lugar de castigo de Homero, *Tartarus* é onde os piores infratores são jogados. Aqui, Pedro empresta uma imagem do poeta grego, como também o fez o apóstolo Paulo de vez em quando. Ele "os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo". Esses anjos já têm um lugar reservado para eles no juízo final, e eles terão de enfrentar o julgamento de Deus sem um mediador. Deus nos deu um Deus-homem, o único Mediador entre nós e ele, mas não tomou nenhuma providência desse tipo para os anjos caídos. Eles estão reservados no inferno, em correntes e nas trevas, para o juízo.

O fim dos ímpios

Em segundo lugar, Pedro diz que Deus **não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios** (v. 5). É difícil imaginar o dilúvio, tenha ele sido universal, como eu acredito, ou apenas local. O dilúvio que Deus enviou em juízo sobre a raça humana foi extremo. Até hoje, os teólogos dizem que o dilúvio deve ser um mito, pois Deus é amoroso demais para destruir a terra inteira com a exceção de oito pessoas. No entanto, Deus é também santo, e um Deus santo e justo é capaz de afogar todas as pessoas do mundo com a exceção de uma família. Deus disse que o Espírito Santo não lutaria com os homens para sempre (Gn 6.3). Naqueles dias, o mundo estava entregue à violência; as pessoas faziam o que era certo aos seus próprios olhos. O que caracterizava o mundo antes do dilúvio era o triunfo do relativismo moral, e finalmente Deus o destruiu, poupando apenas uma família – oito pessoas.

A terceira ilustração contém a destruição que caiu sobre as cidades de So-

o pecado mais preeminente sendo a imoralidade sexual e o comportamento homossexual. Não é por acaso que até hoje o comportamento homossexual costuma ser chamado de *sodomia*; ela era praticada de maneira desenfreada em Sodoma e Gomorra. O juízo de Deus foi rápido, e nesse caso não foram oito as pessoas salvas, mas apenas três. **E, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente; e livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados** (v. 6-7). No início, tudo indicava que quatro pessoas escapariam – Ló, sua esposa e suas duas filhas –, mas, quando foram instruídos a fugir de Sodoma, a esposa de Ló olhou para trás e foi transformada numa coluna de sal (Gn 19.26). Isso era o fogo e o enxofre que o próprio Senhor lançara sobre essas cidades, porque a destruição delas foi rápida. Quarenta e cinco anos atrás, eu ouvi Billy Graham dizer que, se Deus não condenar os Estados Unidos, ele terá que pedir perdão a Sodoma e Gomorra.

Ló e Abraão tinham uma relação próxima, mas em certa ocasião seus pastores começaram a brigar uns com os outros. Então Abraão decidiu que ele e Ló deveriam dividir a terra e se separarem. Ló viu Sodoma e seus campos fartos e férteis e decidiu ir para lá. Sodoma era um lugar ótimo para criar gado, mas não para criar filhos. Há pessoas que se mudaram para Sanford, na Flórida, só para fazerem parte da comunidade da St. Andrew's. Para elas, a igreja que frequentam é mais importante do que o emprego que têm. As pessoas escolhem o lugar onde vão morar com base numa igreja, o que não deveria nos surpreender. Precisamos pensar no bem-estar da nossa alma como algo muito mais importante do que a rentabilidade do nosso negócio.

Pedro apresenta esses três exemplos do passado para advertir seus leitores contra o perigo de serem seduzidos pelos falsos mestres. A falsa doutrina produz uma vida ímpia. Se errarmos na nossa compreensão da verdade, como podemos ser justos? Já é difícil o bastante sermos justos mesmo quando nos atemos à verdade. Ater-nos à sã doutrina não garante que nossa vida será sã. Se quisermos viver segundo os princípios da Palavra de Deus, precisamos saber primeiro quais são esses princípios, mas isso é apenas uma parte da batalha. É a parte fácil. A parte difícil é possuir a força moral para viver de acordo com esses princípios.

30

Juízo

2Pedro 2.4-11

Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios; e, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente; e livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados (porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles), é porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo, especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões e menosprezam qualquer governo. Atrevidos, arrogantes, não temem difamar autoridades superiores, ao passo que anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor.

A razão pela qual os escritores do Novo Testamento insistem tanto em ensinar a sã doutrina é para que nossa vida possa dar o fruto do evangelho. É por isso que Pedro concentra grande parte da sua carta nos falsos mestres, que introduzem heresias na igreja e exploram as pessoas com palavras enganosas.

No nosso estudo anterior consideramos os três exemplos da história que Pedro usou para lembrar seus leitores de como Deus julga os malfeitores e

antes de analisarmos essa passagem. Há muito nas palavras de Pedro que é politicamente incorreto nos termos da nossa cultura contemporânea, mas Pedro, como apóstolo de Cristo, não está interessado em agradar à cultura pagã. Seu desejo é proclamar fielmente o que Deus lhe revelou.

Lançados no inferno

Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo (v. 4). Essa é a prova número 1 de Pedro, o juízo de Deus sobre os anjos no passado. No nosso estudo anterior, analisamos a parte de Gênesis 6 que fala do casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens. Como observamos, embora alguns comentaristas vinculem o relato de Gênesis às palavras de Pedro aqui, acredito que o relato de Gênesis fale sobre o casamento entre a linhagem de Sete e a linhagem de Caim. Quando as duas linhagens se uniram houve uma expansão radical da iniquidade no mundo antigo, que acabou levando ao juízo de Deus com o dilúvio.

Acredito que as palavras de Pedro refiram-se à queda dos anjos com Satanás antes da criação dos homens e das mulheres. Os anjos são seres de uma ordem superior ao homem, mas, a despeito da posição deles na cosmologia, Deus não hesitou em puni-los, e ele os lançou na parte mais escura do inferno. Eles foram enviados para lá por um período determinado até o julgamento ainda maior no último dia. As pessoas acreditam que, se um inferno de fato existir (muitos, até mesmo cristãos, não parecem acreditar que o inferno exista), ele é um lugar de castigo, onde todos são designados ao mesmo grau de castigo. No entanto, a Bíblia nos adverte de que o juízo de Deus é sempre de acordo com a justiça e que a severidade do castigo divino é especificada de acordo com os nossos pecados.

Meu mentor disse-me que um pecador no inferno faria qualquer coisa se pudesse retirar um único pecado da sua lista de pecados cometidos na vida, mas hoje não tememos mais o julgamento divino, nem para nós mesmos nem para nossos amigos ou familiares. Fomos vacinados com um conceito sentimental do amor universal de Deus, de modo que qualquer noção de uma punição eterna foi eliminada do nosso pensamento. Porém, somos corrigidos pelo ensino do nosso próprio Senhor, que, ironicamente, nos ensinou mais sobre o inferno do que sobre o céu. Temos mais instruções sobre o inferno dos lábios de Jesus do que de qualquer outra fonte, e eu suspeito

falado sobre esse lugar terrível de punição, nós teríamos descartado essas informações imediatamente.

Jesus contou uma parábola sobre um homem rico e um mendigo chamado Lázaro. Ambos morreram, e o homem rico foi para o inferno, e de lá implorou por uma gota d'água para refrescar sua língua do tormento. Quando seu pedido foi recusado, ele perguntou se poderia voltar e advertir seus irmãos, que ainda estavam vivos, para que eles não tivessem o mesmo destino catastrófico que certamente os esperava se não se arrependessem. Esse pedido também lhe foi negado: "Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. [...] Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos" (Lc 16.29,31). A cada dia, pessoas morrem e são lançadas nessas trevas profundas. Pedro nos adverte de que, se Deus não poupou os anjos, ele também não nos poupará.

Pedro também usa Noé como exemplo: Deus **não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios** (v. 5). O mal se propagava pelo mundo antigo. Havia muita violência, e o casamento se parecia com uma ciranda. A instituição do casamento foi criada por Deus para que durasse uma vida inteira, mas naqueles dias, como hoje também, não durava muito. Pior ainda era o relativismo moral; todos faziam o que era certo aos próprios olhos. As pessoas não se importavam com o que Deus ordenava ou proibia. As pessoas faziam o que queriam e alegavam que ninguém tinha o direito de privá-las de sua autonomia. Jesus nos alertou sobre como o mundo será por ocasião de seu último retorno, dizendo: "Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.37).

A melhor descrição para nossa cultura não é "neopagã", mas "neobárbara". Nossa cultura está viciada no mal e na livre expressão das paixões licenciosas, e era assim também nos dias de Noé. As pessoas apostavam na infinita graça de Deus, e isso foi fatal, pois Deus destruiu cada ser humano na face da terra, com a exceção de Noé, sua esposa, seus filhos e as esposas destes.

Pedro refere-se a Noé como "um pregador da justiça". As Escrituras nos dizem que Noé era, em termos relativos, um homem justo em meio a um mundo caído e corrupto e que ele se dedicou à construção da arca como Deus ordenara. Muito provavelmente, as pessoas zombaram dele enquanto ele trabalhava: "Ei, seu velho, por que está construindo esse barco logo aqui, tão longe do mar?" E imagino Noé respondendo: "Veja bem, meu amigo, cairá uma chuva e ela continuará a cair durante quarenta dias e quarenta noites. Sua única esperança é estar dentro deste barco, arrependendo-se dos seus pecados". No entanto, ninguém lhe dava ouvidos. Ninguém

ignorados até que todo o mundo ímpio foi inundado por um dilúvio incessante, que não foi uma catástrofe natural, mas um juízo de Deus. Vemos aqui um retrato do juízo, mas também um retrato da graça. A arca foi o instrumento que Deus usou para salvar seu povo do dilúvio, assim como sua igreja é o instrumento que Deus usa para salvar seu povo hoje.

Ló, o justo

A terceira ilustração de Pedro tem a ver com a destruição das cidades na planície. Deus transformou as cidades de Sodoma e Gomorra em cinzas, fazendo delas um exemplo para aqueles que depois viriam a levar vidas ímpias, ou seja, para todos, com a exceção de um. Deus **livrou o justo Ló, afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados (porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles)** (v. 7-8). Nessa passagem, Pedro refere-se por duas vezes a Ló como homem justo, o que parece contradizer o que sabemos sobre ele do Antigo Testamento. Dois incidentes em Gênesis indicam o oposto de justiça: Ló ofereceu suas filhas virgens para satisfazer os desejos dos homens que tinham ido até sua casa, e mais tarde ele se envolveu em incesto, mesmo que inadvertidamente, num ato cometido pelas suas filhas.

Em Gênesis 18, lemos o relato das notícias que haviam chegado a Deus sobre a corrupção de Sodoma e Gomorra e sobre como Deus pretendia trazer destruição para esses centros de pecado. Em Gênesis 19, lemos que dois anjos foram a Sodoma à noite, enquanto Ló estava sentando ao portão, o que significa que ele estava no lugar em que os casos legais eram decididos. Ló deve ter sido um homem de certa influência e autoridade na cidade para ser um daqueles que "se assentavam na entrada". Ló falou com os anjos e disse: "Eis agora, meus senhores, vinde para a casa do vosso servo, pernoitai nela e lavai os pés; levantar-vos-eis de madrugada e seguireis o vosso caminho" (Gn 19.2). Os anjos recusaram a oferta e disseram que passariam a noite na praça, mas Ló insistiu, de modo que os anjos finalmente concordaram em entrar na casa de Ló. Ló preparou um banquete para eles e assou pão sem fermento, e eles comeram. A história continua:

> Mas, antes que se deitassem, os homens daquela cidade cercaram a casa, os homens de Sodoma, tanto os moços como os velhos, sim, todo o povo de todos os lados; e chamaram por Ló e lhe disseram: Onde estão os homens que, à noitinha, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abuse-

Essa é uma das descrições mais repugnantes e horripilantes do pecado homossexual encontrada na Escritura. Esses anjos, disfarçados de homens, eram de aparência majestosa e bela, e os homens da cidade, que ardiam de desejo, foram e cercaram a casa de Ló. Não é difícil de entender por que Sodoma se tornou sinônimo do pecado homossexual.

Quando Ló ouviu essa exigência da multidão, ele ofereceu suas filhas virgens aos homens. À primeira vista, isso parece ser algo terrível de se fazer, mas Ló, ciente da natureza dos homens lá fora, sabia que eles não se interessavam por mulheres. Ele ofereceu suas filhas apenas para proteger os anjos em sua casa. O relato continua:

> Eles, porém, disseram: Retira-te daí. E acrescentaram: Só ele é estrangeiro, veio morar entre nós e pretende ser juiz em tudo? A ti, pois, faremos pior do que a eles. E arremessaram-se contra o homem, contra Ló, e se chegaram para arrombar a porta. Porém os homens, estendendo a mão, fizeram entrar Ló e fecharam a porta; e feriram de cegueira aos que estavam fora, desde o menor até ao maior, de modo que se cansaram à procura da porta (v. 9-11).

A paixão desses homens era tão intensa que não foram embora nem mesmo depois de terem sido cegados pelos anjos de Deus. Continuaram tropeçando cegamente tentando encontrar um jeito de entrar na casa para cometer seu pecado. Então os anjos disseram a Ló: "Tens aqui alguém mais dos teus? Genro, e teus filhos, e tuas filhas, todos quantos tens na cidade, faze-os sair deste lugar; pois vamos destruir este lugar, porque o seu clamor se tem aumentado, chegando até à presença do Senhor; e o Senhor nos enviou a destruí-lo" (v. 12-13).

Como anjo vingador, que mais tarde Deus enviaria contra os egípcios na noite de Páscoa, esses anjos foram enviados por Deus com o propósito de destruir as cidades de Sodoma e Gomorra. A paciência de Deus havia chegado ao fim.

"Então, saiu Ló e falou a seus genros, aos que estavam para casar com suas filhas e disse: Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade. Acharam, porém, que ele gracejava com eles" (v. 14). Quando Ló alertou sua família, eles riram dele.

> Ao amanhecer, apertaram os anjos com Ló, dizendo: Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas, que aqui se encontram, para que não pereças no castigo da cidade. Como, porém, se demorasse, pegaram-no os homens pela mão, a ele, a sua mulher e as duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso, e o tiraram, e o puseram fora da cidade. Havendo-os levado fora, disse

> a campina; foge para o monte, para que não pereças. Respondeu-lhes Ló: Assim não, Senhor meu! Eis que o teu servo achou mercê diante de ti, e engrandeceste a tua misericórdia que me mostraste, salvando-me a vida; não posso escapar no monte, pois receio que o mal me apanhe, e eu morra. Eis aí uma cidade perto para a qual eu posso fugir, e é pequena. Permite que eu fuja para lá (porventura, não é pequena?), e nela viverá a minha alma. Disse-lhe: Quanto a isso, estou de acordo, para não subverter a cidade de que acabas de falar. Apressa-te, refugia-te nela; pois nada posso fazer, enquanto não tiveres chegado lá. Por isso, se chamou Zoar o nome da cidade. Saía o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar. Então, fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor, sobre Sodoma e Gomorra (v. 15-24).

Fogo e enxofre

Pregadores que nos alertam em relação ao inferno e ao juízo divino são chamados de "pregadores de fogo e enxofre", e essa história é a origem desse rótulo. O enxofre vem do sal-gema e do betume nas rochas da planície, sobre as quais essas cidades foram construídas. Os teóricos acreditam que o que aconteceu em Sodoma e Gomorra foi um forte terremoto, não a irrupção de um vulcão, e que a combinação de betume, enxofre, sal-gema e gases venenosos liberados da terra pelo terremoto criou uma explosão, um fogo imenso que consumiu tudo em seu caminho, cuspindo fogo e cinzas e veneno tão longe que, quando a esposa de Ló desobedeceu à ordem e se virou, ela foi coberta pelas cinzas derretidas. No juízo anterior do dilúvio, Deus salvara oito pessoas. Da destruição de Sodoma e Gomorra apenas três pessoas – Ló e suas duas filhas.

> E subverteu aquelas cidades, e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia na terra [...]. Ao tempo que destruía as cidades da campina, lembrou-se Deus de Abraão e tirou a Ló do meio das ruínas, quando subverteu as cidades em que Ló habitara (v. 25,29).

Dia de Juízo

Pedro lembra seu povo do juízo dos anjos, do juízo do mundo inteiro e do juízo que caiu sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, e ele diz que Ló, esse homem justo, que habitava no meio dessas pessoas ímpias, tinha sua alma justa atormentada simplesmente por ouvir e ver a corrupção que o cercava. Mas, continua Pedro, **o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo, especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões**

e menosprezam qualquer governo. Atrevidos, arrogantes, não temem difamar autoridades superiores (v. 9-10). O que Pedro quer dizer é que essas pessoas ímpias não têm medo de falar mal dos poderes superiores dos anjos, **ao passo que anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor** (v. 11).

Num sentido, as coisas piorarão, como veremos. Quando nossa cultura torna-se cauterizada, quando nós nos acostumamos com o mal em meio ao qual vivemos – uma cultura do mal –, nós, como os pagãos, acreditamos que Deus está morto e não o tememos mais. Não há temor de Deus no nosso país; no entanto, não existe nada que eu tema mais do que Deus, e não há nada mais temível do que a ira de Deus. Cada um de nós precisa estar preparado para fugir da ira de Deus naquele dia da ira e ser como Ló, cuja alma ficava atormentada e cujo coração compungia-se quando era obrigado a ver e ouvir tudo que acontecia ao redor dele. Não creio que Ló tenha sido um homem arrogante, que ele se considerasse superior às pessoas à sua volta. Creio que seu coração ficava despedaçado quando via uma cultura entregue à licenciosidade.

Nossa cultura não é muito diferente da de Sodoma e Gomorra quando as cidades foram castigadas. Quando o apóstolo Paulo fala sobre a expansão do pecado dentro da humanidade caída, ele diz que as pessoas não só continuam a praticar o mal, mas também incentivam outros a se envolverem em suas práticas. Se olharmos para a história do nosso país ao longo das últimas décadas, podemos ver claramente a luta pelo domínio absolutamente livre no comportamento sexual, seja ela hétero ou homossexual. No passado, essas coisas eram consideradas vergonhosas e eram escondidas, mas hoje, seus defensores marcham exigindo seus direitos, e o restante do mundo fica intimidado e insensível.

31

A REPREENSÃO DE BALAÃO

2Pedro 2.12-17

Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos, recebendo injustiça por salário da injustiça que praticam. Considerando como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia, quais nódoas e deformidades, eles se regalam nas suas próprias mistificações, enquanto banqueteiam junto convosco; tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos; abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça (recebeu, porém, castigo da sua transgressão, a saber, um mudo animal de carga, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta). Esses tais são como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal. Para eles está reservada a negridão das trevas.

Uma das grandes preocupações que Martyn Lloyd-Jones expressou na sua vida era o modo em que a igreja do século 20 havia se afastado do conhecimento do Antigo Testamento e quão poucos pregadores o pregavam. Eu não entendo como pode haver tão pouca pregação sobre o Antigo Testamento. Quando comecei a pregar, mantinha uma ficha com minhas pregações, e, depois de um ano, quando reli esse arquivo, descobri que cerca de 75 por cento dos meus sermões eram sobre o Antigo Testamento. Vejo o Antigo Testamento – esse volume grosso que representa a maior parte da Bíblia – como a autobiografia do próprio Deus. Mais do que qualquer outra coisa precisamos entender quem

Deus é, e isso nos é demonstrado de modo maravilhoso nas páginas do Antigo Testamento.

Nos nossos dois estudos anteriores, examinamos as advertências de Pedro àqueles que propagam a heresia. Estudamos os juízos de Noé e o de Sodoma e Gomorra, e reconhecemos nas páginas do Antigo Testamento um padrão de juízo que Deus aplica contra o povo no devido tempo. O sermão mais famoso já pregado nos Estados Unidos da América foi o de Jonathan Edwards, "Pecadores nas mãos de um Deus irado". Esse sermão era a exposição de uma passagem do Antigo Testamento "a seu tempo, quando resvalar o seu pé" (Dt 32.35). Edwards queria alertar as pessoas da Nova Inglaterra quanto ao perigo de se tornarem presunçosas e confiantes. Nós, como as pessoas nos dias de Edwards, temos saído ilesos com nossos pecados por tanto tempo que passamos a acreditar que Deus não existe ou que, se ele existir, ele jamais nos chamará para prestar contas. É perigoso pensar que sobreviveremos ao juízo de Deus.

Quando refletimos sobre o juízo de Deus e sobre o que o Novo Testamento diz sobre a ira de Deus manifestada contra os pecadores, costumamos pensar que essa ira é reservada para pessoas que levam vidas radicalmente imorais e licenciosas. Normalmente, não vemos essa ira e esse juízo voltados contra a heresia e os hereges. Não estabelecemos um vínculo entre a falsa doutrina e a vida corrupta, mas é justamente isso que o Novo Testamento faz.

Em Romanos 1, o apóstolo Paulo fala sobre como Deus se revela claramente por meio da criação a cada ser humano. Sua revelação é tão evidente que todos no mundo sabem que há um Deus. O grande pecado da humanidade é que, mesmo sabendo que Deus existe, nós nos recusamos a reconhecer o que sabemos ser verdadeiro. Paulo mostra então as consequências de suprimir e negar esse conhecimento de Deus. Inevitavelmente isso resulta na troca da verdade de Deus pela mentira, que, então, por sua vez, resulta na prática da idolatria.

Brutos irracionais

Aqui, Pedro ecoa Paulo: **Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos** (v. 12). Quando a verdade é distorcida ou negada, quando a verdade de Deus é substituída pelas mentiras da heresia, isso inevitável e necessariamente leva não só ao erro intelectual, mas à corrupção moral profunda. É por isso que Pedro alertou os hereges quanto ao destino do mundo como apresentado no

e tudo foi destruído pelo dilúvio, e também quando Sodoma e Gomorra foram destruídas. Pedro liga esse juízo aos hereges, que não têm medo de acusar e de falar mal nem mesmo dos anjos.

Quando penso em heresia, lembro-me dos três anos que passei no seminário ouvindo-a sem qualquer disfarce todos os dias. Eu estudei com professores com diplomas avançados que eram abertamente hostis às coisas de Deus e que faziam de tudo para minar o que sobrava de fé no coração dos alunos confiados aos seus cuidados. Suportei aqueles três anos e me lembro de ter pensado: *Esses homens não sabem o que os espera? Eles não têm temor a Deus? A arrogância deles não tem limites, e eles não têm medo de negar Cristo, de negar o Espírito e de pisotear a Palavra de Deus.*

Era disso que Pedro estava falando na igreja primitiva – a heresia não surgiu no século 20. Pedro equipara os hereges às bestas brutas naturais. Paulo diz que as pessoas, quando repudiam a revelação de Deus, alegando ser sábias, tornam-se loucas (Rm 1.22). Normalmente, a heresia não é uma ocupação das pessoas simples, comuns; é a ocupação do estudioso e do teólogo, que se envaidecem do conhecimento e não têm temor a Deus. Pedro diz que ele é como um animal estúpido, que foi criado para ser preso nas armadilhas dos caçadores.

Essas pessoas, diz Pedro, falam mal de coisas que não entendem e que perecerão na sua própria corrupção. Essas pessoas não apenas perecerão, mas receberão **injustiça por salário da injustiça que praticam. Considerando como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia, quais nódoas e deformidades, eles se regalam nas suas próprias mistificações, enquanto banqueteiam junto convosco** (v. 13). Foi Paulo quem disse que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). A injustiça nos traz algo; o pecado merece algo. Eu hesito em usar a palavra *merecer*, porque o termo mais preciso seria *desmerecer*. Seja como for, a questão é que precisamos pagar pelos nossos crimes contra Deus, e é isso que Pedro está dizendo aos seus leitores. Se você não se arrepender dessas coisas, você receberá o salário da injustiça, e o salário da injustiça é a morte. É isso o que o pecado merece. Pedro compara os hereges àqueles que consideram como prazer a sua luxúria carnal em pleno dia. Ele está dizendo que os hereges não são como as pessoas que se sentem um tanto envergonhadas da própria conduta noturna. Antes são tão arrogantes e ousados que se entregam à luxúria carnal em pleno dia e nem tentam escondê-la dos olhos do mundo.

É interessante observar que as palavras de Pedro "nódoas" e "deformidades" são usadas de modo positivo para o nosso Senhor e o seu corpo, a igreja. Nosso Senhor era o Cordeiro sem mácula, e apesar de sua igreja

apresentará sem manchas diante do Pai. A aplicação dessas palavras por Pedro aos hereges faz um nítido contraste. Ele não diz simplesmente que os hereges apresentam nódoas, mas que eles mesmos são nódoas. Todo o ser deles é definido em termos de suas nódoas.

Imagine se Deus olhasse para nós e visse nada além de nódoas. Na verdade, é isso que ele veria se não estivéssemos cobertos pelo manto da justiça de Cristo. É por isso que jamais devemos desprezar essa transferência, essa imputação da justiça, que nos foi dada gratuitamente por Deus quando nós depositamos nossa confiança em Cristo. Por causa disso, o Pai vê seu Filho sem nódoas e deformidades quando ele olha para nós. No entanto, quando olha para o herege, tudo que ele vê são nódoas e deformidades.

Os hereges sentem prazer nas suas próprias enganações. Essas enganações não lhes foram impostas por algo exterior, elas são geradas por eles mesmos. Os hereges se alegram nessas enganações, "enquanto banqueteiam junto convosco". Pedro está falando dos hereges dentro da igreja. O grande perigo na igreja é o joio sentado ao lado do trigo. As palavras de Pedro têm em vista o banquete de amor da igreja primitiva. Além da celebração da Ceia do Senhor, a igreja costumava se reunir para um grande banquete, e no meio dessa celebração os hereges estavam se divertindo.

[...] tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos (v. 14). Os olhos deles estão sempre à procura de outra vítima. São predadores. Pensam apenas em outras oportunidades de corromper, e eles não conseguem parar. Não conseguem abandonar o pecado e seduzem almas instáveis. A palavra que Pedro usa para "exercitado" costumava ser usada para o tipo de exercício rigoroso pelo qual passavam os atletas da Antiguidade quando se preparavam para uma competição. Esses hereges passam por um treinamento rigoroso, mas não é um treinamento em santidade. É um treinamento em avareza. O coração deles é treinado na ganância, naquilo que desejam possuir. Eles têm o coração exercitado no ciúme e na inveja daqueles que têm algo que lhes falta, e eles são "filhos malditos". Não são filhos da bênção de Deus, mas da maldição de Deus.

Pedro não está descrevendo pagãos, mas apóstatas. Não se pode cometer apostasia sem antes ter feito uma profissão de fé, mas essa profissão foi falsa desde o início. Trata-se de pessoas que se afiliaram à igreja por qualquer razão possível, menos pela razão certa. Nunca foram cristãos verdadeiros. São incrédulos no meio de fiéis e, mais cedo ou mais tarde, se afastarão da presença da igreja. Como João nos diz: "Eles saíram de nosso meio; en-

permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (1Jo 2.19).

A repreensão de Balaão

Pedro continua falando deles desta maneira: **Abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça (recebeu, porém, castigo da sua transgressão, a saber, um mudo animal de carga, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta)** (v. 15-16). Eles conhecem o caminho certo; foram expostos aos ensinos do evangelho; conhecem a verdade – ouviram-na ser pregada repetidas vezes –, mas eles a abandonaram e seguiram outro caminho. Paulo escreve: "Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus" (Rm 3.10-11). Cada um de nós já perdeu o caminho; nós nos desviamos do caminho que Deus estabeleceu para a justiça, e Pedro diz que os hereges abandonaram o caminho certo.

Pedro dá este exemplo do Antigo Testamento: eles seguiram o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça, mas foi repreendido por sua iniquidade. Um burro, que falava com a voz de um homem, impediu a loucura do profeta:

> Tendo partido os filhos de Israel, acamparam-se nas campinas de Moabe, além do Jordão, na altura de Jericó. Viu, pois, Balaque, filho de Zipor, tudo o que Israel fizera aos amorreus; Moabe teve grande medo deste povo, porque era muito; e andava angustiado por causa dos filhos de Israel; pelo que Moabe disse aos anciãos dos midianitas: Agora, lamberá esta multidão tudo quanto houver ao redor de nós, como o boi lambe a erva do campo. Balaque, filho de Zipor, naquele tempo, era rei dos moabitas (Nm 22.1-4).

Balaque, rei de Moabe naqueles dias, reconheceu um perigo evidente na ameaça que os exércitos de Israel diante dos seus portões representavam. Ele sabia que eles haviam aniquilado os amorreus e que os moabitas eram os próximos. Mandou chamar um profeta pagão, Balaão, pois queria que Balaão pronunciasse uma maldição contra os exércitos de Israel. O rei enviou mensageiros com uma grande quantia de dinheiro para pagar pelos serviços do profeta. Deus interveio e falou com Balaão, e disse: "Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado" (v. 12).

Balaão ficou com medo. Então falou com os mensageiros enviados pelo rei e disse: "Tornai à vossa terra, porque o Senhor recusa deixar-me ir convosco" (v. 13). Então os mensageiros retornaram, mas o rei os enviou novamente com

Balaão disse aos mensageiros: "Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia traspassar o mandado do Senhor, meu Deus, para fazer coisa pequena ou grande" (v. 18). No entanto, com a permissão um tanto estranha e condicional de Deus, Balaão se levantou para acompanhar os príncipes de Moabe. Balaão deixou-se seduzir pela oferta de dinheiro e prestígio, então montou sua jumenta, que ele usava havia muitos anos.

De repente, o Anjo do Senhor com uma espada colocou-se na frente da jumenta. A jumenta podia vê-lo, mas Balaão não. A jumenta parou, e Balaão começou a praguejar contra a jumenta e ordenou que seguisse caminho. A jumenta saiu do caminho e entrou num campo, e Balaão bateu na jumenta para levá-la de volta para o caminho.

> Mas o Anjo do Senhor pôs-se numa vereda entre as vinhas, havendo muro de um e outro lado. Vendo, pois, a jumenta o Anjo do Senhor, coseu-se contra o muro e comprimiu contra este o pé de Balaão; por isso, tornou a espancá-la. Então, o Anjo do Senhor passou mais adiante e pôs-se num lugar estreito, onde não havia caminho para se desviar nem para a direita, nem para a esquerda. Vendo a jumenta o Anjo do Senhor, deixou-se cair debaixo de Balaão; acendeu-se a ira de Balaão, e espancou a jumenta com a vara. Então, o Senhor fez falar a jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste já três vezes? Respondeu Balaão à jumenta: Porque zombaste de mim; tivera eu uma espada na mão e, agora, te mataria. Replicou a jumenta a Balaão: Porventura, não sou a tua jumenta, em que toda a tua vida cavalgaste até hoje? Acaso, tem sido o meu costume fazer assim contigo? Ele respondeu: Não. Então, o Senhor abriu os olhos a Balaão, ele viu o Anjo do Senhor, que estava no caminho, com a sua espada desembainhada na mão; pelo que inclinou a cabeça e prostrou-se com o rosto em terra (Nm 22. 24-31).

As profecias de Balaão

Balaão obedeceu a Deus apenas por coerção divina, e então fez quatro profecias, justamente aquelas profecias que o rei de Moabe não queria ouvir. A primeira profecia era:

> Quem contou o pó de Jacó
> ou enumerou a quarta parte de Israel?
> Que eu morra a morte dos justos,
> e o meu fim seja como o dele (Nm 23.10).

O rei estava disposto a matar Balaão, que se defendeu dizendo que ele

> Deus não é homem, para que minta;
> nem filho de homem, para que se arrependa.
> Porventura, tendo ele prometido, não o fará?
> Ou, tendo falado, não o cumprirá?
> Eis que para abençoar recebi ordem;
> ele abençoou, não o posso revogar (v. 19-20).

Então, Balão pronunciou outra profecia:

> Que boas são as tuas tendas, ó Jacó!
> Que boas são as tuas moradas, ó Israel!
> Benditos os que te abençoarem,
> e malditos os que te amaldiçoarem (24.5,9).

Mas é a quarta profecia de Balaão que é tão magnífica:

> Palavra de Balaão, filho de Beor,
> palavra do homem de olhos abertos,
> palavra daquele que ouve os ditos de Deus
> e sabe a ciência do Altíssimo;
> daquele que tem a visão do Todo-Poderoso
> e prostra-se, porém de olhos abertos:
>
> Vê-lo-ei, mas não agora;
> contemplá-lo-ei, mas não de perto;
> uma estrela procederá de Jacó,
> de Israel subirá um cetro
> que ferirá as têmporas de Moabe
> e destruirá todos os filhos de Sete (v. 15-17).

Evidentemente, essa profecia se referia especificamente à Estrela da Manhã, que surgiria em Belém em cumprimento da profecia desse profeta da injustiça, que pronunciou a bênção de Deus contra a sua vontade e que, por fim, foi morto pela espada. Pedro diz que os hereges seguirão o caminho de Balaão, que amava o prêmio da injustiça. Ele encerra essa seção com as palavras: **Esses tais são como fonte sem água, como névoas impelidas por temporal. Para eles está reservada a negridão das trevas** (v. 17).

Fonte sem água

O filme *Sahara*, produzido em 1942, conta a história de um comandante de tanque que sobreviveu à Batalha de Tobruk. Ele começou a atravessar o

sob o comando de Erwin Rommel controlavam o norte, o leste e o oeste. A única passagem segura era pelo sul. Grande parte do drama concentra-se na difícil travessia do deserto com pouquíssima água. Os soldados sabiam da existência de um oásis, que possuía um poço, e, se conseguissem encontrá-lo antes que seu combustível acabasse, eles poderiam sobreviver. Depois de terem percorrido cerca 100 quilômetros no deserto, chegaram ao poço, mas no poço só havia areia. Pedro fala dos hereges como poços sem água. Os ensinos deles são areia, que não dão vida a ninguém.

Sua segunda metáfora são nuvens levadas por uma tempestade. Quando as pessoas oram por chuva nessa região, elas se animam quando as nuvens se acumulam no horizonte. No entanto, não há decepção maior do que ver como o forte vento do leste dissipa as nuvens antes da chuva que traria alívio para a terra. Pedro diz que os hereges são assim. Essas são as pessoas para as quais "está reservada a negridão das trevas". No seu discurso no Cenáculo, Jesus disse aos seus discípulos: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar" (Jo 14.1-2). Para cada cristão, há uma reserva no céu, e para cada herege, há uma reserva no inferno. É isso que Pedro diz aqui.

Precisamos entender que heresia é uma questão séria e que a falsa doutrina é destrutiva. Precisamos combater o pensamento popular segundo o qual a doutrina seria desnecessária. Quando as pessoas dizem: "Tudo de que preciso é Jesus", elas ignoram que há milhares de visões heréticas sobre Jesus. Precisamos saber a verdade sobre Jesus, sobre Deus e sobre o Espírito Santo. Precisamos conhecer a verdade sobre nossa própria condição espiritual. A mente desses hereges era brilhante, mas eles estavam espiritualmente mortos e não sabiam disso.

Que Deus nos impeça de sermos assim.

32

Enredados e vencidos

2Pedro 2.18-22

Porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnais, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro, prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor. Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.

No nosso estudo anterior, completamos nossa análise das metáforas usadas por Pedro para descrever os hereges e falsos mestres que estavam ameaçando a igreja. Também observamos as terríveis advertências encontradas nessa seção da passagem, que são coisas sérias para pensarmos, e Pedro prossegue na sua revelação sobre o julgamento de Deus na seção que temos diante de nós agora.

Palavras vazias

Porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnais, por suas libertinagens, aqueles que estavam

simplesmente "são aqueles que transmitem palavras vazias". Palavras são de importância vital para a nossa vida. Ouvimos palavras de promessa, nas quais nos apoiamos e com base nas quais agimos porque confiamos nelas. Ouvimos palavras de calúnia ou de acusações hostis, que nos ferem profundamente. Existem organizações criadas com o propósito exclusivo de avaliar o prejuízo causado na psique humana pela palavra expressa. Aprendemos principalmente por meio de palavras, faladas e escritas. A própria Escritura é chamada de "Palavra de Deus". Não temos apenas a Palavra escrita de Deus nas sagradas Escrituras, mas o próprio Filho de Deus é chamado de Palavra, de Palavra eterna, que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1.14).

Há alguns anos preguei numa pequena igreja num domingo de manhã. Algum tempo depois, um homem que estivera presente na congregação naquele dia me procurou e disse: "No dia em que o senhor pregou na igreja, eu estava lutando com a decisão sobre se deveria ou não entrar para o ministério. Depois daquele culto, eu o cumprimentei e lhe fiz uma pergunta. Depois da nossa conversa, fui para casa, mas suas palavras me perseguiram durante a tarde inteira, e encontrei alívio apenas quando tomei a decisão de entregar minha vida toda ao ministério cristão". Você poderia pensar que fiquei feliz ao ouvir que eu tivera um impacto tão positivo sobre a vida daquele homem. Pelo contrário, eu fiquei aterrorizado e pensei: *Quantas vezes eu devo ter dito palavras das quais não me lembrei no dia seguinte que podem ter deixado alguém magoado durante anos*? Muitas vezes falamos sem pensar. Palavras irrefletidas podem ser usadas pelo Senhor para o bem, mas elas podem causar também grandes prejuízos.

Essa é a preocupação de Pedro aqui. Ele está preocupado com as palavras dos hereges e dos falsos profetas, e é por isso que ele diz: eles proferem "palavras jactanciosas de vaidade". São palavras sem conteúdo e sem sentido nas quais não podemos confiar.

Na faculdade, num curso sobre heresia aprendi que, ao longo de toda a história da igreja, os hereges eram conhecidos por usar palavras das Escrituras e distorcê-las, reformulando-as e usando-as de um modo que a Bíblia jamais pretendeu. Os hereges tomam as palavras dos credos e retiram delas seu sentido histórico e substituem as palavras originais pelo seu próprio conteúdo, assim enganando muitas pessoas.

No século 3º., os gnósticos desenvolveram algumas interpretações heréticas sobre a natureza de Deus e, principalmente, sobre a natureza de Cristo. Desenvolveram um conceito chamado *modalismo monárquico*. A ideia é simplesmente que Deus é um, mas seu ser é tão penetrante que ele gera seu próprio ser a partir do seu próprio núcleo. Quanto mais essas gerações se

em relação à deidade. O modalismo monárquico é um tipo de panteísmo no qual tudo é bom, mas não no mesmo grau. Esses hereges viam Deus como localizado no centro de um lago, no qual você joga uma pedra, e então pequenas ondas se afastam do centro em círculos concêntricos, e quanto mais essas ondas se afastam do centro, mais fracas elas ficam.

O modo favorito deles de ilustrar essa doutrina de Deus era usar os raios que partem do centro do sol. Eles diferenciavam entre o sol, que era o núcleo, e os raios do sol. Quando o sol brilha, esses raios viajam 150 milhões de quilômetros pelo espaço, e quando nos alcançam já não estão tão quentes quanto o próprio sol. Caso continuassem igualmente quentes eles nos matariam. Quanto mais se afastam do centro, mais fracos ficam. No entanto, apesar de os raios não serem exatamente idênticos ao sol, eles são do sol; são um tipo de extensão do sol.

No século 3º., um falso mestre chamado Sabélio via Jesus dessa maneira. Ele dizia que Cristo era da mesma essência de Deus, mas menos do que Deus. A palavra que Sabélio usava para descrever esse relacionamento entre Deus Pai e Deus Filho era *homoousios*, que significa literalmente "da mesma essência". Essa palavra era essencial para a heresia modalista de Sabélio. Em Antioquia, em 267 d.C., a igreja condenou Sabélio como herege e rejeitou a palavra *homoousios* e a substituiu por *homoiousios*, que significa "uma essência semelhante". A diferença de uma única letra transforma a palavra de "mesma essência" para "essência semelhante". A igreja estava tentando dizer que Cristo, como segunda pessoa da Trindade, não se afasta tanto da essência de Deus ao ponto de não poder ser compreendido como Deus; ele é exatamente como Deus. Com a rejeição da palavra *homoousios*, a igreja condenou Sabélio e seus seguidores.

No século 4º., a igreja enfrentou sua crise herética mais grave da sua história até então. Essa crise surgiu com o herege Ário, que já mencionamos num estudo anterior. Mas vale repetir aqui que Ário acreditava que Jesus e o Pai são um, no sentido de compartilharem o mesmo propósito; ele não acreditava que Jesus e o Pai compartilhavam da mesma essência. O conflito que surgiu foi tão intenso que o imperador se viu obrigado a convocar um concílio para estudar a questão. O Concílio de Niceia produziu o Credo Niceno.

O Credo Niceno afirmou que a única palavra que podemos usar para comunicar a deidade plena de Cristo é *homoousios* em vez de *homoiousios*. A palavra que a igreja condenara em 267 d.C. é adotada em 325 d.C. A igreja reverteu sua decisão porque a ameaça do sabelianismo havia desaparecido, mas o perigo do arianismo havia se tornado muito sério. Dizer que o Pai, o Filho e o Espírito são um em essência, mas três em pessoa é uma afirmação

Há alguns anos surgiu uma crise depois da publicação de um documento chamado *Evangélicos e católicos juntos*. O documento foi redigido depois de uma reunião entre representantes do mundo evangélico e representantes da comunidade católico-romana para uma manifestação conjunta contra o relativismo e o secularismo que invadiu nossa cultura. A crise surgiu porque eles declararam unidade de fé no evangelho de Jesus Cristo. Alguém ressaltou que a declaração de unidade provocava uma reação negativa forte em muitos (incluindo a mim). Um dos autores do documento observou que os evangélicos e católicos entendem coisas diferentes quando usam as mesmas palavras para afirmar sua fé. Um amigo meu reagiu fortemente e disse: "Se vocês sabem que não entendem a mesma coisa quando usam as mesmas palavras, como podem apresentar isso ao mundo cristão como um acordo?" Era fundamentalmente desonesto, mas o uso de ambiguidade intencional é comum. Quando pessoas que tentam se unir se deparam com áreas em que há dissenso, elas começam a usar uma linguagem que pode ser interpretada de várias maneiras, o que equivale a uma ambiguidade intencional. Tudo o que resta são palavra grandes e vazias. Precisamos estar atentos a isso.

Escravos da corrupção

Os falsos mestres que ameaçavam a igreja nos dias de Pedro não se contentavam em distorcer as ideias do evangelho; eles usavam sua distorção como licença para a imoralidade. Além disso, essas pessoas envolvidas na imoralidade não só tentavam justificar seus atos com palavras, mas também encorajavam outros a se juntarem a elas em seu pecado, **prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor** (v. 19). Eles seduziam, por meio dos desejos da carne, as pessoas que recentemente haviam sido expostas ao caminho da justiça e haviam se unido à igreja, deixando o estilo de vida ímpio. Os falsos mestres lhes davam permissão para voltar para as coisas que elas haviam abandonado com uma promessa de liberdade.

Muitos pecados são justificados em nome da liberdade. Os historiadores sociais dos Estados Unidos dizem que a revolução nos Estados Unidos da década de 1960 exerceu um impacto maior sobre a nossa cultura e nosso estilo de vida do que a revolução do século 18. A Revolução Americana foi realizada por pessoas que estavam tentando preservar seu estilo de vida. Ao contrário, a Revolução Francesa foi uma revolta sangrenta, que pretendia derrubar o estilo de vida estabelecido na França e gerar uma nova cultura.

de revolução – era uma revolta contra a cultura tradicional norte-americana. Todas as mudanças culturais acontecem em nome da liberdade.

O Movimento da Liberdade de Expressão nasceu com as palavras de Mario Savio nos degraus de um edifício da Universidade da Califórnia em Berkeley. Grande parte desse movimento girava não em torno da defesa da liberdade de expressão, mas em torno da defesa da liberdade da vulgaridade sem restrições. No entanto, o Movimento da Liberdade de Expressão foi inofensivo comparado com o que se seguiu. A liberação sexual aconteceu logo em seguida, e todos os tabus foram eliminados para que as pessoas tivessem a liberdade de participar em atividades sexuais sem restrições.

Não foi por acaso que depois veio o movimento em defesa do aborto e da liberação da mulher. É óbvio que, na cultura anterior, a mulher era explorada de várias maneiras, e certamente as gerações anteriores foram culpadas de chauvinismo. No entanto, nenhum movimento na nossa história provocou danos maiores à estrutura social da América do Norte do que o da liberação da mulher. Ele não liberou a mulher, tampouco liberou nosso país. Isso foi seguido pela liberação *gay*. Todos esses movimentos de liberação prometeram liberdade, mas trouxeram muita dor para a vida de muitas pessoas.

Quando afirma sua emancipação da lei de Deus, você não está livre; você torna-se um escravo, como Pedro afirma no versículo 19. E Pedro acrescenta: **Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro** (v. 20). Do mesmo modo, Jesus disse que, depois de os demônios terem sido expulsos de uma pessoa, se o Espírito de Deus não ocupar o lugar dos demônios, muitos outros voltarão, deixando a pessoa numa situação pior do que no início (Mt 12.43-45; Lc 11.24-26). Pedro está falando sobre pessoas que saíram da cultura bárbara e fizeram uma profissão de fé, mas cuja profissão não era verdadeira. Ela nunca criou raízes. A Palavra caiu sobre pedras e entre espinhos e não em solo fértil. Elas eram vítimas voluntárias dos falsos mestres, que diziam que os cristãos são livres da lei de Deus e podem fazer o que bem entenderem. No entanto, se você não precisa prestar contas a ninguém, você está livre apenas para ser escravizado.

Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado (v. 21). O contraste que Pedro faz aqui é entre palavras vazias e palavras sagradas, entre palavras que escravi-

verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal (v. 22). São metáforas brutas, mas precisamos nos lembrar de que Pedro começou chamando essas pessoas de "brutos irracionais" (v. 12). Os judeus não usavam cachorros como animais domésticos; eram desdenhados como carniceiros. Representavam a forma mais baixa de vida selvagem, e Pedro não hesita em descrever os hereges como cães. Os judeus desprezavam também os porcos, e Pedro compara os falsos mestres com esses animais também. A sujeira de um chiqueiro é quase indescritível. Os fazendeiros lavam os porcos cobertos de lama, mas assim que o porco limpo é solto, ele volta correndo para a lama. A lama é o ambiente natural do porco. Essa é a natureza dos brutos que afastam as ovelhas de Cristo. Eles induzem as pessoas a abandonar a verdade de Deus em favor de uma liberdade maior, mas a liberdade que encontram acaba em vômito e lama.

A verdade divide porque é importante, e ela é importante porque as consequências são eternas. Pedro não pede que as pessoas odeiem os falsos profetas. Ele pede que fujam deles e protejam o rebanho de sua influência. Essa é uma tarefa que a igreja precisa realizar a cada geração.

33

A PROMESSA DA SUA VINDA

2Pedro 3.1-9

Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida, para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos, tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios. Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia. Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

Como teólogo reformado, já falei inúmeras vezes sobre as doutrinas da graça. Os cinco pontos do calvinismo, representados pelo acróstico TULIP, nunca foram apresentados por Calvino, mas foram o resultado do protesto de um grupo em séculos posteriores, que

representa a doutrina da eleição incondicional ["unconditional election", em inglês], que ensina que dentre a massa da humanidade caída, Deus decidiu eleger alguns para a salvação, nenhum dos quais merecia tamanho privilégio, e ignorar o restante, entregando-os à sua própria sorte. No soberano decreto da eleição, Deus não escolheu as pessoas com base em qualquer ato previsto ou mérito por parte dos eleitos, mas exclusivamente com base no seu decreto soberano.

Aqueles que acreditam que a doutrina da eleição incondicional não é bíblica citam 2Pedro 3.9 como prova: "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento". Quando encontramos um versículo como esse, precisamos avaliar seu significado no contexto em que ele aparece na Escritura sagrada, razão pela qual contemplamos neste estudo uma porção tão grande da epístola. Precisamos entender pelo menos o contexto imediato em que Pedro afirma que Deus não deseja que nenhum pereça, mas que todos se arrependam.

Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida, para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos (v. 1-2). Alguns acreditam que esse primeiro versículo inicia uma terceira epístola de Pedro, mas essa é uma questão técnica com a qual não precisamos nos preocupar aqui. Pedro escreveu essas cartas para voltar a atenção dos seus leitores não para ideias novas, mas para as palavras que eles já haviam ouvido em primeiro lugar dos profetas do Antigo Testamento, que ele descreve aqui como "santos profetas".

Ao longo de toda essa epístola, Pedro vem alertando contra heresias destrutivas, e agora ele está lembrando seus leitores da necessidade de manterem seus olhos voltados para as palavras que foram transmitidas por meio dos santos profetas. Antes, Pedro havia dito que os escritos dos profetas do Antigo Testamento não surgiram da iniciativa deles, mas do próprio Deus, e, ao mesmo tempo, ele menciona os mandamentos transmitidos por ele e pelos outros apóstolos. É evidente que, na época em que o Novo Testamento foi escrito, os ensinos dos apóstolos eram considerados equivalentes aos ensinos dos profetas, de modo que os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento representam o fundamento da igreja. Tanto os profetas do Antigo Testamento quanto os apóstolos do Novo Testamento eram agentes da revelação divina, de modo que tudo o que eles ensinam

Escarnecedores

Os leitores de Pedro devem evitar os ensinos dos hereges, mas prestar muita atenção nas palavras dos profetas e dos apóstolos, **tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões** (v. 3). Pedro já apresentou uma lista das concupiscências que vêm dos falsos profetas e escarnecedores. Escarnecendo e zombando do ensino dos apóstolos e profetas, eles dirão: **"Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação"** (v. 4). Os ataques mais críticos que eles fazem à veracidade e confiabilidade das Escrituras do Novo Testamento são concentrados na doutrina do *atraso da parousia*. Como já observamos acima, a teologia do atraso da *parousia* tem basicamente suas raízes na crítica do Iluminismo do século 18 e teve seu momento mais forte durante o século 19 por meio do liberalismo europeu.

Pensamos, em primeiro lugar, em Albert Schweitzer, que acreditava que Jesus foi um ser humano maravilhoso e amoroso, mas que sofria de ilusões de grandeza. Schweitzer disse que, quando Jesus iniciou seu ministério na terra, ele acreditava que o início desse ministério provocaria Deus a instaurar o reino, razão pela qual Jesus teria pregado que o reino de Deus estava próximo. Quando o reino não veio de imediato, Jesus enviou os setenta, esperando que isso induziria Deus a trazer o reino, mas isso também acabou não acontecendo. Segundo Schweitzer, perto do fim da sua vida, Jesus teria começado a aceitar a horrível possibilidade de que a única maneira de convencer o Pai a instaurar seu reino escatológico seria por meio do sofrimento de Cristo. Assim, Jesus voltou sua face como de pedra para Jerusalém e, nas últimas horas de sua agonia, ele orou por outra solução. Até o fim ele tinha a esperança de que o Pai enviaria seu reino no último minuto do seu sofrimento. Quando estava na cruz, ele teria percebido que essa libertação de última hora não aconteceria, e então gritou em desespero: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Essa era a visão de Schweitzer.

Estudiosos do mesmo período alegavam que essa ilusão de Jesus representou um problema difícil para a jovem igreja. Jesus não teria esperado apenas a vinda imediata de seu reino, mas também havia feito afirmações ousadas sobre seu próprio retorno no fim da era. Ele disse: "Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus" (Mc 9.1; cf. Mt 16.28; Lc 9.27). Em outra ocasião, disse: "Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo

do Homem" (Mt 10.23). Sua profecia mais controversa e tocante é encontrada no sermão profético, em que ele disse: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça" (Mt 24.34; Mc 13.30; cf. Lc 21.32). Por causa dessas afirmações, os estudiosos do Novo Testamento disseram aos membros da igreja primitiva que acreditavam que Jesus voltaria durante a geração deles mesmos (para os judeus, uma geração abarcava aproximadamente quarenta anos), mas, quando ficou claro que isso não aconteceria, eles adaptaram sua teologia para acomodar essa decepção, esse atraso da *parousia*, e desenvolveram uma nova escatologia baseada na ausência do cumprimento da escatologia original.

Parte da teologia do adiamento é encontrada na fala de Pedro sobre um dia aos olhos do Senhor sendo mil anos (v. 8). Jesus disse que uma geração não passaria, mas uma geração de quarenta anos multiplicada por mil anos por dia concede muito tempo para o cumprimento dessa profecia. Talvez seja isso o que Pedro está dizendo aqui.

Outra interpretação possível é que não houve adiamento da *parousia* no Novo Testamento e que tudo o que Jesus disse que ele faria dentro do período de uma geração ele realmente fez. Israel sofreu um juízo em 70 d.C. com a destruição do templo e de Jerusalém.

Estou simplesmente apresentando o contexto em que Pedro nos dá essa passagem problemática, segundo o qual Deus não deseja que nenhum pereça, mas que todos se arrependam. Assim, no primeiro caso, o contexto tem a ver com falsos profetas, que estavam zombando da igreja cristã primitiva dizendo: "Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação". Não podemos excluir a possibilidade de que a referência de Pedro aos pais que adormeceram se refira aos patriarcas do Antigo Testamento, mas isso não faria muito sentido para essa questão em particular. É mais provável que Pedro estivesse se referindo aos pais da igreja primitiva que caminharam com Jesus, aos primeiros mártires, alguns dos quais já haviam morrido. Muitos já haviam morrido quando Pedro escreveu essa epístola, e eles haviam morrido sem testemunhar o cumprimento das promessas.

O perigo do esquecimento

O desafio, o escárnio e a zombaria ridicularizante eram porque todas as coisas continuavam como haviam sido desde o início da criação. Nada havia mudado. Era como se o Messias nunca tivesse vindo. Os céticos da nossa sociedade alegam que, se a igreja fosse erradicada da nossa nação,

apresenta aqui. Ele disse que, quando escarnecedores falam sobre essas coisas, eles ignoram algo intencionalmente: **deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios** (v. 5-7).

As pessoas tendem a ter uma memória seletiva. Elas lembram-se do que querem lembrar, mas esquecem-se do que preferem esquecer. Os escarnecedores não se esquecem apenas das palavras dos profetas e dos apóstolos, mas também do poder de Deus sobre a criação. Os pagãos desprezam o projeto inteligente mais do que qualquer outro conceito porque ele desafia a autonomia deles. Não suportam a ideia de que este mundo e tudo nele foram criados não por algum projeto inteligente amorfo e vago, mas pelo próprio Deus eterno e imutável.

Ele criou o universo pela sua palavra. Deus disse: "Haja [...]", que é um imperativo divino. Deus é o único ser que possui a capacidade de criar algo a partir do nada pelo mero poder da sua ordem. Pedro diz que eles se esqueceram disso. Pela palavra de Deus, as águas foram separadas da terra seca. Pela palavra de Deus, a chuva caiu durante quarenta dias e quarenta noites. A ordem criada foi sujeita a um dilúvio enviado por Deus porque ele não lutaria mais contra a maldade humana, pois todos faziam o que era certo aos próprios olhos. Pela palavra de Deus, os mundos foram criados, pela sua palavra, o mundo foi coberto de água e, pela sua palavra ,os céus e a terra estão sendo preservados.

A palavra hebraica *bara*, traduzida como "criar", indica uma ação sustentadora. O que Deus criou pelo poder de sua palavra, ele sustenta pelo poder dessa mesma palavra. O universo não só nasceu por meio da sua palavra, mas é preservado a cada momento pelo poder da sua palavra, e pela mesma palavra será preservado até o dia do julgamento.

O Deus longânimo

Alguns se esquecem deliberadamente, mas aos santos Pedro diz: **Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia. Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento** (v. 8-9). O fato de todas essas

porque sua palavra perdeu sua eficácia. Não é porque Deus é um Deus de falsas promessas. A razão é que Deus é longânimo para conosco. O reino ainda não havia se realizado plenamente quando essas palavras foram escritas, porque Deus não quer que nenhum pereça.

Quando Pedro diz que Deus quer que nenhum pereça, precisamos levar em consideração duas ambiguidades. A primeira diz respeito ao significado do termo "querer". No Novo Testamento, há dois termos gregos distintos que podem ser traduzidos como "querer". Seria útil se pudéssemos simplesmente olhar para o texto grego e ver qual dos termos está sendo usado, mas não é tão fácil assim, pois cada uma das palavras tem várias nuanças. A Bíblia usa o termo *querer* em relação a Deus de vários modos. Dentre os três modos mais frequentes, o primeiro é o que chamamos de sua "vontade soberana" ou "vontade decretatória"; ou seja, qualquer coisa que Deus queira acontecerá necessariamente. Quando Deus quis o universo, ele não o desejou; ele soberanamente o decretou, e ele passou a existir.

O segundo modo em que a Bíblia fala do querer de Deus é num sentido perceptivo, ou seja, no sentido do que Deus ordena aos seus seguidores. A vontade, ou o querer, de Deus é que você não tenha outros deuses além dele. Essa é a sua vontade perceptiva, sua lei. Não se trata de uma vontade soberana, que necessariamente se realiza, porque cada ser humano, dada a sua natureza, viola essa vontade. Podemos violar a palavra perceptiva de Deus, e nós o fazemos toda vez que pecamos.

O terceiro uso do termo *querer* no Novo Testamento tem a ver com a disposição básica de Deus em relação à humanidade caída. Podemos chamar isso de "vontade de disposição". A Bíblia nos diz, por exemplo, que Deus não se alegra com a morte dos ímpios ou com o castigo dos malfeitores. Mesmo assim, ele decreta que eles sejam castigados, mas faz isso como um juiz que condena seu próprio filho à prisão. Ele não o faz com alegria ou prazer.

Precisamos perguntar qual dessas três aplicações mais importantes do termo *querer* está em vista nessa passagem de Pedro. À primeira vista creio que a passagem esteja nos ensinando algo sobre a vontade soberana e eficaz de Deus. Devemos interpretar isso como significando que Deus soberanamente e eficazmente não quer que ninguém pereça, mas que todos se arrependam. Os críticos da eleição dizem que não podemos dizer que Deus soberanamente quer salvar alguns e outros não, já que a passagem diz que ele soberanamente quer salvar a todos. Isso sugere alguma ambiguidade em relação ao que o termo "querer" se refere aqui.

A questão verdadeira, porém, diz respeito à palavra "nenhum" – "não

"nenhum" é que o termo se refira a todas ou a qualquer pessoa. Se esse fosse o caso, Pedro estaria dizendo que Deus soberanamente não quer que nenhuma pessoa pereça. Às vezes, quando alguém faz uma objeção a uma posição, o argumento apresentado acaba provando mais do que aquele que objeta queria provar. A objeção arminiana à visão reformada dessa passagem é que, se Deus não quer que ninguém pereça, então ela prova a posição universalista. Ela provaria que todos são salvos e que ninguém perece, mas como isso pode ser harmonizado com tudo o que a Bíblia ensina ao contrário dessa posição?

Se quisermos entender essa passagem no seu contexto, temos de considerar o antecedente de "nenhum". Não há mistério nisso: é abundantemente claro na própria passagem. Deus é "longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça" – o antecedente de "nenhum" é "convosco". A única pergunta que ainda precisa ser respondida diz respeito à identidade de "convosco". Isso também não é difícil. Pedro está claramente distinguindo o crente do não crente, do escarnecedor e do falso profeta. Para entender corretamente o contexto de "convosco" em 1 e 2Pedro, precisamos apenas ver a quem as epístolas se dirigem – Pedro está escrevendo aos eleitos. Portanto, "nenhum" e "convosco" referem-se aos eleitos. Nenhuma passagem em todas as Escrituras defende com maior vigor a eleição incondicional do que essa. Deus soberanamente decreta que nenhum dos seus eleitos pereça e que todos os que ele escolheu irão a ele. Eles se arrependerão. Eles irão a ele em fé, pois a eleição não é abstrata. A eleição ocorre para a fé, para o arrependimento e para a salvação.

Se o reino tivesse sido completado cem anos atrás, nenhum de nós teria conseguido entrar. Deus não consumará o reino até que o último dos seus eleitos seja levado até ele. Não há nenhum problema aqui em relação à soberania de Deus, mas há um testemunho da graça e da misericórdia dela.

34

O Dia do Senhor

2Pedro 3.10-18

Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça. Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza; antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno.

Quando abordo o ensino de uma passagem do Novo Testamento que fala de coisas futuras, o que chamamos de "escatologia", intensifico meu pedido para que o Espírito Santo me ajude no

e o Antigo Testamento dizem sobre as coisas futuras cobra mais de nós do que talvez qualquer outra dimensão do entendimento bíblico.

No nosso estudo anterior, observamos que Pedro falou sobre os escarnecedores, que dizem: "Onde está a promessa da sua vinda?" (v. 4). Ele estava pensando naqueles que zombam do aparente atraso do cumprimento das promessas da vinda de Cristo e da consumação do seu reino. Naquela seção, Pedro nos deu instruções referentes à longanimidade de Deus, e agora ele volta sua atenção para sua consumação: **Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas** (v. 10).

O dia da visitação

Certamente cada judeu do século 1º. conhecia a expressão "o dia do Senhor". A expressão tem suas raízes no Antigo Testamento, particularmente no ensino dos profetas. Aparentemente, houve uma progressão da interpretação do dia do Senhor que se desdobrou ao longo de todo o Antigo Testamento. O dia do Senhor seria o dia em que o esplendor da glória de Deus brilharia com tamanha intensidade que o mundo inteiro veria sua majestade e ele vindicaria a si mesmo e seu povo em vitória.

Quando Israel se envolvia em conflitos com as nações vizinhas, a expressão se tornava parte da profecia quanto ao futuro, como a que encontramos, por exemplo, em Isaías. Deus não só vindicaria sua maravilhosa majestade, mas haveria também um forte elemento de juízo contra as nações que atormentavam seu povo. No entanto, quando a santidade de Israel começou a deteriorar-se, a imagem do dia futuro se tornou mais sombria, a ponto de, ao falar sobre o dia do Senhor, o profeta Amós dizer: "Ai de vós que desejais o Dia do Senhor! Para que desejais vós o Dia do Senhor? É dia de trevas e não de luz" (Am 5.18). Cada vez mais, o conceito do dia do Senhor foi identificado com o julgamento final de Deus, que seria um tempo de suprema bênção para os fiéis, mas de terrível ruína para aqueles que resistem a ele e ao seu reino.

Estreitamente ligado a essa ideia do dia do Senhor estava o conceito do "dia da visitação divina". O dia da visitação divina tinha dois lados. Um lado desse dia era positivo, quando Deus visitaria seu povo e traria redenção. O outro lado, o lado sombrio, envolvia o juízo. A palavra grega mais comum usada no Novo Testamento para "juízo" é *krisis*, da qual deriva a nossa palavra *crise*. No entendimento de Jesus sobre a importância de sua

o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome" (Jo 1.11-12).

Há um terceiro conceito, que é ligado a esses outros dois. Trata-se do conceito do bispo, que estudamos anteriormente. A designação provém da palavra grega *episkopos*, um termo usado no exército grego para o general supervisor. O termo latino transmite a ideia de um supervisor ou superintendente. No mundo industrial, os supervisores são chamados para analisar uma situação, para garantir que uma tarefa seja executada adequadamente. Essa ideia do bispo está ligada à ideia do dia do Senhor, do dia da visitação de Deus.

Até este ponto da História, o supremo dia da visitação havia sido o nascimento de Jesus, mas o nascimento de Jesus provocou uma crise que pesa sobre o mundo até a manifestação final do dia do Senhor. Como Paulo advertiu as pessoas em Atenas, Deus determinou um dia em que ele julgará o mundo, e esse dia já foi marcado no calendário de Deus (At 17.31). Não sabemos quando esse dia ocorrerá, mas Deus o determinou, e ele virá para fazer o julgamento final do mundo.

Como ladrão

Pedro diz que esse dia do Senhor virá "como ladrão". A metáfora do ladrão que invade a casa foi usada também por Jesus e Paulo. O que a metáfora pretende expressar é que o dia do Senhor virá quando menos o esperarmos. A intenção dessa parte da passagem era conclamar a igreja do século 1º. a permanecer vigilante e estar preparada. Pedro não indica uma data, razão pela qual não podemos ter certeza se ele estava falando sobre o juízo que esperava Israel com a queda de Jerusalém em 70 d.C. ou sobre o último julgamento. Acredito que Pedro tivesse em mente o último julgamento. Em todo caso, a imagem usada aqui é de um visitante não bem-vindo e, mais importante, uma intrusão inesperada.

O Novo Testamento nos diz que esse dia virá como um ladrão – sem aviso e inesperadamente. A igreja é conclamada a ser vigilante, a estar sempre preparada para a consumação do reino de Deus. Em nossos dias, criou-se uma onda de expectativa escatológica significativa, talvez em decorrência da criação do estado de Israel em 1948 ou da retomada do controle sobre Jerusalém em 1967. Na época, alguns teólogos costumavam ler a Bíblia numa mão e o jornal na outra. Temos testemunhado um interesse renovado pela escatologia, o que se evidencia, entre outras coisas, no sucesso extraor-

Já vi inúmeras predições sobre o dia e a hora exatos em que supostamente Jesus iria voltar. As pessoas usam todo tipo de acontecimentos e mensagens proféticas para arriscar um palpite; no entanto, nenhuma dessas predições se realizou. Em decorrência da confusão sem precedentes que a igreja estava vivenciando no século 16, Martinho Lutero se convenceu de que a vinda do reino na sua plenitude ocorreria durante sua vida. Jonathan Edwards chegou à mesma conclusão nos meados do século 18. Tenho tremendo respeito por Lutero e Edwards, mas sei que nesse ponto eles estavam errados.

Porém, tenho certeza de que o dia está mais próximo do que nos dias de Lutero e de Edwards. Pode acontecer hoje ou amanhã, ou pode demorar outros mil anos. Mesmo correndo o risco de parecer cínico, eu não me importo com a data exata. Sei que Deus cumprirá sua palavra, e sei que ele determinou a data. Tudo que precisamos saber é o que devemos fazer até lá, que é evitar sermos surpreendidos como que por um ladrão no meio da noite. Devemos ser vigilantes e diligentes e olhar para a frente. Seremos gratos se ele vier amanhã, mas, se morrermos antes da sua vinda, não estaremos em desvantagem em relação àqueles que ainda estarão vivos quando ele vier. Não precisamos nos preocupar com a agenda do Senhor, mas apenas obedecer aos princípios da visão.

O fogo vindouro

Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão (v. 11-12). A descrição aqui é de uma conflagração catastrófica que destruirá o mundo pelo fogo. Quando contemplamos as outras profecias sobre a vinda de Cristo, encontramos uma lua que se transforma em sangue e um céu que se contrai como um pergaminho (Jl 2.31; cf. At 2.20). Como devemos entender isso? O princípio básico da interpretação bíblica diz que devemos interpretar a Escritura com a Escritura. Uma das coisas mais difíceis que enfrentamos quando interpretamos profecias sobre o futuro é que elas estão expressas numa linguagem altamente simbólica e imaginária. Isso parece autorizar as pessoas a encontrar interpretações literais em cada acontecimento humano.

Certa vez estive num programa de televisão com Hal Lindsey, autor do livro *The late, great planet Earth*. Ele conversou de maneira muito animada com o entrevistador sobre o que estava acontecendo no Oriente Médio. Citou algumas passagens proféticas do Antigo Testamento e disse: "Essas

modo figurado ou simbólico". Falou então sobre os teólogos que diluem a Bíblia retirando seu sentido literal e substituindo-o por outra coisa. Ele citou a profecia a respeito da terra que diz que a terra será devorada por gafanhotos gigantes e disse que os helicópteros Sikorsky são o cumprimento dessa profecia. Eu disse: "Senhor Lindsey, se o senhor quer ser literal, não deveríamos esperar gafanhotos em vez de helicópteros?" Precisamos ser cuidadosos quando lidamos com a Palavra de Deus.

Na época em que as profecias sobre a conflagração futura foram feitas, os profetas usaram todo tipo de imagens de perturbações astronômicas. Quando um profeta do Antigo Testamento dizia que a lua se transformaria em sangue, ele não pretendia dizer que, algum dia, sangue pingaria da lua sobre a terra. Ele estava comparando o juízo vindouro com um caos cósmico causado pela mão de Deus. Suspeito, porém, que Pedro estava esperando algum tipo de conflagração que transformará radicalmente o caráter deste planeta.

Não acredito que a Bíblia ensine um fim literal do mundo. Deus castigou o mundo com água no grande dilúvio nos dias de Noé, e ele prometeu nunca mais destruir o mundo com água. A destruição pelo fogo é profetizada, e eu não me surpreenderia se Deus estivesse preparando algum acontecimento catastrófico no futuro que envolva um calor sem precedentes capaz de derreter alguns dos elementos, mas não será o fim do mundo. Deus não tem planos para aniquilar o mundo presente. Sua intenção é remi-lo.

Não devemos interpretar essas palavras de Pedro no sentido de que Deus queimará o universo e o jogará no lixo. O mundo que conhecemos chegará ao fim, pois encontramos nessa passagem a mesma linguagem que encontramos no fim de Apocalipse sobre os novos céus e a nova terra. No entanto, Deus não destruirá a ordem antiga para criar a nova. Em vez disso, ele pretende redimir o antigo e moldá-lo de acordo com a sua vontade.

Toda a criação já geme agora. O impacto do pecado sobre este mundo não afeta apenas os humanos, mas também os animais, as plantas – o planeta inteiro. O planeta está reduzido a um estado de gemidos, esperando por esse dia final em que Deus renovará todas as coisas. Estou especulando aqui, mas, quando leio essas imagens de fogo, penso menos num fogo que destrói e mais no fogo de um crisol, que gera o produto final, removendo as impurezas e os refugos. Não faço ideia de quando e como Deus o fará, mas tenho certeza de que ele o fará.

Olhando para frente

Pedro chega a uma conclusão perguntando que tipo de pessoa deve-

santidade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus. Alguns acreditam que "apressar" significa que, por esforços próprios, principalmente na área missionária, nós podemos encurtar o tempo de espera. Certamente somos encorajados a fazer esse esforço, mas garanto que nenhuma obra das nossas mãos é capaz de mudar o dia que Deus determinou desde a fundação do mundo. Não sei por que Pedro diz isso e o que ele quer dizer com isso. **Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça** (v. 13). Deus não quer que ninguém do seu povo pereça; como observamos no estudo anterior, o "nós" a que Pedro se refere nesse caso são os crentes.

Espero que Deus não adie o dia por muito tempo, pois esta terra está ficando cada vez pior. Na década de 1960, li um ensaio de um historiador secular que discutiu as margens de erro do homem. Ele escreveu sobre um cálculo de violência que podia ser aplicado desde os dias pré-cristãos e que mostrava que os 25 primeiros anos do século 20 foram os mais violentos em toda a História documentada. Houve mais violência e mais guerra nos primeiros 25 anos do século 20 do que em qualquer século anterior a ele – e isso foi antes da Segunda Guerra Mundial. O historiador disse também que, à medida que nos tornamos mais sofisticados no nosso potencial de violência, reduzimos também a margem de erro, de modo que basta apertar um botão para destruir o planeta inteiro.

Por volta de 1945, os Estados Unidos se tornaram a primeira nação na História a possuir a incontestável habilidade de dominar o mundo, pois era a única nação que possuía a bomba atômica. Nenhuma nação deste planeta poderia ter resistido ao imperialismo dos Estados Unidos em 1945. A única vez em que uma nação teve a oportunidade de dominar o mundo, mas abriu mão dela, foi em 1945, razão pela qual as pessoas que viviam na época foram a grande geração. No entanto, a bomba que possuíamos em 1945 era um brinquedo, comparado com as armas armazenadas pelas nações de hoje. Agradeço a Deus pelo fato de, durante as últimas décadas, ninguém ter usado essas armas, mas quando, na história do mundo, os homens inventaram armas de destruição que não acabaram usando em algum momento? Não sou otimista. A única razão que encontro para explicar por que não tivemos nenhum incidente nuclear desde 1945 é o poder de restrição da providência de Deus. Não sobrou margem para nós. Nossa única esperança é sua restrição da loucura do mundo. No entanto, esperamos novos céus e uma nova terra segundo sua promessa. Nos dias mais sombrios, quando as margens de ação diminuem, temos sempre diante de nós a promessa de Deus, e não há coisa mais certa do que ela.

Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos

As duas palavras mais importantes em relação às últimas coisas das quais a Bíblia fala são *vigilância* e *diligência*. Devemos ser vigilantes, mas não no topo de alguma montanha, desligados da obra do reino de Deus. Enquanto estivermos olhando, esperando e sendo vigilantes, devemos também ser diligentes em relação à nossa santificação.

E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles (v. 15-16). Ao longo do nosso estudo observamos vários paralelos entre os ensinos das epístolas de Pedro e de Paulo. Aqui, Pedro reconhece Paulo como seu irmão amado, a despeito de suas várias disputas no passado. Observamos aqui também que até mesmo Pedro teve dificuldades com algumas coisas que Paulo escreveu; podemos saber então que estamos em boa companhia.

Pedro retorna ao tema dos falsos profetas, provavelmente dos gnósticos, que é encontrado ao longo de toda a epístola. Os gnósticos estavam tentando usar as epístolas de Paulo para seus próprios fins. Com suas distorções do ensino de Paulo, eles causavam sua própria destruição. Essa é uma importante passagem para aqueles que procuram entender a visão da igreja primitiva sobre os documentos do Novo Testamento. É evidente que Pedro reconhecia as epístolas de Paulo como equivalentes aos escritos do Antigo Testamento. Temos aqui um apóstolo que confirma a autoridade de outro.

Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza (v. 17). Formei-me em filosofia na faculdade. Por isso, fui repreendido por aqueles que viam nisso uma ameaça à minha salvação. Eles citavam: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens" (Cl 2.8). E eu respondia: "Como podemos ter cuidado de algo se antes não nos conscientizarmos disso?" Pedro diz que devemos ter cuidado para não enfraquecermos na nossa determinação e no nosso compromisso e sermos desviados pelo erro. Até mesmo os cristãos mais dedicados podem se meter em encrenca se não permanecerem atentos. Eles podem ser seduzidos pela retórica sofisticada dos gnósticos dos nossos dias.

Crescei na graça

Antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno (v. 18). Tenho um sonho recorrente no qual estou prestes a ser reprovado num curso porque não frequentei as aulas. A mensagem do sonho parece ser que eu deixei de fazer algo que deveria ter feito, de modo que sou reprovado. Ainda não encontrei ninguém que se formou na escola de Cristo. Quando nos tornamos discípulos de Cristo, entramos na sua escola para sempre. Nossa peregrinação de crescimento no conhecimento e na graça de Deus não terminará até chegarmos no céu. A cada dia deveríamos estar procurando aprender algo novo sobre Deus e seu reino.

Essa admoestação contém três afirmações sobre Jesus: (1) Ele é o Senhor; (2) ele é o Salvador; e (3) ele é o Messias, o Cristo.

Pedro encerra a epístola com uma doxologia, que é o lugar adequado para encerrar nosso estudo dessa porção das Escrituras: "A ele seja a glória". A petição final do pai-nosso alcança um auge com a conclusão "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém" (Mt 6.13). Somos impotentes nas coisas espirituais. Toda a glória pertence a Deus, e ele não a compartilha com nenhum homem. Essa deveria ser a pedra angular de cada oração que fazemos. "Senhor, ajuda-me a não esquecer quem tu és e quem eu sou. É o teu reino, não o meu; e é a tua glória". No entanto, Pedro não encerra sua epístola com "Pois teu é o reino, o poder e a glória", ele diz simplesmente: "A ele seja a glória", que diz tudo.

Aguardo os novos céus e a nova terra, pois lá verei a glória desvelada de Deus, eu o verei como ele é, terei a visão da bem-aventurança para a qual a minha alma foi criada – e para a qual sua alma foi criada. Agostinho estava certo quando disse: "Deus Todo-Poderoso, tu nos fizeste para ti mesmo, e nosso coração permanece inquieto até que encontre repouso em ti." Como criaturas do Deus vivo jamais vivenciaremos a plenitude da nossa humanidade até contemplarmos sua glória. Nós a contemplaremos no primeiro dia em que chegarmos lá, e a glória continuará igualmente grande no segundo dia, no terceiro dia e ainda quando já não falaremos mais em dias ou semanas ou meses ou anos. Veremos sua glória para todo o sempre, e não haverá nada nos novos céus e na nova terra que esconda ou diminua sua glória. Amém. Assim seja.